

HOJE.

Correio das Artes

Legião Estrangeira ou o Romancero do Colonialismo
JOSE OCTAVIO

Vivendo... Vi vindo
Ensaio fotográfico de ROBERTO COURA

A Literatura Paraibana e os cineastas do Sul Maranhão
ANTONIO BARRETO NETO

A História do Circo
UNIBEAS TORILKOVAS

4 Poemas de MOACYR FÉLIX

Contos de JOSE PINTO E JOSE BRENDAN MACDONALD

2 Poemas de HILDEBERTO BARROSA FILHO

CORREIO DAS ARTES

Nesta quinzena, o Correio publica um ensaio de José Octávio sobre a Legião Estrangeira, ao qual empresta um timbre pretensamente nostálgico. O suplemento abre espaço também para um ensaio fotográfico: *Vivendo... Vi Vendo*, de Roberto Coura. Leia ainda poemas inéditos de Moacyr Félix, a série *Poemum*, de Anco Márcio, e a seção de livros com resenhas de Laurênio Lima e Jomard Muniz de Brito. No mais, artigos de Arlindo Almeida, Antônio Barreto Neto, e outros.

REVISTA NACIONAL

O Brasil poderá entrar em colapso total, com a paralisação de suas atividades vitais, se continuar por mais tempo a guerra entre o Iraque e o Irã. E o que adverte Adirson de Barros na Revista Nacional. Numa matéria sobre modas, Carlotta Biscardi diz que os italianos estão preocupados com o frio do próximo ano. Em texto de Mauritônio Meira, observações sobre o Governo de João Castelo, do Maranhão. Leia também a página de Rubem Braga, indicada para um momento em que toda gente anda de mau humor.

SEGUNDO CADERNO

"Triunfante a revolução na Parahyba". Esta era a manchete principal de A UNIÃO no dia 5 de outubro de 1930. Naquela edição foram publicados os por menores do grande movimento e a posse de José Américo de Almeida como chefe do governo revolucionário na Paraíba, deixando então a Secretaria da Segurança Pública que passou a ser ocupada por Irineu Joffily. O diretor interino do jornal era o desembargador e escritor Osias Gomes. No segundo caderno de hoje, reproduzimos a primeira página daquela edição, como *A União há 50 Anos* em caráter especial.

Também no caderno AU-2, está a transcrição da conferência *Considerações sobre Validade e Efetividade da Norma Jurídica Internacional*, proferida pelo professor Tarcísio Burity no I Encontro Brasileiro de Filosofia do Direito, encerrado ontem no Salão de Convenções do Hotel Tambá.

Uma entrevista com o diretor do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, Aziz Nacib Ab'Saber, é outra matéria constante no caderno. Ab'Saber dá o alerta pela conservação das matas de restinga, localizadas entre Cabedelo e João Pessoa, para que sejam evitados sérios prejuízos ao patrimônio biológico da região.

Ainda no AU-2: o guia semanal de Carlos Romero, indicando *O Crepúsculo do Macho*, de Fernando Gabeira, como o livro mais vendido na cidade; o especial que Erasmo Carlos começou a gravar para a Globo; o *1-Mor* de Anco Márcio; *Automóveis*, por João Bosco Gaspar; e as informações esportivas.

ALBERTO DINES

Em seu artigo de hoje - *A Guerra fez um líder* - Dines fala sobre o conflito entre o Irã e o Iraque: "A guerra do petróleo, como seguramente será chamado esse confronto suicida entre o Irã e o Iraque, é uma situação crucial, em dois momentos cardiais da era da escassez e talvez mesmo o fim do Império da OPEP, que começou na guerra do Yom Kippur de 1973 e parece esvaír-se em 1980, por coincidência, no mesmo dia do Yom Kippur". (página dois).

CARLOS CHAGAS

"O Governo e a cúpula do seu partido darão atenção especial aos candidatos do PDS aos governos estaduais de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, além do Paraná, convencidos de que será impossível a reconquista do Rio de Janeiro ou uma vitória dos candidatos pedessistas em São Paulo". Chagas assina hoje um artigo intitulado *Planalto já vê sucessões*. (página três)

EDITORIAL

"Há precisamente 28 anos o governador José Américo de Almeida criava em Campina Grande a Escola Politécnica da Paraíba. Foi através da lei nº 792, de 6 de outubro de 1952, que o eminente homem público brasileiro, indo ao encontro de uma vocação de Campina Grande, criou a escola que haveria de transformar aquela cidade no principal centro universitário de formação tecnológica do Nordeste". (página dois).

HÉLIO ZENAIDE

No artigo intitulado "Poetas Redatores de A UNIÃO", Hélio Zenaide lembra que muitos dos nossos mais notáveis homens públicos passaram pela redação deste jornal. Hoje é aberto espaço para os poetas que foram redatores de A UNIÃO. (página dois).

FIRMO JUSTINO

"O homem-cigarra morreu esta semana num leito de hospital. Ele foi um fiel seguidor do Evangelho segundo São Mateus. Ele não semeou, nem ceifou, nem fez provisões nos celeiros; não teceu, nem fiou. Ele simplesmente viveu a vida como um direito prometido, esperando até o fim que o Criador também o alimentasse como às aves do céu, e o vestisse como aos lírios do campo". (página dois).



A explosão de uma bomba, instalada em um automóvel em frente a uma sinagoga de Paris e que causou a morte de 4 pessoas, deixando mais 24 feridas, levou ontem dez mil judeus a realizarem uma grande passeata, pelas ruas parisienses, concentrando-se nas proximidades do Arco do Triunfo. Os judeus exigiram do governo providências para identificação dos autores do atentado.

Jornalistas recusam piso salarial

Por onze votos a seis, o Sindicato dos jornalistas profissionais da Paraíba recusou ontem a contra-proposta de aumento salarial, apresentada pelos empregadores.

A decisão foi tomada em assembléia e, como consequência, os índices de reajustes só serão decididos em dissídio coletivo, na Justiça do Trabalho. A proposta dos empregadores estabelecia um percentual de 50 por cento nos salários e no piso, mas os jornalistas preferiram discutir na Justiça, pois não concordam com os números apresentados.

Começa hoje congresso de enfermagem

Será instalado hoje, no auditório do Iapas (prédio da antiga Reitoria), o Congresso Paraibano de Enfermagem, promovido pela Associação da classe no Estado. As solenidades de inauguração terão início às 20 horas, com a apresentação feita pelo jornalista Natanael Alves. Espera-se a participação de média de 500 profissionais e estudantes, vindos de todo o Nordeste.

As palestras e debates só começarão a ser feitos a partir da segunda-feira, com discussões que abrangerão desde a importância da enfermagem nos dias atuais, até os direitos profissionais.

Os palestrantes são, na grande maioria, profissionais enfermeiros de vários lugares do Brasil. Fazendo uma exceção, o advogado e presidente do Centro de Defesa, Wanderley Caixe dirá um dos dias de debates.

PDS elege diretórios de base em 2.985 municípios

Brasília - O senador Teótonio Vilela (AL), 1º vice-presidente do PMDB, telefonou hoje ao senador Itamar Franco (PMDB-MG) dando seu apoio ao movimento para unificação das oposições como fórmula "para enfrentar a cachoeira casuística oficial". O sr. Teótonio se dispõe a viajar por todo o país pregando a aglutinação posicionista.

Os líderes do Partido Popular e do PMDB no Senado, srs. Gilvan Rocha (SE) e Paulo Brossard (RS), respectivamente, estiveram com o deputado Magalhães Pinto (MG), presidente honorário do PP, para informá-lo que as duas Bancadas se reunirão na terça-feira próxima para discutir a fusão. O sr. Magalhães apoia o encontro.

Entre os 27 senadores oposicionistas apenas dois, os srs. Agenor Maria (PMDB-RN) e Roberto Saturnino (PMDB-RJ) se opuseram à fusão. Um outro, o senador Afonso Carmago (PP-PR), dos primeiros a defender a idéia, está hoje cauteloso. Ele se preocupa com as implicações da aglutinação na política do Paraná, especialmente em relação à candidatura do sr. Jayme Carnet ao Governo.

O sr. Agenor Maria é quem tem a

posição mais delicada. No primeiro encontro realizado no gabinete do sr. Brossard para discutir o assunto, há 15 dias, ele frisou que não havia condições de se reconciliar com o sr. Aluizio Alves, ex-governador do Rio Grande do Norte, por questões mo.ais. Admitiu que seria mais fácil co.npor-se com o PDS do senador Dinarte Mariz (RN) do que com o PP dos Alves.

A primeira reação do sr. Saturnino foi de combater a reaglutinação por diferenças "ético-morais com o governador Chagas Freitas". Na última quinta-feira, na casa do senador José Richa (PMDB-RS), frisou que se o PDT (Leonel Brizola) e o PP (do sindicalista Lula) aderissem à fusão, reexaminaria o assunto. A situação do Rio de Janeiro foi que provocou o desentendimento do senador Tancredo Neves (MG), presidente do PP, com a bancada do PMDB, à qual pertencia.

A grande notícia para os defensores da fusão foi o telefonema do sr. Teótonio Vilela ao sr. Itamar Franco comunicando-lhe seu total apoio ao movimento. Passou-lhe, também, um telegrama que será distribuído segunda-feira aos senadores do PP e do PMDB.

Teotônio Vilela manifesta seu apoio para unificar a oposição

Brasília - O PDS mobiliza, hoje, em todo o país, com exceção do Acre, cerca de três milhões de filiados que vão votar nas suas convenções municipais para eleger os diretórios de base, precisamente em 2.985 municípios, dando cumprimento a etapa mais importante da Lei de Reorganização Partidária.

Como desde o início da organização provisória do Partido, é em Minas onde se concentram as maiores dificuldades, tendo que, dos 722 municípios mineiros, realizarem-se convenções no mínimo necessário (20 por cento), ou seja, em 180. As rivalidades entre UDN e PSD continuam a ser o forte da política mineira e, especialmente do PDS, dividido entre as duas facções tradicionalmente adversárias.

De acordo com a Lei de Reorganização Partidária, os filiados do PDS deverão não apenas escolher os integrantes de seus diretórios municipais, agora em caráter definitivo-com mandatos de dois anos-como, também, aprovar o programa e os estatutos do Partido.

As convenções deverão contribuir para a unidade partidária, segundo o deputado Prisco Viana, Secretário Geral do PDS, porque na maioria dos municípios houve acordos para a apresentação de chapa única congregando todas as facções que coexistem dentro da legenda governista. Onde esse acordo não foi possível, há uma grande radicalização na luta pela maioria dos diretórios municipais.

Show de "Os Trapalhões" reúne três mil crianças

Ontem foi um dia de festa para pelo menos 3 mil crianças, que participaram do show "Os Trapalhões", realizado no Astréa, promovido pela primeira dama do Estado, Glauce Burity, em benefício das crianças carentes da Paraíba.

O espetáculo tinha sido programado para às 15 horas, mas só teve início cerca de 40 minutos depois, atraso devido a uma pequena alteração no horário de chegada dos "Trapalhões". "Di-

di" - Renato Aragão, "Dedé", "Zacarias" e "Muçum", entreteram, por mais de 1 hora, crianças e pais que superlotaram o ginásio do clube.

O show com "Os Trapalhões" terá sua renda revertida em favor do menor carente do Estado, através da doação de benefícios às creches e associações de assistência das crianças pobres, como forma de proporcionar melhores condições de ensino, assistência médica, odontológica, pedagógica e social.



O Governador e família estiveram no espetáculo dos Trapalhões

OPINIÃO



A UNIÃO
 A UNIÃO
 Fundado por Alvaro Machado

Não compreendo Democracia sem imprensa livre e independente, que informe corretamente a opinião pública.

Tarpisio Burity

ESCOLA POLITÉCNICA

Há precisamente 28 anos o governador José Américo de Almeida criava em Campina Grande a Escola Politécnica da Paraíba.

Foi através da lei nº 792, de 6 de outubro de 1952, que o eminente homem público brasileiro, indo ao encontro de uma vocação de Campina Grande, criou a escola que haveria de transformar aquela cidade no principal centro universitário de formação tecnológica do Nordeste.

Eu vos darei uma luz que não se apaga, disse o governador José Américo de Almeida ao povo campinense, ao sancionar a lei, em solenidade realizada no Colégio Estadual. Uma luz que realmente não se apaga e que ao longo do tempo só tem iluminado mais e mais os caminhos de Campina Grande e da Paraíba na busca de um futuro mais grandioso.

Da Escola Politécnica da Paraíba, criada há 28 anos pelo governador que fundou a Universidade da Paraíba, têm saído técnicos e profissionais de alta qualificação que colaboram com o esforço de desenvolvimento não apenas de Campina Grande e da Paraíba mas do Nordeste e de outras importantes regiões do país, inclusive as mais desenvolvidas e que contam com centros mais antigos de formação científica e tecnológica.

Foi da Escola Politécnica criada em Campina Grande pelo governador José Américo de Almeida que saiu inclusive um dos maiores reitores da Universidade Federal da Paraíba, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, hoje dirigindo, em nível nacional, o setor de tecnologia do Governo Federal.

Tinha razão o governador José Américo de Almeida ao dizer, naquela hora, em Campina Grande: "Desde a hora em que parti, venho subindo. E aqui, dentro da cidade, ainda se eleva a vista, ainda é maior a ascensão como a imagem de uma terra, inspirada pela altitude, na vertigem de novos surtos."

"A Escola Politécnica será a guarda de honra desse grande advento... Será o fator de transformação material com que Campina Grande coarará seu destino triunfal. E os estudantes, antes de terem conquistado o seu futuro, poderão dizer que conquistaram o futuro de sua terra."

Palavras proféticas, carregadas de vigorosa antevisão do futuro de Campina Grande e da Paraíba, do Nordeste.

A mocidade de Campina Grande recebeu o governador José Américo de Almeida, naquele dia glorioso, com um entusiasmo e uma vibração inesquecíveis, elegendando, para saudá-lo, uma voz que, como a do grande benfeitor, já não podemos ouvir, a voz do estudante Fernando Cunha Lima.

A UNIÃO • Diretor Presidente: *Nathanael Alves* • Diretor Técnico: *Gonzaga Rodrigues* • Diretor Administrativo: *Eutímio Campos de Araújo* • Diretor Comercial: *Franco Figueredo* • Editor: *Agnaldo Almeida* • Secretário: *Arildo Almeida* • Chefe de Reportagem: *Lena Guimarães* • Redação: Rua João Amorim, 384 Fones: 221.1463 e 221.2277. • Administração e Oficinas: Distrito Industrial, Km 03 - BR-101. Fone: 221.1220. Caixa Postal - 321 - Telex 832295 • SUCURSAIS: Campina Grande - Rua Maciel Pinheiro, 320. Ed. Jabre - Fone - 321.3786 - Cajazeiras - Rua Pe. José Tomaz, 19 - Fone: 531.1574 - Patos: Travessa Solon de Lucena, S/N - Fone: 421.2268 - Guarabira: Praça João Pessoa, 37 - Fone: 478 - Souza: Rua André Avelino - nº 25 - Fone: 521.1219 - Itaporanga: Rua Getúlio Vargas, S/N - Fone: 325 - Catolé do Rocha: Rua Manuel Pedro, 574.

Poetas redatores de "A União"

É sabido que pela redação de "A União" passaram muitos dos nossos mais notáveis homens públicos. Governadores, senadores, deputados federais e estaduais, ministros e até presidente da República, pois Epitácio Pessoa também foi colaborador do jornal oficial.

Romancistas, teatrólogos, poetas, artistas, nem se fala. O difícil é encontrar um que não foi redator ou colaborador de "A União".

É de alguns poetas que nos ocupamos hoje.

Em nossa redação esteve Américo Augusto de Spuzza Falcão, o grande poeta nascido na Praia de Lucena, em 11 de fevereiro de 1880.

Outro poeta também da Praia de Lucena, nascido a 3 de outubro de 1865, Antônio Elias Pessoa, foi igualmente redator de "A União".

Antônio Elias Pessoa era poeta e boêmio. Largava o jornal e entrava pela madrugada cantando modinhas ao violão.

Antônio Xavier de Farias, magistrado e político, era também poeta e publicava seus versos no jornal oficial. Era filho da Serra do Teixeira, onde nasceu em 1879.

Francisco Pedro, poeta nascido na capital, deixou inúmeros versos nas páginas de "A União".

Sob o pseudônimo de Liz de Almeida, o dr. José de Almeida publicava suas filigranas em "A União", verdadeiros poemas em prosa.

Jornalista, poeta, advogado, jurista de nome, José Rodrigues de Carvalho, filho de Alagoinha, onde nasceu a 18 de dezembro de 1867, também deixou nas páginas de "A União" muitas de suas produções em prosa e verso.

Padre, poeta, político, homem de grande erudição e mestre de muitas gerações,

Mathias Freyre foi também um dos redatores de "A União", em cujas coleções encontramos grande parte de sua produção poética.

Raul Machado, o inesquecível Raul Machado, o grande poeta filho da cidade de Tape-roá, onde nasceu a 7 de abril de 1891, foi outro nome que honrou a redação de "A União".

Antônio Gomes de Arruda Barreto, poeta, professor e jornalista nascido em Pedra Lavrada em 1856, foi também redator de "A União".

Era filho do influente político Antônio Gomes Barreto e de d. Ana de Arruda Câmara, neto, portanto, do grande naturalista Arruda Câmara.

Antônio Gomes de Arruda Barreto era poeta humorista. Basta ver por esta amostra.

Se um grande benefício vem da morte do marido, não é nenhum sacrifício a mulher tê-lo perdido...

Outro poeta satírico que por aqui passou foi Alcides Baltar, paraibano de Cruz do Espírito Santo, onde nasceu a 12 de outubro de 1877.

Perilo Doliveira, o admirável vate da Serra de Araruna, aqui esteve também na redação de "A União".

"Eu te quero esculpir, ó lágrima silente,

Farei da dor que me angustia o meu cinzel!"...

Cantava o poeta-redator de "A União".

Sebastião Viana, nascido na capital em 1887, foi poeta e redator de "A União" integrando a equipe de Carlos Dias Fernandes.

Pedia ao sino que tocasse quando morresse:

Hélio Zenaide

Morte da Cigarra

O homem-Cigarra morreu esta semana num leito de hospital.

Ele foi um fiel seguidor do Evangelho segundo São Mateus. Ele não semeou, nem ceifou, nem fez provisão nos celeiros; não teceu, nem fiou. Ele simplesmente viveu a vida como um direito prometido, esperando até o fim que o Criador também o alimentasse como às aves do céu, e o vestisse como aos lírios do campo.

Diziam que assim, somente cantando, ele fazia grande mal aos seus e lhe apontavam o bom exemplo das Formigas de seu tempo, que incansavelmente juntaram no Estio as provisões para o Inverno de nuvens negras e solidão. Consta que ele desdenhou todos os conselhos de prudência e diligência.

Não sei e não quero julgá-lo com a medida das Formigas

desvairadas. O que sei com alguma certeza é que na vida nem tudo é juntar, amearhar, entesourar; há que haver também, e sobretudo, lugar e tempo para o canto infrene das Cigarras, certo como é, que a louca caminhada das Formigas sempre importa destruição, e não poucas vezes a fome, o choro e até o clamor público.

Junto ao seu leito de morte, lembrou-me o alegre folião de um certo Carnaval de outros tempos. Ele era ainda jovem e soltava o seu canto com vigor, saudando a vida e talvez chamando alguém para compartilhar, como se diz que assim fazem todos os animais cumprindo o seu destino. Vi-o em sua fantasia de seda e púrpura, e agora recordo que o seu

Firmo Justino

"Sino de voz piedosa e boa, que a alma infeliz dos tristes abençoa,

chora também por mim quando eu morrer..."

O infortunado Silvino Olavo, filho de Esperança, onde nasceu em 1896, e que foi oficial de gabinete do presidente João Pessoa, foi outro poeta colaborador de "A União".

"Meu corpo é sombra... sombra é pó... mais nada!

Minh'alma é sombra trêmula de luz..."

E Eudes Barros? Também o poeta Eudes de Luna Freire Correia Barros, nascido em Alagoa Nova em 1905, foi redator de "A União".

Poeta e romancista, seus primeiros livros foram editados em "A União".

Aderbal Piragibe, filho de Cabedelo, poeta, tribuno e jornalista panfletário, foi outro redator de "A União".

São conhecidos os seus versos:

"Dona Esperança, toda de verde, bateu um dia no meu solar.

Abri-lhe a porta, fiz cortesias, Dona Esperança não quis entrar..."

E Carlos Dias Fernandes? Mas falar de Carlos Dias Fernandes seria um nunca acabar. Aqui estão as coleções de "A União" repletas de seus versos, de seus poemas, de seus ensaios, de seus artigos candentes, inflamados, brilhantes.

O poeta e panfletário fez uma escola em "A União" que ainda não se acabou.

O nosso grande Osiás Gomes não nos deixa mentir, ainda hoje frequentando as páginas do jornal. É o nosso bravo último dos moicanos da escola de Carlos Dias Fernandes.

Firmo Justino

Alberto Dines

A guerra fez um líder

O testemunho dos grandes eventos traz consigo compulsiva busca de paralelos e simetrias. O observador da História no fundo, não diante da magnitude de certos fatos, para satisfazer a natural perplexidade, busca situações idênticas no passado e, com elas, soluções, caminhos, explicações.

A "guerra do petróleo", como seguramente será chamado este confronto suicida entre o Irã e o Iraque, é uma situação crucial, um dos momentos cardiais da "era da escassez" e talvez mesmo o fim do império da OPEP, que começou na guerra do Yom Kippur, de 1973, e parece esvaír-se em 1980, por coincidência, no mesmo dia do Yom Kippur.

Os dois maiores gigantes petrolíferos digladiam-se numa luta "kamikase" para gaudio de um terceiro Yue, se escapar incólume, tornar-se-á o mais importante fator de poder no Oriente: a Arábia Saudita, a mais antiga casa real no Oriente Médio, jamais participou de alguma guerra das muitas travadas formal e informalmente naquelas terras áridas. No entanto, beneficiou-se de todas. Agora, no embate entre uma teocracia popular (Irã) e uma teocracia militar (Iraque) os hábeis principais sauditas chefiados pelo rei Khaled soberaram aliarse com aqueles que ofereciam menos perigo e pareciam agir com mais sensatez: o regime de Bagdá. Apesar de que a ideologia dominante no Iraque, a doutrina "baathista" tenha um trazo socialista não-marxista, mas da linha nacionalista e, apesar das recentes ligações iraquianas com Moscou, ainda não de todo interrompidas, os monarcas de Ryadh jogaram abertamente a favor de Sabdem Hussein contra Khomeiny e Bani Sadr. Qual a razão que levou os guardiões dos santuários de Meca a aliarem-se com um governo laico contra a figura mais expressiva do islamismo desde a época dos grandes califas?

O Iraque invadiu o Irã depois de quase um ano de preparativos militares, políticos e diplomáticos. O pretexto de dar autonomia às populações árabes do Kuzistão é irrisório, pois de todas as minorias no Irã, a árabe constitui problema menos grave. Se há uma nação que merece solidariedade imediata são os curdos, oprimidos tanto por um como por outro, dos contendores. O problema que levou à guerra não é de soberania, mas de hegemonia iraquiana, é essencialmente político. E, ao contrário, ao tentar estraçalhar o projeto Khomeinista embarcando numa aventura bélica, os estrategistas iraquianos acabaram por dar-lhe o tônico revigorante que tanto necessitava, depois de ano e meio de insanidade e falta de coesão.

E aqui chegamos ao paralelismo histórico. A revolução iraniana assemelha-se em tudo à francesa. Não foi uma insurreição planejada como a russa ou chinesa, mas um ato de vontade nacional e popular convertido à cidadania, sem nenhum cimento partidário e organizacional, no corpo de militantes que derrubaram o poder estabelecido. A luta intestina que vinha travando-se aberta ou surtamente em Teerã faz recordar imediatamente a revolução dentro da revolução que quase exauriu as conquistas libertárias decorrentes da queda da Bastilha.

E o que salvou os valores e conquistas da revolução francesa? O inimigo externo ameaça de além-fronteira criou o clima emocional e as condições político-militares para que se cristalizasse uma liderança carismática Napoleão Bonaparte.

O presidente Bani Sadr, intelectual de formação ocidental, porém de espírito oriental, pretendia um modelo político e econômico democrático, socialista e pragmático para atender às características sociais e culturais do Irã.

Este modelo não servia à hierarquia religiosa que, num sistema disciplinado, fatalmente perderia seu poder e prerrogativas. Daí a guerra de desgaste que parte do clero muçulmano pretendeu adotar contra o presidente eleito, quase derrotando-o.

Salvou-o a invasão iraquiana. Os militares fiéis ao novo regime também com formação ocidental e moderna, apesar do caos implantado no país, organizaram razoável resistência. Os iraquianos, como os egípcios em 1973, depois das primeiras vitórias e despreparados para o rigor emocional de uma guerra mais longa começaram a ceder.

Comandante-em-Chefe das Forças Armadas iraquianas, Bani Sadr, correu o risco preferiu ser o único responsável tanto de uma vitória como de um fracasso, jogou certo.

Em duas semanas de guerra, com um placar empatado, Bani Sadr já pode ostentar inelutáveis vitórias políticas, sendo que a mais importante é a sua incontestável autoridade.

Mesmo Khomeiny, seu protetor que tanto desconfiava da sua capacidade de enfrentar os grupos conservadores, recolheu-se deixando Bani Sadr no cenário para galvanizar atenções.

Muita coisa ainda pode acontecer em situação tão volátil e instável.

Uma loucura contra os reféns americanos pode levar os EUA a enfrentarem diretamente ou indiretamente no conflito ou uma ação concreta para impedir a navegação no estreito de Ormuz poderia trazer para o conflito novos vetores que fatalmente agiriam para erodir a liderança de Bani Sadr. Mas se a guerra continuou confinada aos termos com que se iniciou teremos o Irã, afinal com um líder capacitado aos termos com que se iniciou teremos o Irã, afinal com um líder capacitado para iniciar a magna tarefa de reconstrução nacional e o terceiro mundo com um paradigma político realmente original e não-alinhado.

Marcos F. de Andrade
 Jardim 13 de Maio

Do leitor

Sr. Editor:

As formigas saem de noite

O Sr. não dá jeito, o governo não dá jeito, mas não será por isso que o problema, um dia, não venha a ter jeito.

Em época de inflação (para os cultos) ou de carestia (para o povaréu) não causa espanto que as mercadorias subam progressivamente de preço. Espanto e admiração é se elas baixarem. Mas não deixa de ser um sinal dos tempos, um aviso agourento, um quilo de feijão chegar a 110 cruzeiros.

Não é que 110 cruzeiros tenham alguma importância em seu valor absoluto, mas 110 cruzeiros em relação a quem ganha Cr\$ 3.150, ou seja, 80 por cento da população, que têm o feijão como alimento único é um sintoma de

absoluta indiferença do Estado com a Nação, de todas as formas de elite com o destino do resto.

Há quem diga que o brasileiro só se revolta e briga por motivos morais, raramente por motivos políticos e ideológicos. Mas pela sobrevivência, ninguém sabe ainda. E talvez até brigue, como o demonstraram, neste século, as sucessivas invasões pacíficas dos flagelados vitimados pela fatalidade das secas. Invadem as fazendas, as cidades, todos de mãos desarmadas, para o saque de alimentos. Mas de mãos desarmadas por ter como causa do flagelo a fatalidade. Mas até que ponto eles entenderiam o saque dos preços, o assalto dos mercadores de todos os gêneros, como fatalidade?...

Ontem o economista Celso Furtado apareceu na TV Globo numa postura muito otimista com relação ao futuro do seu país. Ele está na França e está vendo o Brasil de longe. Um Brasil

que, segundo ele, vai salvar-se pelo tamanho, pelo elenco de alternativas de que é capaz de escolher no contexto mundial, o país mais promissor do Terceiro Mundo. Mas será que essa visão da inteligência, do raciocínio, estribada em equações científicas, livrescas correspondem a essa micro-realidade angustiante de quem pertence a um país grande e rico que lhe dá o direito de pensar livremente (estamos na abertura) mas não tem acesso ao fundamental, ao primário, que é o feijão?...

Talvez por ser grande demais é que o feijão não chegue para todos. Nem o feijão nem a interferência dos governos no problema. Num país grande, de grandes problemas, o mirante do Governo, da elite política e da inteligência nacional só pode alcançar o que desponte e se descortine igualmente grande. Na grande cidade as torres é que aparecem. Preocupado com a divida externa, com os estoques de petró-

leo, com as prerrogativas do Congresso, com a agricultura de exportação, com a exploração do Amazonas, tudo imenso e grande, a perspectiva dirigente e produtora não pode divisar nem se ater a coisas como o sujeito ir à feira e voltar sem feijão. Problema dele, parece claro.

Rezemos todos, pois, para que esse povo de problemas invisíveis não chegue ao estágio de adivinhar chuva. O instinto das formigas também é invisível, mas quando adivinham chuva desaparecem os nossos jardins. Quanto mais carregados de roseiras e jasmims nobres, mais devastados.

Façamos como os personagens de "Os donos do orvalho", de Jules Romain: "Morreremos todos, morreremos todos. Oremos, irmãos".

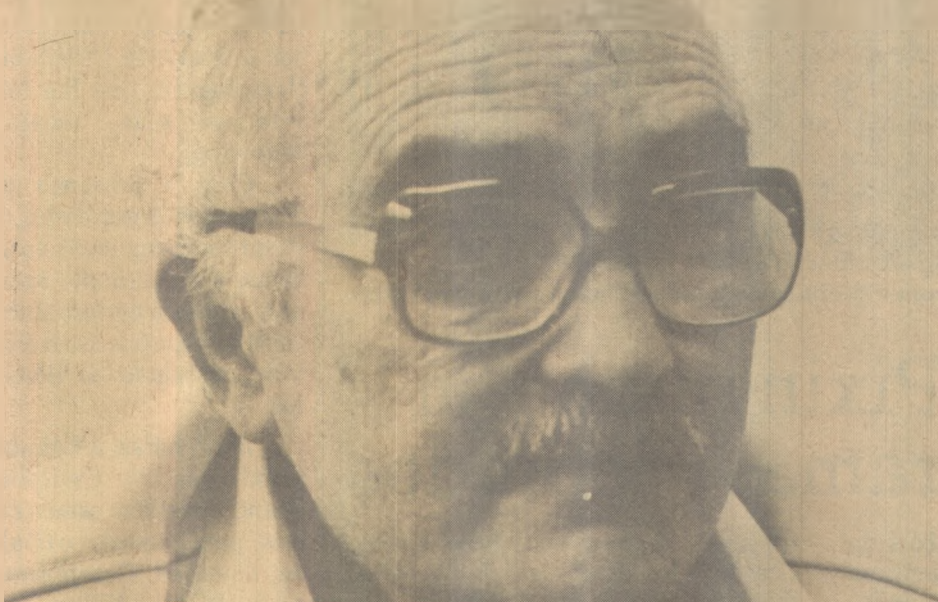
Braga não acredita em coligação

PT pedirá no dia 13 o seu Registro Provisório

O Partido dos Trabalhadores no próximo dia 13, estará dando entrada no Tribunal Superior Eleitoral ao pedido de Registro Provisório para o seu funcionamento. O PT já conseguiu preencher todos os requisitos exigidos pela lei da reorganização partidária.

Sonia Germano, da Comissão Regional do PT, informou que a obtenção do Registro Provisório representa um passo significativo dos trabalhadores e do povo brasileiro no sentido da sua organização.

Quando a posição dos dirigentes nacionais do PT, com relação ao seu presidente Luiz Inácio da Silva, Lula, que poderá ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional, não existe maiores receios, "porque os trabalhadores saberão dar suas respostas a todas essas manobras. Continuarão cada vez mais firmes em seu propósito de ser organizarem livremente em seus sindicatos, nas suas associações e, igualmente, de constituírem e registrarem legalmente o Partido dos Trabalhadores, para terem vez na política do país".



Braga está em João Pessoa para assistir Convenção do PDS

Comissões da AL estudam apoio às micro-empresas

Já tramita nas Comissões Mistas da Assembléia Legislativa o projeto-de-lei do Governo do Estado, que cria o "Programa de Apoio Técnico e Financeiro à Micro, Pequena e Média Empresas", devendo utilizar recursos no valor de até Cr\$ 80 milhões, provenientes do empréstimo externo autorizado pela Lei nº 4.101 de 15 de outubro de 1979.

O referido programa pretende fortalecer as empresas de micro, pequeno e médio portes, existentes, e incentivar a implantação de novas, através de mecanismos de apoio integrado - assistência gerencial e crédito orientado.

Os órgãos responsáveis pela supervisão, coordenação, ação técnica e financeira: SEPLAN, NAI e PARAIBAN, em trabalho integrado e voltado para os reais interesses das atividades industriais, comerciais e de prestação de serviços, fixarão tetos operacionais para capital de giro, ampliação e modernização, além da implantação de novas unidades empresariais, com encargos financeiros reduzidos, visando atingir o objetivo sócio-econômico desejável.

Um outro projeto também de autoria do Governo do Estado, de igual modo tramita nas Comissões, criando na estrutura da Secretaria de Educa-

ção e Cultura a Coordenadoria Técnica de Serviços de Engenharia - CO-TESE.

Visa o projeto corrigir, em parte, a competência centralizadora conferida à SUPLAN, e que a experiência vivida já faz sentir, como um imperativo, a necessidade de adotar modificações, sem, entretanto, ferir o espírito da Lei nº 3.457, de 31 de dezembro de 1966, que criou aquela autarquia.

A Secretaria da Educação e Cultura recebe, a cada exercício, considerável parcela de recursos extraparlamentares para execução de obras públicas tais como: construções, reparos, consertos e demais serviços necessários à conservação e manutenção dos próprios estaduais na sua área de atuação.

A liberação desses recursos, entretanto, fica condicionada a determinadas exigências, de caráter irreversível, por parte dos Agentes Financeiros do M. E. C., merecendo destaque o rigor dos cronogramas de execução, cuja inobservância tem gerado sérios problemas à Secretaria de Educação e Cultura.

Assim, procurando o equilíbrio entre a centralização e a descentralização de tarefas, constatou-se que no elenco de atividades confiadas à SUPLAN.

Conflitos e divergências no sindicalismo brasileiro

Fernando Melo

A convite do PMDB Jovem, esteve em João Pessoa, para uma palestra na API, sexta-feira, o ex-presidente político Ricardo Zaratini e o metalúrgico Alemão, líderes sindicais em São Paulo, quando analisaram o atual movimento sindicalista no Brasil. Os dois acompanharam de perto a greve dos plantadores de cana-de-açúcar de Pernambuco, quando destacaram os resultados do dissídio, que segundo eles, resultou em algumas conquistas para os agricultores, "em face de mobilização de base no esforço do presidente da CONTAG - Confederação dos Trabalhadores Agrícolas, José Francisco, e da FETAPE - Federação dos Trabalhadores Agrícolas de Pernambuco, José Rodrigues. Entre as conquistas dos trabalhadores, Zaratini destacou o índice da produtividade, quando a 1ª Região (compreende cinco Municípios) conseguiu a unificação e um aumento de 4 por cento. Na 2ª Região, disse que os patrões queriam uma redução de 100 por cento em relação à 1ª Região, mas a redução ficou apenas em 30 por cento.

Ao longo da palestra dos dois líderes sindicais, ficou evidenciado sérios conflitos dentro da atual estrutura sindical brasileira. Alemão, conhecido pela sua ação na greve dos metalúrgicos, ao lado de Luiz Inácio da Silva, o Lula, e outros, criticou os componentes do ENTOES - Encontro dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical, pelo caráter discriminatório que adota essa corrente.

Tanto Alemão, como Ricardo Zaratini defendem a permanência do Imposto Sindical, hoje Contribuição Sindical, "fundamental para a existência dos sindicatos, que chega atualmente a 7.200 em todo o país." O ENTOES, por sua vez pensa de forma contrária, pois acredita que o Imposto Sindical é a espinha dorsal da dominação do Estado sobre as entidades sindicais. Adiantam ainda, os membros do ENTOES, que nas discussões de base e nas assembleias, é indispensável que essa questão seja colocada a fim de que sejam criadas formas alternativas de sustentação econômico-financeira dos sindicatos por deliberação dos próprios trabalhadores. E falam no velho "vício da tutela". Ollívio Dutra, da Comissão

Nacional do PT e líder sindical defende a extinção do Imposto Sindical ao afirmar: "alegam que extinto o Imposto Sindical, 90 por cento dos sindicatos desapareceriam. Se isso realmente acontecesse, tenho minhas dúvidas se isso poderia ser considerado um mal. A derrogação da atual estrutura sindical está intrinsecamente vinculada à auto-sustentação do sindicato, portanto, ao fim da contribuição sindical imposta pelo Estado".

E os conflitos não terminam aí. Zaratini, por exemplo, acha que deve ser mudado alguns artigos da CLT e outros devem permanecer. O deputado estadual Geraldo Siqueira, do PMDB paulista, mesmo partido de Zaratini e Alemão, pensa de forma diferente: "Quanto temos um projeto de nova CLT, deve se colocar a questão do desatrelamento das entidades sindicais do Ministério do Trabalho e não mudar esta ou aquela alínea da lei". O ENTOES, também, tem sua opinião sobre a CLT, ao dizer que conquista a liberdade e autonomia dos sindicatos é conquistar também a forma de garantí-las um código de trabalho que substitua o emaranhado de leis, decretos-leis e portarias que formam a CLT".

Um problema acentuado, visto no debate na API, foi com relação ao Partido dos Trabalhadores. Se vale conselho, aqui vai um ao PDS, que é o de fortalecer suas bases e seu programa, porque a Oposição no Brasil está exatamente como previu o ministro Golbery do Couto e Silva, ou seja, seriamente dividida. No campo do sindicalismo o PMDB e o PT (é curioso a ausência do PTB e PDT!) estão em choque. Lula foi criticado tanto por Zaratini como por Alemão, que o respeitam e se dizem até amigos íntimos não faltando palavras de elogio ao trabalho do Lula sindicalista, mas o Lula político, presidente do PT, as divergências são grandes. Citando Ulysses Guimarães, Zaratini chegou a dizer que Lula ainda não está maduro para a política. Vale ressaltar que o ENTOES está muito identificado com a política do PT. Logo chegamos a conclusão que entre a Oposição, mais acentuadamente em São Paulo, a divisão é patente e os conflitos não são passageiros.

O deputado Wilson Braga disse ontem, na redação do jornal A UNIÃO, não acreditar em composição através de forças políticas "quando os três partidos já estão com os seus candidatos virtualmente lançados, tendo o PMDB seu candidato próprio, como o PP deseja ter, também, o seu candidato. Por outro lado, o PDS, sendo o partido majoritário, sente-se com o direito de ter o seu candidato próprio".

Braga está em João Pessoa para assistir a convenção do seu Partido, que indicará para presidente do Diretório municipal de João Pessoa, o deputado Assis Câmelo. Recentemente chegou da Europa, onde visitou, em missão parlamentar do Congresso Nacional, cinco países, o Secretário da Câmara Federal de "a Emenda Flávio Márcilio teve a sua aprovação na Comissão Mista, contra o voto do Relator e isso implica de que ela irá para o Plenário dentro de um clima polêmico no próprio PDS".

Para o deputado Wilson Braga, a sub-legenda fortalecerá o PDS e possivelmente, ela virá. Expliquemos que a primeira etapa a ser aprovada, será o voto majoritário para deputados, eliminando o voto de legenda, quando ninguém mais "pegará carona nos carros dos outros". Este será o chamado "Distritão" que tem amplo apoio da bancada do partido governista, através da Emenda Constitucional do deputado Joaquim Coutinho. Sobre o voto-distrital, ainda não está estruturado, apenas se cogita no momento o "Distritão".

Com relação aos atentados terroristas verificados no país, Braga é de opinião que o Governo já está com tudo apurado e cumprirá tudo o que prometeu, punindo os responsáveis.

Humberto analisa a estiagem

Em recente pronunciamento, o senador Humberto Lucena analisou a crise que atravessa o Nordeste com os efeitos da seca, e disse que em Cajazeiras milhares de trabalhadores foram alistados por ordem do governador Tarcísio Burity, "gerando-se depois uma situação delicada, pois, com as medidas adotadas pela Sude-ne, a maioria deles ficou ao desamparo, levando-os à ideia de um Congresso da Fome".

Então, na prática, o que se viu e o que se vê é que o número de pessoas assistidas foi muitíssimo inferior aos necessitados. Por outro lado, o pagamento não vem sendo feito com regularidade. Pelo menos foi a informação que recebemos de várias pessoas representativas do Sertão e do Cariri da Paraíba, as quais lembraram que mais uma vez os trabalhadores tiveram que se sujeitar aos preços dos barracões tão mal-sinados nos velhos tempos da chamada "indústria da seca".

Disse ainda Humberto Lucena ter ficado impressionado com a denúncia dos proprietários de mais de 100 hectares, "de que o Banco do Brasil não fizera, até o final de julho último, os financiamentos programados. Naturalmente a política de restrição de crédito não poupou sequer a zona semi-árida do Nordeste, agravando a crise econômico-social que se instalou na região, diante da seca que a castigou este ano".

Aliás, - prosseguiu - numa prova de que a demora de financiamento não é um problema isolado da Paraíba, trago o testemunho de um parlamentar pernambucano, deputado Monsueto Lavor, para quem, segundo o Correio Braziliense, "não se pode tolerar por mais tempo a falta de senciência do Governo ao anunciar pelos jornais, rádios e televisão a destinação de bilhões de cruzeiros para o crédito agrícola na área da seca, enquanto esse dinheiro não chegar aos pequenos e médios proprietários da região".

Concluindo, o Senador paraibano pediu do Governo Federal, através do Ministério do Interior e Sude-ne, o exame de todos "esses fatos e tome providências inadiáveis, no sentido de assegurar o fluxo de recursos de que carece o Nordeste para assistência às populações atingidas pela seca, sobretudo tendo em conta a diferença crescente que vai se acentuando entre aquela região e o Centro Sul do Brasil".

CARLOS CHAGAS

Planalto já vê sucessões

Brasília - O Governo e a cúpula do seu partido darão atenção especial aos candidatos do PDS aos Governos Estaduais de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, além do Paraná, convencidos de que será impossível a reconquista do Rio de Janeiro ou uma vitória dos candidatos pedessistas em São Paulo. Considerando perdida a situação nestes dois Estados, e já ganha a eleição na Bahia, buscarão garantir posições nos três outros Estados mais fortes.

Em Minas Gerais, as previsões sobre o futuro candidato governista ao Palácio da Liberdade podem ser ainda prematuras pelo fato de que, ao contrário do que ocorreu em São Paulo, Rio ou Pernambuco, onde a devassa revolucionária atingiu entre 64 e 69 os maiores líderes políticos, lá não houve desfalques, a não ser Juscelino Hubistcheck, e há pelo menos uma dezena de nomes nas fileiras do PDS em condições de fazer frente à nascente expectativa em torno do atual Ministro da Justiça.

Saul Raiz, depois de suas declarações públicas de amor e lealdade ao governador Ney Braga, parece estar ganhando o apoio estadual e federal para concorrer à sucessão paraense. Muito embora há quem admita uma composição entre o PDS e o Partido Popular, que lançaria Jayme Cannet na disputa.

Do lado oposicionista, em Minas Gerais já haveria pelo menos meia dúzia de candidatos ao Governo Estadual, relação esta encabeçada pelo senador Itamar Franco e outros nomes de boa penetração tanto nas bases ex-pedessistas quando ex-udenistas. No Paraná, o outro lado, despotam nomes como o senador José Richa ou o ex-deputado Alencar Furtado, em condições de dificultar a vitória do PDS.

Mas é com a sucessão do Rio Grande do Sul que os dirigentes do PDS parecem estar mais preocupados. O Governo Estadual gaúcho sempre foi uma reivindicação dos presidentes revolucionários até mesmo para desarticular a aguerida frente oposicionista que em 61 levou Leonel Brizola ao Palácio do Piratini. Em 66, o ex-presidente Castelo Branco não titubeou em casar seis deputados estaduais para assegurar a eleição do Perachi Barcelos, enquanto nos anos seguintes todos os sucessivos Chefes do Executivo estadual foram impostos por Brasília. Há mesmo quem acredite que as eleições para governador não foram diretas também devido à preocupação do Palácio do Planalto com a sucessão gaúcha.

Em 1982, finalmente, o Governo Federal terá nas urnas a resposta popular a todos as manobras que realizou durante os últimos 15 anos para manter longe do Palácio do Piratini os herdeiros políticos de Goulart e Brizola, então vestidos com a camisa do MDB. Porisso, desde já alguns nomes vêm sendo "trabalhados" pelo Palácio do Planalto na tentativa de assegurar vitória do PDS na sucessão de Amaral de Souza. Entre eles, destacam-se Jair Soares e Nelson Marchezan.

A candidatura de Soares parece já contar com o apoio de 70 PC dos deputados estaduais gaúchos, o que coloca o atual Ministro da Previdência Social um pouco à frente do seu adversário natural, o líder do PDS Nelson Marchezan, cuja imagem teria sofrido alguns desgastes nos recentes episódios polêmicos no plenário da Câmara dos Deputados. Assim que estiver definido o candidato com maior potencial, o Governo Federal vai nele investir tudo, pois sabe que por tradição as oposições gaúchas sempre se uniram, bipolarizando a disputa eleitoral.

O grande receio do Governo é com a candidatura do atual senador Pedro Simon, do PMDB, que há pelo menos 14 anos vem se preparando para disputar o Governo do Rio Grande do Sul nas urnas. Ainda que o esfriamento nas relações entre Simon e Brizola tenham dado um novo alento às esperanças governistas, que se baseiam na crença de que individualmente o candidato do PDS teria grandes chances de vitória, pode haver uma reversão das expectativas. É uma aliança oposicionista, com Simon encabeçando a chapa, seria fatal para o Partido Oficial, já que também na disputa ao Senado haveria bons candidatos da oposição.

A composição natural no Rio Grande do Sul seria Pedro Simon, pelo PMDB, candidato ao Governo e Alceu Collares, pelo grupo Brizolista, aspirante ao Senado Federal. Mas a recente adesão do senador Paulo Brossard à tese da fusão ou aglutinação das forças oposicionistas indicam que as oposições terão no respeitável representante de baronato rural uma alternativa para o Governo ou para o Senado.

Eleito em 74, o atual líder do PMDB no Senado sofreu há algumas semanas sério desgaste junto às forças oposicionistas gaúchas por haver colocado a satisfação de seu paladar à frente de seus compromissos políticos, ignorando o repúdio da oposição à presença do presidente argentino no Brasil para degustar excelentes vinhos oferecidos pelo ditador em recepção na embaixada portenha.

Mas o senador Paulo Brossard não parece disposto a deixar, sem luta, as gratificantes amizades feitas nesses anos de Brasília e sua súbita adesão à tese da fusão indica que ele é candidato em 82, mudem ou não seus hábitos gastronômicos.

Se Brossard conseguir reaproximar o senador Pedro Simon às suas origens trabalhistas e o PP também participar do entendimento, as coisas ficarão mais difíceis para o partido do Governo, restando ao PDS esperanças apenas em relação ao Paraná, Bahia e Minas Gerais, dentre os seis Estados que detêm as maiores bancadas na Câmara Federal.

(Sérgio Chacon - redator interno)

CAIXA
ECONÔMICA
FEDERAL

LOTERIA ESPORTIVA

Cartões que não concorrem de acordo com os relatórios dos computadores (Art. nº 9, Parágrafo 1º da Norma Geral dos Concursos de Prognósticos Esportivos). Os apostadores, cujos números dos cartões constam da presente publicação e que não tenham sido substituídos por outros, devem solicitar, dos respectivos revendedores a devolução da importância paga.

TESTE Nº 515

Cartões que não concorrem...

PARAIBA

CCD.	REV.	Nº. CARTAO	Nº. CARTAO
13-00003	0782541	0782838	
	0783292	0783951	
	0784231	0784945	
	0785690		
13-00006	1087051	1087099	
	1087412	1088568	
	1088883	1089137	
	1089441	1089633	
	1090631	1091493	
13-00008	0664002	0664015	
	0664830	0664979	
	0665118	0665317	
	0666211	0667787	
13-00010	0753126	0754436	
	0755058	0756174	
	0757284		
13-00012	0242236	0242417	
	0242581	0242607	
	0242749	0242986	
	0242995	0243347	
	0243498	0244103	
13-00013	0067915	0068059	
	0068117		
13-00015	A PARTIR DE	0016556	
13-10001	1340715	1341322	
	1345911		
13-10007	0735533		
13-10012	0238441		
13-10016	0206807		
13-10019	0331973		
13-10022	0179580		
13-10028	0136627	0137999	

Obs. Esta relação e todas as demais que são publicadas neste Jornal aos domingos, a título de "Cartões que não concorrem", são afixadas desde o dia anterior (sábado) no prédio da Caixa Econômica Federal, sito na Avenida Camilo de Holanda nº 100 - João Pessoa - PB.

Assine AUNIÃO

Em Patos

Travessa Solon de Lucena, s/n
Fone: 421-2268

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA
DO ESTADO DA PARAÍBA-IPEP
DEPARTAMENTO FINANCEIRO
CONVITE

Convidamos os fornecedores e a classe médica conveniente do IPEP, a comparecerem à Secretaria do DEFIN, com o número de suas respectivas contas bancárias, junto ao BANCO DO ESTADO DA PARAÍBA S/A.

Ass. MIRÓCENE AMORIM SOARES

Diretor

● FLAGRANTES GERAIS

Tarcísio Cartaxo

Coligação oposicionista

No atual quadro político paraibano, há duas evidências que, por suas respectivas consistências conjunturais, são reconhecidas, plenamente, pelas forças oposicionistas, dentro, pois, de um realismo do qual não podem fugir, sob pena de serem superadas, nas urnas de 1.982, pelo potencial político-eleitoral das hostes governistas.

A primeira dessas circunstâncias reside no fato, reconhecido pelas Oposições, de que, isoladamente, a exemplo do que ocorria com a ARENA, ao tempo do bipartidarismo, o PDS, seu sucedâneo, no sistema pluripartidarista, permaneceu sendo a maior força política do Estado.

Conscientizados dessa premissa inicial, os líderes oposicionistas perceberam, em consequência, que, para as eleições de governador e senador em 1.982, concorrendo, em faixas isoladas, isto é, com candidaturas próprias, o PMDB e o PP, fatalmente o triunfo será de pedrêsimo, perspectiva que está levando o oposicionismo paraibano à consciência da necessidade da coligação de suas forças, numa frente interpartidária contra o PDS.

Posto prevalecente essa conscientização, as Oposições paraibanas estão a se debater sobre como passar da teoria à prática, ou seja, como unificar seus compartimentos, ligando-os para os empates eleitorais majoritários, daqui há dois anos.

Perfilados esses enfoques, pode, pois, concluir que a coligação não está a nascer nos meios oposicionistas como um natural desejo político, mas se lhes impõe como um fato contingencial, ditado pela presente realidade política paraibana. Face a isso, dificuldades setoriais existem nos círculos oposicionistas obstaculando essa coligação ou uma mais fácil e mais rápida viabilização da mesma. Mas, tais óbices, ante a própria realidade do panorama político que impõe ao PP e PMDB essa unificação como necessário, terminarão por serem superados.

De outro ponto, mirado no exemplo da dissidência arevista e seus resultados no pleito senatorial de 1.978, o PDS tem consciência de que, isoladamente, é o maior e o mais forte partido do Estado, mas também está consciente de que, coligadas as oposições, esse status desaparecerá.

E, dessa constatação, a sua natural expectativa, que, estrategicamente, se manifestará em articulações e manobras que objetivem inviabilizar essa unificação oposicionista, ficando a política paraibana a ser projetada para 82 sob duas circunstâncias condicionantes: a coligação para as Oposições é uma necessidade; para o PDS o maior perigo.

Respingos

DIRETÓRIOS - A Paraíba vive, hoje, um dia de intensa movimentação política, em todas as suas comunas, com a eleição dos primeiros Diretórios Municipais dos novos Partidos Políticos, dentro dessa fase de restauração do sistema pluripartidarista.

XXXX

VISITA - Coordenador do PTB na Paraíba, o professor Hermanno Sá esteve, última semana, em Campina Grande, tendo, inclusive, visitado a Câmara de Vereadores, acompanhado, na ocasião, do sr. Ulrico Cavalcanti, ex-vereador pessoense, pela antiga legenda petebista.

XXXX

AUSENCIA - Detalhe observado pelos vereadores campinenses, nessa estada dos dirigentes petebistas em Campina, principalmente na visita ao Legislativo Municipal: a ausência do vice-prefeito Raymundo Asfóra. Comenta-se, ainda, que, assim mesmo acidental, o contato do edil José Luiz com esses próceres trabalhistas teria se verificado tão somente na Câmara Municipal, e isto porque os srs. Hermanno Sá e Ulrico Cavalcanti foram lá, participar da sessão especial em homenagem ao aniversário do Diário da Borborema.

XXXX

DESFALQUE - Em Sousa, o PMDB vem de perder para o PDS o vereador Aldeone Abrantes, atualmente de licença das suas atividades parlamentares, sendo substituído pelo suplente Donato Figueiredo.

XXXX

PRESENCIA - Desde quinta-feira em Campina, o deputado Álvaro Gaudêncio vem cuidando da formação dos diretórios municipais, do PDS, nas áreas de sua influência política. No dia, de hoje, Álvaro dividirá esse trabalho com o seu irmão, deputado Manoel Gaudêncio.

XXXXX

VISITAS - Já o deputado Evaldo Gonçalves, partindo de Campina Grande, também levado por essa motivação, visitará, neste domingo, Soledade, Queimadas, Lagoa Seca, Puxinanã, Cabaceiras e outros municípios.

XXXX

PRESIDÊNCIA - A fim de realizar um curso de especialização, o engenheiro Joost Van Damme vai se afastar, temporariamente, da presidência da TELPA - Telecomunicações da Paraíba S/A. No seu afastamento, ficará respondendo pelo comando da empresa, o seu Diretor-Administrativo, economista Manoel de Deus.

XXXX

REPRESENTAÇÃO - Com a licença para tratamento de saúde do ex-prefeito Williams Arruda, o jornalista Francisco Maria Filho, titular do setor campinense da Sec. da Comunicação Social, vem respondendo pela chefia do Escritório-Representação do Governo do Estado, em Campina.

XXX

TELEXES - A EMBRATTEL tem instalados, em Campina Grande, 75 telexes e solicitada a implantação de mais quarenta. A instalação dos novos aparelhos somente será atendida, a partir do término do primeiro trimestre de 1.981.

XXX

CAPEP - Regulamento aprovado pelo Decreto 8.720, baixado pelo governador Tarcísio Burity, a Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba tem, agora, estruturada a sua Caixa de Previdência Parlamentar, criada pela Lei 4.151, de junho passado. A instituição dessa entidade foi uma positiva conquista da administração do deputado Evaldo Gonçalves, ora presidindo o Parlamento Estadual.

XXXX

SÓCIOS - Pelo seu Regulamento, são associados obrigatórios da Caixa de Previdência Parlamentar do Estado da Paraíba (CAPEP) todos os atuais deputados à Assembleia Legislativa e os que, de futuro, vierem a ser eleitos, independentemente de condições de saúde e idade.

XXXX

ASSEMBLÉIA - Ao que indica, o PMDB campinense, agora o deputado Orlando Almeida (reeleição), terá dois concorrentes, em 82, a Assembleia Legislativa do Estado. Serão eles os vereadores Mário Araújo e João Fernandes. Posto a tanto não tenham ainda se decidido, os dois mostram-se bem inclinados a essa postulação eleitoral.

XXXX

COMPACTO - Contactos iniciais já mantidos por seu titular, jornalista Carlos Roberto de Oliveira, com a Gravadora "Som Livre", a Secretaria de Comunicação Social do Estado, estuda a possibilidade de gravação de um compacto, exclusivamente com músicas de cantores e compositores paraibanos, mais precisamente aquelas que, em seus textos, refrim algum aspecto da Paraíba.



Projeto Pixinguinha define com o prefeito Enivaldo Ribeiro o seu programa

Projeto Pixinguinha já tem programas definidos

O programa de apresentações do Projeto Pixinguinha em Campina Grande, foi definido às 17 horas da última sexta-feira, no gabinete do prefeito Enivaldo Ribeiro. Com este objetivo, esteve nesta cidade o sr. João Duarte, Coordenador Regional do Projeto, tendo assinado com o Chefe da Municipalidade campinense, o termo de compromisso, mediante o qual, serão realizados os shows do Pixinguinha.

Ficou acertado, que, a Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), se encarregará das despesas com transporte e cachê dos artistas, enquanto a Prefeitura Municipal de Campina custeará os gastos com a hospedagem dos integrantes da Caravana artística que se deslocará a esta cidade, para as apresentações.

Num trabalho de divulgação da Música Popular Brasileira, agrupando em seus shows os maiores nomes da MPB, o Projeto Pixinguinha vem pela primeira vez a Campina, interiorizando dessa forma as suas apresentações. O programa artístico já está definido, e será aberto no dia 10, sexta-feira vindoura, às 18:30 horas, no Teatro Municipal, com a presença de Jards Macalé e Dóris Monteiro.

Será cobrada ao público, entrada ao preço único de Cr\$ 60,00, bastante

acessível - segundo o sr. João Duarte, Coordenador Regional do Projeto. Dessa maneira, o grande público, que ainda não conhecia os grandes cartazes da Música Brasileira, poderá ter acesso aos mesmos, durante o período de apresentações do Pixinguinha em Campina Grande.

MACALÉ

Carioca, de 36 anos, o cantor, compositor e ator de cinema, Jards Macalé, que estará em Campina nos dias 10 e 11, juntamente com Dóris Monteiro, define 1980 como início da terceira fase de sua carreira. "Esse meu novo ciclo está muito ligado na questão do prazer. Todos os meus shows agora estão se chamando COM QUE PRAZER, à minha firma eu dei o nome de SER HUMANO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS, e o conjunto que toca comigo é a Banda do Prazer".

Dóris Monteiro, por sua vez, vai completar em 81, 30 anos de carreira, tendo sido uma das precursoras da bossa-nova, pelo jeito simples e afinado de cantar. Ela começou sua carreira na antiga Rádio Guanabara, e, entre os seus maiores sucessos, estão: Dó-ré-mi, Joga a Rede no Mar, Mocinho Bonito, e Mudando de Conversa.

Prefeito elogia ato do Presidente Figueiredo

Ato a que compareceu em Brasília semana passada, o prefeito Enivaldo Ribeiro, falando sobre o decreto assinado pelo Presidente Figueiredo, simplificando a transferência das parcelas dos recursos tributários arrecadados pela União para os Estados e Municípios, disse:

"Essa iniciativa presidencial vem demonstrar a sensibilidade e o reconhecimento do atual Governo Revolucionário quanto à evidência de que é, fortalecendo-se, política, administrativa e financeiramente, os Estados e Municípios, principalmente estes últimos, que se consegue combater o enfraquecimento da Federação".

Afora, essa primeira particularidade, que entendemos a principal, por suas implicações político-administrativas, é igualmente importante e justo simplificar o aspecto da desburocratização, livrando os Estados e Municípios de toda uma grande e inconsequente gama de exigências que lhes impediam um mais fácil acesso às dotações federais, previstas em leis, a que lhes eram destinadas. Era como se os Estados e Municípios tivessem que mendigar e implorar o recebimento de uma coisa que lhes cabia por efeito direito, tantos eram

os entraves burocráticos surgidos na liberação desses mesmos recursos.

ABERTURA

A entrega automática desses recursos, de forma automática pelo Banco do Brasil, através de suas agências aos Estados e Municípios, representa, no plano administrativo, um decisivo passo do Presidente Figueiredo, em consolidação ao processo de abertura política deflagrado pelo então Presidente Geisel e que o atual Chefe da Nação tem sabido dar prosseguimento com medidas ainda mais arrojadas complementadoras desse mesmo avanço em busca da nossa plenitude democrática.

Aliás, - concluiu - se sob o ponto de vista administrativo a medida facilitou o acesso dos Estados e Municípios a esses recursos, com a simplificação e desburocratização na liberação dos mesmos, o Presidente Figueiredo melhor implementou seus propósitos de abertura política, ao assinar o decreto e fazê-lo reafirmando sua confiança na capacidade dos administradores estaduais e municipais, a todos convocando para ajudá-lo em fortalecer o municipalismo e, por extensão, o espírito federativo da nação brasileira".

Vereadores dão apoio ao funcionalismo municipal

Os vereadores Genésio Soares, do PDS, e João Fernandes, do PMDB, fizeram na última sexta-feira, na tribuna da Câmara Municipal, cerradas críticas contra a situação em que se encontra o funcionalismo municipal, percebendo vencimentos irrisórios que não atendem às suas necessidades.

Segundo o vereador João Fernandes, cerca de 60 por cento dos servidores municipais campinenses estão passando necessidades. No Município, o funcionalismo público não percebe nem ao menos o salário mínimo regional. "É necessário - disse - que façamos uso do nosso poder de pressão, para forçarmos o prefeito Enivaldo

de Ribeiro a conceder aumento ao funcionalismo de Campina Grande".

Enquanto isso, o vereador José Luiz Júnior, ex-Arena, apresentou requerimento à Mesa Diretora da "Casa de Félix Araújo", no sentido de que a Casa faça enérgico apelo ao prefeito Enivaldo Ribeiro, objetivando a remessa de uma mensagem ao Poder Legislativo, concedendo aumento ao funcionalismo do quadro estatutário. No mesmo expediente, o edil pede que a Câmara interceda junto ao sr. Prefeito, solicitando do mesmo, uma tomada de providências no que se refere ao pagamento da parcela atrasada dos funcionários regidos pela C. L. T.

Diretor da CEF recebe cidadania

O Diretor da Caixa Econômica Federal esteve ontem em Campina Grande, para inaugurar o Posto de Serviços da CEF na Cidade Universitária da UFPA, e para para receber o título de Cidadania Campinense, que lhe foi outorgado pela Câmara Municipal.

Com a presença de destacadas autoridades, o Posto foi inaugurado às 17 horas, e a partir de amanhã, passará a prestar serviços ao Campus Universitário, instalado no Bloco AB.

As 20 horas, a Câmara Municipal de Campina Grande realizou sessão solene, para conceder o título de Cidadão Campinense ao dr. Marcus Villaça, em atendimento a uma proposição do vereador Antônio Alves Pimentel, que fez a saudação ao homenageado.

A sessão foi presidida pelo vereador José Sobreira Targino, e contou com a presença da quase totalidade dos vereadores com assento à "Casa de Félix Araújo", e de outras autoridades do Município.

Após a solenidade, foi servido ao dr. Villaça e aos convidados, um distinto coquetel, seguido de um jantar no Restaurante "Chapéu de Couro".

Educandário faz mostra de ciências

Com a participação de alunos dos colégios Redentorista, e Centro de Estudos Pré-Universitários Campinenses, CEPUC, o Colégio "da Imaculada Conceição (Damas) realiza, desde ontem, a sua 4ª. Feira de Ciências, cujo término está previsto para logo mais à noite.

Nesta feira, que abrange as disciplinas: Ciências, Química, Física e Biologia, são mostrados 80 trabalhos dos alunos do Colégio das Damas; 3 trabalhos dos alunos do CEPUC, e mais 5 do Colégio Redentorista. Participam estudantes, desde a 5ª série do 1º grau.

A amostra está sendo coordenada pelo professor Carlos de Oliveira Galvão e pela Iramã Geovana Souto Maior; e pelos alunos Marcelo Costa Guimarães e Carlos Romero Rodrigues.

Aos primeiros colocados, a Comissão Organizadora entregará medalhas; os demais alunos participantes receberão certificados. A entrega será feita logo após o encerramento da Feira, às 21 horas, quando já serão conhecidos os alunos classificados.

Segundo a Irmã Etienne, do Colégio da Imaculada Conceição, a realização dessa amostra tem como objetivos principais, despertar no aluno o gosto e o interesse pela pesquisa científica, e o aprimoramento do estudo das ciências, notadamente, biologia, física e química.

CARDIOLOGIA

Diagnóstico precoce da doença das coronárias e medidas preventivas do infarto cardíaco - Controle da hipertensão arterial - Eletrocardiograma sob esforço (Ergometria) - Risco cirúrgico - Reabilitação pós-infarto e pós-cirurgia cardíaca - ECG à distância pelo telefone.

DR. GILVANDRO AZEVEDO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO NA REPUBLICA FEDERAL DA ALEMANHA EX-ASSISTENTE CIENTIFICO DO DEPT. DE CARDIOLOGIA - KLINIKUM CHARLOTTENBURG - UNIVERSIDADE DE BERLIM PROF. - ADJUNTO DE CARDIOLOGIA DA UFPA EX-RESIDENTE DO HOSPITAL DAS CLINICAS DA UFPA MEMBRO EFETIVO DA SOCI. BRAS. DE CARDIOLOGIA MEMBRO DA SOC. DE CARDIOLOGIA DE WEST-BERLIN.

Atendimento diariamente com hora marcada no "NST. DO CORAÇÃO - Max. Figueiredo, 215 Fone 221-0269

MOVELARIA VALONES

BOM GOSTO E MELHORES PREÇOS MÓVEIS E ELETRODOMÉSTICOS

salas, estufados, dormitórios, estantes MODERNAS E VERSÁTEIS armários copa-cozinha TUDO PELO MENOR PREÇO DA PRAÇA

MOVELARIA VALONES
A SUA MOVELARIA
rua 13 de maio 198 centro
FONE 221-3712

CENTRO OFTALMOLÓGICO PARAIBANO

Clínica e Cirurgia dos Olhos - Glaucoma - Estrabismo Lentes de Contato - Ortopia.

DR. JOSÉ EWERTON DE ALMEIDA HOLANDA
C.R.M. - 1539

- Curso de Especialização e Doutorado em Oftalmologia - 4 anos - no serviço do Professor Histon Rocha na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba.
- Membro do Conselho Latino-Americano de Estrabismo.
- Membro da Sociedade Brasileira de Lentes de Contato.
- Membro da Sociedade Francesa de Oftalmologia.
- Especialista em Oftalmologia por concurso pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia.

PLANTÃO NOTURNO
Consultório:
Rua Monsenhor Walfredo Leal, 715
Fones: 222-0090 - 222-1199
Consultas:
Hora Marcada.

EMEPA-Pb

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
EMPRESA ESTADUAL DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DA PARAÍBA S/A - EMEPA-PB

EDITAL DE ALIENAÇÃO

A EMPRESA ESTADUAL DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DA PARAÍBA S/A - EMEPA-PB, vinculada à Secretaria da Agricultura e Abastecimento, torna público que fará realizar leilão público de reprodutores bovinos da raça Schwyz e reprodutores caprinos da raça Anglo-Nubiana, na XXII Exposição de Animais e Produtos Industriais de Campina Grande-Pb, conforme programação abaixo:
Dia 16.10.80 - leilão de bovinos
Dia 17.10.80 - leilão de caprinos

Os interessados poderão obter informações detalhadas sobre o citado leilão, na sede da EMEPA-PB, localizada à Av. Epitácio Pessoa, 1883 - Fone 224.2188 - João Pessoa ou no Stand da Empresa, localizado no parque de exposição de animais em Campina Grande - Pb.

Newton Marinho Coelho
Presidente da Comissão de Alienação

VINICIUS LONDRES DA NÓBREGA

Missa de 30ª Dia

A família de VINICIUS LONDRES DA NÓBREGA convida parentes e amigos para assistirem a missa na IGREJA DO CARMO, às 17h30m do dia 6, segunda-feira.

Antecipadamente agradece.

Habitué seu filho a ler jornal

Obras do Governo estão de acordo com o cronograma

Todos os programas prioritários do Governo já estão dentro do cronograma de execução, segundo informou ontem o secretário de Planejamento e Coordenação Geral, Geraldo Medeiros, já estando alguns em adiantamento, a exemplo do Programa de Casas Populares, que contará até o final do ano com quase 20 mil casas em execução, correspondente a 40 por cento da meta. O secretário Geraldo Medeiros cedeu ainda informações sobre todos os outros projetos prioritários. Sobre o de Estradas Vicinais ele adiantou que estão em construção cerca de 200 km de estradas, já existindo recursos da ordem de Cr\$ 500 milhões garantidos. O restante dos recursos já foram aprovados em princípio pelo BNDE, restando apenas a apresentação dos projetos finais de engenharia, que estão em fase de conclusão na Secretaria dos Transportes e Obras Públicas. Quanto ao Programa de Abastecimento d'Água, já estão em elaboração os projetos para o abastecimento em João Pessoa e ainda diversas cidades de porte médio, o mesmo ocorrendo com o Programa de Recursos Hídricos, que já se encontra com recursos em torno de Cr\$ 300 milhões. Os demais recursos sendo pleiteados junto ao BNH. Garante o secretário do Planejamento que até o final do ano serão distribuídos 24 mil silos, através do Projeto de Silos Metálicos, que já conta com seus recursos assegurados, assim como também serão instalados, no mesmo prazo, postos telefônicos em 25 municípios, projeto que também já conta com seus recursos assegurados.

Pelo Projeto de Sementes e Insumos deverão ser distribuídos cerca de 3 milhões de sementes, já estando seus recursos assegurados. Quanto ao Projeto de Melhoria do Porto de Cabedelo, já foi instalado o sistema Roll-off, que permite a duplicação do movimento do Porto. Acrescentou o secretário que ainda este ano será iniciado o aprofundamento do canal.

A ampliação dos Distritos Industriais de João Pessoa e Campina Grande também já foi iniciada, projeto que conta com recursos alocados de Cr\$ 100 milhões. O restante dos recursos será proveniente do BNDE, que já concedeu prioridade e está analisando o projeto de engenharia.

Em relação ao Projeto de Galpões Multifabris, o sr. Geraldo Medeiros informou que já estão construídos ou em construção cerca de 15 galpões. Até o final do Governo pelo menos mais 50 unidades serão construídas. Disse ainda o secretário que esses investimentos na infraestrutura industrial, juntamente com o trabalho de atração de investimentos, permitirão atrair novos projetos que atualmente já estão em torno de Cr\$ 15 bilhões em valor. No último mês quatro novas empresas deram entrada na Sudene, entre carta-consulta e Projetos, de forma que até agora pelo menos mais 10 projetos já foram definidos. O Projeto da reforma do Aeroporto já encontra-se concluído e em negociação junto aos órgãos financiadores. A reforma conta de ampliação da pista de pouso para 2.300 metros. O Projeto de Desenvolvimento do Baixo Paraíba, compreendendo estradas vicinais, eletrificação rural, irrigação, etc, tem um valor de aproximadamente Cr\$ 2 bilhões. A sua carta-consulta já encontra-se em análise no BNDE. Já enquadrado na prioridade do BNDE, o Programa de Desenvolvimento da Zona Canavieira e Vale do Mamanguape aguarda, no momento, os projetos de viabilidade econômica e de engenharia. Já na área de Educação e Cultura, o projeto prioritário é a construção do Espaço Cultural e construção de 41 unidades escolares, já aprovados como prioridade do FAS. Os projetos de engenharia já estão prontos e deverão em breve ser apresentados à Caixa Econômica Federal.

Na área de saúde, a prioridade consiste na construção de mais quatro hospitais e 12 Centros de Saúde, tendo o FAS concedido prioridade aos dois projetos. Os projetos de engenharia já estão concluídos, devendo serem encaminhados, ainda este mês, à CEF. Na área de Segurança Pública, estão sendo encaminhados à CEF os projetos para a construção da Academia de Polícia Civil e reparação da Polícia Científica. Referentes à Secretaria de Interior e Justiça, estão sendo elaborados os projetos de construção de quatro penitenciárias regionais, cinco estabelecimentos penais para albergados e seis para menores, além do projeto de ampliação do Centro de Reeducação Feminina. Na área de Promoção Social, estão em fase de conclusão os projetos para construção de seis Centros Sociais Urbanos e 30 mini-centros, com prioridade concedida pelo FAS. Para o Projeto de Irrigação, está em elaboração o Plano Diretor do Interior do Estado, já tendo sido iniciados os projetos de irrigação a nível de prioridade em Catolé do Rocha, com financiamentos do Governo do Estado. Quanto ao Programa de Financiamento a Micro-empresas, foram finalizadas 101 micro-empresas até 30 de setembro, estando em estudo cerca de 400 propostas de financiamentos. O Governo do Estado alocou Cr\$ 80 milhões de recursos próprios nesse programa, além dos Cr\$ 22 milhões alocados pelo Cebrac.

Finalmente, o Projeto de Eletrificação Rural encontra-se em fase de negociação para empréstimos. Nesse projeto, serão eletrificadas cerca de 1.000 propriedades rurais, segundo assegura o secretário Geraldo Medeiros.

Em relação à prioridade que o setor primário vem recebendo, o titular de Planejamento informou que o setor vem recebendo, de forma direta e indireta, talvez a maior prioridade em matéria de recursos aplicados, levando-se em conta que os investimentos em estradas vicinais e eletrificação rural beneficiam esse setor, além dos investimentos em irrigação, sementes, silos e insumos básicos.

Cibrazem tem milho para pessoenses

Vinte mil das cem mil sacas de milho armazenadas em depósitos da Cibrazem estão destinadas aos consumidores de João Pessoa. Os interessados já podem comprar o produto através do "Pregão" da Bolsa de Mercadorias da Paraíba, nas segundas e terças-feiras em Campina Grande.

A informação foi prestada ontem pelo gerente regional da Companhia Brasileira de Armazenagem, Derocy Fernandes da Rocha. Ele ressaltou que, "levando em conta a grande seca que assolou o Estado, causando prejuízos à agricultura, o produto é importado dos Estados Unidos através da Comissão de Financiamento da Produção, que abastece todo o Nordeste".

Derocy Fernandes explicou que o estoque de cem mil sacas correspondente à primeira remessa de milho, e em breve o Estado receberá outras cem mil. Indagado sobre os estoques de feijão e arroz, ele disse que há falta desses produtos no momento, "mas esta parte está a cargo da Cobal".

PEIXES

Falando sobre o estoque de peixes, o gerente regional da Companhia Brasileira de Armazenagem disse que o espaço físico do frigorífico tem capacidade para vinte toneladas, "o que tem criado problemas, já que os peixeiros à procura de armazenamento justificaria um espaço maior".

O órgão mantém, por outro lado, uma fábrica de gelo cujo objetivo é atender aos peixeiros, que compram o quilo do produto por vinte cruzeiros no horário de expediente, e por quarenta em horários extras. Para pessoas estranhas, o preço é outro: cinquenta cruzeiros no horário normal, cem fora do expediente.

AVES

Segundo Derocy Fernandes, a Cibrazem não construiu galpões para armazenamento no Distrito Industrial de João Pessoa. Por este motivo, os produtores de aves têm encontrado dificuldades para guardar o milho na Capital.

EMPRÉSTIMO

Explicando o funcionamento do Empréstimo do Governo Federal, Derocy Fernandes disse que o produtor deposita seus produtos na Cibrazem e recebe uma quantia calculada sobre os preços mínimos. Se houver oscilação no mercado, o produtor pode readquirir sua mercadoria para vendê-la a preço de mercado. Finalizando, o gerente da Cibrazem disse que a limitação de crédito, em 45%, tem criado dificuldades para os produtores e comerciantes em geral, "mas o órgão aceita transação feita pelo Sistema Warrant, que garante 80% de empréstimo de acordo com o sistema de armazenagem gerais".

Socic pode fechar mais de 20 lojas no Nordeste

Algumas das 76 lojas pertencentes à Socic Comercial S/A poderão ter suas atividades encerradas a partir do momento em que não apresentem faturamento mensal à altura do previsto pelo Departamento de Planejamento do Grupo, informou ontem o gerente regional de João Pessoa, sr. Heráclito Fonseca de Moura, quando indagado sobre os rumores de que a empresa teria planos de fechar mais de 20 lojas espalhadas por todo o Nordeste.

Entre as lojas que "estariam para fechar" foram citadas as duas localizadas na Rua Duque de Caxias, em João Pessoa, que, de acordo com as notícias, "só estão vendendo os artigos das prateleiras para encerrar suas atividades". Entretanto, o gerente não confirmou o fechamento dessas lojas, ressaltando que "isto caberia à diretoria geral, em Recife".

O sr. Heráclito de Moura disse ainda que com as limitações de crédito e a inexistência de financeiras operando no mercado, não somente a Socic como a maioria das lojas comerciais estão em dificuldades financeiras. "Tendo em vista isso, - acrescentou - o Departamento de Planejamento do Grupo está estudando as viabilidades operativas de algumas lojas que, se não apresentarem faturamento satisfatório, poderão realmente fechar".

CEF inicia assistência para pequenas empresas

As agências paraibanas da Caixa Econômica Federal já iniciaram as operações do Programa de Assistência Creditícia à Micro Empresa - *Pamico-Financiamento* - destinado ao reforço do capital de giro das pequenas empresas e firmas individuais comerciais ou prestadoras de serviços com faturamento bruto anual ou receita total igual ou inferior a 4.000 MRV e pessoas jurídicas ou firmas industriais com receita inferior a 10.000 MRV.

Para obter o *Pamico-Financiamento* - que tem juros fixos e não é cobrada correção monetária - é bastante que o interessado se dirija à agência mais próxima da CEF e fazer seu cadastro, no qual são exigidos os seguintes documentos: registro da firma ou empresa na Junta Comercial (no caso de firma individual), contrato social e última alteração, CGC/MF, último balanço com demonstrativo de resultados, declaração do faturamento bruto anual ou da receita total, assinada pela empresa e pelo contador, CRS do *Iapas*, declaração de regularidade do PIS ou,

Em que pese a crise econômica por que passa o país, o faturamento das lojas da Socic em João Pessoa, Bayeux, Santa Rita, Itabaiana e Guarabira é bom, segundo o gerente regional da Capital. Disse ainda que cada loja fatura em média 700 mil cruzeiros mensais e que o faturamento global das lojas da Paraíba "atende às necessidades, pois está havendo um equilíbrio".

O gerente regional da Socic em João Pessoa desmentiu os rumores de que os diretores da empresa haviam se transferido para São Paulo, tendo em vista as dificuldades financeiras do grupo, ressaltando que a previsão de faturamento correspondente aos três meses do final do ano "é de 45 milhões de cruzeiros", para as 10 lojas do Estado". Salientou que a viagem de alguns diretores à capital paulista tem o objetivo de tratar dos assuntos de interesses da empresa.

Quando abordado sobre as dificuldades encontradas hoje em dia com a política de preços, o sr. Heráclito de Moura disse que "o maior problema é que o lojista é obrigado a efetuar um pedido junto às fábricas hoje e pagar com o preço do dia". E exemplificou: "Antigamente se fazia um pedido e quatro meses depois recebia a mercadoria pagando o antigo preço. Hoje, os preços são reajustados no momento da entrega".

caso não tenha ainda, comprovantes de contribuição do PIS dos 3 meses anteriores e cópia de RAIS:

O empréstimo é concedido logo após a aprovação do cadastro. Os financiamentos poderão chegar a 250 MRV e não poderão exceder a 10 por cento do faturamento bruto anual ou receita global da empresa. A garantia da operação é uma Nota Promissória emitida pelo proponente e avalizada pelos proprietários da empresa.

As empresas com faturamento bruto ou receita total inferior a 3.000 ORTNs serão dispensadas da apresentação do último balanço e do demonstrativo do resultado.

Segundo a CEF, o programa vem obtendo boa receptividade não só na agência central, de João Pessoa, como nas demais agências dos municípios onde a Caixa tem filiais - Campina Grande, Patos, Sousa, Piancó, Cajazeiras, Antenor Navarro, Uiraúna, Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Pombal, Cabedelo, Itabaiana, Itaporanga, Guarabira, Serra Branca, Mamanguape, e Bananeiras.

abertura

ESTÍMULO

Quando debatiam a intervenção no Município de Taperoá, o deputado Egidio Madruga, disse ao seu colega Alvaro Magliano: "Meu aparte é para estimular V.Exa para o recurso no Supremo Tribunal Federal. Mas digo a V.Exa que o destino no Supremo vai ser igual ao tomado aqui, pelo Tribunal de Justiça do Estado".

CELSE FURTADO

A entrevista do economista Celso Furtado deu muito o que falar pelo número das pessoas que assistiram pela TV. Furtado acha que o Brasil é um país viável, e embora acumulando problemas, tem condições de superar suas crises, dado a alternativa que tem a seu alcance.

HOMEM JUSTO

Para o professor Lourival Villa Nova, o provérbio mais acertado é o que diz: Se quiseres medir um homem, dá-lhe fortuna ou o poder. Se ele permanecer o mesmo é um justo". E completou o professor: "Tarcísio Burty tem o poder de governar mas continua um homem justo".

REVOLUÇÃO

A secretária de Educação e Cultura, Giselda Navarro, e o cientista social Lauro Xavier, abrirão amanhã o curso sobre a Revolução de 1930, em solenidade que se realizará às 20 horas, na sede do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. O curso terá a duração de 40 horas e será promovido pelo Governo do Estado, através da SEC e IHGP.

IMPRENSA

"Imprensa de Cada Um", reunião de artigos e depoimentos editados por A UNIÃO, como registro do Dia da Imprensa, recebe de Geraldo Sobral (Rio) alguns comentários, entre os quais sua estranheza à proposta de fechamento de A União, por Ronald Queirós. Para ele a proposta "não dá nem para pensar, quanto mais praticar".

DENÚNCIA

Ao formular apelo ao secretário Geraldo Navarro, da Segurança Pública, para que estenda aos bairros de João Pessoa a política de reformulação policial que atingiu as delegacias da Capital, o deputado Lourival Caetano terminou por denunciar que o "comissário de Mandacarú, segundo afirmações de moradores daquele bairro, espanca presos no interior do Posto Policial".

JANGADA CLUBE

Estão marcadas para dezembro próximo, as eleições do Jangada Clube de João Pessoa. O médico radiologista Gilson Régis Toscano de Brito, e o advogado e economista Hilário Vieira Filho, são candidatos a Presidente e Vice, respectivamente. Uma equipe especializada está preparando a plataforma eleitoral, que será divulgada quando do lançamento oficial da chapa.

VESTIBULAR

Apesar de faltar pouco mais de um mês para o início das provas do Concurso Vestibular-81, até a presente data a Comissão Permanente do Concurso, ainda não concluiu o levantamento do número de candidatos por curso. Alega que a falha vem ocorrendo devido a atual ineficiência do setor de Processamento de Dados da UFPB.

FILOSOFIA DO DIREITO

As teses apresentadas no I Encontro Brasileiro de Filosofia do Direito, encerrado na última sexta-feira, em número de 42, estão servindo para que os estudantes de Direito analisem a importância da disciplina de Filosofia do Direito. Apesar da grande procura ainda existem alguns exemplares no Livro Sete ao preço de Cr\$ 50,00 a unidade

INTERVENTOR

O interventor de Taperoá, José de Assis Queiroz foi investido no cargo na última sexta-feira em solenidade que contou com a presença de inúmeras autoridades estaduais. A festa de posse ocorreu em Taperoá e desenrolou-se durante os dois expedientes. Na oportunidade o Interventor ressaltou que dentro de dois meses pretende sanear as finanças do município delapidadas pela ação do ex-prefeito José Vilar.

AGORA O BEP SE CHAMA PARAIBAN.



O BEP, Banco do Estado da Paraíba, nos últimos anos cresceu que não foi graça.

Aumentou em quase 8 vezes o seu capital social. E cresceu mais.

Conseguiu novas cartas patentes para abrir novas filiais. E cresceu mais.

Abriu uma corretora, uma carteira de câmbio,

uma crédito imobiliário, e cresceu ainda mais.

Diversificou os seus serviços, ampliou os seus créditos rurais e cresceu, cresceu tanto que teve até que mudar de nome.

É por isso que agora o BEP se chama Paraiban.

Afinal, a Paraíba tem pressa. Muita pressa de crescer.

PARAIBAN
BANCO DO ESTADO DA PARAÍBA S.A.

UM NOVO NOME PARA UM VELHO AMIGO.

GOVERNO
BURITY
A Pressão tem pressa

INTERIOR

NOTÍCIAS MILITARES

Maviael de Oliveira

AGRADECIMENTO

Com data de 15 de agosto último, recebeu o General Roberto França Domingues, Comandante do 1º Grupamento de Engenharia, do General Samuel Augusto Alves Corrêa, ex-Cmt do 1º Gpt E, e atual Embaixador do Brasil, no Iraque, a seguinte missiva de agradecimento:

"Muito agradeço a remessa do Histórico e Acervo de Realizações do nosso Grupamento desde sua criação, desejando que seus atuais integrantes sempre se orgulhem dele pelo muito de benefício que continuam a fazer pelo Nordeste e pela gente Nordestina."

É a palavra do amigo do Nordeste que mesmo tão longe, não esquece a gente pela qual tem estima de irmão e sempre trabalhou pela melhoria do seu bem-estar.

Vale ainda acrescentar, que a plaqueta em tela, foi trabalho metódico de pesquisa do Coronel Gilberto Carneiro Tavares, Ajudante-Geral do QG do 1º Gpt E, e vem merecendo como se vê, a melhor acolhida.

FERNANDA e VALTER

Recebemos:

Fernando Patrício da Silva-Cícera Almeida Patrício e José Veloso Camelo-Maria de Lourdes S. Camelo, convidam V. Sa. e Exma Família para a cerimônia de casamento de seus filhos FERNANDA e VALTER, a realizar-se no dia 18 de outubro de 1980, às 20:00 horas na Igreja de Santa Júlia, onde os noivos receberão os cumprimentos."

"A maior caridade que praticamos, em relação à Doutrina Espírita, é a sua própria divulgação."(EMMANUEL)

MORALIZAÇÃO

Começou esta semana na Paraíba - embora um pouco tarde - a efetiva campanha contra as publicações eróticas, e por isso milhares de revistas pornográficas foram retiradas de circulação, por atentatórias a moral e a família e por serem veículos sub-reptícios da subversão psicológica, dentro da estratégia definida por grupos de esquerda reunidos em Cuba, há anos, na Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS).

Naquela ocasião o consenso geral dos extremistas "era de que não é preciso soltar foguetes ou bombas para dominar os países ocidentais. Bastaria aproveitar algumas oportunidades que os próprios ocidentais oferecem. E definiram três táticas:

- 1 - Desseminar os tóxicos nas escolas;
- 2 - desmoralizar as autoridades constituídas, aproveitando suas próprias fraquezas morais;
- 3 - destruir a família, através do erotismo e da pornografia, que levam a deformação moral."

Este plano, de acordo com recente e autorizado pronunciamento ao jornal "O Globo", de 21.09.80, do Curador de Menores do Rio de Janeiro, Dr. Carlos de Mello Porto, "está em execução no Brasil e em todo o Ocidente".

Será preciso dizer mais alguma coisa?

ASAS DO BRASIL

As moças paraibanas estão se preparando ativamente para a sensacional competição pedestre "II CORRIDA FEMINA ASAS DO BRASIL" que será realizada no sábado 18 do corrente, em homenagem a SEMANA DO AVIADOR.

A prova vai começar às 16:00 horas, partindo da ponte sobre a BR-230, na Beira-Rio até o Parque Solon de Lucena, cumprindo o percurso de 5.000 metros pelas avenidas José Américo de Almeida Duarte da Silveira e Getúlio Vargas.

Um troféu para a campeã e medalhas para as classificadas até o 15º lugar, são os prêmios oferecidos pelo II Comando Aéreo Regional, e entregues logo após concluída a prova, em ambiente de festa, abrihantado por banda de música.

Areia e Pilar

Representantes dos Colégios das cidades de Areia e Pilar, vão participar da competição feminina, dando, assim, a prova, um colorido todo especial. Salve o Aviador do Brasil!

Aero vai colaborar

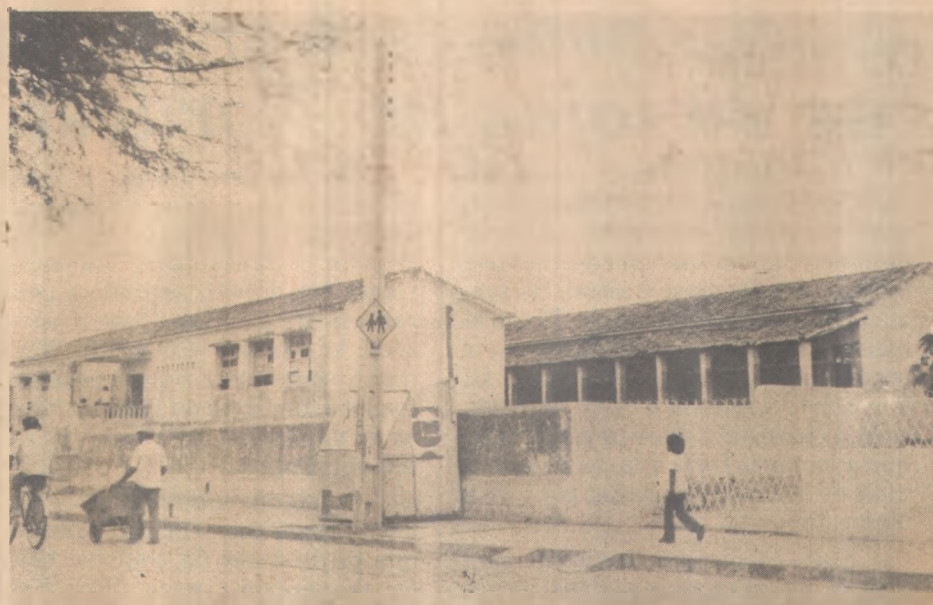
Colaboração das melhores será dada este ano a realização da II CORRIDA FEMINA ASAS DO BRASIL: a do Aéreo Clube da Paraíba, através de sua dinâmica diretoria, o mesmo esperando-se das Agências da VASIG, VASP e TRANSBRASIL, aqui sediadas.

AÇÃO COMUNITÁRIA

De parabéns está o 15º Batalhão de Infantaria Motorizado pelo apoio decisivo dado a "Feira da Providência", como vem fazendo há muitos anos, dentro do espírito da Ação Cívica social, em prol dos anciãos do "Lar da Providência".

CAPITÃO PONTES

Oriundo do 50º BIS, - Imperatriz/MA - foi classificado no 15º BI Mtz, o Capitão Rafael Domingues de Miranda PONTES, ficando a frente do Setor de Relações Públicas do "Vidal de Negreiros". As boas vindas da Coluna.



Grupo Escolar Batista Leite

Grupo Batista Leite sem condições de funcionar

Sousa (A União) - Em situação das mais precárias, o grupo Escolar Batista Leite, desta cidade, encontra-se com as portas quebradas, número reduzido de carteiras escolares, além da falta d'água, que é o problema de maior gravidade, segundo declarações de funcionários da Escola.

O Batista Leite conta com quatrocentos e trinta alunos nos turnos da manhã e tarde, e a direção vem encontrando sérias dificuldades pela falta de carteiras, pois muitas estão quebradas e outras estão roubadas, tendo em vista que o estabelecimento de Ensino não conta com nenhum vigia.

Face à precariedade de estrutura do prédio, é muito difícil chegar água às tor-

neiras, ficando a diretoria na obrigação de apanhar o precioso líquido nas casas vizinhas para preparar o café dos professores. Não tem água sequer para os trabalhos de higiene do prédio.

Como não há portas e nem vigias, muitos dias as zeladoras encontram pessoas desconhecidas dormindo nas salas de aula, sendo necessário procurar os vizinhos para acordá-las e solicitar a retirada.

Diante dessa problemática, a comunidade sousense dirige apelo à Secretaria de Educação e Cultura do Estado, no sentido de mandar restaurar o velho grupo Escola Batista Leite, que já não oferece mais condições para o ensino.

Médicos paralisam suas atividades em Monteiro

Monteiro (A União) - Os funcionários da Federação da Agricultura do Estado da Paraíba (FAEPA) que prestam serviços no Ambulatório médico-odontológico de Ouro Velho, estão sem receber os seus vencimentos desde o mês de junho do corrente ano, além da diferença salarial de janeiro a maio, estando portanto com 4 meses de ordenado atrasado.

A Federação da Agricultura mantém convênio com o INAMPS para atendimento médico-odontológico aos habitantes de Ouro Velho. Os profissionais contratados vinham recebendo os seus salários com um certo atraso até o mês de maio, no entanto a partir do mês de junho deixaram de receber por completo, sem que tivessem recebido qualquer justificativa. Mesmo prejudicados, os funcionários continuam

trabalhando normalmente, tendo por várias vezes tentado manter contato com a diretoria da FAEPA recebendo sempre promessas de que a situação iria ser normalizada. Agora, não mais suportando a situação e cansados de não terem tido qualquer consideração por parte da empregadora, os funcionários prejudicados divulgaram no último dia 30 um comunicado à população de Ouro Velho, com o seguinte teor: "A médica e o dentista que prestam serviços à população de Ouro Velho comunicam que, em virtude de a Federação da Agricultura do Estado da Paraíba, de quem são contratados estar com o pagamento dos seus vencimentos atrasado há 4 meses, desde o mês de junho, foram forçados a suspender o atendimento, somente voltando às atividades quando a situação for normalizada".

PROCÁRDIO INSTITUTO DE CARDIOLOGIA



Ecocardiografie



Eletrocardiografia Dinâmica (Holter)



Cicloergometria

EPITÁCIO PESSOA, 1410 JOÃO PESSOA PARAÍBA

FONE: 224-3500

O Procárdio - Instituto de Cardiologia se constitui na clínica de Cardiologia não invasiva (sem necessidade de cateterismo) mais completa da cidade.

Sob a orientação dos médicos ÍTALO KUMAMOTO e RICARDO MAIA está anunciando aos cardiologistas, clínicos e público em geral que já se encontra em funcionamento o serviço de Ecocardiografia (diagnóstico de praticamente todas as moléstias cardíacas pelo ultrassom), Eletrocardiografia dinâmica (eletro em que o paciente registra o eletro em suas atividades habituais), Cicloergometria (teste de esforço). O Pronto Socorro funciona 24 horas por dia e a Unidade de Terapia Intensiva se encontra em funcionamento. **Convênios:** Patronal, Banco do Brasil, Fassinca, Unimed, Cabesp, Funcef, Cooperativa dos Rodoviários, Correios e Telégrafos, Portobrás.

DASP/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA DEPARTAMENTO DE PESSOAL EDITAL DP/Nº 15/80

O Diretor do Departamento de Pessoal da Universidade Federal da Paraíba, de acordo com o subitem 5.1 estabelecido nos Editais DP nºs 01, 05 e 07/80, comunica aos candidatos dos concursos realizados na Cidade Universitária, no dia 14 de setembro próximo passado, que as vistas de provas serão realizadas no 1º andar da Reitoria, no mesmo local das inscrições, no horário das 08:30 às 11:30 e das 14:00 às 17:30 horas, obedecendo a tabela seguinte: **DIA 06 (Segunda-feira): ASSISTENTE SOCIAL TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO. DIA 07 (terça-feira): ENFERMEIRO. DIA 08 (quarta-feira): FARMACEUTICO, BIOQUÍMICO, ENGENHEIRO ELETRÔNICO.**

Após o dia da vista de provas, o candidato terá 48 (quarenta e oito) horas para entrar com recurso.

ROMERO BORBOREMA DE SOUSA

BANCO DO ESTADO DA PARAÍBA S/A

C. G. C. - 09.093.353

COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO

AVISO DE EDITAL

O BANCO DO ESTADO DA PARAÍBA S/A., através da Comissão Permanente de Licitação, torna público, que fará realizar TOMADA DE PREÇOS para alienação de uma Camionete C-10 de sua propriedade, marca CHEVROLET, modelo 1404, ano: 1977.

Os interessados poderão obter o Edital de Licitação e informações complementares à Rua Barão do Triunfo, 271 - 1º andar - Varadouro.

A abertura das propostas dar-se-á às 15:00 do dia 20.10.80, no endereço acima mencionado.

João Pessoa, 01 de Outubro de 1980
EXPEDITO BARRETO DE ARAUJO
Presidente da Comissão

Diretório do PDS realiza eleições

SOUSA (A União) - Hoje será realizada a eleição para o Diretório Municipal do PDS, que em Sousa será disputado pelos grupos liderados pelo industrial Luiz Oliveira e a família Abrantes. O primeiro, do qual fazem parte também o deputado Gilberto Sarmento e o secretário do Interior e Justiça, Ananias Gadelha, deverá vencer as eleições do Diretório, pois filiou 522 eleitores, enquanto a facção do advogado Johnson Abrantes e ex-deputado Romeu Abrantes filiou apenas 289, ou seja, 233 a menos.

Dessa maneira, o presidente do PDS em Sousa será o industrial Luiz Oliveira, mas mesmo assim a escolha da chapa que dirigirá o Diretório Municipal serviu para movimentar a política local com os srs. Gilberto Sarmento, Nias Gadelha, Johnson e Romeu Abrantes lutando em benefício dos integrantes do seu grupo.

Para enfrentar o sr. Luiz Oliveira na presidência do Partido do Governo, será apresentado o sr. Johnson Abrantes, cuja facção demonstrou o desejo de conseguir conquistar votos dos filiados por Sarmento.

Na semana que antecedeu esta eleição, o ex-deputado Romeu Abrantes chegou a ocupar os microfones da Rádio Progresso de Sousa para acusar o deputado Gilberto Sarmento e o seu grupo, tendo no dia seguinte recebido a resposta.

Hoje, o parlamentar já se encontra em Sousa junto aos seus eleitores e o secretário Nias Gadelha deverá chegar hoje para acompanhar a votação.

A eleição do Diretório será iniciada pela manhã, terminando às 17 horas, quando então se saberá, oficialmente, quem será o novo presidente do PDS em Sousa.

Depois da eleição, na segunda-feira, o deputado Gilberto Sarmento ao retornar a João Pessoa deverá manter contatos com o Prefeito de Santa Cruz, que acaba de ser beneficiado com o abastecimento d'água no distrito de Casinha do Homem, que foi uma reivindicação desses dois líderes daquele Município, junto ao governador Tarcísio Burity.



Industrial Luiz Oliveira.

ROSINA GAZZI

Missã de 7º dia

Victória de Oliveira Lima, filhas e netos convidam parentes e amigos para assistirem à missa de 7º dia da morte da sua mãe ROSINA GAZZI, segunda-feira, dia 6, às 16:30, na Igreja do Miramar.

Antecipadamente agradecem aos que comparecerem a este ato de fé e piedade cristã.

Inaugurado outro posto da Telpa

Cruz do Espírito Santo (A União) - Já em pleno funcionamento nesta cidade, o posto de serviço da Telpa, um antigo sonho da comunidade, que está agradecida ao governador Tarcísio Burity pela Inauguração da grande obra.

Por outro lado, o vereador Cosme Victor da Silva, do PDS, lembra ao governador Tarcísio Burity que a comunidade agora está a espera do asfalto da estrada ligando as cidades de Santa Rita e Sapé, passando por Cruz do Espírito Santo, outro grande sonho do povo dessa cidade.

Estagiários homenageam as crianças

Arara (A União) - No dia 11 próximo, a cidade de Arara, no interior do Estado, viverá uma experiência inédita. Em comemoração ao Dia da Criança, estagiários da Fundação Mudes-UFPA, que desenvolvem no município o programa do Centro Rural de Treinamento e Assistência Comunitária (Crutac), promoverão uma "Rua de Recreio", sob a orientação da prof. Noamita Dantas Palitot.

Os estagiários compõem a turma de Recreação do Curso de Educação Física da Universidade e elaboraram, para a "Rua de Recreio", diversas competições esportivas, em várias modalidades, além de atividades recreativas. A programação para o Dia da Criança em Arara está atraindo toda a comunidade e conta com apoio das autoridades locais.

Jornalistas e críticos farão curso

Sousa (A União) - "Cinema - arte, técnica e comunicação" é o Curso que o Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba oferecerá de 24 a 26 desse mês, no Campus VI em Sousa. Para tanto, desde já foram convidados jornalistas, críticos cinematográficos e um cineasta como Manoel Clemente, Antônio Barreto Neto e Alex Santos.

Na realização do evento serão abordados os Aspectos Históricos do Cinema ressaltando as primeiras técnicas e precursores, técnicas contemporâneas, principais propostas cinematográficas, cinema brasileiro e cinema como veículo de expressão social. As pessoas que desejarem participar podem fazer pedidos de inscrições no citado Departamento que objetiva com esse Curso propor uma análise e crítica do cinema como técnica, como instrumento de comunicação, como arte e divulgador das realidades sociais.

José Filho encaminha os pleitos

Caaporá (A União) - O prefeito José Pereira Filho esteve na última segunda-feira na capital do Estado, encaminhando agenda de pleitos administrativos, de interesse da comunidade. Durante sua estadia, o prefeito José Pereira manteve contatos junto ao engenheiro agrônomo Wilson Dias, tratando de assuntos referentes aos novos projetos elaborados para a municipalidade.

Informou o sr. José Pereira que será implantado 8 mil metros de calçamento na principal artéria da cidade, obra que vem sendo executada em ritmo acelerado. Disse ainda que a inauguração do novo prédio da Prefeitura Municipal está marcada para a segunda quinzena desse mês, pois os trabalhos vêm se realizando dentro do cronograma traçado por ele, junto ao engenheiro encarregado da obra.

Lei salarial mudará, mas a política será a mesma

Brasília - "A política salarial não vai mudar, mas a lei salarial será alterada", garantiu ontem o coordenador do departamento trabalhista do PDS, deputado Carlos Chiarelli (RS), que sexta-feira teve um encontro com o chefe da assessoria econômica do Ministério do Planejamento, Akihiro Ikeda. No encontro de três horas e meia, o Sr. Chiarelli entregou proposta de sugestão de alteração da lei salarial. Na terça-feira, o Sr. Ikeda volta a se reunir com o deputado do PDS.

Basicamente, a sugestão é de limitar o reajuste semestral até 20 salários-mínimos, reajuste quadrimestral, para quem ganha até 3 salários-mínimos, regionalização do índice nacional de preços ao consumidor (INPC) e uma comissão formada por empregados e empregadores para homologar aquele índice.

De qualquer forma, assegurou o deputado do PDS, "a política salarial não muda, ou seja, os reajustes continuarão semestrais, mesmo que sejam limitados até determinada faixa, os que ganham menos continuarão com melhor tratamento (reajustes acima da inflação) e continuará o direito a negociação por aumento real de salário. A política salarial não mudará. A lei é que será alterada".

Na última quarta-feira, o Sr. Chiarelli foi recebido pelo ministro do Planejamento, Delfim Netto, com quem conversou cerca de uma hora. Na ocasião ficou acertado que o deputado do PDS teria um encontro ontem com o Sr. Ikeda, o que ocorreu, para detalhar a proposta do PDS, "já apro-

vada pelo presidente do partido, senador José Sarney (MA), e também já entregue há alguns dias ao ministro Murilo Macedo", relatou o coordenador trabalhista do PDS.

A sugestão de limitar o reajuste até 20 salários-mínimos, explicou o Sr. Chiarelli, "daria o direito a todos os assalariados de ter reajuste semestral, inclusive os que estão acima desta faixa. Eles teriam acrescidos a seus salários o reajuste de quem ganha até 20 mínimos. A parcela que ganha acima de 20 mínimos teria o excedente reajustado anualmente (exemplo: quem ganha acima de 20 mínimos teria acrescido a seu salário o reajuste de quem ganha 20, ficando o excedente para ser reajustado a cada ano).

No caso dos que ganham até 3 mínimos, segundo a proposta, os reajustes seriam quadrimestrais, o que "seria, apenas, transformar em lei o que várias empresas já fazem", destacou o coordenador trabalhista do PDS.

Quanto a regionalização do índice, ele adiantou que o problema aparentemente, está no caso das empresas de porte nacional, ou seja, com filiais em vários estados. "Para estas, sugerimos que seja mantido o INPC, para evitar desníveis salariais e conflitos", esclareceu.

A proposta, informou, será debatida segunda-feira, entre o Sr. Ikeda e o chefe da assessoria econômica do Ministério do Trabalho, Flávio Gori, e "no dia seguinte voltarei a conversar com o chefe da assessoria econômica do Planejamento, que está examinando a questão".

D. Hélder é entrevistado no Panamá

Panamá - O arcebispo brasileiro Hélder Câmara disse que não conhece um só governo "que não tenha violado os direitos humanos". O prelado brasileiro, que está nesta capital para participar de um congresso de educadores católicos, disse que prega uma "não violência ativa" se manifestou que não está de acordo com a posição dos sacerdotes e religiosos que seguiram o caminho da violência na América Central.

"Mas respeito sua atitude", esclareceu o arcebispo de Olinda e Recife, em uma entrevista informal à imprensa panamenha pouco depois de chegar a esta capital. D. Hélder Câmara repetiu que "não sou comunista e já disse isso muitas vezes em meu país".

O arcebispo chegou aqui com um dia de atraso, o que o levou a cancelar um encontro com o reitor da universidade do Panamá, segundo explicou um porta-voz eclesialístico. "Não é possível o entendimento entre cristãos e marxistas, porque há muitos marxistas que são mais marxistas que Marx e muitos cristãos mais cristãos que Cristo", disse D. Hélder.

Figueiredo será recebido como hóspede de honra em Santiago



Figueiredo ficará 3 dias no Chile

Santiago do Chile, - O presidente do Brasil, João Batista Figueiredo, será declarado hóspede de honra de Santiago durante a visita que realizará ao Chile, entre os dias 8 e 11 deste mês.

O prefeito de Santiago concederá a qualificação de hóspede de honra ao governante brasileiro logo depois de sua chegada, às 15 horas da próxima quarta-feira. Figueiredo será condecorado na mesma noite com o colar da ordem do mérito do Chile, durante uma recepção que lhe será oferecida pelo chefe de estado chileno.

Durante sua estada de três dias no país, o presidente do Brasil também condecorará seu colega chileno Augusto Pinochet, manterá com este uma reunião de trabalho, concederá uma entrevista à imprensa, visitará juntamente com Pinochet a Escola de Cavalaria de Quillota e ambos firmarão uma declaração conjunta.

A primeira dama Brasileira desenvolverá também intensa atividade junto à Sra. Lúcia Hiriart de Pinochet.

CONVÊNIOS

A respeito dos convênios que serão assinados pelos dois chefes de estado, especula-se nos meios de comunicação que poderia ficar estabelecida a cooperação no campo nuclear e em matéria de combustíveis.

Um porta-voz da chancelaria reconheceu que a cooperação nuclear poderia estar prevista nas conversações.

E.P. - TRIBUNAL DE JUSTIÇA

RESOLUÇÃO Nº 07/80 FIXA O REGULAMENTO PARA O CONCURSO DE JUIZ DE DIREITO DO ESTADO DA PARAÍBA. DAS INSCRIÇÕES

Art. 1º - O pedido de inscrição será dirigido ao Presidente do Tribunal e instruído com os documentos abaixo, na seguinte seqüência:

- a - prova de nacionalidade brasileira;
- b - prova de estar quite com o serviço eleitoral;
- c - prova de estar quite com o serviço militar, se for do sexo masculino;
- d - diploma de Bacharel ou doutor em direito, expedido no Brasil, por escola oficial ou reconhecida;
- e - prova de contar, até o dia de encerramento da inscrição, idade entre vinte e cinco (25) e quarenta (40) anos;
- f - prova de não registrar antecedentes criminais, feita mediante certidão passada pelos cartórios competentes, da jurisdição em que residiu depois de completar dezotoito (18) anos;
- g - prova de não ter títulos protestados e de não ter sido executado por dívidas nos últimos cinco (5) anos, nas comarcas em que tiver residência;
- h - prova de haver exercido durante dois (2) anos, no mínimo, a profissão de advogado (não contado o período de estágio) ou cargos do Ministério Público ou Serventia da Justiça;
- i - declaração de que se compromete a fixar residência nas comarcas em que vier a ser titular, mesmo que seja casado e seu cônjuge, por exercer função pública ou particular, tenha residência obrigatória em outra parte;
- j - indicação de sua residência ou de seu procurador, nesta Capital, para eventuais contatos com a Comissão;
- l - sendo mulher, e casada, declarar a atividade do marido;
- m - declarar o número do C.P.F.;
- n - três (3) fotografias, tamanho 3X4;
- o - "curriculum-vitae".

Parágrafo Único - A exigência da letra "h" não se aplica àqueles que não são inscritos na Ordem dos Advogados por incompatibilidade legal (art. 84 da Lei nº 4.215/63), porém contam mais de dois (2) anos de colação de grau.

Art. 2º - Ao Presidente do Tribunal é facultado indeferir, liminarmente, o pedido de inscrição, quando o candidato não satisfizer os pré-requisitos exigidos, ou exibir documentação incompleta, cabendo da decisão, agravo regimental para o Tribunal Pleno dentro de cinco (5) dias, a contar de sua publicação.

Art. 3º - Encerrado o prazo de inscrição, o Presidente fará publicar no Diário da Justiça e no jornal A UNIÃO, os nomes dos requerentes, a fim de que possam as autoridades judiciárias e administrativas, ou quaisquer interessados, comunicar eventuais fatos desabonadores da conduta dos mesmos, ou que os inhabilitem para o exercício da função judiciária. A Comissão do Concurso, no prazo de trinta (30) dias, fará investigações relativas aos aspectos moral e social dos candidatos, inclusive solicitando, de quem possa prestá-las, informações sigilosas.

DA COMISSÃO DO CONCURSO

Art. 4º - A Comissão do Concurso é integrada pelos membros da Comissão Permanente (R.I., art. 317-b) e pelo Presidente do Conselho Secional da Ordem dos Advogados (L.O.M.N., art. 78), sendo presidida pelo Presidente do Tribunal (R.I., art. 36-XXX-b) e podendo ser acrescida por sorteio de outros desembargadores, caso se verifique a hipótese prevista no art. 317, § 3º, do Regimento Interno.

Art. 5º - Não pode fazer parte da Comissão, nem intervir nos julgamentos de recursos emergentes do Concurso, desembargador que tiver, entre os candidatos, parentes consanguíneos ou afins até o terceiro (3º) grau.

Parágrafo Único - Verificando-se impedimento, se do Presidente, será ele substituído na forma do Regimento Interno; se de membro da Comissão, haverá sorteio entre os desembargadores desimpedidos; e se do representante do Conselho Secional da Ordem dos Advogados, sua substituição se fará na forma do respectivo Regimento.

Art. 6º - Os trabalhos da Secretaria da Comissão serão desempenhados pelo Secretário do Tribunal, que contará com a cooperação de funcionários designados pelo Presidente.

DAS PROVAS E SEU JULGAMENTO

Art. 7º - O concurso versará sobre títulos e provas. As provas serão escritas, orais e de aptidão vocacional.

Parágrafo Único - Não será aprovada a inscrição do requerente que obtiver média inferior a cinco (5) na prova de aptidão vocacional, nem irá à prova oral o candidato que não obtiver na prova escrita, média igual ou superior a quatro (4).

Art. 8º - A prova de aptidão vocacional, para efeito de admissão ao concurso, compreende as informações recebidas, e uma entrevista a que a Comissão submeterá o candidato, antes da aprovação do pedido de inscrição.

Parágrafo Único - Da decisão que não admitir a inscrição do candidato, por insuficiência da nota de aptidão vocacional caberá agravo regimental, na forma prevista no art. 33.

Art. 9º - Julgados os recursos que houver, será publicada a relação dos admitidos à inscrição aos quais será dado aviso do início das provas escritas, através do Diário da Justiça, com antecedência mínima de quinze (15) dias.

Art. 10º - Serão admitidos os seguintes títulos de capacidade profissional e intelectual: 1 - Diploma de Doutor em Direito (nota 2); 2 - Diploma de Mestre em Direito (nota 2); 3 - Curso Oficial de Preparação para a Magistratura (nota 1,5); 4 - Escola Oficial de Aperfeiçoamento de Magistrado (nota 1,5); 5 - Especialização em Direito, com duração mínima de 360 (trezentos e sessenta) horas-aula (nota 0,5); 6 - Curso de Aperfeiçoamento em Direito, com duração mínima de 180 (cento e oitenta) horas-aula (nota 0,5); 7 - Professor Universitário na área de Direito, em escola oficial ou reconhecida (nota 0,5); 8 - Livros ou trabalhos individuais publicados em Revista especializada em Direito (nota 0,5); 9 - Exercício em atividades judiciárias, em caráter oficial, com duração mínima de três (3) anos (nota 0,5); Outros títulos admitidos a critério da Comissão (nota 0,5).

Art. 11 - As provas escritas, que serão fiscalizadas pelos membros da Comissão e, se necessário, coadjuvados por desembargadores desimpedidos, terão caráter prático, e consistirão na solução, em forma de sentença, de uma questão sobre matéria de Direito Civil e ou Processo Civil e outra de Direito Penal e ou Processo Penal, que a Comissão formulará, em forma de relatório, com todos os pormenores necessários ao julgamento.

Parágrafo Único - As questões formuladas para ambas as provas, depois de aprovadas pela Comissão, serão mimeografadas com antecedência máxima de duas (2) horas, sob fiscalização permanente de um ou mais de seus membros, em absoluto sigilo.

Art. 12 - O prazo para a conclusão de cada prova escrita, é de cinco (5) horas improporáveis, permitindo-se consulta à legislação, doutrina e jurisprudência.

Art. 13 - Durante as provas, sob pena de desclassificação, não poderão os candidatos comunicar-se entre si ou com pessoas que não pertençam à fiscalização.

Art. 14 - As provas, feitas em papel rubricado pelos membros da Comissão, terão a assinatura do candidato, em papel destacável, de modo a não permitir sua identificação durante a correção.

§ 1º - Esgotado o prazo e recolhido as provas, o Secretário, em presença de um dos membros da Comissão, as desidentificará, depois de numerá-las e dar o mesmo número às tiras destacáveis de cada uma, tiras estas que serão encerradas em envelope lacrado e rubricado pelos membros da Comissão.

§ 2º - Serão invalidadas as provas que contiverem sinais ou qualquer outra forma de identificação dos candidatos.

Art. 15 - A prova oral versará sobre uma das seguintes disciplinas: Processo Civil, Direito Civil, Pro-

cesso Penal, Direito Penal, Direito Constitucional, Direito Comercial e Organização Judiciária do Estado da Paraíba.

§ 1º - Os programas das provas escritas e orais, organizados pela Comissão, serão oportunamente publicados no Diário da Justiça.

§ 2º - Para a realização da prova será sorteada uma dessas disciplinas, dando-se aviso aos candidatos com antecedência mínima de quarenta e oito (48) horas.

§ 3º - Havendo muitos candidatos, serão divididos em turmas, podendo-se sortear um ponto para cada uma.

Art. 16 - As provas serão julgadas pela Comissão, emitindo cada um de seus membros, separadamente, o próprio julgamento, em notas graduadas de zero (0) a dez (10).

§ 1º - Cada examinador atribuirá sua nota sem que os outros dela tenham conhecimento.

§ 2º - São irrecorríveis as decisões sobre notas.

Art. 17 - Concluída a correção das provas escritas, os examinadores reunir-se-ão para apresentar as notas respectivas, segundo sua numeração. Conhecida a média aritmética das notas de cada prova, o Secretário fará a sua identificação, abrindo o envelope referido no § 1º do art. 14 e colando a parte destacável na respectiva prova.

Art. 18 - Na prova de aptidão vocacional, bem como na prova oral, cada examinador lançará sua nota separadamente, em uma folha com a relação dos candidatos, folha esta que será apresentada em reunião posterior à conclusão da prova, para apuração da respectiva média aritmética.

Parágrafo Único - Igual procedimento observará-se quanto às notas dos títulos, que serão apurados simultaneamente com as notas da prova de aptidão vocacional.

Art. 19 - Nas atas das reuniões da Comissão, para verificação das notas, serão mencionadas as que foram obtidas por cada candidato, arquivando-se os papéis, devidamente autenticados, em que os examinadores tiverem lançado o seu julgamento.

Art. 20 - A cada uma das provas escritas será atribuído o peso três (3) e aos títulos e à prova oral, respectivamente, peso dois (2).

§ 1º - A nota final será igual ao quociente da divisão por dez (10), da soma das notas médias dos títulos e das provas escritas e oral, multiplicados pelos respectivos pesos.

§ 2º - A nota da prova de aptidão vocacional, não será computada no resultado final.

§ 3º - Não será admitido o arredondamento de nota.

Art. 21 - Tendo em vista a nota final, a Comissão organizará a lista de classificação dos aprovados.

Parágrafo Único - Não será classificado o candidato cuja nota final for inferior a cinco (5).

Art. 22 - Em caso de empate para efeito de classificação, prevalecerá, pela ordem, o seguinte: 1º - o candidato que melhor nota obteve na prova de aptidão vocacional, nos títulos ou nas provas escritas; 2º - aquele que tiver obtido melhores notas, sucessivamente, nas provas de Direito Processual Civil e Direito Processual Penal; 3º - o que colou grau em primeiro lugar; 4º - o mais idoso.

Art. 23 - Organizada a relação dos candidatos aprovados, o Presidente do Tribunal, em relatório sumário, submeterá o resultado à homologação do Tribunal Pleno, em sessão secreta.

Art. 24 - Da decisão do Tribunal Pleno que homologar o Concurso, cabe agravo regimental no prazo de cinco (5) dias, a contar da publicação.

Parágrafo Único - A petição será distribuída a um relator, excluídos os membros da Comissão, que, entretanto, participarão do julgamento.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 25 - A indicação à nomeação dos que foram aprovados, será feita nos termos do art. 96, da Constituição do Estado, art. 123, do Código de Organização Judiciária e art. 78, § 3º, da Lei Orgânica da Magistratura Nacional.

Art. 26 - O Concurso será válido pelo prazo de dois (2) anos, a contar da data da publicação do ato que o homologou.

Art. 27 - A homologação do Concurso fica condicionada ao exame de sanidade física e mental dos candidatos aprovados, exame que será feito logo após a apuração das notas, e cujo resultado poderá determinar desclassificação.

Art. 28 - Mesmo classificado o candidato sua indicação à nomeação dependerá sempre do interesse do Poder Judiciário, este apreciado pelo Tribunal Pleno, por maioria absoluta de votos, em sessão secreta e à vista de fatos supervenientes à classificação.

Art. 29 - Os trabalhos do Concurso serão consignados em ata e arquivados na Secretaria do Tribunal.

Art. 30 - Os programas das disciplinas do Concurso, após publicados, ficarão à disposição dos candidatos na Secretaria do Tribunal.

Art. 31 - Os vencimentos de Juiz de Direito de Primeira Entrância, são de Cr\$ 54.000,00 (CINQUENTA E QUATRO MIL CRUZEIROS) mensais.

Art. 32 - As intimações serão feitas mediante aviso publicado no Diário da Justiça, pelo prazo de cinco (5) dias.

Art. 33 - Das decisões da Comissão, excluídas as do art. 16, § 2º, cabe Agravo Regimental, no prazo de cinco (5) dias, para o Tribunal Pleno, com o procedimento previsto no art. 24.

Art. 34 - Os casos omissos e as dúvidas serão resolvidos pela Comissão, que decidirá por maioria de votos.

Parágrafo Único - Em caso de empate, prevalecerá a decisão mais favorável ao candidato.

Art. 35 - A presente Resolução será publicada três (3) vezes no Diário da Justiça, e duas (2) no jornal A UNIÃO.

SALA DAS SESSÕES, em 25 de setembro de 1980.

- ARTHUR VIRGÍNIO DE MOURA / PRESIDENTE
- FRANCISCO FLORIANO DA NÓBREGA ESPÍNOLA
- AURÉLIO DE ALBUQUERQUE
- LUIZ SÍLVIO RAMALHO
- MANOEL TAIGY DE QUEIROZ MELLO FILHO
- SIMEÃO FERNANDES CARDOSO CANANEIA
- ANTÍSIO MAIA NETO
- ARQUIMEDES SCOTO MAIOR FILHO
- LUIZ PEREIRA DINIZ
- MÁRIO DA CUNHA MORENO
- RIVANDO BEZERRA CAVALCANTI
- JOÃO PEREIRA GOMES

DRF recebe trabalhos de concurso

Até o próximo dia 17 todos os colégios que receberam o material didático referente ao Concurso Contribuinte do Futuro, de redação sobre o Imposto de Renda; terão que entregar as suas respectivas composições vencedoras ao órgão da Receita Federal de sua jurisdição.

Quem informou foi a supervisora do programa para Paraíba, Yêda Faraco. Ela adiantou ainda que cada colégio deve enviar apenas a composição que for vencedora da eliminatória promovida internamente pelo estabelecimento.

Dos alunos da 8ª série deverão ser enviadas as composições, enquanto dos alunos das 4ª e 6ª séries devem ser enviados os respectivos questionários, devidamente respondidos, que vão como anexo, ao manual distribuído.

Estes trabalhos serão remetidos à Delegacia da Receita Federal acompanhados do ofício circular 017, em anexo. Aos vencedores do concurso de composições serão distribuídos prêmios variando desde um conjunto de canetas, rádios, toca-fitas, gravadores e viagens, até poupanças. Isto em níveis de julgamento local, estadual regional, e nacional.

Modificado o cálculo para o ICM

Expediente publicado no Diário Oficial de ontem, o diretor de Administração Tributária da Secretaria das Finanças do Estado, agente fiscal Benedito Alves Fernandes baixou a Portaria 29/DAT, fixando novas bases de cálculo de incidência do ICM sobre bovinos, caprinos e ovinos.

Detalhes fornecidos pela Superintendência do 1º Núcleo de Fiscalização e Diretoria da Recebedoria local, a resolução estabelece essas determinações:

Para o gado bovino, o valor é fixado em Cr\$ 11 mil e a base de cálculo em Cr\$ 4.070,00; enquanto para o caprino e ovinos, esses tetos, estipulados uniformemente, são de Cr\$ 900,00 e 333,00.

Fixado em Cr\$ 1.600,00 ficou o valor de paula a cobrança do ICM incidente sobre o suíno, por unidade, admitindo-se um crédito presumido de ICM equivalente a 60%, do valor correspondente ao imposto devido.

Conselho julga falsário

O Conselho de Recursos Fiscais, antigo Conselho de Contribuintes do Estado da Paraíba, órgão ligado à Secretaria de Finanças, julgou em sua reunião de ontem um processo referente a falta de emissão de nota fiscal por venda de mercadorias, por Antônio Braz Filho.

Segundo dados do Conselho, a empresa perdeu a questão e está obrigada a pagar multa num valor de aproximadamente 20 mil cruzeiros. Outro processo (este foi para acórdão) foi da Usina Santana S/A. A firma também perdeu a causa e deverá pagar multa ao Estado, no entanto, o valor não foi liberado pelo Conselho.

Na reunião de ontem, ainda foi distribuído o processo da Cia Usina São João e foi feito acórdão de Joaquim Victor da Silva. Para a sessão da próxima quinta-feira, irá a julgamento o processo da Usina São João e haverá o acórdão de Antonio Braz Filho.



O povo compareceu em massa à posse do interventor de Taperoá, José de A. Queirós

Reapresentação de ópera satírica está confirmada

"A Criada quer ser Patroa", ópera satírica do italiano G.B. Pergolezzi, voltará a ser reapresentada em João Pessoa, nos próximos dias 10, 11 e 12, no teatro Santa Roza, menos de dois anos depois de sua primeira estréia na cidade, quando reuniu grande número de espectadores na Igreja de São Francisco, em novembro do ano passado.

O espetáculo é promovido pelo Governo do Estado, através da Secretaria do Departamento Geral de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, e é dirigido por Edward Hackler, e com elenco composto por Fernando Teixeira - "Pantomima, personagem mudo", João Caria - baixo -, e Carmela Matozo, soprano que interpreta Tereza, a criada.

Na sua primeira estréia, o espetáculo reuniu grande número de espectadores. A ópera conta a história de uma empregada doméstica que, desejosa de casar com seu patrão, idealiza uma trama em que o bobo "Raimundo" - Fernando Teixeira - é

utilizado para provocar ciúmes a Machado, o patrão.

Fazendo-se do capitão Chorisco, Raimundo procura intimidar Machado, se apresentando como candidato a esposar Teresa, o que deixa o patrão envolvido num impasse: ou concede o dote da criada, ou casa com ela - com quem já simpatizava, discretamente. Desenra-se, então, a cena que, em três atos proporciona um satírico humor, ironizando o "marxismo" conservador de Machado, a meiguice e astúcia de Tereza e a amizade de Raimundo, o surdo-mudo que atrai toda a atenção do espetáculo, com um aspecto bobo, mas consciente de seu papel.

A direção musical da ópera "A Criada quer se Patroa", de Pergolezzi, está a cargo do maestro Carlos Veiga, e mereceu, em 1978, os mais elogiosos comentários da crítica local e nacional, motivo que levou a Secretaria de Educação a decidir por sua apresentação, também, em alguns colégios da rede estadual de 2º Grau.

Mobral terá publicação com a mensagem do Papa

A Coordenação Estadual do Mobral, com sede em João Pessoa, receberá dentro das próximas semanas a publicação *Mensagem do Papa*, publicada pela Central do órgão no Rio de Janeiro.

A publicação, segundo dados do Mobral/Pb, foi lançada desde o último dia 26, pelo presidente da entidade, Arlindo Lopes Correa e pelo monge do Mosteiro de São Bento e Decano do Centro de Teologia e Filosofia da Universidade Santa Úrsula, Dom Estêvão Bettencourt.

A iniciativa tem por objetivo lembrar e tornar acessíveis a todo o público as mensagens mais importantes dos pronunciamentos feitos pelo Papa João Paulo II no Brasil, quando da sua última visita ao País.

A publicação consta de trechos de seis discursos feitos pelo Papa, selecionados por Dom Estêvão Bettencourt, a convite do Mobral, que editou e distribuirá o volume com todas as suas Coordenações Estaduais e Territoriais, Comissões Municipais,

Postos Comunitários e salas de alfabetização. A primeira edição consta de 30 mil exemplares.

A *Mensagem do Papa* tem 40 páginas e nela estão contidos trechos dos pronunciamentos feitos pelo Papa, no dia 1º de julho, no Rio de Janeiro; aos jovens no mesmo dia, em Belo Horizonte; aos construtores da sociedade pluralista, no dia 6 de julho, em Salvador; aos operários, no dia 3 de julho, em São Paulo; aos compositores, no dia 7, em Recife; aos favelados, no dia 2, no Rio; aos doentes, no dia 8, em Belém; e a palavra final, no dia 11 de julho em Manaus.

A publicação contém ainda a mensagem vencedora do Concurso *Mensagem do Papa*, promovido pelo Mobral, entre alunos e ex-alunos do seu Programa de Alfabetização Funcional. A mensagem é um poema intitulado "Homenagem ao Santo Padre o Papa (Mensagem de Cristo Jesus)", da ex-aluna do Mobral, Alice Cardoso, do município de Tubarão, em Santa Catarina.

Introdução à Pesquisa é lançado pela Livro Sete

O professor Manoel Barbosa Filho lançou ante-ontem às 18h., na Livro Sete, Visconde de Pelotas, o seu livro *Introdução à Pesquisa*, em segunda edição pela Livros Técnicos Científicos Editora, empresa sediada no Rio, responsável pela publicação de obras de cientistas consagrados do país e do exterior. No lançamento, en-

tre autoridades, editores, docentes e personalidades especialmente convidadas, estará o supervisor regional da LTC para o Nordeste, Paulo Meireles.

Introdução à Pesquisa (Métodos, Técnicas e Instrumentos) representa um dos maiores êxitos de vendagem na área acadêmica, registrando um recorde de adoção em universidades brasileiras, especialmente no Sul do país. Segundo Meireles, um dos maiores entusiastas da obra de Manoel Barbosa, o livro constitui uma das melhores alternativas para a literatura editada até então, marcadamente de autoria estrangeira e, por essa razão, quase sempre inaplicável à realidade do ensino de graduação e pós-graduação brasileiro.

Enquanto a Livros Técnicos Científicos Editora programa uma terceira edição (a tiragem de 1.500 exemplares está praticamente esgotada), a Moraes pretende lançar a obra do professor paraibano em sua versão espanhola, para atender ao interesse já demonstrado por instituições universitárias latino-americanas. Esses são alguns dos argumentos que levaram dirigentes universitários de Pernambuco a convidar Manoel Barbosa Filho para lançar seu trabalho em Recife. No próximo dia 22, ele fará uma palestra na Universidade Católica pernambucana, dentro de uma programação especial preparada pela LTC e a Unicap.



Um êxito de vendas no Sul

Interventor de Taperoá é recebido com entusiasmo

"Eu voltei, voltei e desta vez com mais coragem, e com mais vontade de trabalhar para minha terra. Voltei Taperoense, e com ajuda de Deus voltei para ficar, por que eu sei que ao lado dos meus conterrâneos nunca estarei só, no momento difícil que atravessa nossa cidade, tenho a certeza que com a fé que tenho em Deus, poderemos fazer o engrandecimento desta terra". Estas foram as palavras pronunciadas pelo sr. José de Assis Queirós, ao assumir o cargo de interventor na cidade de Taperoá, na última sexta-feira, em solenidade realizada do pátio da Prefeitura daquela cidade.

A solenidade contou com a presença do deputado Egidio Madruga, representando o governador Tarcísio Burity, sr. José Madruga, diretor Administrativo da Cidagro sr. Manoel Dantas Villar, representando a classe produtora naquela região, dr. Francisco Perzio, coordenador do Polonordeste, e os vereadores José de Assis Pimenta, presidente da Câmara dos Vereadores, Francisco Pereira de Lacerda, Laurita Villar e Osvaldo Villar, do prefeito de Livramento José Villar.

Representando o governador Tarcísio Burity, o deputado Egidio Madruga, disse que a posse de José Assis Queirós era cerimônia de muita importância, qual seja aquela de sanear as finanças públicas do município de Taperoá. Para tanto, depois do descalabro administrativo verificado pelo Tribunal de Contas, tivemos a oportunidade de uma Intervenção administrativa, e quando a convocação do governador do Estado, recaiu na pessoa do sr. José de Assis Queirós, e o que nos resta é trazer a ele a nossa solidariedade e o nosso apoio, o nosso trabalho, a nossa capacidade, afim de que nesse período de seis meses, na qual o governador confiou a ele, essa missão muito difícil de restaurar a dignidade administrativa do município de Taperoá, e resta aos seus amigos ajudá-lo nesta tarefa. É para isso que aqui estou, não para vinditas, mas para aproveitar a oportunidade, no objetivo de uma somação de esforços, que sejam um conjunto, e nós os responsáveis pelo destino político e administrativo do município juntamente com o seu povo, que deve, ajudar a esse que vem para sanear esse descalabro administrativo, para que tenha-

mos a recolocação do município neste ponto de partida.

DESTINO

Ainda usou da palavra o sr. Manoel Dantas Filho Vilar representado as classes produtoras daquela região, dizendo que a cidade de Taperoá ganhou muito com a intervenção, mais precisamente com o sr. José de Assis Queirós nos destinos da prefeitura, porque ele é um homem correto, inteligente trabalhador, e fará tudo para o bem-estar daquela cidade.

O interventor de Taperoá, nasceu naquela cidade e tem 41 anos. cursou o primário em Taperoá, depois concluiu o ginásio e o científico no Colégio Americano Batista em Recife. Formou-se em seguida em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1970. Exerceu as funções de Assessor Técnico na Secretaria de Interior e Justiça e Assessor Legislativo. Em 71, foi nomeado Auditor do Tribunal de Contas, cargo que exerce até o momento.

Segundo o plano de trabalho do interventor de Taperoá é inicialmente mudar o tesoureiro da Prefeitura, organizar o setor financeiro e dar condições de trabalho a máquina administrativa. Na área da Saúde, José de Assis Queirós, irá construir o Hospital contratar médicos e dentistas. No setor de Educação, será reativado o funcionamento das escolas primárias que 50 por cento delas estão paralisadas. Aumento de salário para professores que atualmente percebem a irrisória quantia de 230 cruzeiros por mês, e botar em dia os seus salários. E finalmente criar um Departamento de Educação, para dar mais condições aos funcionários. No setor da Agricultura, ele irá fazer várias reivindicações ao Governo de Estado, para incentivar mais o setor agrícola daquela região. E finalmente, segundo o interventor, os funcionários da prefeitura irão permanecer, desde que se afinem com o ritmo de trabalho da Administração.

DADOS TÉCNICOS DA CIDADE TAPEROÁ

Taperoá conta com 15 mil habitantes, fica localizada no Cariri, limite com o sertão, e suas fontes econômicas são: Algodão Milho e Feijão e Pecuária.

Raimundo Sodré abrirá o Projeto "Som do Verão"

Raimundo Sodré, terceiro lugar no festival MPB-80 com *A Massa*, vem a João Pessoa para abrir o Projeto Som do Verão, com um espetáculo no próximo dia 16 no ginásio de esportes do Clube Astréa. O projeto, que está sendo lançado pela Jaguaribe Produções, tem como características principais uma política de ingressos a preços menores que os cobrados até agora, em shows aqui realizados, e a manutenção de uma programação de espetáculos musicais até o final de fevereiro.

Com o lançamento do Som do Verão, o compositor Carlos Aranha voltou a coordenar as atividades da Jaguaribe. Ontem, Raimundo Sodré e os produtores Daniel Rodrigues, da Solares Produções, e Aldo Rosas, da Monte Líbano Promoções, estiveram em João Pessoa mantendo entendimentos com Aranha sobre a abertura do projeto.

Dentro do Som do Verão também estão previstas apresentações populares de Jorge Alfredo & Chico Evangelista (a dupla de *Rasta-Pe*), Luiz Melodia, Jards Makalé e Belchior, shows com autores e instrumentistas locais, e as realizações de *Coletiva 80 - O Som da Paraíba* e do VI Festival Paraibano da Música Popular Brasileira.

HORÁRIO

Outra característica do Projeto Som do Verão será - como no caso do show *A Massa*, com Raimundo Sodré e sua banda - um horário mais conveniente ao público que mora em bairros mais distantes e aos estudantes que geralmente têm de acordar cedo. Assim, o show de Sodré no Astréa, dia 16, já

está marcado para começar às 20h30m, tendo assim seu término às 22 horas.

Para o crítico Joaquim Ferreira dos Santos, da revista "Veja", a música de Raimundo Sodré "tem uma vitalidade interessante. As letras fazem uma mistura de temas sociais e folclóricos (*A Massa*), ou da nostalgia do interior com o espanto diante da grande cidade (*Falavreado no Coité da Shirlena*)".



Sodré, o autor de *A Massa*

Conjunto dos Bancários exige mais transportes

Falta de transporte, de escolas, creches, telefone, iluminação e posto de saúde é a real situação em que se encontra o Conjunto Habitacional dos Bancários, apesar de se tratar de um dos maiores núcleos populacionais de João Pessoa.

Os problemas daquele Conjunto começa com a falta de transportes coletivos, tendo em vista que a atual empresa concessionária da linha, não oferece as mínimas condições, em virtude de também explorar as linhas do Castelo Branco, Cidade Universitária, João Machado, José Américo e Ernesto Geisel sem possuir ônibus suficientes para atender a demanda de passageiros. Nas horas de grande fluxo de passageiros a empresa R. B. Transportes coloca apenas dois ônibus que também atende ao Conjunto Castelo Branco e Cidade Universitária.

A Associação dos Moradores da Comunidade Bancária e Universitária,

ja enviou solicitações ao prefeito Damásio Franca solicitando que encontrasse uma maneira para acabar com o monopólio no setor de transportes naquela localidade, tendo em vista que existem outras empresas também querendo explorar aquele setor, o que ofereceria melhores condições aos habitantes, mas motivos alheios aos interesses da comunidade vem evitando que a concessão seja oferecida.

A AMCBU, que vem se reunindo todos os sábados em um galpão ali existente, também já teve a oportunidade de distribuir um informativo com a comunidade solicitando que participem das reuniões. A Associação encaminhou ao Pró-Reitor de Assuntos Comunitários da UFPA propondo um convênio no sentido de atuação conjunta quanto a serviços de creches, atividades artísticas, culturais e esportivas e cooperativa de consumo.

As M'ancadas de 1-MOR estão ótimas

Pág. 3

Letras aponta os livros mais vendidos do mês

Pag. 7

Professor vê a ecologia prejudicada

Pág. 8

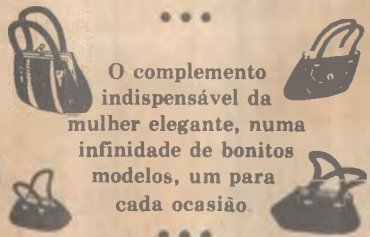
Economize usando álcool em seu carro

Pág. 4

Campeonato paraibano fica melhor

Pág. 5

Karine Bolsas



O complemento indispensável da mulher elegante, numa infinidade de bonitos modelos, um para cada ocasião.

Praca 1817, Nº 35-B
Fone: 083(221-8746)
JOÃO PESSOA - PB

FAÇA SEU VARILUX E ULTRAVUE COM QUEM ENTENDE

ótica MIAMI

Rua Duque de Caxias, 285-A
Fones: 221-2269 e 221-8729

MOVELARIA PERNAMBUCANA

Uma Loja Com Personalidade

MATRIZ: Praça Pedro Américo, 71 - Fones: 221-4575 e 1031

FILIAIS:

Loja II - Rua Cardoso Vieira, 123 - Fone 221-4458
Loja III - Rua Duque de Caxias, 298 - Fone 221-5205
Loja IV - Rua Duque de Caxias, 275 - Fones 221-4770 e 4068
Loja V - Av. Espírito Pessoa, 3001 - Fones 224-6381 e 5224

DEPÓSITO

Loja VI - R. João Luiz Ribeiro de Moraes, 266 Fone 221-6840
Loja VII - Parque Solon de Lucena, 263 - Fone 221-2961

farmácia PADRE ZÉ



UMA ORGANIZAÇÃO
JOSÉLIO PAULO NETO
AGORA TAMBÉM EM TAMBAÚ

Rua Carlos Alverga, 23 - Fone: 226-1132

Investida

• Depois do Iate Clube, e, atualmente, Cabo Branco, estou sendo informado que um conhecido grupo vai tentar "penetrar" também nas eleições de dezembro no Jangada. Certamente já antevendo novo insucesso no pleito do Cabo Branco.

• O que os "cabeças pensantes" desse grupo não estão sabendo e que os associados do Jangada, a exemplo dos iatistas e dos cabobranquenses, não mais lhes dão crédito, e, com certeza, marcharão firmes com Marcus Crispim e Célio di Pace.

• É só esperar para ver.

Homenagem à mulher

• Uma festa em que a mulher paraibana seria a grande homenageada da noite, está nas pretensões de Gilvane Sabino, "public-relations" da buate O Elite. Diz ele tratar-se de uma promoção muito especial e que sua confirmação ou não será dada a conhecer proximamente

• Entusiasmo é o que não falta em Gil para levar avante a idéia. Ele, até, já escolheu o seu título: "Lady's & Lady's", uma festa bem feminina, bem ao gosto da mulher pessoense, particularmente. A previsão é para dezembro.



MARCOS SOUTO MAIOR

Jubileu de Prata

• Ana Maria de Benévolo é uma das "mulheres chamadas" selecionadas pelo figurinista Geraldo Melo e que serão apresentadas (ao todo são 25), durante a sua festa de Jubileu de Prata, dia 22 de novembro, na buate do Cabo Branco.

• No rol dos escolhidos para "Personalidade em Destaque" está o bacharel Marcos Souto Maior (foto), Superintendente da Sudepar e candidato bem situado à direção de finanças do Cabo Branco, no pleito de 9 de novembro.

• A festa de Geraldo Melo irá reunir o melhor da sociedade de João Pessoa.

DEBUTANTES DE 80

• Assis Camelo (foto) e Antônio Carvalho estão cuidando com todo zelo e dedicação da Festa das Debutantes-80, onde vinte jovens da nossa melhor sociedade serão apresentadas oficialmente em grande noite, dia 18 vindouro. A Orquestra Super O'Hara tocará para as danças. A festa será no ginásio coberto.

• O álbum comemorativo do baile já está em fase de composição, contando com fotos de todas as "jeune-filles", além de referências ao pensamento de cada uma. Todos os detalhes estão sendo discutidos, deles participando pais e

mamães das debutantes. As sras. Mercês Camelo e Gloria Tavares participam.

• No que pese a evolução dos tempos, inclusive no campo específico das atividades em sociedade, a Festa das Debutantes é um acontecimento que ainda sobreexiste à informalidade que os jovens impõem aos nossos costumes. Assim, registro com muito orgulho a participação de 20 jovens que se farão presente ao tradicional "baile branco" do mais famoso clube social do Estado, e que terá também a presença de nomes importantes da sociedade paraibana.

UM NOME DISPARA

• A olhos vistos, o nome do conceituado médico Océlio Cartaxo começa a disparar na disputa pela preferência do eleitorado do Esporte Clube Cabo Branco. Ele próprio sente esta salutar mudança, não se surpreende e justifica tudo como "fruto de um trabalho sério, de base, que venho executando junto aos associados do alvi-rubro".

• Para Océlio Cartaxo, que vai concorrer à Diretoria Social do Cabo Branco, esta tendência eleitoral que começa a se formar em torno do seu nome representa os anseios da grande família alvi-rubra que quer (e merece) participar do uma programação mais dinâmica. "E isto - se ganhar o páreo - ela terá", garantiu Océlio.

Sociedade

ONALDO CORREIA



DENISE BANDEIRA, NUMA FOTO DE MÁRIO JÁCOME PARA O COLUNÃO

FESTA NO IATE CL

• O sucesso (antecipado) da promoção "Jantar Com Música", sexta-feira vindoura, na sede social do Iate Clube da Paraíba pode ser atribuído à participação de 60 senhoras da sociedade escolhidas por D. Lígia Carneiro Braga para "patronesses". A festa terá duas atrações: Madrigal Paraíba e Altamar Dutra.

• Além dos "shows" artísticos, do jantar que será servido, dos coquetéis preparados por um harman da Barcardi, dos sorteios que serão realizados - tudo incluído no preço do ingresso convite - a promoção iatista irá oferecer também danças com conjunto de música ao vivo. Pelas presenças já asseguradas, será uma festa do mais alto gabarito.

EDIÇÕES PARAIBANAS

• Diversos expoentes da cultura brasileira que vieram na última semana à Paraíba participar do I Encontro Brasileiro do Filosofia do Direito, entre eles Paulo Mercadante, Vamireh Chacon, Celso Laffer, Antônio Paim e Alcântara Nogueira, fizeram uma confissão ao escritor José Octávio.

• Eles se mostraram vivamente impressionados com a quantidade e qualidade de movimento editorial paraibano. Todos entendem que a Paraíba é hoje um dos Estados do País onde se edita mais e melhor, tanto por parte do Governo quanto da Universidade.



ROSÂNGELA GUEDES RABELLO, VISTA POR MÁRIO JÁCOME

Rapidez

— LUA Almeida, esposa do empresário Adroaldo Gomes da Silva, encontra-se no Rio de Janeiro ajudando a filha Ana Cândida na compra do enxoval para o seu casamento, em janeiro de 81. • HERBERT Maia viajou e trouxe novos modelos de bolsas para a sua Karine, loja especializada na Praça 1817, nº 35-B. • JAGUARIBE Produções está anunciando a "Coletiva 80 - O Som da Paraíba", de 13 a 15 deste, no Teatro Santa Roza. • WALESKA cantará no dia 10 no restaurante "A Peixada do João". No mesmo dia, no Astréa, estará se exibindo o cantor Fagner. Mas em horário diferente. • QUATRO creches infantis estão atendendo, em Santa Rita, certa de 480 menores, diariamente. O prefeito Marcus Odilon firma-se cada vez mais. • PETRÔNIO Serafim intensifica seu trabalho junto ao eleitorado do Cabo Branco. Benquisto por todos, certamente terá seu esforço recompensado. • LIGADO a uma família do tradicional possedismo, o eng. Ricardo Lombardi acha que pode superar seu opositor João Alberto da Cunha.

Cátia e seu novo elepê

• Do Rio de Janeiro, o paraibano Onaldo Mendes, que está à frente da bem organizada "Onaldo Mendes Produções", confirma para o dia 16 o lançamento do segundo elepê da paraibana Cátia de França.

• Será no "Noites Carioca" no alto do Pão de Açúcar.

Um ano no Jangada

• Erlanda e Jairo Monteiro, recebem hoje, às 5 da tarde, pessoas que privam mais de perto de sua amizade e oferecem recepção, nos salões do Jangada Clube.

• Eles festejam o primeiro ano de Haroldo. No programa, "show" do palhaço Piollim.

Volta de pediatra

• Margarida e Antônio Cristovão de Araújo, ele conceituado pediatra, voltam esta semana a João Pessoa depois de congresso em Barcelona e "tour" por países da Europa.

• A propósito, amanhã é dia do aniversário dele que, certamente, comemora ainda em viagem.



LÍGIA CARNEIRO BRAGA

Cidadania Pessoaense

• O médico Moisés Lemos vai se tornar Cidadão Pessoaense quarta-feira desta semana, quando a Câmara Municipal vai promover sessão para a entrega do título.

• A reunião será às 16 horas, seguida de um coquetel para os convidados.

Abertura de verão

• Luiz Augusto Crispim (candidato já vitorioso à diretoria de Relações Públicas do Cabo Branco), além de ser presidente da PB/Tur é também membro do Conselho Deliberativo do Iate Clube. E embora tenha sido eleito pela oposição, tem se revelado simpaticamente da administração Carneiro Braga.

• É justamente partindo deste ponto que Crispim - um gentleman nato - vem se interessando pelo programa que irá marcar, dia 12 vindouro, a festiva abertura de verão no Iate.

• Junto com os diretores do clube, Crispim vem cuidando de toda programação, que a sua PB/Tur rotulou de acontecimento turístico há alguns anos.

A UNIÃO HÁ 50 ANOS

A União

ORGAM OFFICIAL DO ESTADO

—NOTA: O jornal A União publica-se todos os dias a 5 horas da manhã e o Banco do Brasil a 5 horas.

No Rio abrimos estereótipo a 5 horas da manhã e a 5 horas da tarde.

Está de plantão. Hoje, a pharma-
cia Brasil, rua Maciel Pinheiro, 157.

DIRECTOR INTERINO:
DR. OSIAS GOMES

GERENTE:

VARDOKEO NACRE

ANNO XXXIX

JOAO PESSOA — Domingo, 5 de outubro de 1930

NUMERO 230

Triumphante a revolução na Parahyba

Pormenores do grande movimento -- Uma carta do coronel Juarez Tavora ao dr. José Americo de Almeida -- O novo chefe do Govêrno Revolucionario -- A solennidade da posse -- A nomeação do dr. Irenêo Joffily para secretario da Segurança Publica

O entusiasmo do povo — Outras notas

Na madrugada de ante-hontem rebentou em diversos pontos do paiz o movimento revolucionario que se constituiu uma fatalidade consequente do estado a que chegara a Nação Brasileira, sacudida em seus justos anseios por libertar-se de uma politica nefasta e de todo ponto abusiva pela prepotencia do sr. Washington Luis.

O movimento assumiu para logo impressionante aspecto, dando-lhe proporções de definitiva victoria. E nem podia ser de outro modo, dada a patriótica finalidade que encerra e o valor das figuras que nelle se empenhavam possuidas do maior idealismo e do mais candente entusiasmo para a redempção de uma patria que se afogava na compressão, no desrespeito aos direitos alheios, no esbulho das eleições, no attentado á autonomia dos Estados, culminando no barbaro assassinio do grande presidente João Pessôa.

Nesse ambiente faccioso criado pelos caprichos de um chefe de govêrno que se tornou, elle proprio, o chefe ostensivo de uma candidatura repellida pelo povo, só poderia medrar essa revolta legitima, insopitavel, que está a dominar o paiz inteiro, honrando e enaltecendo o civismo e a bravura da nossa gente.

O espirito revolucionario, a que se ligara. Minas e Rio Grande do Sul, num pacto de combate aos desmandos do poder central, não deixaria de arrastar a Parahyba, naquella hora governada por uma mentalidade tradicionalmente democratica.

Nem a Parahyba, nem o presidente João Pessôa, poderiam emudecer, ficando indifferentes aos principios programmaticos da Alliança Liberal.

Mas, se esses postulados não fôram respeitados, estremando-se o sr. presidente da Republica em rasgar a Constituição, mentindo aos seus compromissos, de respeitar o comesinho direito do voto, só a revolução seria capaz de reintegrar o Brasil nos principios republicanos.

Comprehendeu bem isso o brilhante espirito de Juarez Tavora, mocidade voltada para os interesses superiores da patria, numa cruzada radiosa de constante pregação civica e acção constructora.

Foi a sua voz de commando que moveu centurias e centurias de patriotas, illuminados pelo desejo de renovação do regimen, na madrugada radiosa de 4 de outubro.

E a estas horas, o seu exemplo de bravura, como o maior milagre de coragem civica, foi o animador precipuo dos movimentos de nobre rebeldia, que o soldado brasileiro com o povo brasileiro, estão em Per-

nambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauhy e outros Estados, salvando a honra e a dignidade do paiz.

Victoriosa a revolução na Parahyba, triumpharam, mais uma vez, os ensinamentos do mallogrado presidente João Pessôa, cuja personalidade neste momento de reivindicações evocamos com a maior saudade e a maior veneração.



Dr. José Americo de Almeida, chefe do govêrno revolucionario da Parahyba

COMO SE DEU O LEVANTE

A' uma hora da madrugada de hontem a nossa população despertava com detonações repetidas e demoradas em direcção ao bairro Cruz de Armas, onde se acha localizado o quartel do 22.º Batalhão de Caçadores.

Logo depois verificou-se ter irrompido, alli, um movimento revolucionario, que pelas suas notaveis proporções não lograra ser abafado. Pelo contrario, mais se engrossava, pela adhesão quasi unanime dos soldados e officiaes pertencentes ás unidades aqui aquarteladas.

Por sua vez, também, accorria ás proximidades daquelles edificio grande massa popular confaternizando com o exercito e com a policia que já havia acompanhado o referido movimento.

Dominados os poucos elementos que ficaram fieis á politica reaccionaria do presidente da Republica, para logo se apresentou á cidade um espectáculo inedito e empolgante.

Grupos e mais grupos de ca-

valheiros da nossa melhor sociedade, de soldados e officiaes da milicia parahybana, de senhoras e senhoritas, percorriam as principaes ruas levantando vivas á revolução triumphante, á memoria do presidente João Pessôa e ao Exercito Brasileiro.

A sirene desta folha tocou pela primeira vez, depois do assassinato do mallogrado presidente parahybano, durante longo periodo de tempo, annunciando a victoria do grande feito.

— Tomaram parte na revolução o 22.º B. C., as companhias do 24 e 25 B. C., estacionadas no edificio dos Correios e Telegraphos e a companhia do 28 B. C., acantonada no quartel federal.

No interior, levanta-se a companhia do 21.º B. C. aquartelada na cidade de Campina Grande. O 20.º B. C., em Santa Luzia, e o 23.º B. C., em Souza, também tomaram parte no levante.

Intimado a render-se o aviso de guerra "Muniz Freire", surto na bacia do Sanhauá, depois de algumas negociações, adheriu ao movimento. Acompanhou-o o commandante Régio Meirelles, capitão dos Portos.

A Escola de Aprendizizes Marinheiros rendeu-se igualmente.

— Nos combates havidos morreram quatro officiaes do exercito, todos contrarios ao levante.

Não houve nenhum attentado á propriedade nem ás pessoas dos politicos perrepietas, garantidas pelas forças que acabavam de triumphar.

A POSSE DO NOVO GOVERNO

Para chefe do govêrno revolucionario da Parahyba, o coronel Juarez Tavora nomeou o dr. José Americo de Almeida, secretario da Segurança Publica. e uma das mais impressionantes

individualidades de homem publico da actualidade brasileira.

A solennidade teve logar ás 15 horas, no Palacio do Govêrno da cidade de João Pessôa, tendo comparecido auctoridades federaes, estaduais, municipaes, deputados, officiaes do exercito e da policia, advogados, industriaes, commerciantes e grande massa popular.

Falou em primeiro logar o coronel Juarez Tavora, dando posse ao dr. José Americo.

Usou da palavra, em seguida, o novo chefe do govêrno, que disse haver se trancado na sua grande dôr depois da morte do presidente João Pessôa, evitando falar em publico. Referiu-se á politica central, tendo phrases candentes sobre a acção do presidente da Republica, de quem verberou os erros e o desenfreio do absolutismo. Estudou o presidente João Pessôa como revolucionario, mostrando que o grande sacrificado tinha a revolta consciante contra os desmandos dos conspurcadores do regimen.

E' impossivel dar um resumo do notavel discurso do illustre homem publico que recebeu as mais entusiasticas aclamações.

Ainda falou o coronel Juarez Tavora, que pronunciou uma oração brilhante e conceituosa, interrompida sempre pelos applausos dos presentes.

Nesse discurso o coronel Juarez Tavora aconselhou ao povo calma e respeito ao adversario vencido, considerando uma humilhação offendel-o num momento em que elle não podia defender-se. Evocou para o caso o seu proprio exemplo, salientando que o orador já se achara nas mesmas condições.

A oração do distinguido militar impressionou vivamente a quantos o ouviram.

Após a cerimonia da posse o dr. José Americo de Almeida e o coronel Juarez Tavora fôram ambos muito applaudidos.

O povo continuou até hontem á noite a agglomerar-se nas ruas da cidade, principalmente em frente a esta redacção, sequiosos

(Continúa na 8.ª pagina)

Erasmu Carlos grava para a TV em Nova Iorque

Ainda este mês, nos Estados Unidos, terão início as gravações de *Erasmu e Seus Amigos*, especial com o cantor e compositor Erasmu Carlos, que irá ao ar no dia 21 de novembro, dentro do esquema de *Sexta Super* da Globo. Aproveitando sua permanência em Nova Iorque, para a gravação do LP do seu amigo e parceiro Roberto Carlos, ele gravará, ao lado de Roberto, algumas cenas para o programa naquela cidade. As gravações de estúdio, no Teatro Globo-Rio, terão as participações de Rita Lee, Maria Bethânia, Gal Costa, As Frenéticas, A Cor do Som, Jorge Ben, Nara Leão e Wanderléa. "O programa", explica Paulo Coelho, responsável pelo roteiro, "será uma fantasia em torno da vida de Erasmu Carlos, onde tudo é permitido. Ele, inclusive, apresenta duas músicas que nunca fizeram parte do seu repertório, o clássico da bossa-nova, *Desafinado*, e *I'm in the Mood for Love*."

Quinta-feira passada, no Teatro Globo-Rio, começaram as gravações de *Vinicius Para as Crianças* (título provisório), especial que será apresentado no próximo dia 10, dentro do esquema de *Sexta-Super*, focalizando o último trabalho de Vinicius e seu parceiro Toquinho, *A Arca de Noé*, musical destinado ao público infantil. Além de Toquinho, o programa contará com as participações de Fábio Jr., Alceu Valença, Bebel, Moraes Moreira, MPB-4, Marina, Leonardo Bruno, Walter Franco e Elis Regina.

Foram concluídas as gravações de *Almirante, a Mais Alta Patente do Rádio*, especial da Globo ainda sem data para exibição, focalizando a vida do compositor e pesquisador da música popular brasileira, Almirante. Pauli Silvino e Tião Macalé cantaram *História do Brasil*; A Cor do Som, *Na Pavuna e Hino do Carnaval*; Oswald Montenegro, com *Luar do Sertão*; As Frenéticas interpretaram *Yes, Nós Temos Banana*; e Roberto Azevedo e Marília Barbosa, *Boneca de Piche*.

"TAKES"

1. Poucas pessoas sabem, mas Ronaldo Meireles, coordenador de produção da série *Carga Pesada*, tem grande preferência pelo esoterismo e parapsicologia. Além de vários anos de estudo sobre os temas, é orientado por uma senhora de origem paquistanesa, sua guru, que, de seis em seis meses, vem do Paquistão diretamente para o Brasil a fim de dar guarida aos seus seguidores.

2. Paulo Goulart anda recebendo parabéns pela sua estréia como autor na peça *Mãos ao Alto, São Paulo*, com direção de Roberto Lage, no Teatro Paiol, em São Paulo.

3. Walmor Chagas está de novo lay-out. Ele cortou um pouco os brancos cabelos e aparou a sua barba.



Erasmu, aos 39 anos

1-MORR

Quico Lácio

COMO RECEPCIONAR AMIGOS

Muita gente que não tem absolutamente nada pra fazer, anda dizendo que não estamos dando a devida atenção aos nossos estimados e queridos leitores. Falaram! Porisso vamos hoje dar algumas inteligentes dicas de "Como recepcionar amigos". Vamos lá:

- 1) Recepcione apenas os amigos. Os tais "amigos do peito", mande falar com Fafá de Belém ou Cristiane Torloni.
- 2) Dê muita bebida a todos eles. Assim fazendo, ficarão embriagados, e não se lembrando de nada, partirão para o elogio fácil, dizendo que a "festa foi divina!"
- 3) Convide umas duas ou três bichas e uns sapatões. Sem essa gente a festa sempre é um fiasco! Porquê? Froide explica. E Freud Também.
- 4) Nunca deixe que mais de cinco pessoas se sentem numa mesma mesa. Aliás, não deixe ninguém sentar nas mesas! Para isto, existem as cadeiras.
- 5) Coloque cinzeiros em todos os locais possíveis e imaginários. Lógico que ninguém os verá depois de umas e outras, e você vai ter sua casinha toda queimada.

6) Convide sempre umas pessoas que sejam inimigas entre si. Nada melhor para animar uma festa do que uma briguinha. E tem também a vantagem de dar colher de chá pra turma do "acaba com isso..."

7) Todos irão dizer ao chegar que "você está ótimo...!" Depois, é que irão surgindo os comentários sobre sua pele estragada, sua celulite, sua barriguinha, etc. Deixa pra lá. Soçaité é isso mesmo...!

8) Convide sempre um padre pra sua festa. É sempre bom "desencaminhar" alguém. A gente fica com a alma mais leve...

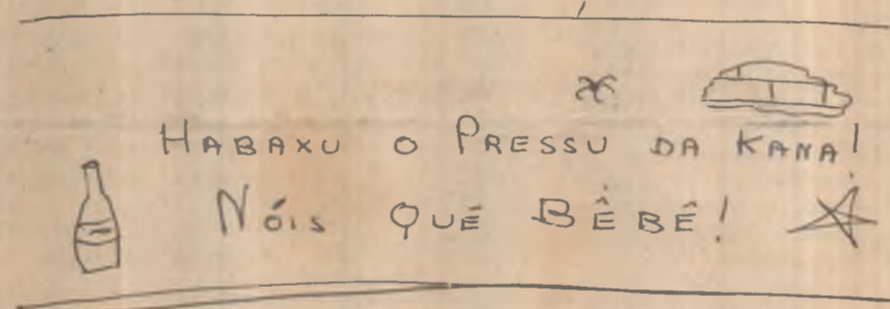
9) Se você vir a mulher de seu melhor amigo, naquele beijão com o marido de sua melhor amiga, diga simplesmente: "Ah... Vocês já se conheciam...?"

10) Convide dois ou três colonistas sociais. Mesmo que eles detestem sua festa vão dizer que adoraram!!!

11) Se alguém começar a fazer xixi de cima do trampolim, chame todos pra dentro, alegando que "parece que vai chover..."

12) Se alguém esquecer um anel de brilhante na pia do banheiro, fique com ele. Servirá para cobrir as despesas da festa.

Tava escrito no muro:



Cartas Semanais:

Senhor Anco Márcio - Há muito tempo que eu tinha vontade de pegar na pena para dizer poucas e boas. Quem o senhor pensa que é, pra todas as semanas ocupar uma página inteira escrevendo besteira?

E ainda mais: falando mal de nossas mais importantes tradições, relegando tudo a um segundo plano, gozando com a cara de todo mundo! Isso não pode continuar! (...) Gostaria de um favor: por obséquio pare de escrever esta maldita coluna que eu pagarei em dobro o que A UNIÃO lhe paga. Respeitosamente. M. Maciel / RUA MACIEL PINHEIRO Nº 1 / NESTA

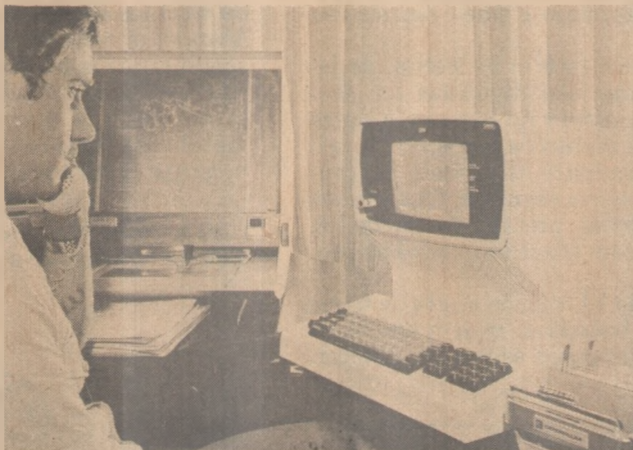
Resposta, Quá, quá, quá, quá! Aposto que todo mundo tava pensando que esta carta era verdadeira. É chiste, gentes finas, chistes....!

Meu caro - Gostaria de lhe dar todo o apoio nessa tremenda fase que você está vivendo. Realmente é muito duro ser espoliado dessa maneira. Conte comigo para qualquer bronca. Sempre seu: A. JUSTINO / NESTA

Resposta - Chovia copiosamente. Na casa do tatu existiam goteiras por todo lado. Desesperadamente, ele tentava uma ligação com Seu Zeca consertador. Não conseguia de modo algum. Descontrolado, caiu num pranto convulso e afogou-se. Tragédia é isso aí...!

Ilustre - Os homens se locupletam pela insipidez mórbida e farpante de suas insígnias mentoras das obridências. K. LUIS / NESTA

Resposta - Tou contigo e num abro, K. Luis...! Num entendi nada, mas tou contigo! Dá pra mandar a tradução?



Vemos aí, nosso Secretário de Redação, Severino Bonumor, quando assistia a seu programa preferido de numerologia, ao mesmo tempo em que telefonava pra namorada informando seu horóscopo para o dia seguinte. Cara prevenido ta!!!

GRANDIOSO LEILÃO!!

Dia 3, grandioso leilão na JF, quando estarão lá para arrematação, birôs, máquinas de escrever, televisores, cinzeiros, garrafas fazias, vigaristas aposentados e outros babados mais! Não percam!

M'ANCADAS

Não é verdade que os médicos desenganem ninguém. Muitos deles passam a maior parte do tempo enganando.

Oftalmologista gênio. Tava ali! operou as Cataratas do Iguazu...! O encarregado do laboratório estava gastando os tubos, e foi despedido.

No Brasil, black is beautiful; só tem preconceito contra pretos.

Em todos os regimes, existem os que engordam e os que emagrecem.

As três melhores coisas do mundo: comer, dormir e isso que você está pensando...

O cardiologista vê cara, não vê coração, e cobra uma fortuna.

Operário brasileiro comprar a crédito, é o que eu chamo crédito do cativo.

Nas olimpíadas do Canadá, todas as provas de hipismo foram vencidas pela polícia montada.

O modernismo tomou conta do mundo. A idade da pedra tá lacada.

Jogou em todos os 25 bichos e ainda perdeu; deu zebra...

Aí, a mocinha disse pros tarados: "Tou com os pés juntos e num abro..."

Coitadinhos dos anões. Nunca podem responder nada à altura.

Falar nisso, Branca de Neve teve séxtuplos. Dunga nunca me enganou.

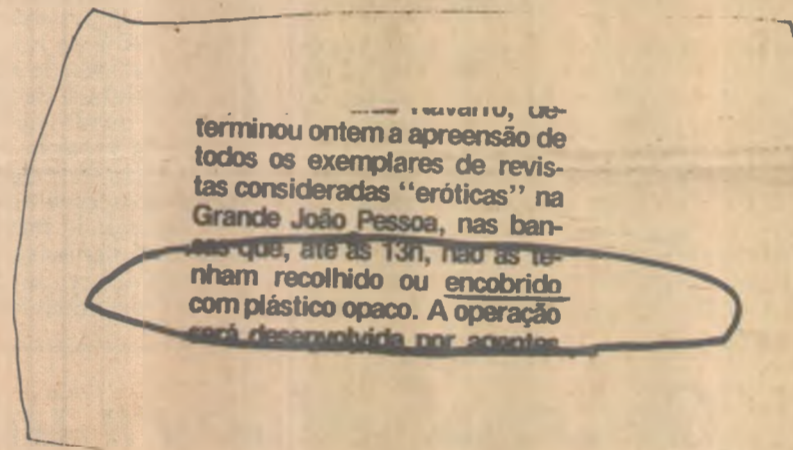
Venha urgente. Tio diabético morreu no bondinho do pão de açúcar.

Tem um gênio horrível. Só quer sair da garrafa quebrando o fundo.

O mal de Cleópatra era dar a todo mundo o que era de César.

Por questão de princípios sou contra o divórcio. Agora, pra por fim num casamento, sou a favor.

Saiu na 1ª Página:



Encobrido? Encoberto, amizadinha!!! Vai Pro MOBRRAL!!!



Nosso secretário para assuntos financeiros, Mário Cruzeiros é por de mais distraído! Foi receber meus 200 mil cruzeiros (o que recebo por esta coluna) e veio pelo caminho derramando as cédulas todas. Sabem quanto perdi na brincadeira? 56 mil "pilas"! Mário foi sumariamente demitido, teve seus direitos trabalhistas pagos na hora (eu num sou vigarista como certas empresas, não!), e estou à procura de um substituto. Apareçam, ou então telefonem para 231 7685.

TRIO FINAL

Não desespere amigo! Virgem, ainda existem centenas de cassetes, nas boas casas do ramo!

Não confundir o playboy que tem carros de todas as marcas, com o pedestre, que tem marca de todos os carros.

Se eu não tenho medo de avião porquê desembarco todas as vezes com essa sensação de herói?

ATENÇÃO GALERA!

"Por motivo de acúmulo de serviço", segundo a Editora Co-decri, meu livro de humor, "Tudo que você queria saber a respeito de nada", não mais será lançado neste mês de Outubro. Foi adiado o lançamento "sine-dia". Quem duvidar é só escrever pra lá e perguntar. O endereço eu num lembro agora não. Mas liga pra mim que eu forneço. TOK?

PAPO DE BEIRA DE PISCINA:

"No dia da Secretária foi ótimo! Todos os executivos levaram as suas pra comer fora...!"

Mercedes encerra testes com motor diesel a álcool

Desde meados de 1979 estão em teste vários caminhões e ônibus Mercedes-Benz, com motor diesel movido a álcool, dentre os quais 4 ônibus da Auto Viação Urubupungá, operando em uma linha regular entre São Paulo e Barueri. Trata-se de uma experiência pioneira, na qual motores diesel convencionais funcionam com álcool acrescido de um aditivo acelerador de combustão.

Os resultados até então obtidos, após um ano de teste com um percurso total de 900.000 km, são tão promissores que esta primeira etapa experimental pode ser considerada encerrada com sucesso. Deste modo, o setor de pesquisa e desenvolvimento da Mercedes-Benz poderá dedicar sua capacidade aos demais programas em curso na procura de soluções para o problema energético nacional.

Os excelentes resultados obtidos no teste mencionado comprovaram uma vez mais a superioridade do motor diesel em relação ao motor Otto, mesmo no caso de utilização de combustíveis alternativos, como por exemplo o álcool aditivado. É importante observar que o aditivo em questão pode ser produzido a partir do próprio etanol. Trata-se pois de um produto totalmente nacional e de manuseio seguro.

Tem-se assim garantia de que existe uma alternativa energética brasileira, possível de ser aplicada em qualquer motor de toda a frota de cerca de um milhão de caminhões e ônibus diesel.

A Mercedes-Benz do Brasil S.A. volta a frisar que a tecnologia desenvolvida está gratuitamente à disposição de todos os interessados em sua aplicação. Independentemente destes ótimos resultados obtidos, a continuidade das pesquisas em curso, relativas ao uso do álcool e de outros combustíveis alternativos para veículos de transporte de carga e de passageiros.

Teto solar, a novidade do Corcel II para 1981

Teto solar, utilizado pela primeira vez como equipamento de série de um veículo brasileiro da Ford, é a principal novidade do Corcel II para 1981, com lançamento previsto para o final deste mês. A linha Corcel II terá inovações também no acabamento da grade dianteira e das lanternas traseiras, novas cores e revestimento dos bancos em tecido cinza, criado exclusivamente para o modelo L.

A introdução do teto panorâmico - ou solar - representa uma opção adicional de conforto para o consumidor, principalmente em regiões de temperatura elevada, como a longa faixa litorânea. Esse equipamento, do tipo Webasto, é instalado na própria linha de montagem, o que permite evitar os inconvenientes que podem ocorrer com as adaptações.

Com a linha Corcel II para 1981, a versão Hobby passou a ser caracterizada como modelo normal de produção - em virtude de seu bem-sucedido lançamento, ocorrido no início do ano - e oferecida ao público nas versões álcool e gasolina. Com o Hobby, a Ford amplia a sua linha de automóveis de passageiros movidos a álcool, demonstrando confiança no futuro do novo combustível alternativo. Em termos de capacidade, a Ford poderá, se necessário, padronizar suas linhas de produção exclusivamente com automóveis a álcool. Mas, a produção de veículos a

álcool estará sempre adequada à demanda do mercado e ao esquema de distribuição de combustível.

O teto panorâmico

O teto panorâmico proporciona a renovação do ar no compartimento de passageiros, sem a formação de correntes de ar, turbulências ou ruídos. Com o vidro aberto e o veículo em movimento, o teto solar funciona como um exaustor, expelindo o ar quente ou viciado. Esta função é importante, principalmente quando o automóvel fica estacionado sob o sol e ocorre a concentração de ar quente no interior do veículo.

Além dessas funções, o teto panorâmico do Corcel II evita o embaçamento dos vidros do automóvel e é altamente resistente a impacto. Seu vidro fumê temperado é processado com filtro em tela, que absorve até 85% da luz, reflete os raios ultra-violetas e impede, através do acabamento externo, aluminizado, a visibilidade de fora para dentro do carro. Constituído de quadro de uma só peça, o teto panorâmico tem dupla vedação e drenos embutidos, com saída para a caixa de roda, o que impossibilita a infiltração de água para o compartimento de passageiros. Com sistema de regulagem micrométrica, permite a abertura progressiva do vidro que, quando necessário, pode ser removido e guardado em embalagem especial, acondicionada no porta-malas.

Outras modificações

Na sequência do programa que a Ford estabeleceu para reduzir o consumo de combustível de todos os seus veículos, os automóveis da linha Corcel II para 1981 receberam nova tomada de ar frio junto à grade do radiador, o que proporciona maior eficiência do motor e redução do consumo de combustível. Os pneus radiais com cinta de aço, disponíveis para os modelos GT e LDO (duas portas e Belina), além de maior segurança, também proporcionam economia de combustível e maior durabilidade.

Em termos de estilo, todos os modelos do Corcel II para 1981 apresentam a inclusão de barras superiores e inferiores da grade dianteira, molduras envelopantes dos faróis principais, com acabamento aluminizado, além de filetes plásticos pretos aplicados nas depressões horizontais - tipo veneziana - das lanternas traseiras dos automóveis de duas portas.

Bege-Tripoli, azul-Nórdico, amarelo-Equador e verde-Gramado metálico, são as novas cores disponíveis para a linha Corcel II 1981, além do preto-Bali (apenas sob encomenda), branco-Nevasca, vermelho-Granada, marrom-Tabaco, prata-Régio metálico, azul-Gemini metálico e vermelho-Versailles metálico, que foram mantidos.

AUTO MOVEIS

João Bosco Gaspar

Furglaine é uma nova opção para as cargas leves



O Furglaine é um furgão monobloco com carroçaria em fibra de vidro

O Furglaine, um furgão monobloco com carroçaria em fibra de vidro e montado sobre chassi da pick-up F-100, foi uma das principais atrações que a Ford mostrou ao público na Brasil Transpo. Resultado de um trabalho desenvolvido pela Furglass - fabricante de carroçarias isotérmicas - com o apoio da Sonnergiv e da Divisão de Engenharia da Ford, o Furglaine pretende atingir uma faixa carente do mercado brasileiro, com sua capacidade de transportar até 1.100 kg ou 7,5 metros cúbicos de carga útil, além de sua utilização também como transporte de passageiros, como micro-ônibus executivo ou escolar.

Bastante versátil, o Furglaine pode ser adaptado para qualquer tipo de trabalho, seja no transporte de cargas secas ou mesmo considerando sua utilização como unidade isotérmica de transporte - produtos resfriados ou aquecidos. A utilização dos furgões, bastante difundida nos Estados Unidos e Europa, para o transporte de cargas leves nos grandes centros urbanos, pode também encontrar boa receptividade junto ao público jovem como veículo de recreação, facilmente adaptável como camper.

O Furglaine é montado sobre chassi de pick-up F-100, especialmente modificado no posicionamento da alavanca de câmbio, perpendicular ao assoalho, e na coluna de direção, um pouco menos inclinada que a do veículo normal de produção. Além disso, a altura total chega a 1.841 mm, contra os 1.821 mm da pick-up F-100 original. Equipado com o motor OHC, de 4 cilindros e comando de válvulas no cabeçote, o Furglaine incorpora a tradicional suspensão dianteira de barras duplas, exclusividade da Ford, que absorve as imperfeições do terreno, proporcionando rodar mais macio.

General Motors inicia venda da perua Marajó e do Hatch

A perua Chevette Marajó, espaçosa e de grande autonomia, e o Chevette Hatch S/R, esportivo, com motor 1.6, são as grandes novidades que a General Motors do Brasil lança em sua linha Chevrolet para o próximo ano, complementada com modificações de estilo e mecânicas extensivas a todos os modelos.

Esses novos lançamentos, embora apresentados agora, estão a disposição do público, nos concessionários Chevrolet.

A perua Marajó, é apresentada em duas versões - Marajó e Marajó SL - e se assemelha, em linhas gerais, ao Chevrolet Caravan, reunindo elegância interna e externa, espaço e comodidade. Porém, em estilo e mecânica, acompanha, naturalmente, as características do Chevette, incorporando as modificações introduzidas no modelo.

Acomodando cinco passageiros e um compartimento de carga de 1.510 litros de capacidade (com o banco traseiro escamoteado), a Marajó se apresenta também com maior comprimento total, em relação aos demais modelos da linha Chevette: 4,21 metros, enquanto o Hatch tem 3,97, o Sedan e o 4 portas, 4,19 metros.

O motor é o tradicional da linha Chevette, de 4 cilindros em linha, 1,4

litros e 68 CV a 5.800 rpm de potência máxima bruta, que lhe assegura bom desempenho e excelente economia de combustível. É disponível com motor a álcool, também de 4 cilindros em linha, 1.400 cm³ de cilindrada e 69 CV a 5.800 rpm de potência máxima bruta.

Com tais características, a Marajó visa preencher um segmento de mercado entre os consumidores que pretendem um veículo versátil, com grande espaço interno, excelente conforto e baixo consumo.

CARACTERÍSTICAS EXTERNAS

No painel, dianteiro, a Marajó sai da fábrica com uma modificação extensiva a toda a linha Chevette para 81: faróis quadrados e aros pretos, em substituição aos redondos de modelo 80. A grade continua com o mesmo desenho, em cor preta, e a extremidade do cofre traz do lado esquerdo o emblema Marajó, em letras cromadas.

O painel traseiro tem seu ponto alto na porta, que começa na extremidade do teto, levemente reclinado, e se estende até o assoalho, permitindo amplo acesso ao compartimento de bagagens.

A Marajó, nas duas versões, oferece como opções o limpador e lavador do

vidro traseiro, temporizador do limpador e lavador elétrico do pára-brisa e desembaçador do vidro traseiro. A placa de licenciamento localizasse na porta, assim como o emblema Marajó, em letras cromadas, do lado direito.

O tanque de combustível, com capacidade para 62 litros, lhe dá uma autonomia variável de 800 a 900 km conforme as condições de uso e está colocado sob o assoalho do compartimento de bagagem, com bocal de abastecimento localizado na lateral esquerda do carro. O tampão com chave é item de produção regular.

As lanternas são quadradas do tipo não envolvente, com luz de ré acoplada na base. O pára-choque traseiro é cromado, com protetor de borracha em toda sua extensão, no modelo SL.

As rodas são de aço estampado tipo esportivas, no modelo SL e comuns, com calotas, na versão básica. Rodas de alumínio e pneu radiais são opções.

No painel lateral da perua, as janelas traseiras são divididas em seções, uma à altura do banco e a outra no compartimento de bagagem. A primeira é basculante no modelo SL (opção no básico) e a segunda, fixa, ambas com guarnições pretas, de borracha, envolvidas com frisos cromados no modelo SL.

A versão SL dispõe ainda de frisos laterais de borracha, com o emblema "SL" fixado no seu segmento dianteiro.

CARACTERÍSTICAS INTERNAS

A perua Marajó é apresentada com excelente acabamento interno. Na versão SL, o revestimento dos bancos é um tecido cashemere, disponível nas cores cinza, preto ou marrom, formando um conjunto de tons sóbrios. Esta versão vem ainda com forração de carpete cinza, preto ou marrom no assoalho, acompanhando a cor do estofamento, o que contribui para realçar a aparência e aumentar o conforto.

Na versão Marajó, o estofamento dos bancos é em vinil e cotelê, na cor preta, assim como o tapete de nylon. Acompanhando as alterações introduzidas em toda a linha Chevette, a Marajó, em ambas as versões, permite, opcionalmente, a instalação de ar condicionado e vem com alavancas de câmbio, e do freio-de-mão em novo estilo. Os comandos, com novo desenho, tornaram-se mais adaptáveis à mão do

motorista, proporcionando, consequentemente, maior facilidade e conforto de operação.

O painel de instrumentos e o painel das portas acompanham as características dos modelos 80. No SL, o descansabráço é integrado com o puxador da porta e o painel deste é revestido de cashemere na parte superior e de buclê na parte inferior, onde está localizada a porta-mapas.

Ainda na versão SL, o compartimento de carga e o encosto do banco traseiro são dotados de carpete cinza, preto ou marrom, enquanto o básico é forrado com carpete de nylon preto. O estepe está localizado do lado direito do compartimento de carga, sob uma cobertura de plástico rígido, na posição vertical, o que facilita seu manuseio mesmo com o compartimento cheio de bagagem.

Como os demais modelos da linha de veículos da passageiros Chevrolet, a Marajó é disponível em nove cores, sendo cinco metálicas (prata diamantina, verde samambaia, marrom bronze, prata médio e dourado) e quatro não metálicas (branco everest, vermelho bonanza, azul escuro e bege).

OPCIONAIS

A linha de equipamentos opcionais para esse novo modelo são:

MARAJÓ SL - Bancos dianteiros com encosto alto, carburador de duplo estágio progressivo, filtro de ar para regiões poeirentas, embreagem eletromagnética do ventilador, rodas esportivas de alumínio, pneus radiais 175/70SR13, sem câmaras, vidros ray-ban, temporizador do limpador e lavador elétrico do pára-brisa, limpador e lavador traseiro, aquecedor, desembaçador do vidro traseiro, ar condicionado, espelho retrovisor externo - lado direito, auxiliar a vácuo para freios e pintura metálica.

MARAJÓ - Bancos dianteiros com encosto alto, carburador de duplo estágio progressivo, filtro de ar para regiões poeirentas, embreagem eletromagnética do ventilador, rodas esportivas, pneus radiais 175/70 SR 13, sem câmaras, janelas laterais traseiras basculantes, vidros ray-ban, temporizador do limpador e lavador elétrico do pára-brisa, limpador e lavador do vidro traseiro, aquecedor, desembaçador do vidro traseiro, ar condicionado, espelho retrovisor externo - lado direito, auxiliar a vácuo para freios, tampa do porta-luvas com fechadura e pintura metálica.



A perua Marajó é espaçosa e tem grande autonomia



O Chevette Hatch é um esportivo com um motor 1.6

O sucesso do Botafogo, será uma vitória para o futebol da capital

A CIDADE INTEIRA VAI TORCER PELO BOTA



Botafoguenses querem repetir a grande atuação do clássico de domingo

Campinense busca a sua reabilitação

Um jogo também dos mais importantes da rodada de hoje pela fase classificatória do segundo turno do Campeonato Paraibano será disputado no Estádio Prefeito José Cavalcante, em Patos, entre Nacional e Campinense, equipes que estão com presença assegurada no quadrangular decisivo, pois são favoritos absolutos no Grupo "D", mas que buscam uma reabilitação, já que, coincidentemente, ambas vêm de derrotas para o Auto Esporte, por 1x0. O juiz central do jogo entre nacionalinos e campinense, de acordo com escala fornecida por Nivaldo Correia, da FPF, será Antônio Américo, auxiliado por Geraldo Carlos e Elizeu Guilherme, ficando Tobias Di Pace na regra-3.

NACIONAL-P - Aurílio, Edilson, Didi, Teomar e Bau; Silva, Clóvis e Messias; Milton, Pedrinho Cangula e Caté.

CAMPINENSE - Zito, Galbas, Zé Carlos, Timbó e Olímpio; Robson, Edvaldo Araújo e Reinaldo; Gabriel, Zezinho e Bebeto.

Santa Cruz e Nacional-C no Teixeiraão

Embora não tenham mais chances de classificação para o quadrangular, Santa Cruz de Santa Rita e Nacional de Cabedelo jogarão hoje à tarde pelo Campeonato Paraibano tentando vencer pela primeira vez neste segundo turno, a fim, de melhorar a imagem junto aos torcedores. O encontro tem início previsto para às 15:15hs e será no Estádio Virgínio Borges. José Araújo, auxiliado por Jair Pereira e Abdias Bonifácio, são os árbitros escalados pela Federação Paraibana de Futebol e as duas equipes jogarão com as seguintes constituições:

SANTA CRUZ - Geraldo, Café, Mimi, Calvet e Ailton; Eloneide, Bebê e Careca; Ademir, Bola e Náu.

NACIONAL-C - Reginaldo, Lúcio, Edir, Chega Mais e Edmilson; Roberto, Caio e Ramos; Jarbas, Didido e Gilberto.

Seleção de Júnior joga hoje em Mari

A seleção paraibana de junior's, que se prepara para representar nosso Estado no Campeonato Brasileiro da Modalidade, competição promovida anualmente pela Confederação Brasileira de Futebol, na época das férias coletivas dos jogadores profissionais, fará hoje à tarde, na cidade de Mari, o seu primeiro teste.

Durante a semana, o técnico da Seleção Juvenil, professor Eduardo Pimentel, observou os jogadores dos clubes exclusivamente amadores, mas é provável que ele utilize alguns atletas do Botafogo, uma vez que o diretor de futebol da Federação, Antônio Carlos, esteve sexta-feira no coletivo do time tricolor, e convocou Rui, Normando, Chocolate, Lula, Paulo, Pedrinho e Ferreira.

A responsabilidade do Botafogo no jogo desta tarde, contra o Treze, no Estádio José Américo de Almeida Filho, valendo pela fase de classificação do segundo turno do Campeonato Paraibano, é muito grande, pois, ao lado de sua torcida, estará também o torcedor do Auto Esporte, que seria altamente beneficiado se o Galo da Borborema fosse derrotado.

Os dois times estão invictos neste segundo turno e o jogo, de acordo com a rivalidade e a tradição, não tem favoritos. O Botafogo tem 6 pontos ganhos, fruto de vitórias sobre o Nacional de Patos, Guarabira e Auto Esporte; e o Treze tem 5 (vitórias sobre Gurabira e Nacional-C, e empate com o Campinense).

Hélio agora é a dúvida dos botafoguenses

Depois de tomar conhecimento junto a Federação Paraibana de Futebol que poderia utilizar os jogadores Magno e João Carlos no clássico desta tarde, frente ao Treze de Campina Grande, o técnico Walter Luiz ficou apenas com uma dúvida para escalar seu time: Hélio ou Edmundo.

Hélio machucou-se num dos treinamentos da semana e nem chegou a tomar parte do coletivo de sexta-feira. O Departamento Médico do clube fará um teste nas vestiárias, antes da partida, deixando Edmundo de sobre-aviso, pois ele poderá ser o escalado para o jogo de hoje.

Desde ontem que os jogadores botafoguenses estão concentrados na Maravilha do Contorno, num ambiente de total descontração.

De acordo com escala fornecida pelo Departamento de Árbitros da Federação Paraibana de Futebol, o mediador central do clássico de hoje no Almeidão será Genival Batista, com bandeirinhas de Everaldo França e Paulo Santiago, ficando José Ribamar na reserva.

EQUIPES

BOTAFOGO - Hélio (ou Edmundo), Cláudio, Gerailton, João Carlos e Fraga; Pedro Portugal, Magno e Danilo Meneses; Jangada, Dão e Wiliam.

TREZE - Bartolomeu, Gilmar, Paulo César, Queiroz e Heliomar; Wilson, Mozart e Hélio Jacaré; Dadá, Evilásio e Tícarlos.

Torcedores do Galo prometem apoiar equipe

A torcida do Treze (GUGA - Galeira Unida do Galo) está prometendo comparecer em grande número ao Almeidão, para tentar levar seu time a uma vitória do Campeonato Estadual, resultado que lhe deixaria com presença quase assegurada no quadrangular decisivo.

Sexta-feira, no Presidente Vargas, Antonino comandou um treinamento coletivo, que terminou com a vitória do time considerado titular por 2x0, gols de Wilson e Evilásio. O atacante Hélio Jacaré, que, decididamente liberado pela diretoria, esteve em Natal, resolvendo problemas particulares, não participou do apronto, mas sua presença está garantida, apesar dos comentários em torno de sua volta ao América do Rio Grande do Norte.



Na preliminar do Almeidão, um bom duelo entre Mima e Dimas

Santos e Guarabira na preliminar do Almeidão

O Santos tenta hoje a sua primeira vitória neste segundo turno do Campeonato Paraibano, fazendo a preliminar do clássico entre Botafogo e Treze, no Estádio José Américo de Almeida Filho, diante do Gurabira, uma equipe considerada de nível médio no nosso futebol.

A arbitragem deste encontro estará confiada a Hélio Galiza, com auxílios laterais de Ivan Fernandes e Hermetes Taurino.

EQUIPES

SANTOS - Carlinhos, Toinho, Zuza, Dimas e Marquinhos; Vuca, Zé Rui e Wagner; Toinheira, Pedro Mariano e Robson.

GURABIRA - Lula, Zé Preto, Guri, Lilito e Adilson; Sandoval, Candinho e Gil Silva; Gilson, Mima e Franca.

Jogada Nacional

GERALDO VARELA

PAULISTÃO

O Campeonato Paulista, em seu segundo turno, terá prosseguimento hoje à tarde, com a realização das seguintes partidas: Corinthians x Santos, no Morumbi; Guarani x Ponte Preta, no Brinco de Ouro; Comercial x Botafogo, em Ribeirão Preto; Ferroviária x Taubaté, em Araraquara; Noroeste x América, em Bauru; Marília x São Bento, em Marília; XV de Piracicaba x São Paulo, em Piracicaba; XV de Jau x Palmeiras, em Jau e Internacional x Francana, em Limeira.

CARIOCA

O Campeonato Estadual do Rio de Janeiro tem prosseguimento hoje à tarde, com as seguintes

jogos: Volta Redonda x Botafogo, no Ari de Oliveira e Silva; América x Americano, em São Januário; Bangu x Flamengo, no Guilherme da Silveira; Serrano x Campo Grande, no Atilio Maroti, Olaria x Goytacaz, na Rua Bariri e Vasco da Gama x Fluminense, no estádio Mário Filho. Vasco e Flamengo lideram o certame com 14 pontos ganhos.

CRUYFF

O presidente do Flamengo, Márcio Braga, continua insistindo na contratação do holandês Cruyff e garante que as negociações estão para se concretizar. A ideia do Flamengo é trazer o jogador para as disputas do Campeonato Brasileiro de 81, pois neste período o time estará sem as suas principais estrelas, servindo a Seleção Brasileira e, sua vinda só trará benefícios ao clube, já que o torcedor terá mais motivação para ir aos estádios. Quem está ajudando o Mengo na transação é o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Azeredo da Silveira que está mantendo contatos com o atleta.

COUTINHO

O treinador Cláudio Coutinho confirmou a volta de Rondineli e Raul ao time do Flamengo, no jogo desta tarde, no estádio Guilherme da Silveira, contra o Bangu. Os dois jogadores estão recuperados das últimas contusões e no treino coletivo de sexta-feira garantiram suas escaladas. Carpegiani que já foi liberado aos treinamentos normais, deverá voltar ao time rubro-negro na próxima quarta-feira, contra o Serrano, enquanto Tita somente será aproveitado no clássico com o Vasco da Gama, na última rodada. O time do Flamengo para hoje será Raul, Carlos Alberto, Rondineli, Luis Pereira

e Júnior, Andrade, Vitor e Zico, Fumanchu, Nunes e Adílio.

CLÁSSICO

Fluminense e Vasco da Gama fazem hoje à tarde, no Maracanã, mais um clássico do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, num jogo em que o vencedor ficará praticamente afastado das disputas finais do primeiro turno. No Fluminense, a

grande novidade é a volta de Tadeu a quarta zaga ao lado de Edinho e os dirigentes estão prometendo, em caso de vitória, um bicho de 25 mil cruzeiros. O Vasco por sua vez, está bem, pois os dois empates seguidos de 0 a 0, com o Campo Grande e Volta Redonda abalaram as hostes cruzmaltinas e o treinador Zagalo está bastante preocupado, uma vez que o time não vem rendendo o esperado.



Fluminense tem jogo decisivo contra o Vasco, no Maracanã



CLÁSSICO

Da última vez que se defrontaram aqui em João Pessoa, Botafogo e Treze fizeram um jogo inacabado, tumultuado, mas cheio de rivalidade e de lances emocionantes. O time de Campina Grande, todos estão lembrados, retirou-se de campo para não deixar que fosse cobrado um penalty em favor do tricolor, perdendo no "tapetão", embora intimamente satisfeito por impedir a comemoração dentro das quatro linhas.

Foi assim também em 76, na decisão do primeiro turno, com um público de 30 mil pessoas saindo prejudicado do Almeidão. Mas, mesmo diante de repetidas frustrações, o torcedor sabe que não pode perder um jogo como esse e, com certeza, teremos mais uma vez casa cheia aqui em João Pessoa, numa partida, cujo resultado, interessa demais ao futebol da capital, que há muito tempo não vê os seus dois maiores clubes (o outro, no caso, é o Auto Esporte) com possibilidades de chegar a uma final de campeonato.

Por isso, o "Botinha" (não confundir com o carnet) hoje é de todos nós. Por isso, a animada torcida do Auto também tentará empurrá-lo pra frente esta tarde, pois o alvi-rubro será o grande beneficiado se o Galo for derrotado no Estádio Almeidão.

E, mesmo levando-se em conta a rivalidade e o poderio do time do Treze, o jogo está muito mais para o Botafogo, que também está atravessando uma grande fase e só precisa de uma boa orientação para alcançar o seu objetivo.

Não sou técnico de futebol, mas qualquer observador mais atento sabe que a maneira mais fácil de enfrentar o Treze é impedir que ele tome as iniciativas ofensivas. E o Botafogo, que passou a semana inteira somente treinando, deve estar bem preparado fisicamente para utilizar a tática certa, marcando sob pressão para dificultar as ações do excelente meio campo do Galo da Borborema.

O resto pode ficar mais fácil se o time pessoense aproveitar uma ou duas oportunidades no primeiro tempo, pois o Treze não é time de virada. Ou melhor: o Treze não é time de chegada e por isso não ganha títulos desde 66. Basta sentir que está chegando a hora de decidir, para a equipe perder o controle emocional, dentro e fora do campo.

E isso aí, Botinha: a cidade está torcendo por você. A ordem é vencer ou vencer.

BLOQUEIO

Se o dinheiro que estão descontando das rendas do Botafogo fosse depositado em banco, dava pra construir outra Maravilha do Contorno. Éta carnet desorganizada esse tal de Super Botinha...

ULTIMATO

Semana passada, na véspera do clássico frente ao Auto Esporte, os jogadores do Botafogo deram o ultimato à diretoria: "Só entramos em campo se o pagamento sair até às 4 horas da tarde". E como o salário em questão era o de agosto, imagina-se que o elenco já estuda outra tática para receber o de setembro.

NACIONAL-C

"Juracy vai terminar perdendo seus amigos. Ele prometeu muita coisa e não está cumprindo quase nada". A declaração não é minha e sim do presidente do Nacional de Cabedelo, Luiz Gonzaga, que continua revoltado com a arbitragem de José Bernardino, no jogo que perdeu de 5x0 para o Treze. Gonzaga vai mais além quando disse que "estamos acostumados a perder. Mas com esse tal de Cipó (apelido de Bernardino), não é brincadeira". Outra crítica do Nacional à FPF é com relação ao jogo que terá de cumprir em Campina Grande, contra o Guarabira, numa preliminar. "Ary Volta" - acrescentou - "me prometeu que mudaria a tabela, transferindo essa partida para Cabedelo. Mas como ele saiu, não acredito mais em nada".

CONSIDERAÇÕES SOBRE VALIDADE E EFETIVIDADE DA NORMA JURÍDICA INTERNACIONAL (Anotações à margem da teoria Kelseniana)

Prof. Tarcisio Burity

1. A "tensão" que sempre existe entre a ordem normativa do Direito e o fato do comportamento humano, tal como ele acontece na realidade, isto é, entre as regras jurídicas e a realidade social, apresenta-se, no campo do Direito Internacional, de maneira mais aguda, considerando-se a natureza ainda primitiva da comunidade das nações.

O Direito Internacional Público, em virtude de seu caráter ainda embrionário, de ordem tecnicamente imperfeita, descentralizada, oferece condições excelentes para reflexões aprofundadas acerca da relação entre a validade e a efetividade da norma jurídica.

2. Para Kelsen, como sabemos, assegurar que uma norma é válida é ter observado que ela preencheu todos os requisitos formais de sua existência, exigidos pela ordem jurídica a que pertence, visto que o Direito apresenta a particularidade de ele mesmo regulamentar sua própria criação.

E afirmar que a norma é efetiva significa constatar que os seus destinatários se conduzem de fato na sociedade, como devem conduzir-se segundo a norma jurídica em questão.

Vale ressaltar ainda que, se por um lado essa obediência à norma pelos seus destinatários não pode ser absoluta ou de caráter necessário (o que a tornaria inócua), por outro lado, um mínimo de efetividade é exigido, a fim de que a norma jurídica seja válida.

3. Posto isto, vem a indagação: qual é o fundamento da validade do direito internacional costumeiro? Em outros termos, de onde é que as normas costumeiras extraem sua força obrigatória?

4. A solução deste problema fundamental não pode ser encontrada no campo específico do direito positivo. Com efeito, na ordem hierárquica do Direito Internacional, a norma costumeira, manifesta-se como sendo a base do edifício jurídico positivo. Em razão de ela ser a primeira norma na ordem positiva, o fundamento de sua validade não pode ser encontrado em uma outra norma positiva, pois esta última simplesmente não existe.

5. Onde encontrar, portanto, o fundamento da validade do costume jurídico internacional? Talvez, na própria realidade social?

Não, responde Kelsen, pois enquanto a realidade social está situada na ordem do "ser", a norma jurídica encontra-se na ordem do "dever-ser", e a dedução de um "dever-ser" a partir do "ser" é logicamente impossível.

Consequentemente, o fundamento da validade da norma costumeira deve encontrar-se numa ordem puramente lógica, - com efeito, há, segundo ele, normas que constituem a significação de um ato de vontade - as normas postas, positivas, e outras que são fruto de um ato de conhecimento e não de um ato de vontade: as normas "supostas".

Ora, no que se refere à procura do fundamento da validade do costume jurídico internacional, é impossível que essa busca da "validade da validade" contine "ad infinitum": a nossa razão exige necessariamente que se pare numa norma suprema, a qual não terá mais necessidade de ser fundamentada, visto que ela constitui justamente a norma suprema, a norma das normas, a "norma fundamental". (Grundnorm).

De natureza puramente lógica, esta "forma fundamental" situa-se fora do campo específico das normas jurídicas positivas. Ela não é uma norma positiva, posta, "posita", mas uma norma "suposta", "hipotética". Sua importância consiste não somente em tornar possível a unidade e a coerência sistemática da ciência jurídica, mas também em situar o último fundamento das normas numa ordem de "dever-ser" e não numa ordem de "ser", o que demonstra uma perfeita coerência lógica.

Entretanto, qual é precisamente a significação desta "norma fundamental"? Esta norma, de natureza, "suposta", essencialmente lógica, "... est une norme qui fait de la costume fondée par la conduite matuelle des Etats un mode de création de droit". Seu conteúdo é assim o de instituir "... l'état de fait de la coutume comme acte de création de droit". (Théorie du droit international coutumier, in: "Revue Internationale de la théorie, du droit". 1939. p. 259).

Esta referência à significação da norma fundamental, que consiste em instituir o "factum" do costume como ato criador de direito manifesta claramente a posição de KELSEN no que diz respeito ao problema primordial da relação entre a validade e a efetividade da norma jurídica. Vejamos:

Embora para KELSEN o que caracteriza a norma jurídica enquanto tal seja sua validade, ele não contesta entretanto a relação necessária que existe entre a validade e a efetividade da norma.

Com efeito, as normas de uma ordem jurídica determinada são dotadas de validade não porque são efetivas, mas pelo fato de que a norma fundamental (sobre a qual se baseia a ordem jurídica em sua totalidade) é "suposta" válida; e, por outro lado, a ordem jurídica só é dotada de validade, SE as normas são efetivas, de maneira geral. A efetividade é consequentemente a condição (conditio sine qua non) da validade e não sua razão suficiente. E, de um ponto de vista lógico, a condição

o condicionado, não podem ser considerados como elementos idênticos.

Pelo exposto, poderíamos talvez concluir que o Prof. KELSEN tenta encontrar aquela posição de equilíbrio entre as duas concepções extremas do "direito-norma" e do "direito-conduta". Entretanto, é preciso lembrar que, apesar de todo esforço feito no sentido de mostrar a correlação entre a validade e a efetividade da norma, vale dizer, entre a sua abstração esquemática e a realidade social KELSEN é guiado pelo postulado gnoseológico fundamental que forma o embasamento de sua "Teoria Pura do Direito", a saber: o paralelismo irredutível entre as ordens "ser" e do "dever-ser" (entre "Sein" e "Sollen"). Isto consistiria, como veremos adiante, menos numa atitude de equilíbrio do que numa polarização do direito norma, que se manifesta como objetividade racional, ou conforme as diretrizes de um normativismo lógico-formal, abstrato.

Assim, temos conhecimento de que o princípio metodológico fundamental da "Teoria Pura do Direito" é delimitar, com exatidão absoluta, a especificidade do Direito enquanto ciência, vale dizer, enquanto conhecimento, tentando, por isso, desembaraçá-la de elementos subjetivos, mas também distingui-la de outros domínios especulativos como a Sociologia, a História, a Psicologia, a Moral. Para atingir esse objetivo, KELSEN começa por fazer uma distinção fundamental entre norma jurídica (Rechts-Norm) e proposição de direito (Rechts-Satz).

As "proposições de direito" constituem um "Sollen" porque são a descrição de outro "Sollen": as "normas jurídicas". Mas enquanto "Sollen" das normas jurídicas, as quais são criadas e aplicadas pelos órgãos jurídicos, têm sentido prescrito, caráter imperativo, o "Sollen" das proposições de direito, cuja finalidade consiste em descrever as normas jurídicas, possui apenas a significação de um juízo hipotético. Isto quer dizer que elas enunciam simplesmente que consequências determinadas poderão surgir, se certas condições definidas pela ordem jurídica se realizarem; e isto não implica nenhum imperativo de ordem moral, nenhum comando, nenhum juízo de valor. Portanto, duas funções primordiais existem no que se refere ao fenômeno jurídico, a saber: a da autoridade jurídica, cujo objetivo é criar o direito, e a do jurista (aquele que faz ciência do direito), cuja finalidade é conhecer o direito, vale dizer, descrevê-lo, analisá-lo.

Pelo exposto, pode-se averiguar a importância da "norma fundamental". Por ser uma norma "simplesmente pensada", ela continua ser "conhecimento", apesar de sua referência necessária ao "factum" do costume como ato criador de direito. E em razão disto, a ciência do Direito, constituída pelas proposições de direito (Sollen de caráter puramente indicativo) forma um todo coerente sistemático em virtude da "norma fundamental" que existe como a condição lógica transcendental do fenômeno jurídico em sua totalidade.

A inspiração de KELSEN em KANT é evidente.

Na verdade, da mesma maneira que EMANUEL KANT procura as condições lógicas que tornam as ciências possíveis, assim também KELSEN tenta achar a condição lógica que torna possível a existência da Ciência do Direito. E a hipótese da "norma fundamental" (Grundnorm), que evita uma procura de ordem infinita da "validade da validade" constitui a "condição lógico-transcendental"; única a permitir que se interprete a significação de certos fatos sociais como algo formando uma unidade, vale dizer, como um sistema de normas jurídicas objetivamente válidas.

Mais: da mesma maneira que as formas "a priori" de KANT não determinam o conteúdo da realidade objetiva, assim também a "norma fundamental" não pode determinar o conteúdo das normas que formam a ordem jurídica positiva. E, assim como as formas "a priori", embora logicamente anteriores à experiência, não existem a não ser em função da experiência, e a experiência não é possível se não é condicionada pelas formas "a priori", assim também a norma fundamental só existe em função da massa de certos fatos sociais que formam a experiência jurídica positiva, e, por sua vez, essa massa de fatos sociais não toma significação especificamente jurídica senão enquanto se refere à "norma fundamental".

6. Observando o problema do fundamento de validade do direito internacional costumeiro, segundo outras perspectivas, exatamente em virtude de serem também outros os pressupostos do nosso pensamento filosófico.

Não nos situamos no campo do "idealismo" Kantiano, mas numa linha estritamente "realista".

A postura ontogenoseológica do Prof. Reale, por exemplo, nos oferece instrumentos de análise do problema bastante eficazes.

Entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido existe uma correlação dialética de complementaridade. Essa correlação "se impõe de maneira essencial e prévia, formando um processo sempre uno e concreto, o processo ontogenoseológico". (Reale, "EXPERIÊNCIA E CULTURA", pág. 94).

"... procurando indagar as condições de possibilidade de todas as formas de saber, a polaridade sujeito-objeto constitui o pressuposto transcendental, a condição de possibilidade de toda e qualquer experiência cognoscitiva ou ética" - Idem, página 95.

Ou ainda: "a compreensão da cultura como processo de objetivações e positivizações não é mais que o desdobrar-se no tempo histórico de uma característica essencial a todo ato de conhecimento, pois, em última análise, pensar é objetivar, o que demonstra que a práxis não é anterior nem posterior ao momento teórico, por serem ambos aspectos inseparáveis da mesma tomada de consciência originária do homem como consciência de si e consciência do mundo" - (Idem, página 98).

A história, como fato cultural, é portanto a Ontogenoseologia "in actum" isto é, o processo ontogenoseológico como práxis, no qual se discriminam os campos das ciências, das artes dos costumes, como expressões diversas da positividade, o que, aliás, deflui da compreensão da "consciência transcendental, como consciência concreta de teoria de práxis. - (Idem página 93).

"O mundo da cultura, nesse complexo compreensivo, não é algo intercalado e segundo, posto entre o espírito e a natureza, mas antes o processo das sínteses sucessivas que a consciência intencional vai realizando com base na compreensão operacional dos dados ilcíticos, o processo histórico-cultural coincidindo com o processo ontogenoseológico e suas naturais projeções no plano da práxis. (Idem página 134).

7. Um dos caminhos, para superarmos, no que tange à fundamentação da norma costumeira, o dualismo irredutível entre "ser" e "dever-ser", consiste, portanto, na análise dos chamados "objetos culturais", pois eles são objetos, como diz Cósio, que têm existência, que estão na experiência e que são valiosos positiva ou negativamente. ("La teoria egológica del derecho", - 1964, páginas 55-56) - Vale ressaltar que entre os objetos culturais está situada a ação do homem enquanto especificamente humana.

A norma, jurídica, portanto, qualquer que seja a sua natureza adquire plena relevância na medida em que se insere numa realidade objetiva determinada, deixando de valer como um dever-ser de natureza puramente abstrata, lógico-formal, para ser, conforme escreve ainda o Prof. Reale, o "momento", relevante de todo um "processo" cuja origem se encontra na relação entre a atividade valorativa do espírito humano e uma realidade factual.

8. Diremos, em razão do que foi dito, que o fundamento da norma costumeira internacional, deve encontrar-se na realidade social mesma que forma a trama das relações internacionais.

Entretanto, a questão não se limita aí. Com efeito, não basta afirmar que a norma costumeira extrai sua força obrigatória quer dizer, sua validade, das necessidades e das exigências da vida internacional, porquanto é meridianamente claro que todas essas noções, como também as de interesse social, segurança comum, justiça, etc., são conceitos difíceis de serem definidos com precisão lógica. E a vida jurídica como sabemos, mesmo a que é situada no plano internacional, não pode prescindir de um mínimo de certeza, em seu elemento formal. Faz-se mister, em consequência, encontrar, na medida do possível, um critério eficaz, a fim de possibilitar maior precisão às noções vagas acima referidas.

Como demonstraremos adiante, esse critério só pode ser a efetividade.

Sem admitir a efetividade, aquelas noções vagas de "necessidade" e exigência da vida internacional", as quais, em última análise, repousam em dados subjetivos não oferecem, critério objetivo, a fim de que um determinado Estado possa contestar a conformidade a elas de uma suposta regra costumeira e, por consequência de seu caráter obrigatório.

A maneira efetiva como as normas costumeiras internacionais se manifestam é a demonstração clara de que elas estão atendendo aos requisitos de interesse social, segurança, comum, necessidade coletiva.

Entim, vale assegurar que a efetividade é a objetivação, no plano do direito internacional costumeiro, desse processo valorativo que todo ser humano exerce, no momento da construção de uma norma jurídica. E, no que se refere ao resultado desse ato valorativo, diremos como o professor MICHEL VIRALLY que "para a Ciência do Direito como para a História, os valores só têm relevância na medida em que favorecem os movimentos sociais. A seus olhos, os que sobrepõem não são os mais elevados, mas os que foram impostos à sociedade por aqueles que combatiam em seu nome". (MICHEL VIRALLY, La pensée juridique, 1960 - p. 219).

Entretanto, não queremos, com isso, aceitar uma posição sociológica, tipo simplista, porquanto esta, além de colocar a solução do problema fora da órbita específica da ciência do Direito, apresenta-se de maneira bastante vaga, o que não pode constituir um campo preciso e suficiente de análise jurídica. Repetamos: como poderíamos um Estado, por exemplo, negar obediência à determinada norma costumeira alegando que esta contravém aos

princípios de "necessidade e exigência" das relações internacionais? - Vale ressaltar, aliás, ser lugar comum repetir que, no plano das relações internacionais, cada Estado costuma julgar que o que é bom para ele é um consequência, bom para todos; que a satisfação dos seus interesses é a satisfação dos interesses de toda a comunidade internacional. E critérios assim tão subjetivos não podem constituir a base comum sobre a qual deva basear-se uma análise essencialmente científica.

Ao nosso ver, o único critério realmente objetivo, vale dizer, científico, para a solução do problema, é o princípio de efetividade. Somente ele possui, no que se refere ao fundamento da validade da norma costumeira e consequentemente de toda a ordem jurídica internacional, a importância primordial de fornecer uma solução que é situada estritamente dentro do campo específico da ciência jurídica. E é escusado lembrar ser o conceito de efetividade fornecido, como vimos anteriormente pela jurisprudência internacional. E noção eminentemente jurídica e não metajurídica.

Isto posto, cabe-nos agora aprofundar o conceito de efetividade.

8. O conceito de efetividade como "Sosein".

Acreditamos ser necessário fazer, desde logo, uma distinção fundamental entre a noção de conduta efetiva e a da efetividade da norma jurídica.

A primeira é bastante vaga, exprimindo a idéia geral de conduta que existe de fato, realmente, e que se opõe, em razão disto, à idéia de conduta fictícia, imaginária. Ao contrário, a noção de efetividade da norma significa algo de bem determinado, alguma coisa já de "categorizado", de "qualificado juridicamente"; não exprime apenas a idéia de uma conduta efetiva, mas algo que vai além disso: o conceito de norma efetiva traduz, na verdade, uma conduta real que já é imantada por um valor, por uma significação bastante precisa - a significação especificamente jurídica. Não constitui, assim, um puro "Sollen" de caráter abstrato, sem relação com o mundo objetivo, nem um puro "Sein", existindo na esfera dos fatos.

O conceito de norma jurídica efetiva significa um-fato-no-sentido-da-norma, vale dizer, um "Sosein". A efetividade é assim, noção eminentemente jurídica, não se confundindo com a força bruta, porquanto exprime algo que já reflete, de certa maneira, as tradições e a ética no meio social onde se produz.

Na linha do formalismo kelsiano, a efetividade é um mero fato, situado inteiramente no mundo de "Sein". Daí segundo ele a impossibilidade de fundamentar nela a validade da norma jurídica, pois esta participa da natureza de um "dever-ser".

Ora, já mostramos que a chave do problema da relação entre "ser" e "dever-ser", ou, em plano menos abstrato, entre "efetividade" e "validade", se encontra na análise fenomenológica da ação humana, enquanto objeto cultural. Nesse sentido, a conduta especificamente jurídica não é puro "factum" social, mero fato "bruto", sujeito apenas ao princípio de causalidade. A análise fenomenológica nos mostra que é certamente um "Sein", mas já imantado por um valor, por uma significação eminentemente jurídica, fato categorial, de "estrutura significativa". Vale, por isso, ressaltar, aqui, aquela valiosa distinção, de que fala GUIDO CALOGERO, entre fato físico (realidade "observada") e fato jurídico (realidade "operada"): "Um é fato que é somente fato, o outro é um fato que é também um ato; um é um factum, que não pressupõe nem uma faciendum, o outro um factum que nasceu de um faciendum, pois não teria ocorrido se um factor não o houvesse sentido como faciendum.

Ora, se a noção de efetividade, no que se refere ao mundo jurídico, não significa um simples "Sein", mas alguma coisa de "construído", vale dizer, um "Sosein", não haverá por consequência contradição lógica, se afirmarmos que, no plano do direito positivo (e é unicamente este direito que tem relevância para a ciência jurídica), a validade da norma, em última análise, encontra-se em sua própria efetividade. Esta constitui, assim, não só a "conditio sine qua non" da validade, mas também sua "conditio perquam"; a norma jurídica tendo força obrigatória pelo fato de ser efetiva.

9. Mais. Todas as considerações que fizemos tomam grande importância, se fizermos uma análise da manifestação mais espontânea do Direito, que é a norma costumeira. Na verdade, é sabido que as dificuldades, no que se refere ao costume, nascem a partir da análise da "opinio juris", entendida como a convicção de que determinado uso corresponde à execução de uma obrigação jurídica. Entretanto, a convicção de que certos atos constantes respeitam determinada regra anterior a eles exclui a hipótese de que esses atos sejam os primeiros a estabelecerem como norma jurídica. Portanto, admitir o elemento "opinio juris" como indispensável à formação do costume é cair na contradição lógica de afirmar que a norma costumeira é preexistente aos atos mesmos que constituem a sua própria razão de ser.

Se observarmos entretanto atentamente a formação do costume, verificaremos que ela resulta de duas práticas que convergem uma em direção a outra, a saber: de um lado, a prática constituída da repetição constante de certos atos, e, do outro, a que é constituída da coação efetiva cada vez que a primeira prática é violada. São estas duas práticas em questão que formam o elemento material do costume. Este resulta, pois de um uso cuja força obrigatória se consolida espontaneamente e progressivamente, à medida que a efetividade da coação se materializa numa intensidade crescente, cada vez que esse uso é violado.

Por consequência, a prova de que há o fato objetivo da reciprocidade na obser-

vância de uma prática determinada, de tal maneira, que sua violação traz como resultado atos de coação, é perfeitamente suficiente para mostrar o caráter especificamente jurídico da prática em questão, isto é, de sua força obrigatória. Aliás esse fato objetivo constitui apenas uma conduta que se manifesta, pondo em presença duas ou mais pessoas, e dando a cada uma delas o poder de exigir da outra um certo comportamento. E, por essa razão ela forma uma conduta que tem relevância para o Direito.

Pelo fato assim, de ser impossível provar a existência da "opinio juris", a efetividade do elemento material do costume, formada pelas duas práticas acima referidas, é suficiente para manifestar o caráter obrigatório da norma em questão. Além disso, esse "fato objetivo", a que fizemos alusão, não é um puro fato situado na esfera do "Sein", mas um fato de "estrutura significativa", fato-no-sentido-da-norma, um "Sosein".

Validade e efetividade aparecem, desse modo, como dois elementos que guardam, entre si, uma correlação dialética de complementariedade, no que diz respeito à noção de norma jurídica efetiva.

É nesse sentido que entendemos o pensamento de P. GUGGENHEIM, quando escreve:

"A validade de uma norma deve corresponder à sua efetividade, sua falta de efetividade à sua nulidade".

10. O conceito de efetividade na ordem jurídica interna e na ordem internacional.

As nossas considerações estariam ainda incompletas, se não analisássemos os aspectos da efetividade comparativamente no Direito interno e no Direito Internacional, de vez que a noção do Direito deve abranger o Direito primitivo (no caso, o Direito Internacional) e o Direito mais evoluído (o Direito interno).

Na ordem jurídica interna de cada país, pelo fato de ser uma ordem jurídica centralizada, cuja técnica, é bastante desenvolvida, a validade e a efetividade de suas normas podem não coincidir. Com efeito, é possível que existam normas que estejam em vigor (por conseguinte, que sejam válidas), antes de serem efetivas.

Entretanto, faz-se mister precisar que, mesmo nessa hipótese, não há uma validade totalmente abstrata, sem nenhuma realização objetiva (uma validade em si, "per se stante"). Preferimos dizer que, nesse caso, existe uma norma efetiva "em potência", em vez de uma norma simplesmente válida. Na verdade, essas normas para que possam existir enquanto normas simplesmente em vigor (isto é, sem serem efetivas), devem pertencer a uma ordem jurídica de fato efetiva. Dessa ordem jurídica, necessariamente efetiva, extraem sua qualidade de normas efetivas em potência, vale dizer, de normas simplesmente em vigor, porquanto sua natureza é de tornar-se realmente efetiva.

Ora, o Diretor Internacional, em virtude de ser uma ordem jurídica embrionária, consequentemente descentralizada e cuja técnica é ainda primitiva, não pode comportar normas que sejam simplesmente válidas sem serem efetivas. Em outros termos: o Direito Internacional Público não comporta normas que sejam "efetivas em potência" mas tão-somente normas que se manifestam realmente efetivas, isto é, efetivas "em ato". Aliás, não é demais lembrar que os atos humanos são revestidos de significação subjetiva e que é associada pelo indivíduo ao próprio ato e objetiva (a que lhe é dada pelo direito). Apenas a significação de natureza objetiva pode ser apreciada cientificamente, possibilitando a existência dos caracteres de certeza e segurança próprios a toda norma jurídica enquanto tal. Ora, a efetividade é justamente o padrão de valor objetivo a fim de que, por exemplo, na ordem internacional, um Estado possa não só apreciar a conduta de um outro Estado, mas também exigir dele, como já dissemos, o cumprimento de suas obrigações jurídicas. Através, assim, da efetividade, conseguimos fundamentar a norma de direito no "factum juridicum", sem entretanto cair no simplismo de certas posições do Sociologismo Jurídico, o qual tenta sustentar que a norma costumeira extrai sua força obrigatória das necessidades e exigências da vida social. A solução só pode, ao nosso ver, ser dada mediante o conceito de efetividade. A maneira efetiva como as normas se manifestam é a demonstração palpável de que elas estão precisamente atendendo aos requisitos de interesse social, segurança comum, necessidade coletiva.

Por tudo quanto foi exposto, cremos agora poder afirmar que efetividade da norma costumeira, por ser a integração de uma conduta determinada e de uma "significação", conforme uma dialética de complementariedade, ou, em outros termos, por ser a efetividade da norma jurídica um fato-no-sentido-da-norma, um Sosein, ela constitui o fundamento da norma internacional costumeira. A norma jurídica tendo força obrigatória porque é efetiva e na medida em que é efetiva.

No direito positivo (e é unicamente este direito positivo que interessa à Ciência do Direito enquanto tal), validade e efetividade apenas se distinguem mas não se separam.

Repetamos: o direito positivo não comporta a noção de validade puramente abstrata, sem realização efetiva (uma validade "per se stante"). Mesmo as normas simplesmente em vigor, na ordem jurídica interna, constituem, antes normas "efetivas em potência", porquanto elas tiram sua existência da ordem jurídica a que pertence, a qual deve necessariamente ser efetiva. Formam, assim, normas cuja natureza é de tornar-se "efetiva em ato".

Neste sentido (e tão-somente neste sentido), podemos também afirmar que a positividade do Direito se confunde com sua efetividade.

OS LIVROS MAIS VENDIDOS

A informação é da *Cultura Livros Paraibana*, a Livraria do Luiz, localizada na Galeria "Augusto dos Anjos". Ali os livros mais vendidos na última semana, foram:

Nacionais

- 1 - *O Crespúsculo do Macho* - Fernando Gabeira
- 2 - *Por que os preços sobem no Brasil* - Ricardo Bueno
- 3 - *ABC do Entreguismo no Brasil* - Ricardo Bueno
- 4 - *Ditadura e agricultura* - Octávio Ianni.
- 5 - *A mesa do jantar* - Laurita Mourão
- 6 - *A ilha* - Fernando Morais

Estrangeiros:

- 1 - *A era da Incerteza* - Galbraith
- 2 - *Para nascer nasci* - Pablo Neruda
- 3 - *O profeta do passado* - Erich Von Daniken
- 4 - *Longe é um lugar que não existe* - Richad Bach
- 5 - *A alternativa do Diabo* - Frederick Forsyth
- 6 - *Erro de julgamento* - Henry Denker

CORRESPONDÊNCIA: Carlos Romero - Av. N.S. dos Navegantes 792 - Tambá - João Pessoa - Paraíba

Concurso para poetas

Para comemorar o 5º aniversário de existência de sua revista Escrita, a Editora e Livraria Escrita Ltda, pro- verá nos dias 25 e 26 de outubro, a partir das 14 horas, no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, av. Dr. Arnaldo, 455, seu 34º CONCURSO ESCRITA DE POESIA FALADA, com prêmios especiais:

- 1) Cr\$ 10.000,00 para o melhor poema;
- 2) Cr\$ 2.000,00 para o melhor intérprete;
- 3) Livros e revistas para os poemas classificados até o 10º lugar.

Os cinco primeiros colocados nesse concurso, que terá caráter excepcional, integrarão, ainda, a antologia "Poesia Falada", a ser lançada em abril do ano que vem pela Escrita. Os 2º classificados do dia 25 voltarão a apresentar-se domingo para a escolha definitiva.

As inscrições deverão ser feitas na Livraria Escrita, rua General Jardim, 570 - Fone: 255-5194 - CEP 01223-São Paulo (SP), no bairro de Vila Buarque no horário comercial. Os interessados deverão apresentar seus poemas (um cada um) em duas vias datilografadas, com um máximo de 50 linhas, e pagar uma taxa de inscrição no valor de Cr\$ 100,00. Também uma compra mínima de Cr\$ 200,00 em livros e revistas vale como inscrição. Os interessados do interior e de outros estados e territórios poderão inscrever-se pelo correio, enviando o poema de até 50 linhas em duas vias, dados biográficos e a taxa de inscrição em cheque visado.

Os candidatos a intérpretes terão que inscrever-se numa lista à parte. Se o próprio autor interpretar seu poema, não haverá necessidade de inscrição à parte.

LETRAS

GUIA SEMANAL DE LEITURA

Carlos Romero

ATITUDE CONSUMISTA DA MULHER

"Quando vivemos de acordo com nossos valores - damos prioridade às coisas que têm mais importância para nós-passamos da atitude de apenas tolerar para a de realização pessoal".

Esta é uma conclusão a que chegaram os psicólogos norte-americanos Kathrin Jason e J.J. MacMahon, autores do livro *A Coragem de Decidir*, que a Editora Nova Fronteira está lançando. A obra tem como subtítulo: "Como tomar decisões modificando sua vida".

Ilustrado com fatos extraídos da vida real, o livro conta a história de um homem que vivia so-

frendo de úlceras e outros males. E a causa era o emprego que detestava e a mulher que vivia gastando o que não podia. E para enfrentar essa *atitude consumista* da esposa, ele terminou procurando emprego mais compatível com a sua vocação e conseguindo que a mulher trabalhasse, permitindo, assim, que "assumisse a responsabilidade pela mania de comprar".

A Coragem de decidir é um livro de psicoterapia que adota um processo novo na solução dos conflitos interiores.

Inspirados na filosofia de um Carl Rogers ou de um Erich

Fromm, os autores entendem que "o sentimento em que devemos confiar, acima de todos os outros é o nosso profundo sentimento de liberdade pessoal. Muitas vezes, por temermos a liberdade, e a responsabilidade, que é parte essencial da mesma, tentamos fugir dela. Quando nos recusamos a confiar em nossa liberdade, não podemos aceitar a responsabilidade de tomar decisões."

"A Arte faz parte dos mistérios do humano".

O "Ato Criador" é o tema da exposição feita pela professora Mariana Cantalice Soares no V Congresso Brasileiro de Teoria e

Crítica Literária, realizado recentemente na cidade de Campina Grande.

A autora conclui dizendo "que o trabalho artístico é, pois, criação e elaboração, desde que a preocupação com os meios *racionais e técnicos* seja bem dosada. Conduzindo a criatura a um conhecimento mais amplo da existência do Ser, a Arte faz parte dos mistérios do humano e participa da vida no seu contexto social."

Graças ao professor Jeová Mesquita, recebemos o trabalho da congressista Mariana Soares, que será divulgado no suplemento *Correio das Artes*.

Últimos lançamentos

Memórias de um Pastor de Abelhas - Marcel Scipion - Este lançamento da Difel que conta as fascinantes recordações de um solitário pastor de carneiros e de abelhas. Trata-se de um livro cheio de ternura e poesia.

Pentimento - Lilian Hellman - Livro autobiográfico. É como se fosse um álbum de fotografias para ser folheado devagar. A autora é uma espécie de santa e pioneira do movimento feminista por suas posições corajosas ao longo da vida.

Toda Poesia - Ferreira Gullar - Reunindo toda a obra poética de Ferreira Gullar, já está nas livrarias o livro *Toda Poesia* todo encadernado, espécie de panorâmica da poética do renomado escritor. O lançamento de *Toda Poesia* pela Civilização Brasileira constitui uma homenagem pela passagem dos cinquenta anos de Ferreira Gullar.

Rei morto, Rei posto - Mary Renault - A Record está mandando para as livrarias *Rei morto, Rei posto*, de Mary Renault. O livro conta uma história fascinante, uma mistura de lenda, mito e imaginação.

É a história de um jovem em busca do seu patrimônio hereditário heróico. *Rei Morto, Rei Posto* é mais dramático do que a lenda. Um romance histórico de qualidade excepcional.

O Dia da Nuvem - Fausto Cunha - A Livraria Cultura Editora lançou de Fausto Cunha o livro *O dia da Nuvem*, uma coletânea de contos.



Nele, o autor conta a história de uma nuvem negra de poluição que estaciona sobre São Paulo e começa a matar por envenenamento toda a população, a partir das crianças nos berçários, mais indefesas e sensíveis. Depois a cidade é destruída.

Além deste conto, *O Dia da Nuvem* que dá título a esse novo e fantástico livro, Fausto Cunha nos dá outros, de denúncia, como *O anzol e os peixes* (onde o dono de uma fábrica morre envenenado com o próprio veneno que faz) e até eróticos, como *Primeiro amor*, onde uma mulher tem que concorrer com uma máquina extremamente sensual...

Moronguetá - Civilização Brasileira - De Nunes Pereira em segunda edição, a Civilização Brasileira está lançando *Moronguetá* que tem como subtítulo: "Um Decameron Indígena".

Lendas, mitos, tradições, fábulas e estórias dos índios do Es-



tado do Amazonas e dos Territórios de Roraima e Rondonia, distribuídos por suas cinco áreas culturais encontram-se nesse volume.

Tutaméia - João Guimarães Rosa - Lançamento da José Olympio - 5ª edição. Esta obra confirma o juízo de que o autor de Sagarana é um "escritor absolutamente singular em nossas letras. Não só em nossas letras contemporâneas, mas ainda em toda a história de nossa literatura".

As Três princesas... - Nagib Jorge Neto - Livro de contos lançado pela José Olympio, *As Três Princesas Perderam o Encanto na Boca da Noite*, de Nagib Jorge Neto reúne 14 extraordinárias narrativas sobre um pedaço do Brasil que é um Brasil inteiro.

Próximo lançamento

O romancista gaúcho Josué Guimarães já entregou à L & PM



Editores os originais de seu novo romance *Camilo Mortágua*. É um romance com 456 páginas onde é contada a história de um homem, que é a própria história de grandes famílias gaúchas que no passado viveram na opulência dos latifúndios e da pecuária, mas o tempo e as transformações sócio-econômicas acabaram conduzindo à decadência e à ruína.

Posta-Restante

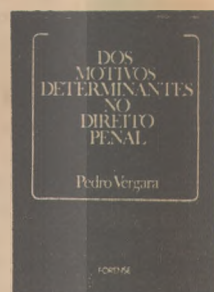
Geração Viva - O livro me chega pelas mãos do escritor Romeu Gonçalves. Trata-se de *Geração Viva*, uma coletânea de contos de David Gonçalves, lançada pela Editora Martita, de Joinville, Santa Catarina.

Uma porção de histórias muito bem contadas e inspiradas na dura realidade social de nossos dias, a que não falta lirismo e ternura humana.

O autor possui um estilo direto, incisivo e vibrátil. Agradecemos a oferta de um exemplar.

ESTANTE JURIDICA

Executivo Fiscal - prática e jurisprudência



A Edição Universitária de Direito está lançando de Orlando Fida a 4ª edição de *Prática e Jurisprudência da Execução Fiscal*.

Trata-se de um livro que interessa ao profissional do foro e aos estagiários de Direito, pois abrange não só a parte doutrinária, mas também a jurisprudência.

Além do mais, o livro traz formulários de petições muito bem estruturados.

Sociedades, empresa e estabelecimento, de Waldirio Bulgarelli. Lançamento da Editora Atlas. O autor aborda com muita oportunidade diversos aspectos do fenômeno empresarial, estribado em farta doutrina e vivência profissional.

Aborda ainda áreas relevantes do direito econômico, de interesse crescente e renovado.

O autor estuda ainda diversos perfis societários com suas implicações jurídicas e à luz do moderno direito empresarial.

A técnica de advogar na área criminal - Em terceira edição, este livro de Gilberto Caldas, que a Edição Universitária de Direito está lançando, é manual dos mais úteis aos que se iniciam na advocacia criminal.

O autor, que é *expert* no assunto, ministra um verdadeiro curso intensivo de direito penal prático.

Dois motivos determinantes no direito penal - Neste livro de Pedro

Vergara, que a Editora Forense está lançando em 1ª edição, o autor aborda o problema dos motivos determinantes do delito, como tentativa de análise e interpretação do dolo criminal. Busca-se, pois, uma desintegração da intenção, ou seja a separação formal dos seus elementos constitutivos, no afã de retornar a uma síntese que comprove o fenômeno, e o torne, se possível, mais evidente na sua origem e na sua iteração psicológica, até o desfecho do ilícito como crime.

Dois motivos determinantes no direito penal, que aborda temática das mais fascinantes, apresenta interessantes conclusões e fórmula reflexões que interessam a todo estudioso do direito.

MORONGUÊTA UM DECAMERON INDÍGENA NUNES PEREIRA



GILBERTO CALDAS

A TÉCNICA DE ADVOGAR NA ÁREA CRIMINAL

3ª EDIÇÃO

- Considerações sobre o futuro CODIGO PENAL (Projeto Nelson Hungria)
- Considerações sobre o futuro CODIGO DE PROCESSO PENAL (Projeto José Frederico Marques)
- Instruções sobre como elaborar uma DEFESA
- Instruções sobre como se comportar na plenária do TRIBUNAL DO JURI
- Modelos completos de peças processuais
- Transcrição completa de uma defesa elaborada por CICERO
- Tabelas, réteros
- Formulário completo
- Tabela de honorários
- LEGISLAÇÃO CORRELATA: INCLUSIVE INCLUI O DECRET. DE 1978 e o regulamento da PRISÃO ALTERNATIVA

leud

É PRECISO CONCILIAR DESENVOLVIMENTO COM A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

(entrevista a Rubens Nóbrega)

O professor Aziz Nacib Ab'Saber, diretor do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, esteve em João Pessoa nos últimos dois dias. Convidado pela UFPB e o Projeto Rondon para uma conferência sobre Desertificação no Brasil e Fisiologia da Paisagem, realizada no auditório do Escritório Modelo de Prática Forense, quinta-feira à noite, o visitante aproveitou os contatos da sexta pela manhã para conhecer ou reconhecer alguns pontos de seu interesse na Grande João Pessoa. Dessas observações, reuniu argumentos para um alerta: é preciso conservar as matas de restinga, localizadas entre Cabedelo e a Capital, e a escarpa da borda dos tabuleiros. O não atendimento de sugestões ou desafios como esse, advertiu, implicará sérios prejuízos para o patrimônio biológico da região.

Aziz Nacib Ab'Saber considera-se, sobretudo, um pesquisador em Geomorfologia. A direção do Instituto, diz, é uma anomalia, um incidente em sua vida. Possui toda a sua formação científica na USP, a não ser dois anos que cumpriu atividades junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Paralelamente à sua atuação acadêmica, participa ativamente de organizações comunitárias dedicadas à defesa do meio-ambiente. Seu principal empenho é modificar a ótica da chamada "conservação da natureza" em países em desenvolvimento e, para tanto, elabora uma série de projetos de diretrizes para uma política que possibilite a conciliação entre a defesa do meio ambiente e o desenvolvimento necessário a um país.

O conferencista indicado pelo Departamento de Biologia da UFPB tem procurado uma atitude bastante "flexível" em relação ao processo de proteção ambiental. Essa atitude encontra melhor guarida na conciliação dos setores de desenvolvimento na base de bons estudos em organização do espaço. "Minha luta no momento diz respeito a entender como é a organização do espaço, como está efetivamente organizado e em que locais a industrialização pode ser colocada sem incompatibilidades maiores com os cidadãos ali residentes e com as construções humanas e funções tradicionais daquele mesmo ponto", observa.

Essas reflexões estão contidas na entrevista que Aziz concedeu na Sala de Imprensa do UFPB, cuja transcrição produzimos a seguir:

- Diretor do Instituto de Geografia da USP

- Incidente em sua carreira, pois é sobretudo pesquisador em Geomorfologia

- Toda a sua formação na USP, a não ser dois anos na UFRGS

- Trabalhos na área de Geomorfologia Regional, especialmente Climatológica

- Ultimamente, trabalha na aplicação das ciências geográficas ao gerenciamento de recursos naturais.

- Paralelamente à pesquisa e atividades acadêmicas, desenvolve uma certa atividade em organizações comunitárias de defesa do meio-ambiente

- Tenta modificar a ótica da chamada "conservação da natureza" em países em desenvolvimento

- Faz uma série de projetos de diretrizes para uma política que possibilite a conciliação entre a defesa do ambiente e o desenvolvimento necessário a um país, sobretudo muito complexo como é o caso do Brasil

- Tem procurado uma atitude bastante flexível em relação ao processo de proteção ambiente e defesa da natureza, conciliando os setores de desenvolvimento, na base de bons estudos em organização do espaço

- Muita coisa pode ser resolvida, independentemente de outras medidas institucionais mais drásticas, muito mais radicais, apenas com estudos prévios bem feitos que coloquem os diferentes tipos de usos do solo pelo homem na zonas urbanas, nas zonas rurais em seus devidos locais

- Nos últimos tempos está preocupado com um problema fundamental da região em que vive que é o processo completamente mais ou menos livre de instalação de indústrias poluidoras

- Minha luta no momento diz respeito a entender como é a organização do espaço, como está efetivamente organizado e em que locais tais indústrias podem ser colocadas sem incompatibilidades maiores com os cidadãos ali residentes e com as construções humanas e funções tradicionais daquele mesmo ponto

- Nesse nível, tem procurado sempre defender a região frente às iniciativas agressivas da industrialização, que é necessária, mas que poderia ter um pouco mais de lógica na ocupação do espaço de seus parques industriais.

- O senhor guarda alguma vinculação com a SEMA (Secretaria Especial do Meio-Ambiente) ou já colaborou em algum de seus trabalhos?

- Não tenho nenhuma vinculação institucional à SEMA. Minhas relações são apenas de conhecimento em relação a alguns técnicos e ao presidente. Considero muito incômoda a posição da SEMA no quadro geral das instituições brasileiras; muito frágil a sua posição.

Vejo inclusive alguma dificuldade no seu relacionamento com os movimentos de defesa do meio-ambiente. O pessoal técnico da SEMA tem sido muito limitado nas suas proposições e, sobretudo, não tem se baseado nessa ótica de organização do espaço, para impor algumas diretrizes mais capazes de resolver situações criadas. Então, há uma certa discrepância. Apoio muito a SEMA no Projeto das Estações Ecológicas. Acho um avanço, mas as estações dizem respeito a unidades de natureza com a preservação grande, em função de uma série de milagres, de coisas que aconteceram empiricamente; no processo de auto-conservação da natureza. Mas elas interessam mais pra nós - universitários e cientistas. Em termos da sociedade, como um todo, as estações ecológicas, em si mesmas, não são um programa integrado. Então, eu me volto para uma outra política, por exemplo, como a que os mexicanos estão fazendo e tentando fazer, lá no México, em regiões semi-áridas, pouco mais secas do que o Nordeste, onde eles fazem, ao mesmo tempo, a conservação de alguns remanescentes importantes da natureza, como patrimônios genéticos fundamentais e, ao mesmo tempo, controlam e gerenciam a região urbana, rural, integradamente. Nós ainda estamos engatinhando numa ótica desse tipo e, sobretudo, a SEMA ainda não deu provas de que tenha uma visão correta e científica para esse campo. Infelizmente. Isso, a despeito da grande admiração que tenho pela pessoa de seu presidente, o dr. Paulo Nogueira Neto, mas eu crítico mais a filosofia da SEMA e as suas potencialidades que, propriamente, as boas ações que eles fazem. O projeto das Estações Ecológicas é formidável, mas ele bem que poderia ser um projeto do IBDF junto com a Universidade brasileira e não um projeto da Secretaria Especial do (acentuando) Meio Ambiente, que é uma coisa mais abrangente, incluindo correlações mais íntimas entre fatos da natureza e fatos da sociedade, para os quais a SEMA não está bem preparada.

- Como vê, então, a criação de uma Estação Ecológica próxima a uma usina nuclear ou a instalação de uma unidade desse tipo dentro de uma estação ecológica?

- Esse problema da solução à brasileira dada pelas autoridades, que representa inclusive, cinicamente, uma solução de quem não sabe nada de gerenciamento de recursos naturais, eu considero um absurdo tão grande que me nego a falar mais sobre isso.

- O senhor esteve visitando o Campus...

- Estive e tenho uma admiração toda particular pelo Campus da Universidade Federal da Paraíba por causa, exatamente, da Universidade ter sido incrustada em um ambiente muito especialmente preservado. Eu penso que precisa ser feito mais por uma preservação continuada e definitiva desses remanescentes da natureza, que envolvem o Campus. Aqui, na área de João Pessoa ou na região dos tabuleiros que vêm desde o Recife, qualquer biomassa vegetal tem uma importância fundamental, dada a pressão do uso do espaço por dois componentes altamente in-



vasores - a agricultura da cana, que é uma monocultura, ainda, e altamente exigente em termos de espaço, pois para plantar a cana se exige um quase preparo do espaço sem componentes que possam sofrer os efeitos da queimada que precedem a safra, porque elimina muito os remanescentes vivos e funcionais da natureza, até pequenos cursos das águas. Suas margens são completamente arrasadas. Outro elemento de pressão é a industrialização ao redor das grandes cidades. Eu já tenho dito que, aqui em João Pessoa, teria uma forma muito boa para usar os espaços racionalmente: colocar as indústrias sempre em terras esbranquiçadas, em terras ao redor dos grandes tabuleiros; evitar o uso das terras que servem realmente para a agricultura. Mas há muito o que fazer na preservação de subespaços da zona agrícola canavieira e muito o que fazer em termos de acertar a seleção de áreas com base em solos mais pobres. Eu também estou preocupado em que, no dia em que houver esse direcionamento, nós já deveremos ter estu-



tro do biotério, sem maiores prejuízos. Inclusive pode haver marcação de animais e sultura do animal no meio da mata, para estudos de comportamento. Outro ambiente a ser preservado deveria ser essas escarpas na borda dos tabuleiros. Embora a população não saiba, essas escarpas da borda do tabuleiro, que começam lá no Seixas, elas desenvolvem depois uma espécie de gracioso recôncavo para dentro da planície, sob a forma de falésias mortas e ela deveria ter sua vegetação florestal totalmente preservada e, alguém ou algumas pessoas resolverem desmatar, achando mais bonita a escarpa desmatada, que se torna extremamente frágil em termos de possibilidades de escorregamento de terras, como já aconteceu em Olinda e outros lugares. Então eu vejo a necessidade de algum organismo tomar as falésias mortas das bordas do tabuleiro que separa a cidade alta da planície costeira de Tambaú a Cabedelo, para fins, inclusive, de segurança de paisagem, de segurança de solo, com o fim de impedir algumas construções

mal locadas na borda dessas falésias. Evidentemente, é um lugar paradisíaco. A situação de alguns edifícios no alto da falésia... Mas aqui não há condições geotécnicas para isso nem condições de plena segurança. Qualquer implantação poderia ser perigosa, para os edifícios e para a paisagem. E uma terceira preocupação minha seria com o tombamento dessas matas de restingas mais altas que formam, realmente, um corpo florestal em cima de areia branca e em terras de restinga que, se forem preservadas, dariam uma conotação de esclarecimento e de uma diretriz para a preservação de áreas críticas. Existe uma tendência para liberar certos espaços que são banais e que são espaços para a agricultura e que ficam sob o controle dos agrônomos, enquanto deveriam ficar sob controle de cientistas e técnicos esclarecidos. Imagine você se pudéssemos estabelecer uma diretriz de reconstruir desde o antigo Forte, reconstruindo-o com recursos federais e, isolando algumas matinhas para estudo na região e reconstruindo, dando oportunidade de reconstrução da floresta da beirada das falésias mortas e, depois, colocar um modelo de implantação de zonas tampões, ao redor da matinha da Cidade Universitária. Nós já teríamos feito muito. E colocando a indústria no solo mais pobre, além de ter uma agricultura mais diversificada que aquela extensiva da zona canavieira, teremos mais alimentos e mais baratos dessas terras férteis.

É um pouco do que eu tinha a dizer, fruto de um dia de trabalho.

- O Distrito Industrial de João Pessoa estaria bem localizado, face essas argumentações?

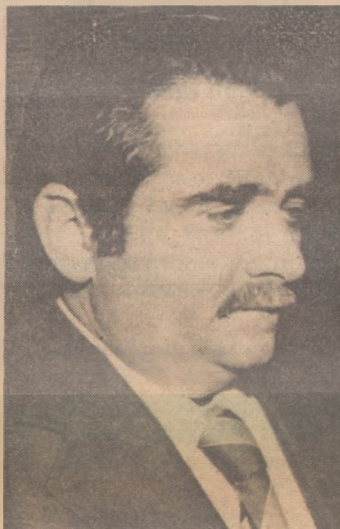
- Eu não conheço bem a localização do Distrito Industrial em face desse mosaico de solos. Tenho a impressão que não houve uma diretriz relacionada com essa seleção de áreas, com base em solos pobres para implantação industrial e urbana e solos mais ricos dirigidos para uma agricultura rendosa, polivalente e útil para a sociedade. Eu não sei se houve esse critério. Tenho impressão que eles usaram espaços de solos mais ricos e outros mais pobres, mas sem levar em conta esse aspecto da questão. Mas estou muito preocupado com o tamponamento dos solos mais ricos desse país, sobretudo no Norte do Paraná, onde a urbanização está tamponando rapidamente os melhores solos que foram a própria causa do desenvolvimento regional. Então, estou sempre de olho atento para essas diferenças. Levando em conta sempre essa diretriz: os solos mais pobres devem ser destinados à atividade industrial, se coincidir com um espaço que não tenha incompatibilidade com a população ali residente e já tradicionalmente fixada na região. São diretrizes de ocupação de espaço um pouco complexas, mas que têm que se fazer por aproximação, avaliando-se primeiro onde estão os solos muito bons e os muito ruins, e depois avaliando se os muito bons estão próximos de áreas que possam ser afetadas pela industrialização. São coisas simples que a experiência e a vontade de gerenciar a natureza, em condições ótimas, acabam por treinar qualquer pessoa que se interesse por isso. De qualquer maneira, sou contra o velho princípio de conservar por conservar. É preciso conciliar o desenvolvimento com conservação e, sobretudo, ter uma ótica de gerenciar aquilo tudo que a gente pretende conservar. Desde o início, desde o enfoque de proposição como essa que estou fazendo para conservação, que encontro aqui uma série de componentes das paisagens culturais e naturais intraurbanas. Será mais difícil preservá-la se não houver uma intenção, uma diretriz e uma estratégia.

- O tópico final dessa nossa conversa seria a Amazônia. Como é que a gente compatibiliza essas suas preocupações com todos esses propósitos de exploração daquela área?

- Eu participo de um grupo que acha que cada região, cada Estado necessita de um tipo de abordagem. A coisa em que estou trabalhando no momento se situa na escala do sítio urbano e seus arredores. Agora, na escala de uma metade de continente como é a Amazônia e suas regiões, os problemas são extremamente complexos. E eu, sinceramente, sem um tempo maior, seria muito leviano se dissesse qualquer coisa sobre o que penso da Amazônia. De qualquer maneira, tenho algumas idéias, já expostas em várias reuniões, idéias que nunca foram ouvidas por técnicos do governo, infelizmente, nem por um setor ou outro, seja qual for.

Resumidamente, seria o seguinte: ela, até a década de 50, estava numa crise de desintegração total em termos do que se havia construído nas primeiras décadas do século. Ela estava numa crise de economia de coleta, como nunca houve na história deste país, logo depois da Segunda Grande Guerra. E a situação das populações beiradeiras e urbanas da Amazônia era de uma total marginalização e empobrecimento. Praticamente, a pirâmide social só tinha uma base e, depois, um topetzi- nho. Classe média real, efetiva, não havia. Então, era preciso integrar. A maneira pela qual se propuseram os planos de integração revela o pouco conhecimento da previsão dos impactos a nível da natureza e a nível da sociedade. E houve tantos e tão grandes erros por parte de n tipos de projetos, ao longo dessas grandes vias de círculo, sobretudo no caso particular da Transamazônica, a mais problemática delas todas, porque foi feita numa transversal e facilitou duas frentes de devastação, uma pro norte e outra para o sul, que seriam irremediáveis em termos de devastação extensiva, e sobretudo em termos de colonização dirigida, onde se teve uma série de idéias muito superficiais, como a colocação de algumas agrovilas em espaço espaço, e não a colocação das agrovilas nos melhores espaços de solo da Amazônia. De tal maneira que o que funcionou mesmo foi a iniciativa dos pioneiros, abridores de estrada e, de outra banda, as iniciativas altamente duvidosas das agropecuárias, em que pessoas fizeram bons negócios com terras e tiveram os mais dolorosos fracassos, em muitos casos, mas ao mesmo tempo contabilizaram sobre a própria valorização da terra, que foi comparada a custo zero, e também contabilizaram sobre os recursos que foram carreados, com grande risco, pela Sudam, em termos de incentivos fiscais. Essas agropecuárias foram o único modelo que, em função da sua possibilidade de rentabilidade, não como um fato econômico de uso do solo, mas como um fato de valorização da terra, vingou na Amazônia e a desfavor dela.

Então pessoas que compraram terras a 10 mil cruzeiros antigos e depois transformaram essas glebas em algumas fazendas, verdadeiras casas de campo, com verdadeiras instalações fictícias e artificiais, passaram pra frente para quem quisesse comprar, incluindo nesse quem as próprias multinacionais, interessadas em reinvestir parte dos lucros que eles obtêm lá com suas indústrias no Sul. Então, o drama é tão complexo que não gostaria de continuar descrevendo, o que seria motivo para horas de discussão e de análise, e também é um drama que não se deve perder apenas por falar, deveria falar perto das pessoas que deveriam ouvir e que poderiam contestar a gente, para podermos dizer com mais energia sobre o que a gente pensa sobre o caos que se instalou na ocupação da Amazônia, de um modo falimentar, destrutivo e irracional. A nível do patrimônio biológico e a nível do verdadeiro desenvolvimento. Uma coisa é marginalizar a população que vive na margem das grandes cidades, outra é marginalizar uma população dentro de uma área considerada margem da própria humanidade.



Castelo age no Maranhão como um JK

O ritmo que o Governador João Castelo (foto), vem imprimindo às obras que realiza no Maranhão faz lembrar o estilo JK da década de 50. Mauritônio Meira esteve em São Luís e pôde observar de perto o esforço de Castelo para superar o atraso de quatro anos a que o Estado foi submetido pela administração anterior. Página 5

Todo o Brasil pára se continuar a guerra Irã - Iraque

O Brasil poderá entrar em colapso total, com a paralisação de suas atividades vitais, se continuar por mais tempo a guerra entre o Iraque e o Irã. Em consequência da absoluta falta de combustíveis, teremos de nos defrontar com três inimigos implacáveis: a recessão, o desemprego, a fome. É o que adverte Adirson de Barros na página 10, lastimando que a Petrobrás compre, mas não descubra petróleo. Sobre o assunto, escrevem ainda Sandra Cavalcanti (pág. 4), Nertan Macedo (pág. 9), Alberto Nunes (pág. 10) e o comentarista internacional Roberto Paulino (pág. 14).



1

2



nássara

Era certo terminar, com um desfecho de arromba, esta luta singular deste homem com esta bomba: fez tanta força soprando que terminou estourando.

NÁSSARA



Itália espera o frio, França antevê o verão

Os italianos, segundo conta Marcos Merehi na página 20, estão preocupados com o frio do próximo ano. Na coleção de Carlotta Biscardi para a temporada de Outono/Inverno-81, figura com destaque este modelo em pied-de-poule em três cores, do esfumado aos tons de azul. É o fino do bom gosto. Outro especialista em moda, Fred Ayres, na página 21, revela que a preocupação dos franceses é tão grande com os óculos para o verão que até uma fábrica como a Porsche, famosa por seus carros-esportivos, resolveu também competir com modelos surpreendentes de armações imaginosas. Estão ainda na jogada nomes como os de Givenchy, Lanvin, Dior, Emanuelle Khan e outras celebridades do "high society" na Europa.

Esta revista é uma oferta do seu jornal. Não pode ser vendida separadamente

Para aliviar a mente bom é ler Rubem Braga

Numa hora em que toda gente anda de mau humor por causa da situação mundial, nada melhor para refrescar o ânimo e ganhar novo alento do que assuntar o mestre Rubem Braga, hoje desembrulhando lembranças que vão do Acre à Índia. Em sua página 3, Braga recorda um riacho acreano, fala de galhas, corvos, pavões, perus Indianos e ainda lembra a pureza de Fagundes Varela.

Diretor-Editor-Chefe
Mauritônio Meira

Diretor
Clodomir Leite

Publicidade
Elias Vigliano — Diretor; José Murillo de Carvalho, Murilo Gondim e Victor Rodrigues (S. Paulo)

Redação: Lago Burnett — Editor Executivo; Mário Morel e Stênio Ribeiro; Arte: Walter ("Xavier") Machado — Diretor; Appe, Cláudio, Franco e Rogério Delgado; Seções: Ary Vasconcelos, Mister Eco, Marcos Merehy, Regina Coelho e Rubem Braga.

Conselho de Redação
Adonias Filho
Antônio Houaiss
Aurélio Buarque de Holanda
Guilherme Figueiredo

Colaboradores: Abelardo Jurema Adirson de Barros, Alberto Nunes, Alberto Silva, Antônio Girão Barroso, Araken Távora, Artur da Távola, Bernadete Cavalcanti, Carlos Felipe, Edmundo Lemos, Everardo Guilhon, Everton Schneider, Fernando Luís Cascudo, Fred Ayres, Homero Homem, João Condé, Nássara, Nelson Dimas Filho, Nerton Macedo, Octávio Malta, Oliveira Bastos, Paulo Roberto Peres, Raul Giudicelli, Renato Vasconcelos, Roberto Paulino, Sandra Cavalcanti, Sebastião Lobo Neto, Theophilo de Azaredo Santos e Waldo Luís.

Belém — Walmir Botelho; São Luís — Cordeiro Filho; Teresina — Montgomery Holanda; Natal — Agnelo Alves e Woden Madruga; João Pessoa — Gonzaga Rodrigues; Recife — Talis de Andrade; Macaé — Noaldo Dantas; Salvador — José Lopes da Cunha; Vitória — Marflio Cabral Perpétuo; Belo Horizonte — Paulo Nacife; Governador Valadares-MG — Elias Antônio da Luz; Nova Iguaçu-RJ — A. Borges de Mello; Bauru-SP — Nilson Costa; e Brasília — José Natal. Correspondentes no Exterior: Antônio Olinto (Londres), Jacyr Domingues (Milão-Itália), Oscar Del Rivero (México), Manuel Olivari (Lima), José Alfredo Palmieri (Guatemala) e Juan Carlos Duque (Panamá). Revisão: Marililson Gomes Pinheiro; Pesquisas: Luís da Silva Henriques (chefe) e Irene Kantor; Foto Composição: Marino G. Pinheiro (chefe); Alzir Pereira da Silva e Evair José Ribeiro da Fonseca; Fotolito: Jorge da Cunha Ferreira e Ivan David Guimarães; e Tráfego: Reynaldo Chacon.

REVISTA NACIONAL (*)
é uma publicação da

gradus journalisme Ltda.

Diretor-Gerente
Mauritônio Meira
Gerente Administrativo
Haroldo de Carvalho

Secretaria Geral
Helena Almeida Magalhães

Administração, Redação, Publicidade e Oficinas: Av. Graça Aranha, 19 grs. 902 e 903 — Tels.: (PABX) 240-2147 e 240-8430 — Telex.: (021) 21013 — CGC. 29.978145/0001-43 — Insc. Est. 00047000 — Rio de Janeiro — CEP. 20.030 — Sucursal Nordeste: Murilo Marroquim — Diretor; Albuquerque Pereira — Diretor Comercial, Rua Engenheiro Ubaldo Gomes de Matos nº 119 — cj. 408 — Tels.: 224-3567 e 224-1042 — Recife-PE.; Alagoas: Jansen Costa — Representante. Av. Pará, 410 — Tel. 223-8004 — Macaé-AL.; Niterói: José Augusto de Holanda — Representante. Rua de Conceição, 13/608. Tel.: 719-5191. Sucursal de São Paulo — Victor Rodrigues — Gerente de Publicidade — Tel.: (011) — 270-7582 A Gradus Journalism se responsabiliza pelas matérias da REVISTA NACIONAL, com exceção das que venham a ser inseridas pelos jornais filiados.

(*) Circula aos domingos, com exclusividades regionais, pelo sistema de franquia, com os seguintes jornais brasileiros aos quais são fornecidos os filmes (fotolitos) para impressão: O ESTADO DO PARA — Belém; O ESTADO DO Maranhão — São Luís; O ESTADO — Teresina; TRIBUNA DO NORTE — Natal; A UNIÃO — João Pessoa; JORNAL DO COMERCIO — Recife; TRIBUNA DE ALAGOAS — Macaé; JORNAL DA BAHIA — Salvador; A TRIBUNA — Vitória; DIÁRIO DE MINAS — Belo Horizonte; O JORNAL — Governador Valadares-MG; SEMANA Ilustrada — Nova Iguaçu-RJ; e JORNAL DA CIDADE — Bauru-SP.

Tiragem Nacional:
425 mil exemplares semanais

PONTO DE VISTA

O firme apoio à abertura

Uma democracia se afirma na medida em que a sociedade assim o exige. De nada valeriam intenções e atos de governo visando à abertura política se a sociedade, por suas forças civis e contingentes armados, não acesse espontaneamente aos acenos do diálogo.

Num momento em que a opinião pública nacional ainda aguarda a proclamação dos resultados de inquéritos abertos contra o terrorismo, os mais expressivos dirigentes do empresariado nacional, reunidos em São Paulo, manifestam seu total repúdio a qualquer forma de retrocesso político, reafirmando apoio integral ao processo de abertura.

Cerrando fileira em torno da liderança do Presidente da República, no qual reconhecem sinceridade e empenho suficientes para levar a bom termo a missão histórica que se propôs, os empresários, com uma lucidez de que a nação andava nostálgica, deixam claro, em seu manifesto, a ínfima correlação existente entre liberdade política e liberdade econômica, ou seja, que é impossível haver progresso sem as condições mínimas indispensáveis à livre iniciativa de cada um e ao direito de todos ao debate.

Quando mais aflitiva se torna a situação internacional, com o agravamento da guerra do petróleo e conseqüente prejuízo às economias de países sem autonomia energética, a palavra dos empresários brasileiros teve o dom de evitar que a nação mergulhasse no mais completo desespero ante a frustração de não ver uma saída para o impasse externo, sob pressão do terrorismo interno.

"A ninguém é dado desconhecer — afirma o documento empresarial — as dificuldades que ora nos atingem. É preciso, porém, afastar definitivamente qualquer resquício de sentimento pessimista que possa pairar sobre os destinos do Brasil."

Estas palavras, que todos os brasileiros não somente desejavam como precisavam ouvir, não foram oferecidas com a fragância de um lenitivo, apenas para aliviar tensões e, como de praxe, adiar soluções. As classes produtoras mergulharam a fundo na realidade nacional dos nossos dias com tal honestidade de propósitos que seu manifesto já nasceu com a predestinação de ocupar um capítulo na história sócio-econômica do Brasil.

Na análise que produziram, os empresários, com sabedoria e agilidade, souberam dirigir-se simultaneamente ao Governo e ao povo, apresentando subsídios para uma ação mais enérgica da autoridade em defesa da economia nacional, e um novo alento a quantos ainda se quedam em estado de perplexidade da sucessão de vicissitudes que adensam os horizontes do País.

A liberdade econômica só pode germinar num ambiente democrático, insiste o documento, depois de apontar ao Governo as metas prioritárias a serem atingidas para estabilização do regime e desfogo de todos os setores da atividade nacional, subjugados a uma inflação que, entre os seus componentes, hoje inclui uma dose muito grande de pânico.

Contra esse pânico, os empresários são implacáveis: "Aqueles que se dedicam a maquinar nas sombras o fracasso da abertura democrática, e — pior que isto, ousam utilizar o recurso abominável do terrorismo — não prevalecerão sobre a vontade da esmagadora maioria do povo".

E, com a franqueza que marca todas as suas linhas, o manifesto não se esquece de incluir uma mensagem de esperança ao afirmar que, "com toda a certeza, seremos capazes de construir, ao longo da década que se inicia, a sociedade livre e próspera, justa e democrática, a que todos aspiramos".

CAPOEIRA SECULAR

"Dirijo-me ao Rubem Braga: Lendo a REVISTA NACIONAL, datada de 8/6/80, vi na página do Braga um artigo que há muito procurávamos nas bibliotecas de Salvador e não conseguimos encontrá-lo. Sou dono de uma Associação de Capoeira e tenho um grande arquivo sobre esta luta marcial brasileira — a capoeira —. Pois a Federação Baiana de Pugilismo quando precisa de qualquer dado sobre esta modalidade nos consulta. Para complementar minhas pesquisas e nosso arquivo, solicito do ilustre jornalista um exemplar deste livro, publicado com algumas fotos de capoeira na RN com o título de "Ginástica Nacional", editada na Bahia em 82 de autoria do escritor A. Burlamaqui. Se o ilustre jornalista não conseguir o exemplar, pode ser feito as xerox pois pagaremos as despesas, tanto do livro como do correio. Aguardamos ansiosos a resposta com brevidade."

M. de Santana
Salvador — BA

O Braga publicou a matéria aludida no nº 80 da RN, baseado nesse livro que ele comprou num sêbo. As ilustrações, como os leitores se lembrarão, são sensacionais: os capoeiristas lutando de ligas e de botas — gozadíssimo. Fique tranqüilo, Santana, o livro lhe chegará às suas mãos, enviado diretamente pelo Rubem. Promessa feita para cumprir.

ARTIGO DE SATURNINO — I

"Excelente o artigo do Senador Saturnino Braga na RN-95. Entendo que a revista lavrou um tanto publicando as opiniões e idéias de um parlamentar dos mais conceituados, porque sério e interessado nos destinos deste imenso País. São matérias como essa que dão autoridade à revista e firmam sua filosofia de não se atrelar a esquemas políticos deste ou daquele matiz. O que o Senador defende parece simples e suas idéias deveriam ser levadas a sério por todos os nossos governantes. Se possível, gostaria que a RN fizesse uma matéria com outros parlamentares. (...)"

Alves de Mattos
Vitória — ES



Cartas

ARTIGO DE SATURNINO — II

"Este País é viável. Há alternativas". Isto é o que diz o Senador fluminense Roberto Saturnino no artigo publicado na RN em seu número 95 que acabo de ler. Será que os economistas do Governo não sabem dessas alternativas? Eles ganham o dinheiro do povo para ficar nas mordomias da vida sem pensar no País. Gostei da matéria e da seriedade com que o Senador expôs as suas idéias. Bola pra frente com outras matérias sérias, como, aliás, se nota em toda a RN, minha leitura semanal permanente. Confesso a vocês que tinha vontade de escrever há muito tempo mas somente agora atendi ao impulso de fazer. Já não era sem tempo e desculpem o meu atraso."

Albino Silvério
Nova Iguaçu — RJ

Como os dois leitores destacaram, a seriedade é o traço dominante na personalidade de nosso Senador Roberto Saturnino, cujo artigo acolhemos com a maior alegria. Ele nos prometeu novos artigos exclusivos, discutindo sem paixão política — e sem extremismos — os temas nacionais. É esperar para ver.

SALVE O NÁSSARA!

"Fiquei muito satisfeito com o retorno do Nássara, esse chargista inimitável que a RN volta a publicar com regularidade. O Nássara é sensacional. Inclusive porque, além da charge ele não faz legenda — faz uma quadra do melhor bom gosto. Sem contar o traço simples e inconfundível. Às vezes, com um pequeno risco ele identifica um personagem. Parabéns. Está valendo."

José Alencar Serra
São Luís — MA

O Nássara, Serra, é uma glória nacional; e a gente não pode apertar as glórias. É esperar que elas se animem para trabalhar. É o caso do Nássara. Ele aparece, some — e reaparece. Sempre com o melhor. É das figuras mais queridas aqui da casa.

QUALIDADE GRÁFICA

"Moro em Nova Iguaçu e acostumei-me a ler a REVISTA NACIONAL através da Semana Ilustrada, aqui da nossa cidade. Fui passar um fim de semana em Vitória e li a RN através de A Tribuna, jornal aliás, muito bem feito do Espírito Santo. A revista é a mesma, mas o papel em Vitória é papel de jornal, deixando muito a desejar ao nosso papel aqui de Nova Iguaçu. Por que a diferença? Vocês imprimem a revista em papéis diferentes? Viva o papel nosso daqui. Gostaria, aliás, de saber como posso conhecer essa redação." (...)

Alfredo Souto Lima
Nova Iguaçu — RJ

A RN de Nova Iguaçu é a única impressa em máquina plana, em papel de resma, de 75 gramas. É um papel maravilhoso. No restante do País, é impressa em papel linha d'água, isto é, papel-jornal. Todas, entretanto, ficam bem impressas porque são feitas em "off-set". Como você sabe, não imprimimos um único exemplar: cada jornal recebe os fotolitos (filmes) das páginas e faz a impressão de seus exemplares de acordo com as suas tiragens. Outro assunto: você pode vir conhecer a gente aqui, quando desejar. Estamos às ordens. Venha filiar nosso cafezinho. Até já.

MISTER ECO

"Gostaria de saber o endereço do Mister Eco para lhe mandar alguma coisa para sua página. Ele é um barato. Pessoalmente ele é engraçado como nas suas matérias?"

Edna Valença
Belo Horizonte — MG

Pode mandar aqui mesmo para a RN: Av. Graça Aranha, 19 grs. 902/903, Rio de Janeiro. O Eco é sempre engraçado, escrevendo ou ao vivo. Só não é com aqueles que não tomam simancol — expressão que ele criou há mais de 20 anos e que se incorporou definitivamente ao nosso linguajar falado e escrito.

Cartas: Av. Graça Aranha, 19 grs.: 902 e 903 — Rio.

RUBEM BRAGA

Lembranças do Acre



Esse rio Acre, que corta a cidade do Rio Branco, é, no mês de agosto, estreito e raso, correndo entre barrancos. Ao longo das margens a gente vê, sempre, a lavoura de vazante que o caboclo planta, principalmente o feijão-de-corda. Eu já havia visto, no Amazonas, essas lavouras longitudinais — duas fitas paralelas, de um lado e outro do rio, léguas e léguas, debruando a floresta.

Para atravessar o rio na cidade, há uma escada e armação de madeira; lá embaixo estão os barcos a remo, com um pequeno mas elegante toldo de lona; na cheia, toda a armação é arrancada e levada pelas águas, que sobem os barrancos e inundam as margens; está ficando cada vez mais largo e mais raso. Tudo o que a cidade importa, a não ser o que vem por avião, deve chegar no tempo das águas, subindo os meandros caprichosos do Purus, e depois esse seu afluente.

Durante o dia, as margens se animam. Há sempre mulheres lavando roupa, debaixo de um pára-sol feito com folhas de palmeiras. As crianças nadam, e também caboclas e homens estão incessantemente pulando na água meio barrenta. As montarias e canoas cruzam o leito para um lado e outro: às vezes uma chata, às vezes uma balsa de "baldas" de borracha. De vez em quando um caboclo

pescando no poço, onde dizem que mora uma s-curiju. O Acre perto da cidade é um rio alegre, como uma rua.

Mas nesta viagem que fazemos em lancha, ao anoitecer, a paisagem é de uma profunda melancolia. O crescente, no céu, desenha o perfil das árvores altas sobre os barrancos, ou projeta suas sombras nas águas curvas, entre lampejos de prata. Olhamos as estrelas. Anoiteceu. Mas a boreste, para ré, há um vago clarão rubro. É uma queimada distante que espalha seu sangue no céu, como um estranho arrebol. Passamos diante de uma barraca de madeira e um homem me explica: lá atrás, um pouco retirado na mata, é o leprosário. Olho a mata escura e triste. E me imagino naquele leprosário no fundo do mato; de um lado essa lua branca, de outro essa mancha vermelha da queimada distante, esse vago clarão de sangue na noite, como inútil protesto, estúpida esperança.

Vamos avançando lentamente. Depois a lua desce, morre; e o clarão da queimada ficou para trás, sumiu na escuridão.

Agora puxamos o arrastão, os pés fincados na lama, sob a paz das estrelas. É madrugada. Os doentes, no leprosário, eu penso subitamente, devem estar dormindo.

Coisas da Índia

GRALHAS E CORVOS

Passarinho na Índia é muito mais confiado que no Brasil. O país é cheio de pássaros lindos, mas há uma gralha que anda por toda parte, aos bandos, e raramente, no despontar da aurora, a gente pode ouvir o canto dos outros pássaros: é aquele grasnar (ou gralhar?) de centenas de gralhas, desagradável, entre o crocitar de corvos também muito confiados e ruidosos. Esses bichos e os inevitáveis pardais, praga do mundo, mal deixam que se ouça o canto melodioso de outras aves.

Comentei isso com um amigo brasileiro que vive aqui, e disse que estava

fazendo falta um bom moleque brasileiro com seu estilingue para liquidar aquelas gralhas. Ele então me contou que um dia o filho de seu vizinho, diplomata estrangeiro, matou uma gralha com um chumbo de sua espingarda de ar comprimido. Logo vieram dezenas de gralhas tentar socorrer aquela, entre grasnidos lancinantes, altos, escandalosos, em um desespero de impressionar.

PAVÃO E PERU

Uma ave bastante comum na Índia é o pavão, de cujas penas fazem ventarolas e outras coisas enfeitadas para turista

comprar. Mas o pavão é sagrado e pode dar na roça de um pobre camponês sem que este ouse fazer mais nada além de um **chô** desanimado.

Pelo que estou contando, vocês estão vendo que, para quem gosta de carne, a alegria na Índia é muito rara. Foi, assim, com prazer, que recebemos um convite de um casal de portugueses, numa certa cidade, para comer peru. Era um belo peru assado, que veio para a mesa adornado de rodela de abacaxi. Quando começamos a comer, a dona da casa perguntou se estávamos gostando. Todos naturalmente dissemos que sim, o peru estava muito gostoso.

— Pois eu os enganei. Não é peru!

Parei o garfo no ar: que diabo de bicho seria aquele? Era pavão. E então o dono da casa nos contou que um patrício seu costumava ir ao mato apanhar pavões. Matava-os, depenava-os, enterrava as penas, e vinha à cidade vender para as pessoas de confiança, dizendo às outras que era peru.

Era domingo; comemos nosso pavão e fomos dar uma cochilada; mas confesso que senti um certo remorso...

(Cantos Meridionais, 1865)

A poesia é necessária

A Flor do maracujá

FAGUNDES VARELA

*Pelas rosas, pelos lírios,
Pelas abelhas, sinhá,
Pelas notas mais chorosas
Do canto do sabiá,
Pelo cálice de angústias
Da flor do maracujá!*

*Pelo jasmim, pelo goivo,
Pelo agreste manacá,
Pelas gotas de sereno
Nas folhas do gravatá,
Pela coroa de espinhos
Da flor do maracujá!*

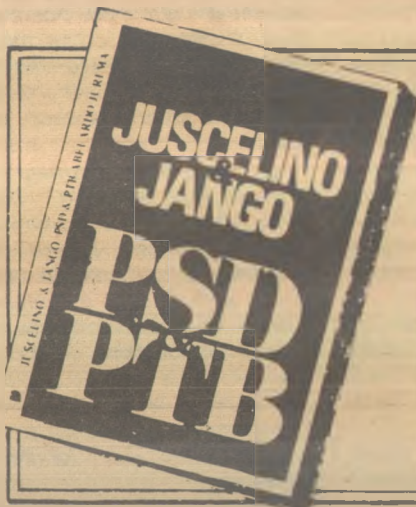
*Pelas tranças da mãe-d'água
Que junto da fonte está,
Pelos colibris que brincam
Nas alvas plumas do ubá,
Pelos cravos desenhados
Na flor do maracujá!*

*Pelas azuis borboletas
Que descem do Panamá,
Pelos tesouros ocultos
Nas minas do Sincorá,
Pelas chagas roxeadas
Da flor do maracujá!*

*Pelo mar, pelo deserto,
Pelas montanhas, sinhá!
Pelas florestas imensas
Que falam de Jeová!
Pela lança ensangüentada
Da flor do maracujá!*

*Por tudo o que o céu revela!
Por tudo o que a terra dá
Eu te juro que minh'alma
De tua alma escrava está!...
Guarda contigo este emblema
Da flor do maracujá!*

*Não se enojam teus ouvidos
De tantas rimas em — a —
Mas ouve meus juramentos,
Meus cantos ouve, sinhá!
Te peço pelos mistérios
Da flor do maracujá!*



ABELARDO JUREMA conta tudo

Líder de JK na Câmara dos Deputados e Ministro da Justiça de Jango, Abelardo Jurema revela uma série de episódios da intimidade de um dos períodos mais ricos da história política brasileira. Você lê e fica por dentro de tudo. Prefácio de Mauritonio Meira

Mande seu nome e endereço e cheque ou vale postal de Cr\$ 280,00 para à Editora Artenova Caixa Postal 2424 — Rio e receba o livro autografado.

COMBUSTIVEL

A Guerra do Petróleo

SANDRA CAVALCANTI



Apenas para alguns países, com recentes descobertas de grandes reservas, como o México, o Canadá e a Índia, são promissoras as perspectivas na área energética.

Para os demais, esta década de 80 vai marcar uma mudança substancial na política de energia, especialmente no que diz respeito ao consumo de combustíveis fósseis.

Não se trata apenas de uma diminuição ou do esgotamento das reservas. Trata-se, também, dos custos crescentes do próprio processo de prospecção e exploração do óleo encontrado. A exploração sob lâminas de água vem tornando o barril cada dia mais caro.

O óleo de xisto, que não é propriamente petróleo ordinário, exige ainda a solução de graves problemas tecnológicos. Embora as reservas mundiais sejam importantes, o seu aproveitamento em larga escala só deve ocorrer lá pelo fim do século.

Já o arenito betuminoso oferece melhores possibilidades. O Canadá, por exemplo, está produzindo mais de 100 mil barris por dia. A Venezuela deve chegar, nos próximos cinco anos, a mais de 400 mil.

Essa é a posição dos fósseis. Posição difícil e complicada, que o presente conflito entre o Iraque e o Irã vem trazer à luz do dia.

As reservas mundiais de petróleo são da ordem de 640 bilhões de barris. O gás natural dispõe de 71 a 85 trilhões de metros cúbicos, o que significa de 500 a 600 bilhões de barris de petróleo.

O mundo Ocidental utiliza petróleo para atender a 50 por cento de toda a sua fome energética. Dentro de 10 anos esperam ter reduzido esta dependência para 48 por cento, o que não é nada animador...

Para alguns países do bloco Ocidental, a grande saída vai ser mesmo o carvão. As reservas são grandes e podem ser recuperáveis. São mais de 11 trilhões de toneladas, das quais 650 bilhões serão recuperáveis.

Mais de metade dessas reservas recuperáveis estão situadas na Rússia, na China e nos Estados Unidos. Atualmente, os Estados Unidos extraem, por ano, mais de 700 milhões de toneladas. A China consegue chegar a 630 milhões.

O carvão tem, pois, um papel importantíssimo a

representar dentro desse quadro de crise de petróleo.

Ele é abundante. Sua tecnologia é fácil. Relativamente simples e amplamente comprovada. E pode ser, ainda, o alvo de muitas outras experiências.

A produção anual de carvão, no mundo, lá pelos anos de 1990, deverá atingir a casa dos 4 bilhões de toneladas por dia, ou seja, o equivalente energético a mais de 50 bilhões de barris de petróleo.

A outra grande saída para o mundo Ocidental é, fora de dúvida, a utilização crescente da energia nuclear.

Passada esta fase inicial de contestações, em que a energia atômica sofreu a contaminação do pânico que a bomba atômica criou no mundo, os países mais alertas já se organizaram para produzir energia elétrica às custas do poderio nuclear.

Nos próximos 50 anos, até que outras tecnologias se imponham e novos caminhos sejam descobertos, a energia nuclear será a grande aliada dos países pobres em petróleo.

Os custos de implantação de usinas têm baixado muito. Em alguns países, já são amplamente competitivos. Um relatório de julho de 1980, mostra como na França e na Áustria os valores relativos do custo instalado de energia elétrica já são favoráveis à energia nuclear.

Tomando-se a energia nuclear, em ambos os países, ao custo simbólico de 100, na França, a energia de carvão está custando 177 e o óleo está saindo a 254. Na Áustria, a energia de carvão está a 129 e a do óleo a 138.

Aqui, também, à medida que o potencial hidráulico disponível vai ficando mais distante, o custo da energia hidráulica vai ficando maior do que a da energia nuclear.

Esta guerra no Golfo Pérsico vai produzir, certamente, uma reviravolta nos nossos programas energéticos. O Brasil vai ter que se ajustar à nova realidade e vai ter que enfrentar o problema de subsistir por energia doméstica os 800 mil barris diários, dos quais se socorre, para trabalhar e sobreviver.

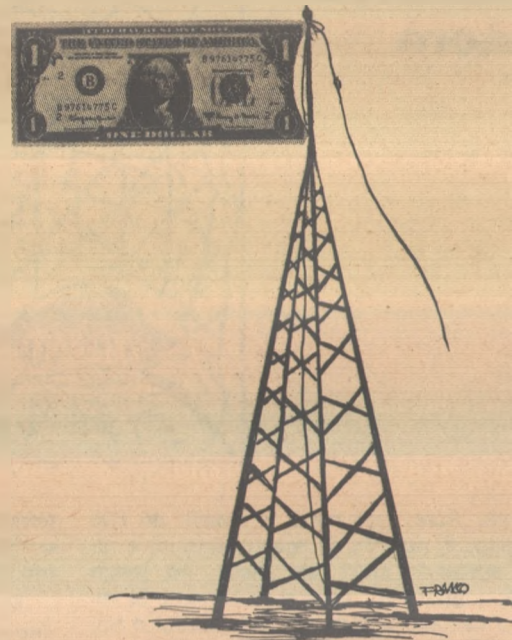
Como vai ser?

Esta é a grande questão que o atual conflito coloca diante de todos nós.

ECONOMIA

THEOPHILO DE AZEREDO SANTOS

O Brasil e o FMI



É sabido que os países da OPEP deverão certamente apresentar, ainda este ano, superávit da ordem de 30 bilhões de dólares, correspondente ao déficit dos países importadores de petróleo, inclusive alguns que ostentavam excepcional posição em seu balanço de pagamentos.

É óbvio que os países em desenvolvimento, desde que importadores de petróleo, indicarão déficits em conta corrente, estando o Brasil incluído entre eles.

Quais os caminhos que nos restam, dentro da atual conjuntura internacional?

Eles podem ser apontados, com realismo, em duas etapas:

1º) esforço para eliminação do déficit comercial (aumento das exportações, redução de importações);

2º) geração de superávit comercial, que será utilizado para a cobertura dos déficits de fretes, seguros, viagens internacionais, etc.;

3º) só a "longo prazo" é que o superávit poderá ser suficientemente porte para eliminar o desequilíbrio de conta corrente e permitir que a dívida externa brasileira comece a reduzir-se.

A Comunidade Financeira Internacional está a par desses fatos e, alicerçada em expectativas favoráveis ao nosso País, fruto de indicadores positivos (esforço e resultados de combate à inflação, redução do crescimento demográfico, sucesso na política de exportações, liquidez nos pagamentos internacionais, potencialidades de nossas reservas minerais, aumento da produção interna de petróleo, programa de produção de álcool, produção decorrente do aproveitamento de nosso carvão, construção de hidroelétricas, etc.), continuará concedendo créditos ao Brasil embora com "spreads" variáveis.

Quando ao acesso a petrodólares via FMI, é inequívoco

que o Governo já adotou uma "decisão": os financiamentos, sob concessão do FMI, "não serão cogitados", pois é reconhecida a imposição de regras de política econômica por aquele organismo internacional, injustificáveis em termos políticos — especialmente na atualidade — e por razões técnicas: os empréstimos não seriam de tal monta a recomendar essa subordinação.

A segunda hipótese é diferente: em 1973, logo após a crise do petróleo, a grande questão que se colocou era como os petrodólares poderiam ser reciclados da OPEP para os países deficitários. A reciclagem direta, via OPEP, representou uma parcela pequena do total, como também foi diminuída a contribuição das instituições internacionais, como o FMI, o BIRD, etc.

Ora, caso o FMI seja escolhido como organismo que vai realizar a reciclagem de dólares, o Brasil — é minha opinião pessoal — "deve" utilizar-se desses recursos, recorrendo ao organismo internacional como irão fazê-lo os demais países, sem que percamos a nossa liberdade de aplicar política econômica que concilie dois grandes problemas brasileiros: a inflação e a manutenção de ritmo de atividade econômica que não nos conduza à recessão, cujos malefícios sociais são historicamente conhecidos e insuportáveis em nossa atual realidade política.

Os banqueiros confiam na inteligência, acuidade, bom senso, experiência e responsabilidade de nossas autoridades monetárias, que saberão decidir de acordo com o interesse coletivo e — já que estamos em regime democrático — sob o julgamento da opinião pública, que melhor se identifica pela manifestação de seus legítimos representantes no Congresso Nacional.



A LIÇÃO DO RIO PARA TODO O BRASIL

Sandra Cavalcanti mergulha a fundo nos problemas sociais. Ela é polêmica, direta e franca. Por isso a cada dia ganha mais adeptos para suas teses. Primeira Presidente do Banco Nacional da Habitação (BNH), ex-Secretária de Serviços Sociais no Governo Carlos Lacerda, na última eleição ela rompeu a barreira do milhão de votos para Senador no Rio de Janeiro. Neste livro presta um impressionante depoimento sobre o drama urbano da cidade, fazendo um corte profundo nos problemas e apresentando soluções que interessam a todos nós — onde quer que moremos. Você vai ler e vai participar.

Receba o livro especialmente autografado. Envie cheque ou vale postal no valor de Cr\$ 300,00, em nome de Sandra Martins Cavalcanti, para Caixa Postal 2424 — CEP 20.000 Rio de Janeiro — Pedidos também pelo Reembolso Postal.

MANDE SEU PEDIDO HOJE MESMO!

PERSONAGEM

JOÃO CASTELO

Governa o Maranhão com a garra de JK

Uma pesquisa de opinião pública feita pelo Ibope no Maranhão, concluída no mês passado, revelou que 100 por cento das pessoas consultadas conhecem o Governador do Estado, João Castelo, de 42 anos. Os resultados revelaram-se positivos em toda a linha, numa demonstração de que o Governador conta com um mínimo de 80 por cento de apoio da sua gente.

Um resumo da pesquisa demonstrou que ele é "um homem simpático" para 73 por cento do total (78 por cento das mulheres consultadas); é "ativo e trabalhador" para 84,3 por cento; "experiente e preparado" para 78,7 por cento (80 por cento para as mulheres); é "honesto" para 63,4 por cento (71 por cento-M); é "popular" para 86,7 por cento (88 por cento-M); "firme com autoridade" para 82 por cento (84 por cento-M); "humano e compreensivo" para 81 por cento (82 por cento-M); "conhece bem os problemas" para 75 por cento; e "administrador competente" para 75 por cento (79 por cento-M). As respostas exibiram uma aprovação maciça ao Governador Castelo por parte das classes mais pobres e para os de idade de 40 anos e mais.

Do programa do Governo, foram destacados como os mais positivos: o "Bom preço" (30 por cento) — um sistema de venda direta de gêneros à população, permitindo o quilo de feijão a "baixo preço" —; e a "Ponte Bandeira Tribuzzi" (27 por cento), obra sobre o Rio Anil, que o Presidente Figueiredo vai inaugurar no próximo dia 17. O terceiro ponto destacado foi o esforço do Governo no desenvolvimento do sistema de educação. À pergunta sobre se ele está fazendo "tudo o que pode pelo Estado" responderam afirmativamente 30 por cento; e 59 por cento entende que ele "pode fazer ainda mais", embora 88,3 por cento aprove seu Governo como "ótimo, bom ou regular". Por sua vez, o secretariado é aprovado pela soma de 69,7 por cento. Uma pesquisa idêntica ao tempo de JK daria resultado semelhante.

TRABALHO DOBRADO

Aproveitamos um final de semana e fomos a São Luís para ver de perto o trabalho do Governador — depois de uma ausência de 19 anos de nosso Estado — cantado em prosa e verso por quantos lá estiveram e nos contavam. Não haveria, claro, nenhuma surpresa. João Castelo Branco Ribeiro Gonçalves, nascido em Caxias, a 300 e poucos quilômetros de São Luís, começou a se destacar no trabalho aos 16 anos, como auxiliar do Prefeito de São Luís, Carlos Vasconcellos. Aos 18 anos, ingressava no Banco da Amazônia (BASA), em modestas funções; fez carreira e chegou a Presidente do Banco. Queimou etapas políticas: ao invés de passar pelos mandatos de Vereador e Deputado Estadual, candidatou-se a Deputado Federal e ocupou dois mandatos consecutivos. Daí, para o Governo do Estado.

Durante três dias, antes de reencontrá-lo, conversávamos com pessoas de todos os níveis. E as opiniões recolhidas batiam na mesma tecla: o governador era um trabalhador incansável e entusiasmado, lutando para compensar o atraso em que o Estado havia mergulhado nos últimos quatro anos de um governo negativo que nada havia podido fazer. Mesmo porque jamais seu antecessor havia conseguido as boas graças do Governo Geisel — que excluiu o Maranhão das visitas aos Estados, ao contrário de seus predecessores, com a exclusão do Presidente Costa e Silva.

"É o jeito — diz ele — temos que trabalhar dobrado: primeiro para tirar a diferença e depois para acertar o passo com os outros Estados."

E assim é que ele segue o esquema estabelecido: às 7 da manhã está no gabinete de trabalho, acendendo o primeiro cigarro, forrado por uma talhada de mamão, um copo de leite e um cafezinho, começando o dia com seu hábil Chefe de Gabinete Ci-



Governador João Castelo

vil, o ex-Deputado Federal José Burnet, e com o experiente Secretário de Comunicação Social, o jornalista Arimathéa Athayde — trazido de volta a São Luís, depois de anos de "batente" na grande imprensa do Rio e de Brasília. Às 14 h, o Governador faz uma pausa, caminha cerca de 100 metros pelos espaçosos salões do Palácio (talvez o mais bonito Palácio de Governo do País), decorados com quadros e objetos de grande valor que pertenceram a Artur Azevêdo, e vai almoçar na ala residencial com soberba vista para a baía de São Marcos. Tenha ou não convidados — jamais se senta à cabeceira da mesa "porque não gosta mesmo", pelo tom formal. Sua mesa é fruto da típica (e deliciosa) cozinha do Norte/Nordeste, com a presença dos imensos camarões de São Luís, do arroz de cuxá (a glória culinária local: arroz com vinagreira) e com a galinha à cabidela (ao molho pardo). Não faltam as frutas da região: a banana rôxa, os imensos cajus e o sapotí. (Rubem Braga, que estava conosco,

espantou-se: nunca havia visto uma carambola tão gigante em sua vida).

Já às 15h30m, Castelo está de volta para a "guerra" do Governo, porque "nunca se acostumou a fazer a sesta", hábito muito comum da Bahia ao Amazonas. Daí para a frente, não tem hora para se recolher, tudo depende do programa a cumprir. (Seus auxiliares se queixam de que ele "não só não tem hora como não se prende a esquemas pré-estabelecidos de audiências"). "O difícil — revela D. Gardênia, esposa e auxiliar direta — é fazer ele parar". A despeito da quebra dos esquemas rígidos, essa "batida" no Palácio vai da 2ª à 5ª-feiras. Às 6ªs-feiras, sábados e domingos, são destinados às inspeções de obras na capital e no interior. Sempre que possível, passa um domingo nas duas fazendas de gado que tem em Codó, onde cria gado Nelore P.O....

PROJETOS NO ESTADO

Em 18 meses de Governo, Castelo se alegra com os 800 projetos de obras em andamento nos 130 muni-

cípios do Estado. "Não há um só município que não esteja recebendo uma obra prioritária — diz ele —. Em Imperatriz, por exemplo, praticamente fizemos uma nova cidade". Asfaltou 40 kms de ruas, fez 7 mil ligações de água, construiu o Fórum, além de reformar escolas e o sistema de limpeza urbana.

Destaca outros melhoramentos: está construindo uma vila operária de 15 mil casas em São Luís, junto com o BNH, numa área perto do Aeroporto do Tirirical onde o Governo anterior pretendia instalar o Centro Administrativo; a construção da estrada Açailândia-Santa Luzia, BR-222, com 114 kms ao custo de Cr\$ 1,1 bilhão, em convênio com o DNER; está completando mil salas de aulas. No setor Saúde, inaugurou mais 100 postos médicos e está prestes a inaugurar 6 novos hospitais, depois da reforma completa do Hospital Geral do Estado, em São Luís. Na véspera de nossa chegada, havia assistido ao início da concretagem do primeiro pilar do Centro Espor-

Gardênia vai em frente

A pesquisa do Ibope revelou que o maior apoio do Governador vem do elemento feminino. "Isso não cria problemas com D. Gardênia?" — indaga o Governador. Quem responde é a Primeira Dama do Estado: "Pelo contrário — diz ela — eu o incentivo; estou na "briga" com ele". E está.

É uma mulher determinada; como comentou o Rubem Braga, ela "vai em frente", contribuindo com sua parcela de trabalho. "Eu durmo, acordo, sonho, precisaria fazer terapia para me desligar e não consigo — diz ela. — Entro na luta para modificar a Ilha Rebelde", como é chamada politicamente São Luís. E uma dessas terapias de trabalho é o projeto que está executando com menores marginais. Escolheu 40 dos mais perigosos e difíceis e está atacando um projeto horti-granjeiro, com excelentes resultados, inclusive fazendo com que cada um se ocupe e ganhe, de safra, um salário mínimo, além de participação nos resultados.



Nessa luta ela só tem uma ponta de tristeza conformada: a saudade da filha, Gardênia Maria, de 18 anos, estudando em Brasília. Mas o outro filho, João Castelo Ribeiro Gonçalves, filho, de 12 anos, está em São Luís, cursando a 6ª série do ginásio. Este não quer, declaradamente, ser político "porque não gosta". E, no fundo, não gosta que o pai seja governador. "É bom porque é bom para ele — confessa. — Mas não é bom para mim, porque fazem crítica e eu não suportaria crítica a meu pai. No colégio ninguém tem coragem de falar dele pela minha frente. Quem falar, leva um murro".

tivo de São Luís, um conjunto composto de um estádio (o "Castelão"), para 50 mil pessoas, pistas de atletismo, piscina, tudo como preparação para os Jogos Universitários que serão realizados na capital maranhense dentro de 2 anos. "Não é obra suntuária — defende-se o Governador — é uma necessidade. Inclusive para reduzir os custos com a saúde da população".

Mas o projeto que mais entusiasma ao Governador é o "Italuís", destinado a dotar a capital de abastecimento de água do Rio Itapecuru, com custos previstos de Cr\$ 4,5 bilhões. "Durante um ano — diz — a cada três horas um caminhão estará chegando ou saindo na tarefa de carregar os tubos do Sul do País. Tudo já está comprado e a inauguração se dará em dois anos".

O exemplo mais concreto da velocidade com que trabalha o Governador do Maranhão, seria, entretanto, a Ponte Bandeira Tribuzzi, sobre o Rio Anil, em São Luís, incorporando ao progresso uma vasta área da capital. Digamos que, guardadas as devidas proporções, seria uma Ponte Rio-Niterói. As obras estavam paralizadas faziam seis anos quando Castelo assumiu. Não havia recursos e ainda, por cima, arrastava-se uma pendenga judicial. Em 10 meses a ponte ficou pronta (e será inaugurada pelo Presidente Figueiredo no próximo dia 17), com um custo de Cr\$ 200 milhões. Foi necessário refazer tudo. E mais: aos mil metros de vão, o projeto teve de ser modificado para permitir 500 metros de alças e acessos.

BOM PREÇO

Os altos preços dos gêneros de primeira necessidade foram atacados por um sistema engenhoso de distribuição a que se deu o nome de "Bom preço", favorecendo-se, assim, uma larga faixa de população pobre. (É um sistema que será visitado pelo Presidente Figueiredo, como primeira coisa a fazer, ao descer do avião). À distribuição, antecipou o Governo um ataque de apoio à produção agrícola: em um ano, elevou-se a produção de arroz, de um milhão de toneladas, recuperando mil km de estradas na zona produtora e aumentando a capacidade de armazenamento. Para isto, foi necessário uma ajuda de fora do Estado, conseguindo-se os armazéns infláveis. De uma capacidade de armazenamento de 150

mil toneladas, saltou-se para 650 mil toneladas.

PROJETO DISCUTIDO

No momento, em São Luís, a grande discussão de rua é o projeto da Alcoa, produtora de alumínio. A fábrica começa a se instalar em São Luís, com uma programação de custos de US\$ 1 bilhão, em três anos. Somente durante a construção, será aberto um mercado de trabalho para empregar 6 mil pessoas; reduzindo-se para 2 mil e 800 após a inauguração. Pois bem, a oposição grita que vai haver poluição: até poetas entram na história fazendo poemas do tipo "Enquanto a Alcoa não vem", cantando as belezas de São Luís, "ameaçadas" pela industrialização. Conversei com a Alcoa e a defesa é simples: 13 por cento do bilhão de dólares — ou sejam, 130 milhões de dólares — são destinados aos equipamentos anti-polluição. A empresa, aliás, está tendo muito cuidado. Apesar de a oposição ser insignificante, a Alcoa está adotando um programa de levar a Poço de Caldas, MG, um sem número de pessoas influentes para verem sua fábrica mineira e a impropriedade dos temores. "Por que escolheram São Luís?" — indaguei. E a Alcoa explicou que, além do porto excelente de São Luís — o novo porto, Itaqui, com profundidade de 60 metros — a cidade hoje conta com uma infra-estrutura invejável em tudo: habitação, estradas, clima, na ponta da linha férrea que vai trazer o minério de Carajás, no Pará. Castelo comentaria, depois, que somente a Alcoa vai permitir um ingresso anual de impostos de ordem de vinte milhões de dólares. Depois da Alcoa, virão a Siderurgica alemã Korf (Pains, no Brasil) e a Vale do Rio Doce que já projeta duas fábricas de ferro gusa de 250 mil toneladas ao longo da ferrovia do minério, na cidade de Santa Inês, com participação do Governo do Estado.

PDS ÚNICO

— Politicamente, governador, como vão as coisas por aqui? E ele:

— Aqui vão muito bem: os prefeitos dos 130 municípios estão no PDS, incluindo 10 que estavam na Oposição. Quer dizer: o povo está com os prefeitos e os prefeitos estão com o Governo. O resto dos políticos está tentando fazer seus partidos.

ENERGIA

Usina Celestial

NERTAN MACEDO

As soluções dos nossos tormentosos problemas energéticos parece que já se acham, sem qualquer veleidade humorística, em fase de plena competição temporal com a velhíssima Sé de Braga e as sempre tardadas ou retardadas obras de Santa Engrácia. Só que a catedral de Braga está de pé e Santa Engrácia foi afinal concluída.

Há cinquenta e oito anos, precisamente entre os dias 22 de outubro a 8 de novembro de 1922, exercendo então a Presidência da República o ilustre Dr. Epitácio Pessoa, reuniu-se no Rio de Janeiro, comemorando o Brasil calorosamente o centenário da sua independência, o Primeiro Congresso Brasileiro de Carvão e Outros Combustíveis Nacionais. Dele participaram figuras eminentes da República, como o ministro da Aviação Pires do Rio e Miguel Calmon du Pin e Almeida, seus presidentes de honra, além de técnicos e políticos, como o senador Justo Chermont, o deputado Cicinato Braga, Gabriel Osório de Almeida e Ildefonso Simões Lopes. Releio agora com verdadeiro espanto as recomendações aprovadas pelo mencionado Congresso e ainda redigidas naquela velha e complicada ortografia dos nossos pais e avós. Lá estão tratados com absoluta precisão os mesmos assuntos que a imprensa de hoje ansiosamente aborda como descobertas e revelações recentes. Prova de que os nossos homens públicos do passado já conheciam os cantos dos beirais onde se aninhavam as andorinhas. Aliás, os estadistas da Colônia e do Império já haviam de certa forma equacionado a maioria dos problemas nacionais, o que sem dúvida dispensaria a verdadeira síndrome de diagnóstico dos dias atuais...

O documento de cinquenta e oito anos passados recomenda que sejam intensificadas as pesquisas de carvão no vale do Amazonas e, com maior ênfase, as sondagens do petróleo na zona terciária. O Amazonas deveria ser vasculhado ao máximo com o intuito de avaliar a importância das jazidas e fazer o seu completo levantamento geológico. O mesmo deveria ser feito (passe o leitor), em Campos, na Bahia, Sergipe, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso, Piauí e Maranhão. Não escapou à argúcia científica dos participantes do Congresso sequer o xisto betuminoso da Serra do Araripe, no Ceará, e todas as conhecidas ocorrências carboníferas do Sul do País. A própria Ferrovia do Aço é sugestivamente esboçada no documento, cujas recomendações — as últimas — enfocam claramente o nosso "Proálcool" de hoje, com as seguintes palavras: "É de grande vantagem que os Poderes Públicos adquiriram, de preferência, os aparelhos e máquinas especialmente construídas para o emprego do álcool. Redomenda-se a concessão de favores fiscais aos veículos, máquinas e aparelhos diversos, destinados ao emprego do álcool como combustível".

Cinquenta e oito anos passados, entretanto, o programa energético agravado em todo o mundo, quase nada se fez no Brasil no tocante ao álcool como combustível. Como veterano funcionário do Instituto do Açúcar e do Alcool, posso assegurar que o assunto é tema daquela autarquia desde os primórdios da sua fundação na década de 30.

O erro dos nossos Governos, acentuado no período revolucionário pós-64, foi cuidar do grave problema atra-

vés de uma pletera de órgãos "misteriosamente" estanques. Já existia o IAA mas acharam por bem criar uma tal Comissão Proálcool que nem sei mesmo se funcionou ou ainda funciona. Metiam o nariz no mesmo assunto a poderosa Petrobrás, o CNP, o MIC, o Ministério da Fazenda, o Banco do Brasil, o Banco Central, etc. — sem falar no Ministério da Agricultura — quando foi finalmente criada a Comissão Nacional de Energia, posta aos cuidados e competência do Vice-Presidente da República. Muito bem: mas até hoje não se tem notícia de algo de positivo e concreto que ajudasse o País a minorar os seus sofrimentos energéticos, especialmente no caso dos "motores diesel", muito embora os "motores Otto" utilizados pelos carros parece já terem a situação equacionada pela assinatura de um protocolo entre o Governo e a Indústria automobilística.

Urge, portanto, que se leve em consideração, o quanto antes, a solução do problema dos motores Diesel, que são os responsáveis pela movimentação de quase toda a nossa carga e pela "totalidade" do transporte de massa. Mesmo porque existem também veículos das Forças Armadas que dependem dos motores Diesel. O Major Rupertino Clodoaldo Pinto, em 1967, publicou na revista "Defesa Nacional" um excelente trabalho sobre o assunto, focalizando experiências feitas no Exército com combustíveis derivados de óleos vegetais. Em 1978 a Câmara dos Deputados criou uma CPI para ouvir administradores e especialistas no assunto. Lá compareceram os ministros da área econômica, os presidentes das estatais e da iniciativa privada, destacando-se, nessa oportunidade, o que foi dito pelo vice-presidente da Mercedes Benz do Brasil, Werner Jessen, que fez diversas sugestões para a solução do problema do combustível alternativo para o motor Diesel. Naquele mesmo ano foi apresentado em Brasília ao Presidente Ernesto Geisel um ônibus com quatro tanques, posto a funcionar na presença de altas autoridades do Governo com vários tipos de combustíveis interessantes para o Brasil, como o álcool aditivo e os óleos vegetais.

Os fabricantes de motores Diesel não pleiteiam do Governo uma solução isolada que apenas os satisfaça. Advogam com muita oportunidade e razão em favor de uma política "multicombustível", que abra o leque de alternativas para a nossa frota de caminhões e ônibus, superior a 1 milhão de veículos. E, claro, além de economicamente discutível, seria praticamente impossível trocar todos esses motores convencionais sem prejudicar o transporte de carga e de massa. Além do mais os veículos Diesel que transportam produtos exportados poderiam sair do Brasil queimando álcool aditivo e, lá fora, tornar a usar o Diesel mediante uma simples regulagem da bomba injetora, operação banal que qualquer motorista pode fazer.

Eu próprio presenciei em Brasília o perfeito funcionamento desses motores à base do álcool aditivado e dos óleos vegetais. O Brasil já pode produzir todos eles em grande escala, mas antes o Governo precisa se definir a respeito. O Centro Técnico Aeroespacial fez experiências com esses tipos de combustível e constatou resultados excelentes. Resta apenas o chamado "teste de durabilidade", a fim de conhecer o efeito dos resíduos, a forma



de evitá-los e o rendimento dos veículos face a essas novas alternativas energéticas de origem vegetal. O País dispõe de mais de uma planta capaz de fornecer óleo combustível e, também, destilarias e tecnologia em matéria de álcool, graças à sua tradicional agro-indústria canavieira. Para os combustíveis vegetais, entretanto, talvez tivéssemos que nos valer ainda da tecnologia estrangeira. Mas o que necessitamos mesmo é de superar ou

quando menos minorar a nossa terrível sede de combustível tipo Diesel. Já que, por enquanto, teremos que continuar, perplexos e incapazes, contemplando o sol — a grande usina celestial no dizer poético do astrônomo inglês James Jean a projetar no espaço, diariamente, bilhões e bilhões de toneladas de sua massa sob a forma de energia radiante. "Tudo vale a pena se a alma não é pequena", afirma por seu turno o poeta Fernando Pessoa.

Oferta válida por tempo limitado.

Diretamente da Zona Franca de Manaus

2 Filmes Grátis

Prá quem comprar já um destes conjuntos fotográficos.

Xereta

APROVEITE

- 2 Filmes coloridos inteiramente grátis tipo 110/20 poses cada um.
- Flash magicube para transformar a noite em dia.
- Alça para carregar a câmara. Lindo estojo protetor.
- Trava para impedir dupla exposição.
- Todos os controles são automáticos.
- Garantia de 1 ano.

APENAS 995

Repeteco

APROVEITE

- 2 Filmes coloridos inteiramente grátis tipo 126/20 poses cada um.
- Regulagens especiais de exposição para dias claros e nublados.
- Regulagem especial de exposição para o uso do flash.
- Trava para impedir dupla exposição.
- Foco automático.
- Alça para carregar a câmara.
- Garantia de 1 ano.

APENAS 1.559

Tira-Teima

APROVEITE

- 2 Filmes coloridos inteiramente grátis tipo 126/20 poses cada um.
- Trava para impedir dupla exposição.
- Alça para carregar a câmara.
- Garantia de 1 ano.

APENAS 795

SISTEMA SONORA DE FILME GRÁTIS

Av. Castelo Branco, 1325 - CEP 69000 - C. Postal 822
Zona Franca de Manaus AM - Brasil

Preencha hoje mesmo este Certificado Especial ou envie-nos uma carta.

CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA

Sim! Quero receber — câmara(s) Xereta pelo preço de Cr\$ 995,00 cada uma.

Sim! Quero receber — câmara(s) Repeteco pelo preço de Cr\$ 1.559,00 cada uma.

Sim! Quero receber — câmara(s) Tira-Teima pelo preço de Cr\$ 795,00 cada uma.

Nome _____

End. _____ Nº _____ Aptº _____

Cidade _____ CEP _____

Estado _____

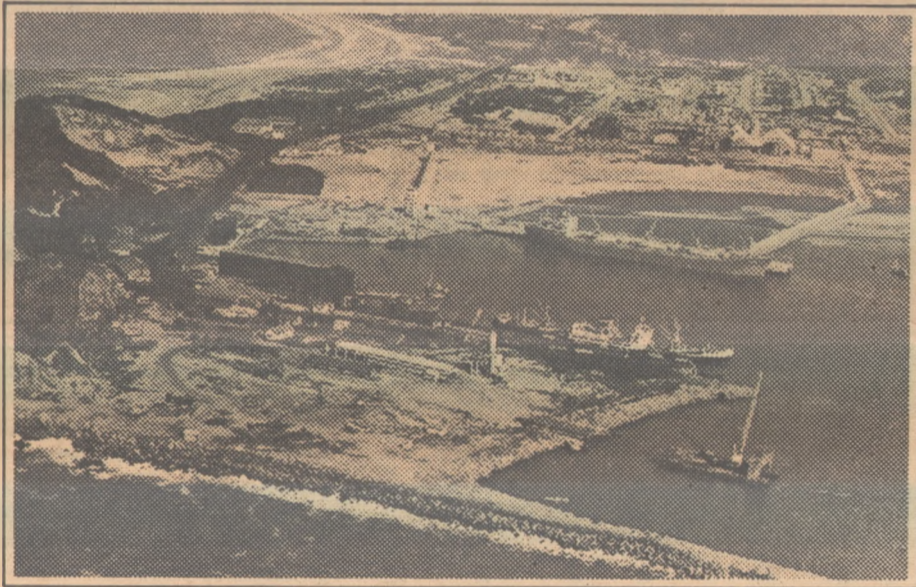
assinatura _____ RN-

Quero maiores informações sobre o Sistema Sonora de Filmes Grátis.

C. Postal 822 - Zona Franca de Manaus AM **NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!**

A SONORA PAGA AS DESPESAS DO CORREIO

Na fase de transição das fontes de energia, o carvão é a melhor opção.



A utilização do carvão como substituto para os derivados do petróleo é a opção indicada pela estrutura econômica, na fase de transição energética. As estimativas demonstram que a sua utilização poderá alimentar por mais de 80 anos as indústrias que hoje consomem o óleo combustível importado. AFINAL DE CONTAS, AS RESERVAS BRASILEIRAS LOCALIZADAS NA REGIÃO SUL ESTÃO AVALIADAS EM 22 BILHÕES DE TONELADAS.

É em Imbituba que a PORTOBRÁS realiza obras de ampliação para escoar, a curto prazo, seis milhões de toneladas/ano. Atualmente o porto já possui uma capacidade operacional de três milhões de toneladas. Um novo cais com 245 metros de extensão estará concluído no início de 1981 e deverá ser utilizado para exportar carvão e importar rocha fosfática. O sistema eletro-mecânico para movimentar 1.500 toneladas/hora está em fase final de montagem. Em Imbituba localiza-se o complexo carboquímico catarinense, que fornecerá insumos básicos para a agricultura, com a fabricação de fertilizantes e corretivos.

Para permitir a pronta circulação e fazer escoar o carvão, o Ministério dos Transportes está realizando inúmeros empreendimentos no sistema portuário, aplicando recur-

sos do Programa de Mobilização Energética e da Taxa de Melhoramento dos Portos para tornar rentável a distribuição de tão importante produto que permitirá a diminuição das importações de petróleo. Rio de Janeiro, Sepetiba, Santos, Antonina, Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Charqueadas serão os principais portos do carvão.

Quando se prevê movimentar 22 milhões de toneladas anuais de carvão em 1985, é fácil imaginar a importância do sistema portuário no escoamento do produto.

Aumentar a capacidade operacional dos portos é contribuir para diminuir o nível das importações de petróleo.

É ECONOMIZAR DIVISAS.
É DIMINUIR A DÍVIDA EXTERNA.
É CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO.



MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES

EMPRESA DE PORTOS DO BRASIL S.A. - PORTOBRÁS

PONTO DE ENCONTRO

DIA SOBRE ALCÂNTARA

Alcântara — a cidade que está para o Maranhão como Curo Preto está para Minas Gerais — parece que, até que enfim, começa a receber um tratamento dos poderes públicos à altura de sua condição de relíquia histórica. Abandonada durante anos, saqueada em seus tesouros coloniais, com um dos seus mais belos casarões transformado criminosamente em prisão, a cidade maranhense começa a ser recuperada. Os primeiros passos positivos foram dados pelo escritor

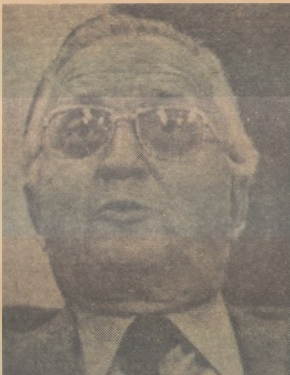
Bernardo Almeida — que recuperou o sobradão, desalojando os presos e restaurando-o interna e externamente. Agora, o Governo João Castelo já aplicou verbas e vai aplicar mais ainda. E na semana passada, um grupo de funcionários da OEA esteve na cidade, visitando-a demoradamente, avaliando sua possibilidades como cidade-turismo e realizando reuniões e mais reuniões com vistas à sua recuperação. Como se vê, bons ventos começam a soprar, e já não é sem tempo.

VOLTA AO NINHO DO COCHICHO

O general Costa Cavalcanti, cearense que Pernambuco projetou com um mandato de deputado pela antiga UDN ao tempo do Governo João Goulart, chega à Presidência da Eletrobrás, conhecendo muito bem o andar que serve à Presidência da empresa: ali, ao lado de Antônio Carlos Magalhães, Andrezza e outras figuras do Governo Geisel, o nosso homem de Itaipú trabalhou, tão em silêncio quanto os mineiros, pela escolha do então três estrelas João Figueiredo, para a Presidência da República. Quem freqüentava a Eletrobrás à época, se lembra do entra e sai desse escalão vitorioso.

CACAU MENOS AMARGO

A área de produção acaba de conseguir ver atendida uma reivindicação há muito reclamada: a da eliminação do imposto sobre a exportação do cacau em amêndoas. Atendendo aos 25 mil produtores de cacau, o Banco Central baixou resolução que torna a exportação do produto menos amarga.



Costa Cavalcanti

MUDAS AOS OLHOS

Eis aí uma boa iniciativa de promoção, essa das Óticas Fluminense, do Rio, de distribuir aos seus clientes mudas de plantas em uma campanha batizada por Seus olhos merecem mais verde. Além da distribuição, converteu uma de suas lojas em ponto de apoio aos movimentos ecológicos, dispondo sempre de mudas, literatura e espaço para a divulgação das lutas da comunidade em defesa da natureza. Como diria o nosso Ibrahim, a coté o teatrólogo Pedro Porfírio — que, assim, dá um exemplo que bem poderia ser seguido em outros Estados.

ECO E OS 23

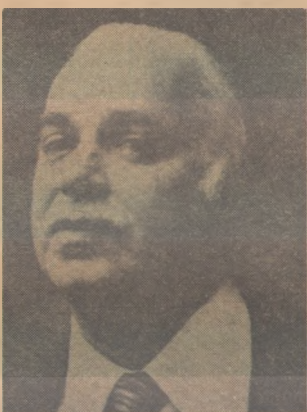
O nosso Mister Eco, um dos maiores sucessos aqui da RN, está desolado com a ingratidão da sorte. Fez os 13 pontos da loteria e já estava pensando em incendiar tudo — para comprar tudo de novo — fazia planos e mais planos, vivia um sonho de milionário como bom sonhador e como bom baiano. Já estava até pensando em consultar o Ministro Delfim Netto para saber como deveria aplicar, a contento, a bolada que iria receber. Mas logo o sonho se desfez como todo sonho e veio a decepção: com ele haviam feito os 13 pontos, nada menos do que ... 23 mil pessoas!

FALTA SÉLO?

Uma novidade inacreditável: está faltando selo postal nas repartições dos Correios. No Rio, pelo menos, é uma dificuldade. Só se encontra mesmo em agências de alguns bairros afastados do centro. A quem apelar?

SABATINA NA BAHIA

Um bom esquema governamental inaugurado pelo Governador Antônio Carlos, da Bahia: ao completar 18 meses de Governo, reuniu todos os secretários e os submeteu a uma sabatina. Indagou de tudo o que estava ocorrendo em cada setor. Os resultados foram positivos. Não seria um exemplo a ser seguido pelos outros governadores?



Magalhães

DOCA E AS MINEIRAS

Nada mais inquietante para o Doca Street — que, como se sabe, vai ser submetido a novo júri — do que os crimes passionais que estão ocorrendo em Minas, onde os maridos continuam matando as suas mulheres. O Ministro Evandro Lins e Silva que o defendeu no primeiro júri — e o absolveu — acha, entretanto, que ele será absolvido novamente, embora ele não seja mais o seu advogado. “Não tenho dúvidas — diz ele — que o Doca vai ser absolvido, sobretudo pelos sentimentos do corpo de jurados.

A propósito, uma pessoa que estava junto, ao lembrar os crimes passionais de Minas, lembrava: — Os maridos mineiros não se divorciam; ficam viúvos.

Fruto do Amor

Um filme contra a diabolice científica

NANCY GARCIA

Fruto do Amor, primeiro longa-metragem de Milton Alencar Jr., começou a ser apresentado a convidados, em cabines especiais. A primeira apresentação ocorreu dia 22 último, quando mais de 100 pessoas lotaram o auditório do Cineclub Meridien, no Rio de Janeiro.

Presentes à pré-estréia o diretor Milton Alencar Jr., o produtor Jecé Valadão e o argumentista-roteirista José Louzeiro, além de alguns atores principais: Ruth de Souza, Marilisse Navarro e Claudioney Penedo.

No início a fita, irônica que é, chegou a provocar risos na platéia mas, à proporção em que o drama foi se intensificando, os espectadores ficaram meio inquietos com a proposta Milton/José Louzeiro.

Fruto do Amor é um painel do absurdo, da tecnologia a serviço de cientistas inescrupulosos que, obcecados por seu trabalho, não se incomodam com a condição humana.

Paulo César Pereiro (Dr. Blum) e Ruth de Souza (Drz. Elsa) são os cientistas que mantêm o laboratório numa ilha e, ali, fazem experimentos com cobaias bichos e cobaias seres humanos.

Os cientistas têm por meta o aperfeiçoamento do soro T-101, com capacidade de conter a violência e resolver o problema da limitação dos filhos.

As cobaias humanas são: Claudioney Penedo (Rôni), Marilisse Navarro (Ana Maria) e Valentim Anderson (Velho Valdo). Transformados em bonecos, essas pessoas deverão, segundo os efeitos do soro T-101, apresentar o seguinte quadro clínico: Rôni e Velho Valdo, ex-criminosos, homens violentos, condenados a centenas de anos de cadeia, deverão ficar dóceis e cordiais; Ana Maria, prostituta de cabaré, deverá encher-se de horror ante a perspectiva da gravidez.

Os cientistas — Dr. Blum e Dra. Elsa — estão certos de que sua ta-

refa caminha para um final brilhante. Todavia, as cobaias humanas não terão o mesmo comportamento dos coelhos, macacos, cachorros e cobras. As cobaias humanas farão valer um sexto sentido e, assim, poderão subverter a ordem científica estabelecida. Rôni termina se revoltando, Velho Valdo sofre acessos de apetites sexuais e Ana Maria, grávida de Rôni, como constava do programa dos médicos, não abomina seu estado de futura mãe.

Assim, quando tudo parecia bem encaminhado, eis que o Dr. Blum se desespera, diante de tanta contradição e a Dra. Elsa não sabe o que fazer, pois o bebê de Ana Maria “desenvolve-se, como se estivesse sendo tratado à base de fermento e não pelo T-101”.

As pessoas que estiveram na noite de 22 de setembro no Cineclub Meridien, apresentaram-se algo assustadas diante deste primeiro trabalho de Milton Alencar Jr. As opiniões foram as mais desencontradas. Uns, simplesmente não gostaram da fita. Houve uma senhora que, irritada, declarou: “Esse filme me revoltou. Não sei por que fazem essas coisas”. Um professor e sua esposa, tiveram opinião diferentes: “Achamos Fruto do Amor um filme cruel, mas que deve ser visto; e além de ser visto, devemos meditar sobre sua mensagem. É um trabalho que reflete o lado mais doloroso das nossas realidades”.

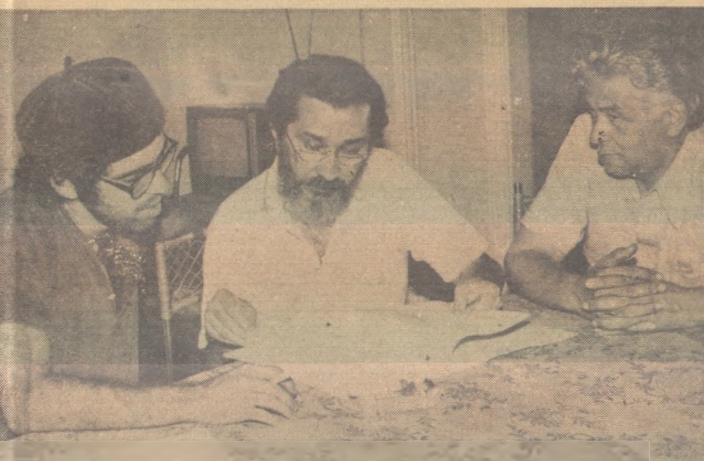
O diretor do filme, por sua vez, não sabe exatamente o que pensa, embora considere o filme estranho, opinião da qual compartilha o roteirista-argumentista José Louzeiro.

“Na verdade, não sei como cheguei a essa história. Tudo começou quando fui convidado por Milton Alencar Jr., e por Jecé Valadão, para tentar transformar um curta em um longa-metragem. E “deu no que deu: na luta de um médico e sua assistente, que visam transar o soro T-101, capaz de destruir a espécie pois, por “conter filhos”,

eu enter
princípio
parte, se
lência, r
Blum e



Octávio Augusto, entre Nildo Parente e Ruth de Souza



José Louzairo, ladeado por Milton Alencar Jr. e Ivan de Souza



Uma cena de intensa emoção na produção da Magnus Filmes

ndo a violência contra o da procriação. De outra polucionar a crise da vio- nos termos em que o Dr. a Dra. Elsa propõem, é o

mesmo que sofisticar o antigo sistema da lobotomia, tão usado em quase todos os lugares e, por que não, aqui também?"

O diretor Milton Alencar Jr.,

faz as seguintes considerações sobre seu trabalho:

"Fruto do Amor me agrada na medida em que é uma proposta séria, corajosa. Obviamente, lutamos

com muitas dificuldades de ordem técnica, como é comum ao cinema nacional. Mas a fita está aí, chocando os que ainda encaram cinema apenas como diversão. Isso, para

mim, é de certa forma confortador, embora não esperasse realizar um filme polêmico. E eis que Fruto do Amor começa a pintar com essa característica."

A melhor maneira de comprar: o menor preço com o maior conforto.



RELÓGIO SLAVA - Modelo super-luxo. Feminino. Charmosíssimo. Acabamento perfeito nos mínimos detalhes. Cromado. Corda manual e pulseira em couro. 17 rubis. Acompanha certificado de garantia.

Cr\$ 1.995,

Ganhe uma maravilhosa toalha de mesa nas compras acima de Cr\$ 2.000,00.



RELOGIO RUHLA - Último lançamento. Modelos masculino (foto) e feminino (tamanho menor). Finíssimo acabamento. Mostrador em cor metálica. Corda manual e pulseira em couro. Acompanha certificado de garantia. Oportunidade única e exclusiva. Indique no cupom o modelo de sua preferência.

Cr\$ 895,



CÂMARA KODAK INSTAMATIC II TIRA TEIMA - Manejo simples e fácil. Com ela, ninguém duvidará de você. Produz fotos belíssimas. Acompanha alça/pulseira para você levá-la a qualquer lugar.

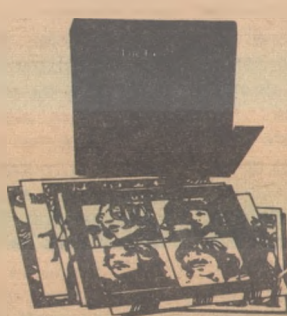
Cr\$ 645,



As despesas do correio ficam por nossa conta.

SECADOR DE CABELOS WALITA 1.000 - O menor e o mais potente secador. Seca a jato. Modelo moderno e avançado. Muito prático. Acompanha lindo estojo para transporte. Funciona em 110 e 220 volts. Indique no cupom a voltagem de sua cidade.

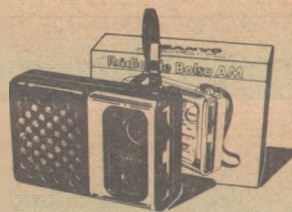
Cr\$ 1.995,



ÁLBUM BEATLES COLLECTION - Peça histórica dos 4 gênios que revolucionaram o mundo. Um álbum com 14 LP's, em caixa de alto luxo, incluindo um LP nunca editado no Brasil: Rarities! Acompanha um belíssimo poster dos quatro e fotos de cada um deles.

Cr\$ 3.289,

Desconto de 5% para os pedidos enviados com cheque ou vale postal anexo.



RADIO PORTATIL AM SANYO - Ultra sensível. Totalmente transistorizado. Super portátil. Som limpo, claro e nitido. Acompanha alça para transporte. Saída para headphone. Produzido na Zona Franca de Manaus.

Cr\$ 1.460,



Sim, quero receber o quanto antes o(s) produto(s) que assinalo a seguir. Entendi que terei direito a 5% de desconto se enviar junto ao cupom, cheque ou vale postal nominal ao Ponto Frio. Porém, pagarei o preço constante do anúncio se preferir pagar contra-entrega ao receber a(s) mercadoria(s) pelo Reembolso Postal. Enviarei o cupom devidamente preenchido para: Ponto Frio Bonzão - Caixa Postal 1856 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20000

Nome _____

Endereço _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Assinatura _____

Atendemos também pelo telefone (021) 296-3122 - Ramal 154

Faça logo o seu pedido. Estas ofertas são por tempo limitado.

Minha opção de pagamento é:

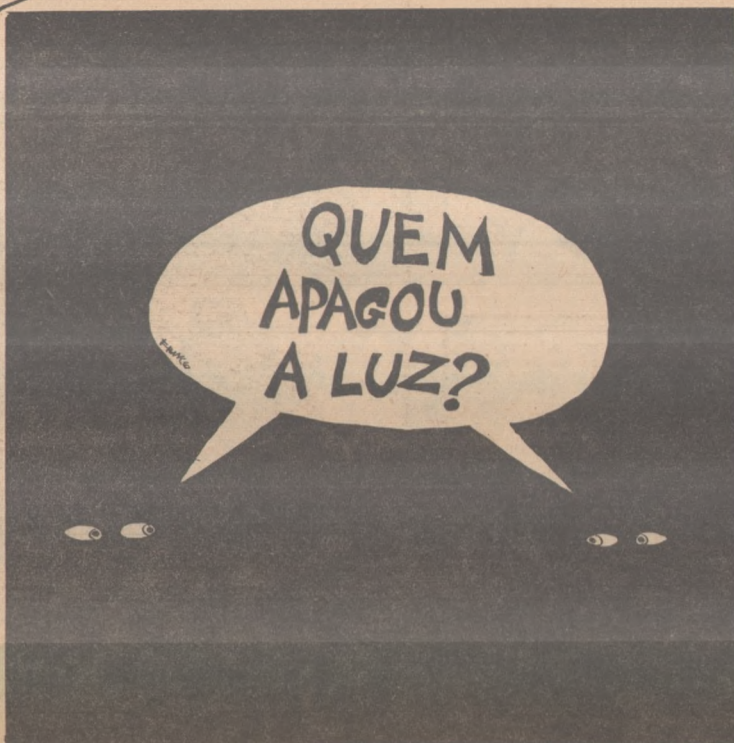
- Com 5% de desconto, anexando cheque ou vale postal nominal ao Ponto Frio.
- Contra-entrega pelo Reembolso Postal.

Produto	Preço	Quantidade	Total
Relógio Slava	Cr\$ 1.995		
Relógio Ruhla <input type="checkbox"/> masc. <input type="checkbox"/> fem.	Cr\$ 895,		
Câmara Kodak	Cr\$ 645,		
Secador de Cabelos Walita <input type="checkbox"/> 110 V <input type="checkbox"/> 220 V	Cr\$ 1.995,		
Álbum Beatles Collection	Cr\$ 3.289,		
Rádio Sanyo	Cr\$ 1.460,		
Valor total do pedido			

INTERNACIONAL

O Brasil na guerra

ADIRSON DE BARROS



Se a guerra entre Irã e o Iraque se prolongar por muitos meses e se ampliar, o Brasil poderá entrar em colapso: vão parar as indústrias, a agricultura, as cidades. Não haverá combustíveis para que o País funcione e teremos de nos resignar a ficar em casa, ir ao trabalho, se possível, de bicicleta; enfrentar a recessão, o desemprego, a ameaça de fome.

Essa tragédia, que não é improvável nem pode ficar fora dos cálculos dos políticos e governantes, poderia concretizar-se se os iranianos resolvessem brigar por muito tempo (acima de três meses) e devemos esta encantadora perspectiva à extraordinária competência com que tem sido comandada a política petrolífera deste País.

Em primeiro lugar a Petrobrás nunca quis descobrir petróleo. Trata-se de uma empresa compradora de petróleo — nada mais. Em segundo lugar os dirigentes da Petrobrás, que chamo de "oleocratas", não têm a mínima capacidade de previsão política e nunca calcularam que os iranianos e iraqueanos um dia entrassem em guerra. Nunca prestaram atenção aos conflitos no Oriente Médio. Nunca previram nada.

Em consequência os oleocratas da Petrobrás e adjacências, ajudados pelos ministros da área econômica, que só pensam no dia-a-dia, na sua sobrevivência política, não traçaram uma estratégia para o petróleo. Concentraram mais da metade do suprimento brasileiro num só País — o Iraque — e por isso deviam pagar caro, até com submissão à Lei de Segurança, pois se trata de crime de lesa-pátria.

Iraque e Irã brigam há 1.300 anos. Os oleocratas não sabiam disso. Pois só prestam atenção nas rendosas ações da Petrobrás, nos pregões da Bolsa. O Irã e o Iraque vivem de escaramuças nas fronteiras há vários meses. Os oleocratas e tecnocratas cuidaram — pasmem — de reduzir as importações de petróleo para equilibrar a balança comercial, quando todos os países industrializados estavam estocando petróleo, comprando óleo até no "spot-market" de Rotterdam, a qualquer preço, pois vislumbraram uma crise de graves proporções numa área sempre conflagrada como a do Oriente Médio.

Desde 73, quando explodiu a crise mundial do petróleo, com a quadruplicação dos preços e o surgimento da poderosa OPEP, tínhamos de cuidar de nossos interesses; tentar achar óleo em nosso território; estocar o produto essencial; fazer o racionamento possível para evitar os desperdícios. Nada fizemos. Continuamos a viver numa hipotética ilha de tranquilidade, como se o Brasil não estivesse inserido no contexto mundial da crise e não tivesse que sofrer as consequências de conflitos regionais e de preços cada vez mais altos para o óleo que consumimos.

De incompetência em incompetência chegamos a esta triste situação. Somos um dos países mais

vulneráveis do mundo. E nosso principal parceiro — o Iraque, que nos vende 50 por cento do petróleo que gastamos — está em guerra com seu vizinho, e não sabemos como isso acabará. Ou se acabará. Não sabemos se o Iraque poderá continuar a nos suprir de petróleo, mesmo porque isso não depende apenas do Iraque, mas também do Irã. Não sabemos se o estreito de Ormuz será fechado nesta guerra; se o Golfo Pérsico sofrerá também as consequências da guerra — e então nossos petroleiros não terão como sair de lá com o petróleo de que carecemos.

Escolhemos um parceiro no Oriente Médio que não pode merecer a confiança nacional porque o Iraque é um país politicamente instável e ligado política e economicamente à Rússia. Desse país é que dependemos. Estamos dependurados em Bagdá. Nossa segurança está na dependência dos humores dos donos do Iraque — ou das guerras que o Iraque venha a travar. Se isso é política petrolífera, então estamos falidos em termos de política petrolífera.

Nota-se, ainda, a irresponsabilidade com que tecnocratas e até ministros abordam o problema do petróleo e a guerra no Oriente Médio. Continuamos no tom do ufanismo irresponsável e inconseqüente. Não vamos fazer racionamento, diz o ministro Cals, apoiado no seu aliado Delfim Netto. Os técnicos da Petrobrás, irresponsáveis como sempre, afirmam que a guerra não nos atinge — quando na verdade estamos em guerra e sem pracinhas, porque nossos pracinhas de hoje são os tecnocratas e oleocratas irresponsáveis e incompetentes, que nos conduziram à situação de vulnerabilidade de hoje.

O Brasil está inserido na guerra do Oriente Médio desde que essa região vital transformou-se num barril de pólvora. Ignoramos a gravidade da situação, na expectativa de que os árabes são nossos amigos e podem garantir o nosso suprimento de petróleo. Admitamos que sim. Que os árabes são nossos amigos (eu não acredito nisso). Mas que podem fazer os amigos numa guerra sem quartel? Que poderão fazer nossos ditos amigos se o estreito de Ormuz pode ser fechado a qualquer momento; se as refinarias podem ser desmanteladas; se os campos de petróleo podem ser bombardeados? De onde virá o nosso petróleo? Por onde passarão os nossos petroleiros?

Nunca tivemos uma estratégia para o petróleo. Cuidamos, isto sim, de fortalecer esse gigante incompetente que é a Petrobrás. De premiar incompetências da Petrobrás. De remunerar incompetências da Petrobrás. De fazer acordos absurdos e procurar aliados inúteis. Eis a que chegamos. A uma crise sobre a qual não temos o mínimo controle. Porque estamos na dependência de bombas. Bombas que explodem no Oriente Médio, a 15 mil quilômetros de distância — mas que chegam até nossas casas. E que podem paralisar este País.

Um país sem petróleo que insiste em queimar petróleo a qualquer preço

A encruzilhada brasileira na busca de suas fontes alternativas de energia não poderia ganhar um alerta maior do que o recente episódio da guerra entre Iraque e Irã. Dependente que é do petróleo importado, em parcela considerável dos países árabes, o Brasil — como a maioria dos países ocidentais — vê-se na contingência de viver na eterna dúvida não apenas de suprimento regular como de preços.

A história da busca de fontes alternativas de energia não é nova. Na época em que o petróleo era barato, o argumento mais usado era o de que não valia a pena gastar dinheiro em pesquisas para tornar o País independente da importação de petróleo.

Agora, que o petróleo tornou-se não somente caro mas uma forte arma política, chegou a hora de acelerar as pesquisas perdidas no tempo e no espaço. Somos, talvez, a nação com maiores condições alternativas de fontes energéticas. Então aí o Programa do Álcool, o carvão industrial, o xisto betuminoso, o gás natural e o imenso potencial hídrico. O que não se entende é que esses programas só existam no papel da burocracia, enquanto a crise do petróleo, desencadeada já a partir de 1973, é cada vez mais crítica.

O outro lado do problema-petróleo é mais grave. As nações enconstadas na parede pelos donos do petróleo árabe são as mesmas que fornecem armas, tecnologia, alimentos e até água aos senhores poderosos do chamado ouro negro. Nas mãos das decisões opepianas, essas nações nunca tentaram estabelecer uma contra-ofensiva que viesse equilibrar a balança de pressões. Pelo contrário, submetem-se às exigências dos aiatolás da vida, como se não existisse um meio de contrabalançar a intransigência dos donos do óleo.

O Brasil, particularmente, que é o que nos interessa, pode muito bem partir para uma ofensiva energética alternativa. Terra é o que não falta para plantar a semente que libertará o País da dependência dos senhores do petróleo.



Uma coisa, porém, merece ser lembrada para evitar que as nossas necessidades caiam no esquecimento, tão logo a bandeira branca da paz seja erguida no mastro da insensatez guerreira que ora dita regras no reino dos aiatolás. É preciso que os países, contendo os programas de energia alternativa para o Brasil, ultrapassem as barreiras dos gabinetes burocráticos do Governo e se transformem em programas efetivos e em execução.

Chega de ser o País do futuro. Que diabo de futuro é esse que consegue envelhecer várias gerações e nunca se torna efetivo e real?

No momento, mais importante do que gastar uma fábula de dinheiro no Programa nuclear, um programa que, segundo técnicos respeitáveis, já estará obsoleto quando concluído, mais importante — repetimos — é acelerar o ritmo do Programa do Álcool, aproveitar as jazidas de carvão industrial, furar os poços de gás natural e aumentar a exploração do nosso potencial hidrelétrico.

Enfim, fazer uma revisão no Brasil, principalmente na área dos transportes. Onde já se viu um País, que importa petróleo com sacrifícios, basear seu sistema de transportes em rodovias? Não custa nada dar uma olhadinha para o Japão. Lá, a ferrovia tem lugar e vez. A nação dos olhinhos apertados sabe muito bem que trem elétrico não consome petróleo.

ALBERTO NUNES



No Recife

hotel Jangadeiro

Praia de Boa Viagem

FONE:
326-6777

CONFISSÕES

Gabeira

Um coração alado

Tudo começou em 1937, quando, menino ainda, me apaixonei por Nádia: moreninha, magricela, ágil, sedutora e esquiva. Era sua imagem que me fazia ficar acordado, durante a noite, e me fazia sonhar, nas horas do dia, antes que ela chegasse do colégio, com aqueles olhinhos implacáveis, de onde partiam esperanças e desalentos. Nádia gostava de outro, mudou-se, fêz-se moça, casou com um jornalista e, hoje, é uma doce senhora, ainda amiga, mesmo passados, Deus meu, quarenta e cinco anos.

Tudo recomeçou em 1940, quando, aos 13 anos, me apaixonei por uma outra menina. Chamava-se Edna e morava numa rua de Santa Teresa, na mesma vila — ela na casa de nº 1; eu, na de nº 5. Por ela, naquele tempo, eu me jogaria correntemente, rezaria trezentas novenas, me cortaria de canivete, seria torcedor do São Cristóvão e desafiaria o Errol Flynn para um duelo. Edna, porém, não inspirava, ainda, a ninguém, um amor capaz de tais loucuras. Menina, ainda, apesar de muito menina — já tinha, porém, a consciência do poder de um olhar fugidio, de uma flor nos cabelos e de um aperto de mão, rápido, mas quente e que passava a frio, em segundos. Não sei se gostava de outro, se gostava de mim ou se não gostava de ninguém. Sei que a vida nos separou e só dez anos mais tarde descobri que ela havia se encaminhado para a carreira jornalística. Hoje, colega de imprensa, brilha, sempre segura de si mesma, no chamado vídeo. Casou — ganhou filhos e deve — quem sabe? — ter alguns netos. Foi um amor terrível — Deus meu — há 40 anos.

Após os treze anos — fui à luta. Namorei, namorei, transei, noivei, casei, tive filhos, descasei e aqui estou eu, com trinta anos de imprensa, à espera de que o INAMPS me aposente, que muito em breve Deus me julgue e, na sua misericórdia, me mande para o Purgatório. Durante esses quarenta anos — fiz de tudo. Ou de quase tudo. Minha primeira e grande tolice foi torna-me católico e ter idéias próprias. Pior ainda: um tio meu me meteu na cabeça de que eu deveria ler e estudar. E que, quanto mais eu lesse e mais estudasse — mais eu receberia da vida. Ah, meu querido tio — que bobagens. Mas não o quero mal por isso. Como poderia ele saber que, nesta segunda metade do século, os ignorantes, os tolos e os canalhas galgariam os grandes postos e que, para uma minoria, lúcida, inteligente e sem vocação para o estelionato ou as mesquinhas do dia-a-dia só restariam a atoarda, as calúnias e a inveja alheia?

Seja como for — fui vencendo, escondendo e ajudando alguns comunistas enquanto me

chamavam de reacionário, e enfrentando as "patrulhas ideológicas" que tomaram conta de quase todos os meios de comunicação e me deixaram tonto na hora de arranjar dinheiro para o sustento de minhas famílias.

Que fiquei com vontade de aderir à imbecilidade reinante, de trabalhar para as multinacionais e posar de esquerdista — ah, isso fiquei. Mas algo me dizia que a Bíblia estava certa: "Não se pode servir a dois amos".

Falei, falei e me perdi. Meu tema era outro. Eu estava tratando das minhas paixões. Citei a Nádia e a Edna. E, quando me propunha a enumerar as outras mulheres que passaram pela minha vida, e que teriam me inspirado amores trágicos — eis que assisto, pela televisão, um antigo jornalista sendo entrevistado — pasmem — por jornalistas. Olhei bem para ele e, como o Fernando Pessoa, exclamei: "Ah, é o Gabeira sem metafísica"...

Eu sei que ninguém acreditaria se disser que não ouvi nada do que lhe perguntaram. Meus olhos estavam presos, fixamente, naquele rapaz puro e doce, que exalava candura, misericórdia, bondade e que só pedia, através do olhar, que todos se ajoelhassem e rogassem a Deus o perdão para toda a Humanidade.

Muitos dos que o ouviram me disseram: "Mas é um imbecil completo. É um ignorante. Nos seus livros, ele confessou que só leu Marx no Chile e que seqüestrou o embaixador Elbrick num gesto passional, de garoto tresloucado. Na própria entrevista pela televisão ele propõe uma Política do Corpo e não falou nada sobre a miséria do Piauí. Nem de qualquer dos problemas nacionais. Foi uma palhaçada, uma gozação, um número do Planeta dos Homens. É bom não esquecer que seu ato terrorista provocou a morte de inocentes".

E eu respondia: Calminha. Isso tudo eu diria se fosse um tolo. Mas o grande mal de vocês foi ter ouvido as perguntas e respostas. Quando eu percebi que seriam colocadas, em debate, aquelas velhas questões e as costumeiras cascatas de tevê — que fiz eu? Reduzi o som a zero e fiquei, apenas, olhando para Gabeira: vi seus gestos, vi suas mãos, vi seu cabelo e vi seus olhos. E não resisti.

Enquanto a modulação da sua voz — um misto de "Gata Mansa" com Evaristo Arns — estremecia e rompia alguns de meus "bloqueios", seus gestos me entonteciam. Ah, as suas mãos. Com que delicadeza seus dedos se misturam, uns aos outros. Ah, que mãos. Eram mãos que os lírios invejam, mãos eleitas para aliviar, de Cristo, o sorriso — cujas veias azuis pareciam feitas da mesma essência astral dos óleos bentos. Ah, que mãos admirá-

RAUL GIUDICELLI

veis. E os olhos. Eram lânguidos e ingênuos, olhos de piscina de transatlântico de luxo, olhos que são ledos, que inspiram medos.

Eu mal respirava. Lá na Televisão Bandeirantes — eu soube mais tarde — Gabeira distribuiu beijos e bênçãos. Moças e rapazes, senhoras recatadas e homens de cabelos brancos esmolavam, mesmo de longe, um leve aceno seu.

Gabeira quase se tornou minha terceira paixão.

Foi por um triz. Lá em casa, quando eu já estava disposto a



Gabeira: ontem líder, hoje boneca de porcelana

pegar um táxi e rumar para a Bandeirantes e jogar-me a seus pés como um reles mendigo — fui salvo pelo meu filho:

"Papai. Tira esse cara daí. Põe no Canal 2, que hoje é a estreia de Luizão Pereira."

Foi a ducha de água fria. Fria e salvadora. Pois quando olhei, novamente, para o vídeo, vi, então, com toda a clareza, um dos líderes do movimento que pretendia acabar com a ti-

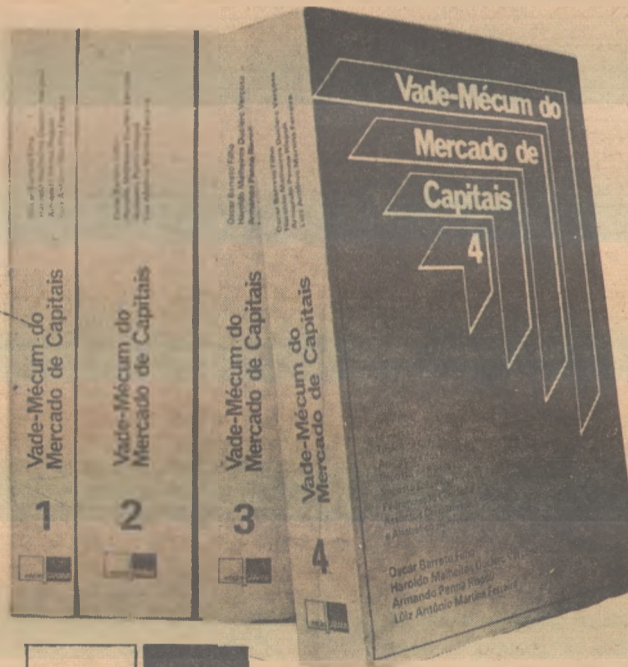
rânia e a repressão dos anos 70.

Desisti do Fla-Flu e rezei por ele. Se não conseguirmos salvar o rapaz feroz como um bicho, de 1969 — é preciso fazer algo pela boneca de porcelana que a Suécia nos devolveu, tão inconscientemente como antes, flor perdida, mas igualmente perigoso como dantes. Antes jogava bombas; hoje quer jogar plumas.

"Que fizeste, Gabeira, da lição que Deus te deu?"

VADE-MÉCUM DO MERCADO DE CAPITAIS

O investimento certo para quem quer se atualizar



edição

CAIXA POSTAL 2424
RIO DE JANEIRO
CEP - 20000

- LEGISLAÇÃO EM ORDEM CRONOLÓGICA
- LEIS, DECRETOS-LEIS, DECRETOS E TODOS OS ATOS REGULAMENTARES SOBRE A MATÉRIA VERSADA
- PADRONIZAÇÃO CONTÁBIL DAS FINANCEIRAS, DOS FUNDOS FISCAIS (FINAM, FINOR, Fiset) E DOS FUNDOS DE INVESTIMENTOS COM CAPITAIS ESTRANGEIROS
- ÍNDICE ALFABÉTICO REMISSIVO DE TODA A MATÉRIA COM MAIS DE 400 PÁGINAS DE FORMA A FACILITAR QUALQUER PROCURA

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

1 • Agentes Autônomos de Investimentos • Banco Central do Brasil • Banco de Desenvolvimento • Banco de Investimento • B.N.D.E. • B.N.H. • Bolsas de Valores • C.V.M. • Comissões Consultivas junto ao Conselho Monetário Nacional • C.M.N. • Fundos • Registro Nacional de Títulos e Valores Mobiliários • Sociedades Por Ações • Sociedades Anônimas • Sociedades Corretoras • Sociedades de Crédito • Distribuidoras • Sociedades de Investimento

2 • Ações • Bônus de Subscrição • Cadernetas de Poupança • Cédulas Hipotecárias • Cédulas Prioritárias de Debênturas e Certificados: C.D.B. — C.D.A. — C.D.D. — C.D.P.B. • Debênturas • Debênturas Conversíveis em Ações • Letras de Câmbio • Letras Imobiliárias • L.T.N. • O.R.E. • O.R.T.N. • Partes beneficiárias • Títulos Estaduais e Municipais

3 • FINAME • FINEP • FUNDECE • FUMCAP • Depósitos do Sistema Financeiro de Habitação • Depósitos a Prazo Fixo • (FINAM — FINOR — Fiset) • Padronização Contábil das Sociedades de Crédito, Financiamento e Investimentos • Padronização Contábil das Sociedades de Investimento — DL N.º 1.401/75 • (ISOF) • Imposto de Renda

4 • Alienação Fiduciária em Garantia • Censura Mecânica • Correção Monetária • Dívida Pública (federal, estadual e municipal) • Empréstimos Externos e Intervenção, liquidação Extrajudicial e Falência de Instituições Financeiras • "Open Market" • Operações com o "EXIMBANK" • Registro de Letras de Câmbio e Notas Promissórias • Registro de Emissões e de Sociedades • Responsabilidade de Administradores de Instituições Financeiras • Unidade Padrão de Capital (U.P.C.)

Supervisão do prof.
OSCAR BARRETO FILHO
Compilação, índice e notas por:
HAROLDO MALHEIROS D. VERÇOSA
ARMANDO PENNA RÍSPOLI
LUIZ ANTÔNIO M. FERREIRA

CUPOM DE PEDIDO

À Editora Saraiva — CEP 20.000 Caixa Postal nº 2424 — Rio
Desejo receber o livro Vade-Mécum
do Mercado de Capitais pelo Reembolso Postal

Nome _____
Endereço _____ CEP nº _____
Bairro _____ Cidade _____ Estado _____
Assinatura _____

Preço de Lançamento Cr\$ 2.500,00

Moda

INTERNACIONAL

Coordenação
fotográfica
de Sérgio Juste

MARCOS MEREHI
de Nova Iorque

ANDRÉ LAUG NO PRÁTICO PARA VESTIR

Imagem precisa e clara será o visual de André Laug para outono/inverno. Tudo criado para a mulher prática, ativa e que gosta de viajar. Um conceito importante é a simplicidade e o fácil vestir para o dia-a-dia. Do cinza chumbo ao negro, são iluminados por brilho na noite, com aplicação

de strass e paillets. O azul cobalto e o rosa quente dominam no corte de saias mais vaporosas em corte diagonal muitas das vezes formando babados elevados à altura dos quadris. O ajustado das blusas e os cortes em bico nos decotes são alguns dos pontos fundamentais de Laug.

BLOOM: UMA EXPLOÇÃO DE BOM GOSTO

Uma coleção de prêt-à-porter que compreende vestidos, casacos, ternos, blusas numa infinidade de malharia e lingerie. Ombros bem retos, linha de cintura bem definida, costas fofas, saias na altura dos joelhos e calças compridas mais afiladas. O estilista Cinzia Ruggeri lançou para a Bloom uma coleção com tecidos de lã penteada, crepes da china, sedas georgette e veludo de algodão. As cores favoritas ficam sendo: o amarelo, o branco, o preto, o vermelho laca, a água marinha, verde, o cinza claro e o rosa pastel.



O que o frio pede: um conjunto de três peças no xadrez miudinho em corte de linhas retas

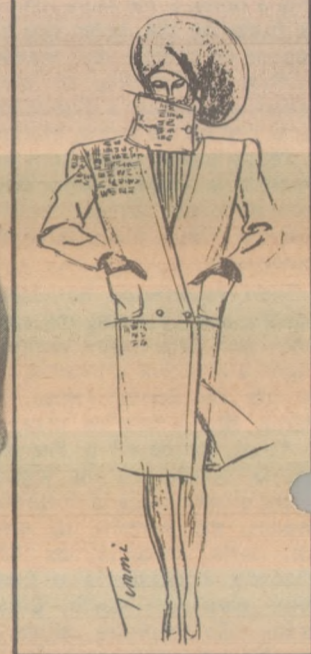
GENNY: UMA LINHA ASSIMÉTRICA

Desde a última estação, Genny vem conquistando uma firmeza no mercado internacional da moda. Neste próximo outono/inverno, o estilo e o estampado se completam de uma maneira sensacional dentro de uma categoria toda especial do prêt-à-porter. Túnicas larguíssimas, caindo em bicos laterais e num godê discreto, formam par perfeito para calças-pantalons largos terminados com punhos e bufantes numa diretriz bem oriental. Na altura do pescoço, os colarinhos baixos, golinhas tipo Mao com bordados discretos em tecidos leves como os crêpe de China. Um ponto forte são as blusas em corte arredondado obrigando uma devida largueza e conforto ao vestir. Os tons de pedras preciosas orientais são as cores de Genny: rosa, o azul céu, verde, marrom e amarelos.

CERRUTI 1881 PARA O 1981

O turquesa pavão, o cinza pombo, o azul marinho e o verde são os coloridos básicos da coleção de Nino Cerruti,

sem falar do extraordinário efeito de mistura no bouclê, dos veludos de lã, o mohair escocês e o jogo de fios como da lã com seda, num casamento dos mais felizes que embelezam o outono/inverno dos lançamentos de Cerruti 1881. Os crepes de lã, lisos ou estampados discretos, a organza e os jacquards são outros tecidos de grande evidência, as tendências mais bem dirigidas para o frio do próximo ano. Quanto ao corte, a vedete dos *tailleur-pantalons* e a mesma combinação do casaquinho com saias plissadas. No estampado, uma união *sui generis* de escocês, contrastando com uma categoria de geométrico sensível. As calças compridas retornam com grande importância, acentuando uma silhueta bem feminina. Para noite, os *smokings* com a sua seriedade quebrada pela transparência das blusas. No que se refere aos sapatos, o uso dos *scarpins* e os *tacos baixos*.



As linhas retas e a sobriedade chique de Timmi no Centro Sfilate, de Milão, para o próximo inverno de 81

Do Milanovendemoda, por Mirum: o contraste dos estampados de lã virgem, o xadrez e a escama de peixe. O plissadinho, no alto conceito da moda, é o forte das saias



A linha simples de Tita Rossi em babados superpostos, baixos e em corte inteiro para o godê

JACQUES GILLES NO FEMININO

Feminina e moderada é a mulher criada por Jacques Gilles para a nova temporada do próximo inverno de 81. Tecidos naturais, um colorido neutro e um *lambswool* que lembra uma mistura de cachemire e angorá. Materiais espumosos que lembram mohair. A malha fantasia e o jersey liso dão o caimento necessário ao design de Jacques Gilles. O tricô grosso faz

sua linha esportiva e o estampado de flores e folhas estilizadas servem para a tardinha. Os *paillets* e *strass* gigantes são os pontos mais importantes para a coleção de noite de Gilles. O rosa fechado, o azul noturno, o verde lagoa e o chocolate formam os tons primeiros, seguidos de salmão aveludado, do ametista e dos tons de nozes.

MUTIRÃO

Carioca pensa que chega antes quem viaja na frente

Alguém já disse que a diferença básica entre o carioca e o paulista é que, em São Paulo, os desocupados andam muito depressa. Com esta observação, pretendeu-se destruir o mito de que o paulista é mais trabalhador que o carioca.

Na verdade, o carioca é um povo muito apressado também. Toma-se um ônibus qualquer. Que fazem os passageiros que chegam quando os bancos estão ocupados? Vão pedindo licença a todo mundo até conseguir um lugar bem na frente. Pensa-se que vão saltar na primeira parada. Mas, não. É que o carioca alimenta a ilusão de estar levando vantagem em tudo.

Colocado na frente do veículo, acredita estar mais perto de casa do que os demais companheiros de viagem.

E há entre os passageiros desse gênero os que têm vocação de porteiro. Mal compram a passagem, vão se esgueirando até a porta. Pensa-se que desejam saltar. Nada disso. Querem apenas ficar no melhor local para quando chegar a sua parada. Que, às vezes, é o fim da linha. E com isso atrapalham todos os que saltam no percurso, forçados a pedir-lhes licença e a fazer verdadeiras ginásticas para transpor semelhante obstáculo. O carioca é assim.

AMADEU CASTRÔ BORGES



O intenso movimento de funcionários é rotina na Hering

Hering festeja 1 século com edição biográfica

A edição de um livro, em ótima apresentação gráfica, foi a maneira encontrada pela Companhia Hering, de Blumenau, para assinalar a passagem do seu centenário de fundação. Com 170 páginas, fartamente ilustradas, inclusive a cores, em papel couché, "A Hering de Blumenau: um Século" (este o nome da obra) demandou um ano de pesquisas em arquivos e bibliotecas locais e das principais cidades do País.

A equipe que trabalhou no livro esteve integrada pelo arquiteto Hans Broos, o sociólogo Francisco Socorro, o jornalista Archibaldo Figueira (responsável pelo texto), a professora de História Gláidis Braga, a museóloga Inge Vera Von Hertwig, o diretor de arte Domingos Barone e o fotógrafo Cristiano Mascaro, dois dos mais premiados publicitários de São Paulo.

O jornalista Archibaldo Figueira é carioca e está radicado atualmente na cidade catarinense de Gaspar. Para ele, a publicação desse livro mostra que ainda está vivo o espírito de Bruno Hering, fundador da primeira biblioteca para os operários daquela indústria têxtil.

A Adeg informa: feijão não entra e sai a soja

O feijão preto não chegou a dar um ar de sua graça, conforme fora prometido pelas autoridades, sobretudo a Superintendência do Abastecimento, a não ser naquelas filas que exigiam forte aparato policial para evitar mortos e feridos. E já outro produto, de primeira necessidade, volta a sumir das prateleiras, como acontece aliás todos os anos: óleo de soja.

Que diabo de camaradagem é essa entre os produtores de soja e o Governo, que lhes permite, todos os anos, afrontar o distinto público com a acintosa escamoteação do produto, sempre que desejam aumento? E nem se diga que disfarçam. É ação criminoso mesmo! Primeiro, anunciam nos jornais: "Queremos tanto de aumento ou some o óleo". Então, conforme prometem, cumprem: some o óleo. E o consumidor que se dane. LÉA DE ANDRADE

Homenagem mais que justa ao Dr. em Baião



Humberto Teixeira

Os cearenses vão afinal oficializar o culto à memória de um ilustre filho seu: o compositor Humberto Teixeira que, juntamente com Luís Gonzaga, revolucionou o panorama musical brasileiro, dando primazia aos ritmos nacionais sobre as melodias importadas e impondo um que tipicamente nosso à produção de discos.

Segundo anunciou à imprensa a filha do compositor, a atriz Denise Dumont, todo o acervo de sua biblioteca particular será enviado para Fortaleza, aos cuidados da Fundação Edson Queiroz, a fim de ser fundada naquela capital a Casa de Humberto Teixeira.

Para as novas gerações, que raramente viram o Dr. em Baião e que sequer ouviram falar dele, a instalação de uma instituição do gênero servirá para manter viva a lembrança de Humberto Teixeira, que não somente nos encantou com os seus versos e seu ritmo, como também foi um grande batalhador, inclusive na Câmara Federal, em defesa de uma música genuinamente brasileira. Foi Humberto quem organizou as "tournées" periódicas de artistas nacionais, como Sivuca, Trio Iraquitã e outros, à Europa, a fim de difundir nosso ritmo. Qualquer homenagem póstuma a ele é sempre justa.

CARLOS PORTO

O negócio é não entregar o ouro para os bandidos

Como é comum entre nós, volta e meia aparece um "otimista" a distribuir informações que, se não deixam água na boca dos potenciais ricos, pelo menos dão o que pensar. Ultimamente têm sido freqüentes as notas divulgando descobertas de ouro em nosso território, só questionadas por aqueles que acreditam ter sido nossas riquezas auríferas totalmente esgotadas no tempo da colonização, pelos portugueses.

Entretanto, o diretor de pesquisa mineral da Companhia de Pesquisa e Recurso Minerais (CPRM), Edison Suszinsky,

observa que os ex-colonizadores não conseguiram levar sequer 2 por cento do precioso metal existente em nosso País. Oxalá, assim seja! Ele até recomenda que as velhas minas, exploradas nos séculos XVIII e XIX sejam incluídas nos planos de pesquisa, porque nelas "ainda há muitas pepitas de ouro".

Mais uma razão para que sejam evitadas as verdadeiras doações de sesmarias. Caso contrário, a evasão dessa riqueza, antes dirigidas para Portugal e Inglaterra, encontrará outros portos de atracamento.

STÊNIO RIBEIRO

UM NOVO LIVRO DE CASSANDRA RIOS



338 págs.
Cr\$ 500,00
Ref. 1629

QUE É UM TRIUNFO LITERÁRIO E UMA OBRA-PRIMA DE EROTISMO.

ARIELLA, A PARANÓICA

Cassandra Rios - a escritora mais proibida do Brasil. Há anos enfrenta a censura, mas segue escrevendo os livros eróticos de maior sucesso no Brasil. Com a mudança de Governo e abrandamento da censura, os seus livros voltam a circular.

LEIA TODOS OS LIVROS DE CASSANDRA RIOS. LER CASSANDRA RIOS É SENTIR PRAZER.

- | | |
|---|--|
| A VOLÚPIA DO PECADO - 368 págs. Cr\$ 480,00 - Ref. 1549 | MUROS ALTOS - 354 págs. Cr\$ 450,00 - Ref. 0370 |
| O BRUXO ESPANHOL - 200 págs. Cr\$ 350,00 - Ref. 1630 | NICOLETA NINFETA - 150 págs. Cr\$ 200,00 - Ref. 0731 |
| CANÇÃO DAS NINFAS - 196 págs. Cr\$ 350,00 - Ref. 1605 | A NOITE TEM MAIS LUZES - 230 págs. Cr\$ 320,00 - Ref. 0375 |
| CARNE EM DELÍRIO - 190 págs. Cr\$ 220,00 - Ref. 0062 | PATUÁ - 104 págs. Cr\$ 180,00 - Ref. 1403 |
| COPACABANA POSTO 6 - 278 págs. Cr\$ 450,00 - Ref. 1604 | A SERPENTE E A FLOR - 190 págs. Cr\$ 250,00 - Ref. 0471 |
| O GAMO E A GAZELA - 259 págs. Cr\$ 350,00 - Ref. 1325 | TARA - 194 págs. Cr\$ 300,00 - Ref. 0642 |
| GEORGETTE - 216 págs. Cr\$ 300,00 - Ref. 1548 | TESSA, A GATA - 122 págs. Cr\$ 200,00 - Ref. 1573 |
| MACÁRIA - 200 págs. Cr\$ 290,00 - Ref. 1572 | UM ESCORPIÃO NA BALANÇA - 252 págs. Cr\$ 380,00 - Ref. 0691 |
| MARCELLA - 136 págs. Cr\$ 200,00 - Ref. 0572 | UMA AVENTURA DENTRO DA NOITE - 102 págs. Cr\$ 180,00 - Ref. 1435 |
| MARIA PADILHA - 124 págs. Cr\$ 200,00 - Ref. 1402 | AS VEDETES - 344 págs. Cr\$ 450,00 - Ref. 1315 |
| | VENENO - 356 págs. Cr\$ 350,00 - Ref. 0638 |

GRÁTIS:

Um livro-brinde (será um romance de agradável e fascinante leitura) para pedidos no valor ou acima de Cr\$ 1.000,00. E você não paga as despesas postais.

EDITORA RECORD
Caixa Postal, 884 - Rio de Janeiro - RJ - 20000

Preencha o cupom imediatamente. NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Só pague ao retirar seu pedido no Correio. Recorte nosso endereço e cole no envelope.

Escreva com letra bem fácil de ler para evitar enganos

Desejo receber pelo Reembolso Postal os livros assinalados:

<input type="checkbox"/> Ref. 1549	<input type="checkbox"/> Ref. 1630	<input type="checkbox"/> Ref. 1605	<input type="checkbox"/> Ref. 0062	<input type="checkbox"/> Ref. 1604	<input type="checkbox"/> Ref. 1325
<input type="checkbox"/> Ref. 1548	<input type="checkbox"/> Ref. 1572	<input type="checkbox"/> Ref. 0572	<input type="checkbox"/> Ref. 1402	<input type="checkbox"/> Ref. 0370	<input type="checkbox"/> Ref. 0731
<input type="checkbox"/> Ref. 0375	<input type="checkbox"/> Ref. 1403	<input type="checkbox"/> Ref. 0471	<input type="checkbox"/> Ref. 0642	<input type="checkbox"/> Ref. 1573	<input type="checkbox"/> Ref. 0691
<input type="checkbox"/> Ref. 1435	<input type="checkbox"/> Ref. 1315	<input type="checkbox"/> Ref. 0638	<input type="checkbox"/> ARIELLA, A PARANÓICA - Ref. 1629		

NOME _____
 ENDEREÇO _____
 CIDADE _____ EST. _____
 CEP _____ ASSINATURA _____

LEIA O LIVRO. VEJA O FILME.
ARIELLA - NOS CINEMAS DO RIO, COM CHRISTIANE TORLONI E NICOLE PUZZI.

Guerra Irã-Iraque: não interessa a ninguém mas resolve os problemas

ROBERTO
PAULINO

Muito provavelmente quando esta REVISTA NACIONAL chegar às bancas, já terá terminado a guerra Irã-Iraque. A análise que vou fazer, por isso, é arriscada. Os fatos de daqui a 10 dias poderão contestar as conclusões. Assim mesmo, vou arriscar.

Os motivos que levaram Irã e Iraque à guerra são primeiramente étnicos (árabes iraqueanos contra persas iranianos), mas também territoriais. Há mais de cem anos há uma luta de fronteiras, interrompida só por um acordo feito pelo Xá e logo denunciado pela Revolução islâmica.

Esses são os motivos diretos. Há os indiretos, que são os fundamentais e os que mais interessam ao mundo. São de duas categorias: políticos e econômicos. E o petróleo está na base de tudo. Com a Revolução islâmica, o Irã isolou-se diplomaticamente de todo o resto do mundo. E hoje não conta com apoio incondicional — contra o Iraque pelo menos — nem mesmo dos países muçulmanos.

Na comunidade internacional, o Irã está absolutamente só. No plano interno, a situação do país é gravíssima. A Revolução religiosa lançou o caos no Irã, como todos os movimentos que não têm um rumo político definido. Num determinado momento — e isso já aconteceu no Irã há muito tempo — os revolucionários começam a se dividir e quem detém o poder perde as rédeas do processo e começa a andar a reboque dos acontecimentos, mais ou menos à deriva. Aí, a nação naufraga.

Para se analisar uma guerra é preciso levar em conta dois fatores básicos: os políticos (e econômicos) e os militares. Do ponto de vista militar, o Iraque é sem dúvida mais forte, se bem que em termos de equipamento o Irã tenha maior poder de fogo. Mas as forças armadas iranianas estão completamente desbaratadas. A Revolução banuiu os generais do Xá e não havia substitutos à altura. Os soldados desdenharam a disciplina e passaram a ser os puxadores de manifestações de rua pró-aiatolá e contra os Estados Unidos. Deixaram de lado a função militar.

Depois, todo o equipamento o bélico do Irã é de fabricação americana e os Estados Unidos há muito não fornecem peças de reposição e manutenção. Com isso, a eficiência do Irã só pode durar poucos dias, sobretudo em seu ponto forte, a aviação. O Iraque é muito bem armado de aviões e tanques soviéticos e franceses (vá lá, e por 500 Cascavel, brasileiros), que estão em ponto de bala. Portanto, militarmente, a guerra é uma questão de dias e o Iraque leva grande vantagem.

Agora vem o problema político, o mais importante. Essa guerra não interessa a ninguém, a nenhum dos blocos políticos. A União Soviética jamais intervirá. O Iraque é um bom cliente de armas, seu Governo mantém excelentes relações com o Kremlin e é um dos países com que a União Soviética tem melhores relações do Golfo Pérsico. O Irã — leia-se o aiatolá Khomeini — cansou de agredir

os soviéticos e não pode esperar agora qualquer benesses de Moscou.

Nem mesmo o bloqueio do Estreito de Ormuz, que privaria o Ocidente e o Japão de Petróleo interessa à União Soviética. Fechado o estreito e interrompida a rota do petróleo por tempo demasiado, o Ocidente se viria forçado a intervir. Esta intervenção levaria a União Soviética a ser obrigada a tomar alguma atitude, a se posicionar, ao menos. O que não interessa a ela.

É bom lembrar também que há outros países na área, como a Arábia Saudita, o Kuwait, os Emirados Árabes que seriam forçados a parar de exportar petróleo, sua única fonte de renda. Esses também reagiriam contra o Irã se o mar fosse bloqueado e seu faturamento interrompido. Eles, antes do Ocidente, manobriariam uma solução.

O oleoduto iraqueano que sai no Mediterrâneo, em terras turcas, pelo menos permite a saída de um quinto da produção do Iraque. O que é muito pouco, mas alguma coisa se se levar em conta que há grandes estoques acumulados nos países industrializados. E não deve ter sido à toa que poucos dias antes da guerra foi dado um golpe de estado na Turquia por militares pró-ocidentais, que sem dúvida garantirão o funcionamento integral da saída do oleoduto.

Ao Ocidente esta guerra também não interessa. Primeiro por causa do petróleo. E isso é tão óbvio que não merece comentários. Depois, porque ninguém quer, num momento tenso das



Uma rixa velha entre Irã e Iraque assume proporções perigosas após a revolução de Khomeini

relações internacionais como o que o mundo atravessa nesses dias, forçar intervenções, exigir tomadas de posição. Senta que o leão é manso, é a atitude geral.

Mas esse — o de guerra — é um momento excelente para que muita coisa se decida sem que Ocidente e União Soviética se metam. Então, o Iraque, militarmente mais forte, ganha a guerra. O Irã se rende. As con-

dições para o armistício exigem uma troca fundamental no Governo e na Revolução do Irã, que passam a ter atitudes bem mais moderadas e compreensivas com relação a todos: soviéticos, norte-americanos, europeus, japoneses. Os reféns libertados pelo novo Governo iraniano. O Iraque recupera algumas terras. E faz-se a paz no Reino de Alá. Azar do aiatolá Khomeini.

Pastor maldito fala sobre o homem

Criando grande polêmica e afastado da Igreja Presbiteriana depois do lançamento do livro "Deus Fora do Espelho", o pastor Jonas Neves Rezende (pai da atriz Lídia Blondi) não se afastou da vida religiosa. O templo presbiteriano da Rua Joana Angélica, em Ipanema, transformou-se numa ação comunitária dando prosseguimento aos trabalhos que vinha desenvolvendo e contando com o apoio de todos seus fiéis que, mesmo sabendo que seu templo não estava mais vinculado à Igreja Presbiteriana, permaneceram ao lado do pastor Jonas.

Jonas Rezende, que também trabalha na Televisão Educativa como gerente de um dos seus

núcleos, fazendo um programa de debates intitulado "Em Busca do Conhecimento", lançou mês passado seu quarto livro, um romance — "Colarinho de Padre" e assim justifica esse título: "É uma das marcas que distinguem o religioso de tempo integral. Pode ser um sinal, mas também uma coleira. Empresta dignidade ao sacerdote, mas pode também estrangulá-lo".

Nesta entrevista à RN, Jonas Rezende fala de seu novo romance e faz uma análise da situação das igrejas em geral:

1) Como terminou o processo contra seu livro "Deus Fora do Espelho"?

Análise de dois ângulos. Foi bom enquanto gerador de um questionamento necessário aos nossos dogmas e verdades indiscutíveis. Mas foi também melancólico porque forçou a formação de uma comunidade nova, justamente na época ecumênica. Acredito que deveríamos lutar pela unidade e não pela uniformidade.

2) Mesmo distante da Igreja Protestante, como você analisa sua posição em relação ao atual momento sócio-político brasileiro?

É sempre uma forma de abstração falar-se de "Igreja Protestante" ou mesmo simplesmente "Igreja". Porque, a despeito de documentos mais ou

menos abrangentes, a Igreja está na verdade subdividida, em razão das diversas tendências existentes. A "Igreja Protestante" não é exceção.

3) E qual postura tem a Igreja Protestante frente à seus teólogos ditos progressistas?

Como disse, há muitas igrejas dentro da Igreja. Se perguntar sobre os teólogos progressistas aos bispos católicos, a resposta de D. Vicente Scherer não será a mesma de D. Paulo Arns. Acredito no homem que reconhece a vida como um processo de contínua realização que só termina com a morte.

4) A figura central do seu livro é um padre?



O pastor Jonas

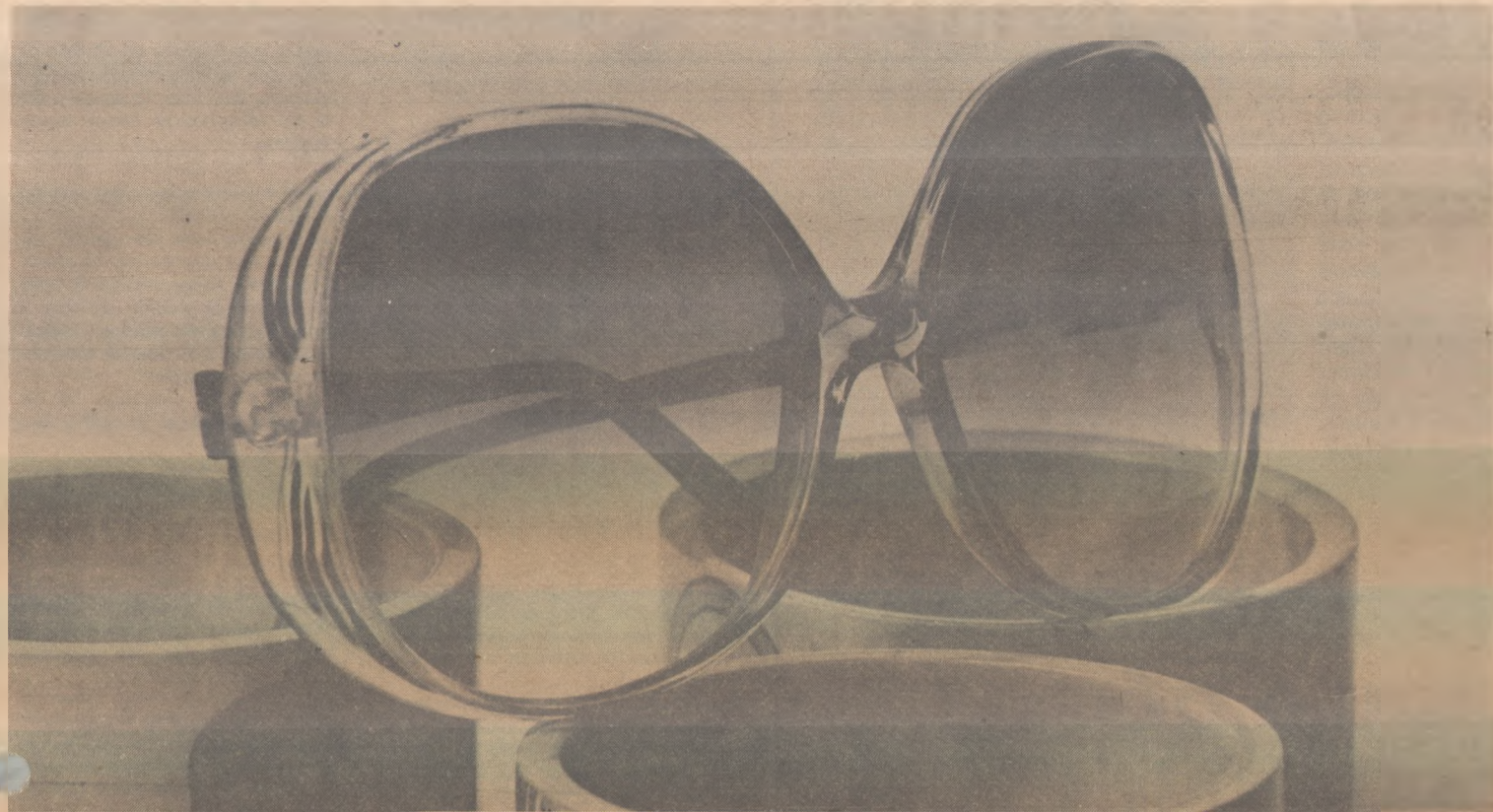
Não, é o Homem. Acidentalmente, um pastor protestante. Busquei retratar a luta do Homem contra as estruturas que são tão fortes, ao ponto de se misturarem às suas vísceras. Não acredito que o Homem possa viver sem instituições e aí está o drama de meu personagem, que, por sinal, é o meu próprio.

EUGÊNIO VIOLA

ÓCULOS

FRED
AYRES

O melhor jeito de ver o verão



Desenho ovalado, clássico, ideal para acompanhar os blazers de linho e as blusas de seda pura

Optyl é o material empregado na fabricação dos óculos DI PAOLO. Isto quer dizer que o produto é da mais alta qualidade



Porque é quente e tem muita luz. Porque a luz em excesso faz mal aos olhos. Porque provoca os chamados pés-de-galinha, terror de todos nós. Partindo desse e de outros motivos, o "prêt-à-porter" voltou seus olhos aos óculos. De Emanuelle Khan a Givenchy, de Lanvin a Dior, todos sentiram a necessidade de se ocupar não apenas com perfumes e foulards, passando também a criar óculos solares. Até mesmo a Porsche, famosa na fabricação de suas máquinas esportivas, entrou no esquema da moda e passou a fabricar modelos de óculos para serem usados enquanto se dirige

um carro, de preferência feita por eles.

Os primeiros modelos das novas coleções já estão chegando às óticas de todo o País. E tantas são as marcas e diversidades de formas que resolvemos escolher uma das melhores para mostrá-los aqui: DI PAOLO, porque é um resumo de todas as outras, em confronto, acabamento, "design" e moda propriamente dita.

A linha masculina compreende armações com "design" quase reto, com detalhes de metal ouro ou prata fazendo o estilo executivo. As formas acentuadamente esportivas nas armações ovaladas com traves duplas, em alguns modelos vasados, nas cores fumé, tartaruga, petróleo, preto fosco e o azul marinho consagrando o "jogging line" e o jeans.

A coleção feminina apresenta modelos retos, mais estreitos e com hastes largas em cores sempre opacas e onde não faltou o branco, campeão de todo verão. Um estilo jovem e que vai bem com a moda dinâmica dos atoa-lhados e das estampas tropicais.

Em desenho ovalado, clássico, com lentes em degradê e armações em tonalidades suaves, sempre transparentes, é o estilo de óculos ideal para acompanhar os "blazers" de linho e as blusas de seda pura. Os pequenos detalhes gravados em "ton-sur-ton" para as armações de "design" arredondado e que combinam bem com roupas alegres, são marcas de um trabalho elaborado e de bom acabamento. Uma tônica da coleção feminina DI PAOLO são as hastes sempre retas, mesmo quando são estreitas. E as cores ficam por conta da moda como os tons pastéis, o lilás, verde folha, branco e rosado. Um pouco dos tons que lembram as das frutas: cereja, uva, pêssego. Nas tonalidades tradicionais, o tartaruga claro (demi-blonde), cognac, chocolate e bege, para acompanhar a moda dos cáquis.

OS MODOS DA MODA



Angela
Ro Ro

● Celina Balona, estilista e dona da boutique "Cenário e Figurino" está lançando coleção feminina inspirada no romantismo do "fin du siècle", com roupas feitas em filô e rendas inglesas, tornando-se com isto, e dentro do estilo, o melhor "prêt-à-porter" no próximo verão carioca.

● Está no Rio e pretende ficar por algum tempo, o ator italiano Giovanni Tamperi, considerado um dos melhores manequins europeus. Tamperi filmou recentemente em Roma com Marcello Mastroiani, Ugo Tognazzi, Anthony Quinn e Irene Papaz. Aqui, vai filmar com Bruno Barreto produção do próprio ao lado de Robert Redford. O registro e a foto às leitoras serve como colírio, porque beleza não tem sexo.

● All Abitibol, dono das lojas "Elle et Lui", abre mais uma filial do seu bom gosto em Belo Horizonte, à Rua Antônio de Albuquerque, 330. Vai mostrar os últimos lançamentos em moda e decoração no estilo "milanes", aos mineiros de bom gosto.

● Tonia Carrero virou apresen-

tadora de moda. Ela já foi ma-nequim, em eras muito passadas. Depois virou atriz, com sucesso. Mas acho que a Carrero deveria ficar por aí e não entrar na seara dos outros, digo, de quem realmente conhece de moda e faz disso uma profissão. Tudo aconteceu dia 15 nos salões do Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo, durante apresentação da moda primavera-verão da multi Vigotex.

● "Eu realmente desejo que as

pessoas que não me amaram, amem alguém um dia!", falou e disse Angela Ro Ro. Poetisa, cantora, que acaba de lançar mais um LP, cuidando sempre do visual.

● Ainda em tempo de desfile-show, Luiz de Freitas apresentou o "beautyfull people", que habita a ZS do Rio. O Mr. Wonderful number L, como ele próprio se denomina, superlotou o Mikonos com os convidados em trajés escolares.



**VILA
ROMANA**

Moda masculina

MISTER ECO

Gratidão

Quando Walter Clark foi demitido da Rede Globo, um grupo de colegas seus se colocou à disposição para, em solidariedade, ser demitido também. Clark demoveu os seus fiéis companheiros de tal propósito, por não dispor, àquela época, de empregos para os mesmos. Agora, que Walter Clark conta como certa a concessão de uma nova Rede de Televisão (escrevo com bastante antecedência e tudo pode até sair ao contrário) toda aquela gente está sendo chamada para colaborar no novo investimento. O tempo não fez Walter Clark esquecer de que o que ele conseguiu na Globo, foi, também, graças à eficiência da equipe que ele reuniu, mesmo que para isso tivesse que aliciar elementos de outras emissoras.



Clark: fidelidade aos amigos



Matou e pôs na geladeira



A Globo pôs o Caubi na Cônsul

Amigo meu, de muito bem-querer, artista de talento forte e de fama internacional, me dizia ter muito medo de ser convidado pela Globo, para servir de "talent" a programa especial. E explicava que, em balanço que fizera, as pessoas morriam sempre que se tornavam "especial" da Globo. E sussurava entre um ufsque e outro:

— Eles têm faro tremendo pra saber quando a gente está pela bola sete!

Brincadeira, por certo. Objetei-lhe então que ninguém era obrigado a aceitar um convite, desde que, antecipadamente, sabia não ser para um encontro agradável. E ele, mais mordaz ainda:

— A recusa é muito pior. Com o poder que eles têm, com o império que eles plantaram, eles "matam" a gente vivo. Nunca mais as Gutas e Deriquéns, descobridores de talentos da organização, se lembram do nosso nome. E como o mercado é cada vez mais restrito, você já viu, né?! Ou, se topamos e não morremos de morte morrida, a gente "morre" também, porque o regime é de total sujeição aos seus, da Globo, diretores de programas, todos eles gênios, todos eles muito cheios de invencionices que nos transformam em verdadeiros bonecos de engonco. Repare que Chico Buarque foge da Globo como o diabo da cruz. Também, é um dos raros. A maioria dos meus colegas, infelizmente, é toda ela contaminada pela teoria filosófica do Bozô do Chico Anísio.

Essas observações, ouvidas já há algum tempo, me vieram à mente após ter visto alguns trechos do programa especial do Caubi Peixoto. Alguns porque era dose muito forte vê-lo na íntegra. O programa, como sabe o leitor/espectador, foi feito para comemorar os 25 anos de carreira de Caubi Peixoto. E essa propositura, já

de início, foi falsa e mentirosa, porque Caubi Peixoto, depois de ter ganhado um concurso de calouros na Rádio Tupi do Rio de Janeiro e de ter cantado como "crooner" do conjunto do seu irmão Moacir na boate Casablanca, gravou o seu primeiro disco em 1951, na etiqueta "Som", o samba "Saia Branca", de Geraldo Medeiros, para o carnaval. Tomando-se essa gravação como ponto de partida, a carreira artística de Caubi já tem 29 anos de idade.

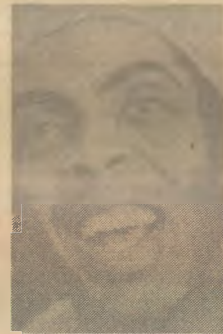
Colocando-se, entretanto, esse pormenor à parte embora a sua importância histórica, pois que o próprio artista brasileiro, salvo raríssimas exceções têm o mau vezo de mentir a idade, muitas vezes o fazendo por imposição do próprio meio em que vivem, o programa do Caubi, de tão gelado, de tão sem dizer nada, parecia aquele anúncio da geladeira na qual tudo se pode colocar lá dentro. Puseram o Caubi, sem dó nem piedade, na Cônsul.

Com efeito, esplêndido cantor que é e de carreira tão acidentada que tem sido, quase nenhuma informação foi dada ao espectador. O programa, qual "Globo de Ouro", serviu tão-somente, e de maneira negativa porque não tendo a disfarçá-lo nem o manto diáfano da fantasia (e o espectador não é burro, como pensam os diretores de programas da Globo), serviu tão-somente, repito, para promover descaradamente — sei que é pesado, mas é o termo próprio — o disco que Caubi Peixoto gravou para a etiqueta que também pertence às organizações Globo. E nessa ganância publicitária, teve até a presença de Jessé, considerado o melhor intérprete no recente MPB-80. Não por esse fato, como, com alguma benevolência se aceitaria, mas porque é contratado de outra etiqueta de discos, também da curriola, perdão, do grupo.

Caubi Peixoto, com um visual que lembrava muito o Billy Eckstein da época dos "boppers", não teve a sua vida contada, como seria de se esperar num programa "especial". Nem contada, nem cantada. E os "canhões" da iluminação, e as roupas muito bem passadinhas a ferro, e o Sílvio Caldas regendo no final diante do perigo do atravessamento e da desafinação, não conseguiram esconder uma direção chata, primária, malgrado a presença paga de "macacas de auditório", como dizia o finado Nestor de Hollanda.

estas cá me ficaram

Baiano com dor de barriga, Gil? Não é possível



De uma reportagem assinada por Reynivaldo Brito, tentando esclarecer recente hospitalização a que teve que se submeter o Gilberto Gil:

— Gilberto Gil foi internado às pressas, semana passada, vítima de sério distúrbio gastrointestinal, o que o obrigou a passar alguns dias no apartamento 409, do Hospital Espanhol...

Ha, Reynivaldo, essa gente maldosa já estava pensando coisas do Gil. Muitos não compreenderam que baiano, mesmo afeito a muita pimenta e muito vatapá, pode ter violentas dores de barriga, né, neném?

ooo

Das confissões de Tarcísio Meira: — As pessoas são às vezes um pouco injustas comigo, são esquecidas e desmemoriadas ou maldosamente ignorantes de certas coisas. Eu já trabalhei bastante, já fiz muitas coisas e coisas importantes. Fiz muitos personagens que foram marcantes. Fiz personalidades que viraram pessoas vivas...

Se você já fez tudo isso e as pessoas se esqueceram de tudo isso, Tarcísio, trata-se certamente de um caso de amnésia coletiva. Da qual somente você se salvou...

ooo



Martinha, nova mãe em potencial sob os cuidados do obstetra Sílvio Santos

Do Dr. Sílvio Santos, o obstetra incorrigível, enquanto escreve um tratado sobre "A Maternidade dos Elefantes":

— Martinha, a cantora, anda meio desaparecida e, agora, eu soube o motivo. Ela está esperando neném e, por isso, não tem se apresentando em tevê e em "shows".

Dr. Sílvio, não se afobe; vosmecê tem um compromisso com a sua clientela: desenrave primeiro o filho da Wilza Carla, que já se encontra no 16º mês de gestação.

ooo

Outra do Sílvio Santos, eclético como se sabe, dando uma de colunista social:

— Soube que a Tônia Carrero está preparando uma festa de arromba para comemorar os seus 60 anos de idade.

Faz poucos meses, Sílvio, Tônia declarou no "Fantástico" que estava com 58 anos de idade. Você andou vendo a certidão de nascimento da Tônia. O paralelo 60 já foi ultrapassado. Deixe de ser maldoso.

ooo

De Gal Costa sobre o seu sucesso no Japão:

— A primeira parte do "show" foi calma, mas de repente, ao cantar "Balancê", na segunda parte, mais da metade do público começou a se agitar, batendo palmas. Aproximadamente 200 pessoas subiram no palco e dançaram.

"Balancê" foi composta há 44 anos. Eu quero ver japonês é com "Agonia".

ooo

De uma reportagem de Lília Coelho:

— Uma das cenas mais emocionantes e violentas de "Coração Alado" está reservada para o próximo capítulo 37, quando Vivian (Vera Fischer) é estuprada de forma covarde por seu cunhado Leandro (Ney Latorraca).

Lília Coelho continua dizendo que o estupro durou o dia todo e cansou os atores. No final da cena, Vera e Latorraca estavam exaustos. E não é para menos, hem, Lílian? Logo o frágl Latorraca!!!

ooo



Olha só a garra da Gretchen, olha só...

De Cynura Arruda, a deslumbrada:

— A Gretchen era uma estudante do Objetivo e, por causa de uma aposta com seus colegas, ela foi cantar como caloura do Sílvio Santos. Estava lá um produtor da Copacabana que imediatamente percebeu que ela teria possibilidades se trabalhasse no gênero disco-sexy, pouquíssimo explorado no Brasil até então. A Gretchen mostrou que teve garra...

Mostrou, Cynura, e está mostrando até hoje a sua exuberante garra. Que garra, hem, Cynura?!

ooo

E para não dizer que não falei de flores, aqui está o meu dileto jornalista de cabeceira Mauro Montalvão, também crítico teatral, fazendo importante revelação aos mundos:

— Lúcia Chayb acabou de atuar num dos episódios do "Sítio do Pica-Pau Amarelo", onde fez uma abelha.

Mauro, meu nego, para ser mais completo você precisaria informar se a abelha fez mel. Talvez Lúcia Chayb fosse chamada pelo Actor's Studio.

ooo

De Norma Ajara, que anda dando muito foras ultimamente:

— A Rádio Nacional está completando 44 anos de atividades. Todos os artistas que passaram por aquela casa estarão se apresentando em programas durante todo o mês de setembro, como parte das comemorações. Entre eles: César de Alencar...

Deve ser a festa do dedo-duro, Norminha. Não vá lá.

*Legião Estrangeira
ou o Romanceiro
do Colonialismo*
JOSÉ OCTÁVIO



Vivendo... Vi vendo
Ensaio fotográfico
de ROBERTO COURA



*A Literatura Paraibana
e os cineastas
do Sul Maravilha*
ANTÔNIO BARRETO NETO



*A História
do Circo*
ANDREJUS
KOROLKOVAS



4 Poemas
de MOACYR
FÉLIX



Contos de JOSÉ PINTO E
JOSÉ BRENDAN MACDONALD

2 Poemas
de HILDEBERTO BARBOSA FILHO



EXAGERAR É PECADO

• Arlindo Almeida

Quais as razões que influem para a péssima programação das emissoras pessoenses? Provavelmente, muitas. Além da macaquice e timbres de vozes do Rio e São Paulo, os gerentes de rádios não dispõem de recursos satisfatórios. Grassa, também, o desinteresse, a desinformação para a compreensão que estamos em 1980 e não em priscas épocas que badalavam, com justiça, as canções românticas de Adelino Moreira, Anizio Silva e orquestras tipo Glenn Miller. É claro que a música de ontem faz parte da combatida memória nacional. Mas exagerar é pecado.

E, com certeza, o que mais deteriora o nível das rádios de João Pessoa é o exagero. Com argumentos tendenciosos sobre o que é e o que não é popular, a programação do rádio-jornalismo pessoense se apresenta perdulário e enfadonho - descambando para o ridículo. Mesa Redonda e Antena Política são programas que abordam o superficial e apenas, neste circo geral, glorificam a vontade dominante sem questioná-la. O jornalismo da Tabajara, idéia adaptada a partir do Circuito Nacional de Notícias, apesar de ser o melhor da cidade, não prende o ouvinte e as vezes dá a impressão de heterogeneidade, quando não é linear.

Se o rádio-jornalismo é piegas e maçante, a programação musical deixa muito a desejar, como diria o locutor esportivo. Hoje, embora neguem, o carro-chefe das emissoras pessoenses são os programas de disc-jockey, um acinte ao bom gosto e ao rádio que se fazia noutros tempos não muito distantes. O nivelamento por baixo, segundo afirmam os produtores

musicais, ocorreu porque "o importante é a rádio popular, para o povo".

O abuso musical que se comete hoje em João Pessoa em nome do povo é indesmentível. Mal o dia amanhece os joviais comunicólogos se apossam dos telefones e ficam a conversar com ouvintes ociosos. A febre discjockeira nas rádios de João Pessoa é criticada por todas as pessoas de bom senso, inclusive por gente que trabalha nessas emissoras. Mas tudo isso é feito em nome do povo. Triste povo. As pesquisas viciadas do famigerado Ibope encerram um engano visível: o povo é algo dinâmico, inteligente e a programação das rádios pessoenses é estática, fria, burra. A FM da Correio da Paraíba é uma lástima e por ser tão repetitiva cansa o generoso ouvinte desta cidade-jardim.

É evidente que a programação musical do rádio pessoense é pensada a partir do ôba-ôba que a Globo & Cia transa nos arraias cariocas e paulistas. Carlos Aranha, Walter Galvão e Tico, bons técnicos, tentaram ou tentam desanuviar o céu incterício que contagia a todos. É provável que quando as rádios que gorjeiam aqui se voltarem para os hábitos e costumes nordestinos e nacionais, o ôba-ôba tende, nesse caso, a ser extinto.

Em todo caso, é essa a rádio de que dispomos. Cheia de falhas, tendenciosa enquanto "popular" e repetitiva por desinformação e por ser pobre materialmente. O maior engano reside em tentar imitar outros mores, quando a nossa moeda é o nosso pobre cruzeiro.

Correio das Artes

(Suplemento de A UNIÃO)

EDITOR

Sérgio de Castro Pinto

SUPERVISOR

Agnaldo Almeida

CONSELHO CONSULTIVO

Gonzaga Rodrigues
Antônio Barreto Neto
Arlindo Almeida
Walter Galvão
Vilson Brunel Meller
Sérgio de Castro Pinto

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

Os originais de matérias não publicadas, mesmo quando solicitadas pela Editoria, não serão devolvidos.

Toda correspondência referente à editoria (cartas, colaborações, revistas e livros para registros) deve ser enviada à Rua Desembargador José Peregrino, 321, João Pessoa/Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, km 3 da BR-101, João Pessoa/Paraíba.

Assinatura anual
Paraíba
Cr\$ 150,00
Outros Estados
Cr\$ 200,00

CONVOCAÇÃO
GERAL

A escritora e poeta Maria de Lourdes Horta está organizando uma coletânea com textos (poesia e prosa) que se destinem às crianças. E para tanto, ao invés de somente veicular textos de autores já consagrados no âmbito da literatura infantil, ela convoca a todos os escritores para que endossem essa sua idéia e remetam os seus originais à Rua dos Navegantes, 2550/702 - Boa Viagem - Recife - Pernambuco.

Maria de Lourdes Horta foi a responsável pela coleta dos poemas que integram a antologia "Palavra de Mulher", lançada o ano passado pela Editora Fontana.

As informações com referência à coletânea de textos infantis poderão ser obtidas antes da remessa dos originais.

NESTE NÚMERO

A metalinguagem pode se restringir ao âmbito do poema, proceder a uma espécie de poesia sobre poesia ou, em contrapartida, denunciar o aspecto às vezes exacerbadamente formal e estéril dessa prática. Nos quatro poemas inéditos aqui publicados, Moacyr Félix - poeta mais do canto do que da palavra - articula o seu discurso a nível de uma metalinguagem que, além de explicitar a sua estratégia lírica, também se contrapõe a um tipo de poesia que apenas se preocupa em tecer os arabescos do nada.

Para Anco Márcio, "exceptuando-se os versos de viola dos cantadores nordestinos e as mais recentes criações poéticas do movimento que se convencionou chamar de geração mimeógrafo, a poesia sempre tende a assumir uma postura séria e/ou formal". E foi a partir dessa constatação que ele investiu no que se dispôs chamar de POEMUMOR, uma série de poemas que veiculamos neste número de O Correio das Artes.

Hilberito Barbosa Filho comparece com dois poemas, sendo que em um deles - "Oração Agrária" - faz uso da paródia visando a desarticular um discurso que, de um modo ou de outro, se reveste de um conformismo excessivamente cômodo àqueles que detêm o poder.

José Octávio empresta ao seu ensaio um timbre pretensamente nostálgico quando, a partir do filme "Beau-Geste", enfatiza o comportamento romântico da Legião Estrangeira na medida em que ela se faria bem mais humana do que as outras formas de dominação que a sucederam.

Quando André de Carvalho convocou Wander Pirolli, José J. Veiga e Henry Corrêa de Araújo para integrarem a "Coleção do Pinto" da Editora Comunicação, ele certamente partiu do princípio de que o bom escritor pode e deve atuar em duas ou mais frentes, do contrário teria convocado para a "Coleção do Pinto" escritores já afeitos a lidar com o público infantil. Na verdade, essa experiência do editor e também escritor André de Carvalho obteve pleno êxito, conforme podemos deduzir da entrevista que ele concedeu ao crítico Danilo Gomes e que vai publicada neste suplemento.

De Elzo Franca, divulgamos um fragmento de "A Farsa da Mala", peça que obteve o 1º lugar num recente concurso para textos teatrais promovido pelo Departamento Geral de Cultura.

José Macdonald e João Pinto se fazem presentes com os contos "Enfrentando a Maré" e "No Banco", duas narrativas que enfocam a problemática da marginalização no meio urbano.

De Roberto Coura, publicamos o ensaio fotográfico "Vivendo... Vi Vendo", imagens que valem mais do que mil palavras e cuja apresentação é de Hugo Aníbal Moura.

O Correio das Artes traz de volta a seção Inéditos e a a seção de livros com resenhas de Laurênio Lima e Jomard Muniz de Brito sobre os mais recentes lançamentos de Edilberto Coutinho e Maria José Limeira: "Maracanã, Adeus" e "As Portas da Cidade Ameaçada", respectivamente. No mais, artigos e ensaios de Arlindo Almeida, Antônio Barreto Neto, Andrejus Korolkovas e Adalberto Queiroz.

O EDITOR

Correio das Artes



Capa de: Domingos Sávio

NO BANCO

• CONTO DE JOÃO PINTO

• ILUSTRAÇÃO DE FRED SVENDSEN

Puxa, home catinguento.
Faz tempo que num vê água, Neneco.
Banhar com terra, Rafa.
Se o buraco tiver aberto, num é Neneco.
Neneco não respondeu, deu a entender
na certa num tá, um diabo desse vem pro
mundo, num é Rafa, só pra morrer à míngua.
Viu lá na praça? Vive como a gente, num é
Rafa, nós desaparece assim tombém na pior
às vezes como isca prá piabas ou urubus, eu
sinto Rafa, verdade aqui no peito nós vai ser
assim não adianta, digo. Lembra daquele dia,
eim cara, aquele home sabido falava vocês
vão dar o pira duma morte que num tá no gíbi
essa desse cara, Rafa.

Num é Neneco? Acorda home, tá so-
nhando?

Ah, o buraco.

Que ele num tá aberto, né?

Sei não, criatura.

E começou a resmungar distraído que se
apagariam no osso do tempo, que matariam a
sede num poço secular, fugiriam da cacunda
da terra e entrariam naquela gaveta onde a
luz dos vermes bateriam sem piedade nas
suas ventas.

Vamo Neneco, assim não dá, a gente fala
fala, e ocê nem a mínima.

Neneco desorientado e silenciado deu
para vomitar uma baba sem cor e pegajosa.

Sentindo mal, Neneco?

Tou não, uma embolação nos intestino,
bota rapidez no bicho.

Rafa dava no animal sem alma. O ani-
mal seco topava no bico das pedras, incen-
diando ruas desertas ao som dos cascos desa-
prumados e sangrentos. Neneco zoró impin-
gia com as coisas da irmã que aos poucos se
rasgavam na curva da cabeça, não dava, a bi-
chinha num é Rafa, ocê viu gente em apuro?
Teresinha tá, tou vendo ela nessa vida sem
fim disaforo pancada ai meu Deus do céu,
hum, o olho pingando lágrima de cera quando
abre de trepar, não olha eu não, Rafa, fica in-
tocada no quarto, égua da mulher, no fundo
no fundo é uma esquisitice sem limite, porra,
tem vez que a gente se zanga a gente não
manda pró inferno porque corre sangue na
veia se não.

O homem catinguento tornou.
Buliu as pernas marítimas e olhou com a
ponta do olho aos carroceiros. Sentiu bafo ne-
les, tão inchendo a cara, deu vontade de en-
trar na dança, não posso, capaz de me faze-
rem uma arte uma de lascar, ficou adivinhan-
do que o ambiente tava pesado, que ficar as-
sim era o que era, que não sabia o instinto de-
les, sim, faria de conta que tava representan-
do bem, sim, não gostaria afinal de ser bati-
do, sim, não teria remédio a não ser ficar na
dele, que sim.

Tinha o corpo como que depois dum por-
re, tinha. Sede. Suor. A vontade se não a re-
primisse, ali faria precisão, debatia-se com
inferno ruim na barriga, teria que aguentar
aquela barra, porra, se acontecer tou pebado,
contorcia-se horrivelmente entre as paredes
da noite. Desviou a imaginação e uma voz
branda e melada de ternura, ganhou corpo no
corpo, lembrou do sufoco no terminal dos ôni-
bus onde disputava resto de comida, gente se
mandando dele, gente lhe atirando moedas
descendo subindo descendo subindo lá vai
uma muié com uma bolsa empapada de man-
go, o diabo, nem olha égua diabo, tem uma
canela bunita ah se eu pudesse alisar, tou
farto num aguento mais essa vida, esse sujei-
to num me tira o olho que diabo esse puto
quer? cabra iscroto, Chiquinha ocê gosta de
mim? vai à porra cara me deixa asosssegado.

Nas banquinhas de frutas os biscateiros
punham autoridade nele disafasta procura
outro rumo, ali parado e com pedras e buzi-
nas no ventre, as frutas tomando proporções
danadas, as frutas lambendo-lhe os olhos pe-
ludos, as mãos indigestas, os cabelos verme-
lhos, bloqueando as rugas rotas dos intesti-
nos, as frutas leves, abrindo lábios ternuren-
tos e ávidos, as frutas como estrelas borrando
passarela de reza, até que aplicava sua guerri-
lha de protesto no inimigo, alçava vôo botan-
do pra tirar do ramo e o rombo surgira entre
as canelas do povo, homens atrás dele na lou-
ca, açoitando muralha de olhos envelhecidos
na lama. Despia-se, em seguida, nos braços
de Chiquinha, a mão dela de início acanhada
rompendo barreiras e mais coisa, lá fora a
chuva implacavelmente caía, os pingos derre-
tiam a imaginação arrastando-a às guilhoti-
nas do tempo, então se via numa diferente, o
corpo da amada colchão macilento e gomoso
no dele, a lanterna do seu olho transparente
lambendo chamas do escuro, não tinha palavra
no cardápio, ali era cachoeira água misturada



com ânsia e dormência na língua, ele nela,
seus corpos como répteis sugando húmus sol-
tos, a gente rolando no chão, as paredes lisas
atopeladas, a chuva em gritinhos nas telhas
mudas, tenho medo dessa chuva meu bem,
cala a boca muié num tou aqui, porra, um
trovão assaltou a goela da noite, é o medo do
prédio desabar na gente, ele a beijava,
buscava-lhe os dentes e a saliva morna, ela
obstinada assim não benzim, Deus espiava
por trás dum olho de granito, que num mo-
mento qualquer os guardas os surpreende-
riam, já pensou na boca, ninguém se vê mais
a gente metido na cadeia, cada um engolindo
sabão, intende, né, os soldados dão sem dó,
o sangue insoportando né, as costas em desgra-
ça, né, deixa de besteira muié, Chiquinha sus-
pendia a respiração opressa de aflição, pendia
as mãos no sovaco dele paraver se as mechas
daqueles cabelos eram raízes, abria a boca pi-
sada de cinza, tou não com sono viu, a muié
lhe deu a roupa? né possível ah desgraçada,
vai ver que é cu de sapo, o olho grelado na es-
curidão buscando mais coisa, espécie de luta-
zinha de gato e cachorro, te gosto Paulo, os
trovões sacudindo caverna na noite milenar, o
chão melado de amor gasto, o corpo rachado
de lesões de desejo, onde tá a bagana querido,
cadê cadê, num é possível meu Deus, agori-
nha vi o claro agorinha sua mão varria atrás o

chão caraguento, não faz muito tempo, mas
onde tá, droga, bem que te falei sem ela não
dá, num tenho fogo, é difícil conseguir
se conseguisse ainda bem, por favor me ache
me ache cara se não se não, a voz nas paredes
lisas se embargavam, Paulo movia a mão em
desespero, o chão oscilava no crânio sisudo e
alaranjado, caía confete de música de longe,
que não o aporrinhasse viu, ali têm casas,
plantas e lamparina, o alarido do cão que coi-
sa mais chata, pedaços de luz bombardeavam
na sacada da mente conturbada, suas mãos
topavam cabelos de cetim, as munições pica-
vam suas nádegas, merda, essas bicha impu-
tece, um, sempre dão ronda, abre-as pernas
merda assim assim, desse jeito não presta,
ocê sempre é burra nunca aprende já te disse
mais de mil vezes, Chiquinha vidrada, o
pranto saindo nos cotovelos da cabeça, não,
não, por favor, já tá zangado? égua diabo,
até parece piada, ocê é casca de ovo ninguém
toca, Chiquinha aumentava a voz que não
fosse tão bruto, me cospe olha minha boca
beije ela, a noite no solado dos seus pés, Chi-
quinha amolecendo braços, corpo, saindo de
órbita, o galo tá cantando, num ouve? eim
Paulo, a chuva agora ruminando lascas de ge-
lo, o vento dando palmadas de cansaço neles,
Paulo irritando de longe os mamilos dela, se
essa num parar tamo lascado, bem que te dis-

se ocê é teimoso, Paulo, teimoso, né, teimoso
é uma merda, se chove é porque tem que acon-
tecer e pt saudações.

A carroça andando.
O burro nas últimas.

Neneco com a imaginação apavorada, a
carroça tá grudada, Rafa, tá não, Neneco,
num tá? Fala certeza mesmo diz. Rafa aba-
lançou a cabeça fez que sim, não era preciso
dizer era lenta assim mesma, e achou uma
curtição pensando que carroceiros eram bur-
ros também. Neneco aos poucos foi incutindo
que Rafa não girava, bem, afinal não estava
tão queimado nem ruim da bola. Espiou o ho-
mem atrás, o rosto verde e cavado, deu a im-
pressão dum bezourobipede invadindo seu cé-
rebro e artérias. Mudou a vista, começou a li-
gar pontas de angústia e agora isso, e agora
esse puto puto puto indo e voltando voltando
e indo, tranca descendo da cabeça, prego, fer-
rolho, cabeça de difunto ora que home chato,
a mão segura no gargalo de garrafa entre as
coxas, a suave noite morrendo nas colinas
tristes da cidade entre placas e mendigos sal-
picados no chão.

- Esse cara tá pronto, Rafa, e insistiu que
era melhor jogar no rio.

- Tá maluco, cara?

- Tô não.

- Deus me alivre, a gente perde o impre-
go.

- Perde não, faça o negócio, tá.

Rafa mudou o jogo, tomou uns drinques
de verdade, a gente num tem porra nenhuma,
um vento assim não faz mal, intende né, num
tem lua né, num tem parente, né, nem vida
né, o que mais eim Rafa, fala uma sugestão
diz, levaram o burro em direção ao rio, a noite
fenecia nos calcanhares do cais, Rafa dava
soco no animal como se quisesse descarregar
ratos da pele e vingar abusos dos grilos. Nene-
co não se desligava da irmã, chamava-a puta
como se tivesse liquidando pilhas de mágoa
depois duma bela surra.

Os carroceiros sentados. Neneco via o
homem boiando à toa nas águas, um baita
lençol de sangue corando as retinas barrigu-
das do rio. Secar a garrafa, disse Neneco.
Rafa alongou a vista, pesada e vermelha, sim
que o amigo ficasse não com coisa ruim, que
não tefiam ponta de remorso tudo estava ba-
cana, que em tempo qualquer assim esta-
riam, a gente esperando um lance de alguém
esvaziar uma garrafa, esse grilo sacana num
pára, a gente rompendo remanso e pororocas
como boi em alagação.

No banco Paulo ouvia o arrancar trepi-
dante dos ônibus. O olho da gente nele, tra-
duzido em coisas sumidas no ar e sem valia,
imóvel e desnitrado sob os lençóis de Chiqui-
nha, o suor pingando mariposas, cobras, Chi-
quinha estufa das noites vazias não mais no
mundo, se os caras da prefeitura não o vis-
sem, que legal, ficaria estirado no banco, a
cuca recebendo neblina solar adocicada com
a fedentina dos olhares, placas luminosas
acendendo apagando acendendo apagando
que leseira, aranhazinha no meu pé aranhazi-
nha aranhazinha na minha boca, a véia da is-
quina pitando fumo, a boca sem dente e mur-
cha, me dê esse cachimbo véia feia, olha a sa-
liência cabra safado, teus ouvido têm um qui-
lo de cera véia sebosa, vai lavar essa sujeira,
eu chamo a puliça, a puliça, aranhazinha ara-
nhazinha me dando papel de lagarta, aranha-
zinha nessa barriga ah desgraçada quanto
tempo num vejo leite quanto tempo mulher
nua, véia feia, ocê ainda aguenta trepar? a
tua mãe muleque cretino, a tua mãe.

Uma sensação esquisita chegou à sua al-
ma, coisas lisas o entorpeceram, viu de relan-
ce como sonho dourado, perdido na memória
enxarcada, ele, um molequizeiro buchudo, e
magro, vadiando no terreiro da fazenda do
seu Quinca, o cavalo de carnaúba entre as
pernas, pulando nas noites de mufumbo, e
aboiando, o pai se abrindo esse muleque vai
dar pra gado, na região vai ter nome, nin-
guém sigura, ninguém, ocê num sabia eim
pai, a pontaria foi diferente, a gente erra
aquela coisa que o pai tinha pra eu acabou
nunca nem vi, meu véio, que esses cara quere
comigo? me larga, tira essas mãos imundas
de mim, sim, pai, todo dia eu ia pescar pira-
nha no riacho, sempre trazia num gancho
aquele vermelhidão que me deixava outro, o
pai como ficava contente, seu olhar era tudo,
amanhã trago novamente pai e amanhã será
um surubim grande e gordo, amanhã viu,
porra esses cara me dão nojo, tira, essas mãos
de mim se não grito, puxa são mais de seis horas
se fossem doze era a hora, quando Chiquinha
viva, a gente se encontrar no prédio, o vapor
apitando lá no cais, Chiquinha esse cachorro
num pára parece o satanás, um dia trago pis-
tola e vou matar ele oúmatar pode ficar com
certeza, a gente num dorme nenhum cochilo,
que sacanagem.

4 POEMAS DE

MOACYR FÉLIX

EU SOU DAQUI: 1970 a 1980

Se eu tivesse nascido e fosse agora idoso
na Alemanha talvez teria parado na casa de um marceneiro, ou em Tübingen,

e buscado as tragicidades da poesia,
com a mão nos ombros preceptivos de Hoelderlin
na teia de sombra das questões irrespondidas.

Na Suécia certamente eu andaria pelos bosques de Varmland
ou pelas ruelas de Gamla Staden a procurar
aquele mesmo sol que lentamente explodia
na metrificada loucura de Gustaf Froding

Na U. R. S. S. Eisenstein, Vladimir, Pasternak e Blok
levar-me-iam pelas escadarias de Odessa até o Partido
e lá, entre cordoâmes elegíacos, eu desceria do épico
em versos nutípedes e para o dia a dia
de luz ainda cinzenta sobre as manivelas
de uma aurora burocrática a girar
envelhecida-mente em telas eletrônicas.

Nos Estados Unidos eu iria a West Hills, em Long Island, entre os Paumonokers
para prosseguir-me no tumulto natural e largo
do verso uhitmaniano. E com os fios da barba de Walt
eu ligaria, um a um, na África e na América Latina, na Ásia e no
Oriente Médio,

todos os milhões de cadáveres de todos os povos explorados
até pendurá-los, lúgubres marionetes, na tocha que ilumina
a estátua da liberdade entre o ferro, o cimento e a solidão
de Allen Ginsberg no porto de Nova-Iorque.

No Brasil o poema deve ser feito ainda
com zinco, madeira, barro cozido e palha.
E muito da cólera e do amor que ponho
no coração que arranco como um peixe
da liberdade a desmoronar-se devagarinho em cada rosto.
da ledice a recompor-se repentina em cada riso
da melancolia a encolher-se na profundidade dos botecos
do barulho das ruas a mover-se com o vento antigo

de uma cantilena de escravos
da riqueza a estender-se como o arame farpado
em torno da frente de milhões de homens
acumulados como bois nos campos de trabalho
da pobreza a dependurar-seno corpo grande da existência

como a perna gangrenada se pendura
sob o escoar da mendicância entre vitrinas
da revolução a esparramar-se em vinhos para aqueles que não caíram

No Brasil a palavra de cristal exila a rua
da sombra quente do poema; usá-la tão-somente
para entoar brisas entre as roxas bundas do Saber
ou para dialogar com um Deus qualquer no espaço
sem sujeira e sem erros, sem manhas estilhaçadas
no salário menor que as mãos,
é nos desfazermos da carne que nos firma em homem
da cor do agora, homem comum, simples homem que escreve.

Em meu país, o poeta não usa gravatas
e com mão insubmissa testemunha
dia a dia a diversidade e a fúria
ou a beleza inexplicável
dos contratos celebrados
entre a esperança e a história
no trabalho e nos prazeres
da cada indivíduo e cada povo.
Em meu país a poesia manda os metafísicos à merda
e é abrigo provisório das coisas e da vida que são provisórias.
E também às vezes é o definitivo lar
do desespero que se destina a servir a uma esperança
e sub-roga o suicídio pelos atos de criar.

Sem qualquer pretensão de eternidade
como o olhar do pivete a olhar o carro
que passa
o poema, que é o tempo feito de Terra,
brasileiramente não nasce

alimentado
pelo indefinível.
E nenhuma vaga saudade do Ser o impele
aqui e agora neste quando
em que se move

para existir, simplesmente existir
como é devido ao homem, a cada homem.

No Brasil o poema deve ser feito ainda
com zinco, madeira, barro cozido e palha.
E uma bandeira amotinadamente suja
e azul como se recortada do céu
pela mais sagrada das fúrias, a do homem
condenado a viver morrendo longe
da sua mais própria identidade.

O POETA

O poeta se perdia em símbolos.
O poeta se perdia em signos.
O poeta se perdia em palavras.
O poeta se perdia nele próprio
sem que espelho algum lhe trouxesse
o que dele assim ex-fato se perdia.
O poeta foi sempre um perdedor
com a tola ambição de achar-se um dia
sem a necessidade de fazer poemas
sobre a existência que lhe escapulia.

O poeta é uma bête inglória
entre a beleza de uma laranja
e o riso de todas as árvores mortas.

O POEMA

Ou se vive por inteiro
ou pela metade a gente
escreve a vida

que não viveu.

E o papel em branco então serve
como serve ao prisioneiro
a parede branca do cárcere.

O que não foi é o ser que é
no poema, esse ato mágico
de uma chama que inexistente
tanto mais quanto ela queima
no ar de uma cela vazia
o homem que é posto em pé
sobre os mortos do seu dia.

É PRECISO

É preciso ser radical como o tiro
na testa. É preciso ser radical
como o coito quando o óvulo é
fecundação sem dúvida.

É preciso ser radical como este ódio
em que sou todo uma porção de gômos
de amor. Radical como a pá do lixeiro
sobre a infância naufragada nestas ruas
em que encontro amigos e inimigos, gente
em cujos rastros bebo como um cão danado.

Radical como o silêncio nas prisões
em que Nazim e Miguel Hernandez desenhavam
o céu para as estrelas que morriam
no ar em que aprendiam cada vez mais infinitudes.

É preciso ser como a decisão das nuvens
quando os oceanos lhe enviam a semente
de uma enorme tempestade sobre o mundo.

A FARSA DA MALA

PEÇA EM 1 ATO DE ELZO FRANCA (FRAGMENTO)

(1º LUGAR NO CONCURSO DE TEXTOS TEATRAIS DE 1980, PROMOÇÃO DA DGC-SEC.)

CENA III

(ZÉ E ZÓ APROXIMANDO-SE DE ZÚ QUE ESTÁ SENTADO NA MALA)

ZÓ - Boa tarde, cidadão!
 ZÉ - Boa tarde, cavalheiro... descansando?
 ZÓ - (SAINDO DE SUA MEDITAÇÃO) É, meus caros amigos. Venho de longa viagem! E como os senhores podem ver, me acho aos pedaços. Por dentro e por fora.
 ZÓ - Por fora dá pra ver, agora por dentro... tô entendendo não senhor.
 ZÚ - Quando digo "por dentro" é porque tenho a alma destrocada. (DEMONSTRANDO GRANDE MÁGOA) Fui roubado! Levaram tudo que eu tinha, e ainda de quebra, meus amigos: aquela a quem mais adoro na vida. A minha mulher! (CHORA)
 ZÉ - E... a quebradeira foi grande mesmo. Por dentro e por fora.
 ZÓ - Mas olhe, tá um tal de mulher sem vergonha pelo mundo...
 ZÚ - (Interrompe com um grito) Não! Não fale dela! Eu já a perdoei e acho mesmo que ela teve até razão de me deixar. (CONVENCENDO AOS OUTROS DOIS) O que ela ia ficar fazendo com um liso lascado como eu? (CAMINHA PENSATIVO) Então o ladrão que roubou tudo que era meu, tudo mesmo, perguntou a ela: - Como é? Quer ir comigo ou vai ficar - aqui pra morrer de fome junto com esse fofa-bosta? (EMOCIONADÍSSIMO) Ela não quis ficar! Mas... creiam amigos! Foi por amor a mim! Somente pra não me ver sofrer sem dinheiro, teve esse gesto de grandeza! (RECORDANDO A DESPEDIDA) Olhou pra mim e disse: - tchau, painho! - e foi embora com ele.
 ZÉ - Tá... eu nunca tinha visto um corno tão manso como esse!
 ZÓ - (REPREENSIVO) Que é isso cumpade! (A ZÚ) É. Eu sei que isso é a pior desgraça do mundo. Também perdi tudo que tinha. Eu e o meu cumpade aqui, mas vamos pelo mundo. Nada de esmorecer. O senhor pelo menos recuperou a sua mala, e nós?...
 ZÚ - Mala? Que mala?
 ZÓ - Oxente! Essa que o senhor tá sentado em cima.
 ZÚ - Ora... essa mala não é minha não!
 ZÓ - Não é do senhor?
 ZÚ - Não.
 ZÉ - E o senhor quando chegou aqui, não disse: - A minha mala!
 ZÚ - Ah! É verdade!
 ZÓ - E então?
 ZÚ - É que eu vi essa mala e ela é igualzinha a uma que eu tinha e que minha mulher levou os troços dentro dela. (PAUSA) Mas, então? essa mala não é dos senhores? Não são os donos dela?
 ZÉ - Não. A gente ia até abrir quando o senhor apareceu cantando.

ZÚ - Cantando? (PENSATIVO) Sim... cantando! (CANTA)
 Corre, corre meu gadinho,
 Que a seca aqui foi grande.
 Os matos, morreu tudinho!
 Vocês vão morrer de fome...
 Se queres consolá teus pranto
 Vamos imborna mais eu...
 - Vinha cantando essa cançãozinha e me lembrando dos dias de riqueza! Acontecia um fato interessante. Um dos era meus carros de bois puxado por uma parelha de touros que se chamavam Segredo e Sincero. Bois fortes! Andavam o dia inteiro botando água pra casa grande e pra casa de farinha. Mas eles só andavam com um menino criado lá por casa á frente deles, e cantando essa modinha. Se o menino parasse de cantar eles paravam de andar. Eu vinha me lembrando desse fato e cantando porque sempre me entristecia com aquela canção, e hoje eu sou um homem cheio de tristeza.
 ZÉ - (A PARTE) E de chifre.
 ZÓ - Cumpade Zé! Respeite a dor alheia!
 ZÉ - É que eu já tô cum raiva desse safado.
 ZÓ - (PARA ZÚ) Bom, meu amigo. Nesse caso eu acho melhor o senhor se juntar a nós dois e vamos procurar melhor sorte.
 Aceita viajar com a gente?
 ZÚ - Aceito e agradeço.
 ZÓ - Como é o nome do cumpade?
 ZÚ - Zuvino.
 ZÓ - Juvino?
 ZÚ - Não. Zuvino mesmo. É que o padre que me batizou era mouco e na hora trocou meu nome de Juvino pra Zuvino. Mas pode me chamar de Zú.
 ZÓ - Então, cumpade Zú, o melhor que a gente tem a fazer é abrir essa mala e ver o que tem aí dentro. Pode ser que se arranje uma roupinha melhor...
 ZÚ - Então vamos abrir a mala.
 ZÉ - E o que tiver aí dentro será repartido pros três.
 ZÚ - E se aparecer o dono da mala?
 ZÓ - Que nada! Se tivesse de aparecer já tinha aparecido! Faz toda vida que estamos aqui nessa confusão e perdendo tempo.
 ZÉ - Pois é. Daqui a pouco vai aparecer mais gente e lá vamos ter que repetir com mais um. Vamos logo abrir a mala que é o melhor. Abra você, cumpade Zú.
 ZÚ - Eu? Não, eu cheguei por derradeiro, não tá direito. Quem foi que viu a mala primeiro?
 ZÉ - Parece que fui eu. não foi, cumpade Zó?
 ZÓ - Foi.
 ZÚ - Então abra você, cumpade Zé. A honra é sua.
 ZÉ - Eu prefiro que seja o cumpade Zó quem abra. Ele tem muito mais jeito de quem sabe abrir mala do que eu.
 ZÓ - Mas o que é isso? Tá todo mundo com medo de abrir a mala?
 Pois eu abro. Não tenho medo de nada.
 ZÚ - Pois abra, cumpade.

(ZÓ ABRE A AMALA, DE DENTRO DELA RETIRA UMA SEGUNDA MALA E DESSA SEGUNDA UMA TERCEIRA. ABERTA A TERCEIRA MALA COMEÇAM A RETIRAR SAQUINHOS DE DINHEIRO. EXPLOSAÇÃO DE ALEGRIA!)
 ZÓ - É dinheiro, cumpade! Veja!
 ZÚ - É dinheiro mesmo!
 ZÉ - Dinheiro! Deixa eu pegar também! Eu não disse! Vamos ricos de novo! Viva o dinheiro!
 ZÚ - Vou buscar minha mulher!
 (CANTAM, DANÇAM, TERMINAM FAZENDO UMA DANÇA DE RODA EM TORNO DAS TRÊS MALAS. AO INÍCIO DA MÚSICA DO VIOLEIRO, OS TRÊS PERSONAGENS COMEÇAM A EXIBIR EXPRESSÕES DE DESCONFIANÇA E ASSUMEM POSIÇÕES DE GUARDA AO DINHEIRO O PALCO FICA ILUMINADO APENAS POR UM REFLETOR SOBRE AS MALAS.)

MÚSICA

*Tem gente de carne e osso
 Que conhece o bem e o mal,
 Doce às vezes que nem mel
 Ou salgado que nem sal.
 Dança o que se dançar,
 Pula, dá salto mortal,
 Mas se a sorte lhe é mesquinha
 Ele vira um animal.*

*Na desgraça chora e grita,
 Se lamenta na agonia,
 Porém se lhe volta a sorte
 Acaba com a fantasia.
 E mostra seu outro lado
 Que trazia acobertado
 Que é preto que nem o preto
 Do preto da hipocrisia.*

*Se mede o homem, ou se pesa,
 Pelo seu comportamento.
 Não se pode ser estrela
 Sem céu e sem firmamento.
 Seu tamanho é a vergonha,
 Seu peso tá no valor,
 Não precisa ser doutor
 Pra ter bom procedimento.*

*Onde o dinheiro vadéia
 Muda o rumo, muda o vento,
 Muda até o pensamento,
 Tudo vira pro outro lado.
 Fica ligeira a passada,
 O olho cresce demais,
 Se tanto fez, já não faz...
 Dinheiro é bicho danado!*

POEMUMOR DE ANCO MÁRCIO

Afora a chamada *poesia matuta* ou os versos de viola dos cantadores nordestinos, a poesia sempre foi e é tratada de forma séria, romântica e sisuda. Anco Márcio, humorista paraibano, já com livros de humor publicados e um outro prometido para este ano, investe no que ele batizou de *POEMUMOR*, uma maneira de fazer humor através da poesia sem que esta perca suas características de poema moderno.

POEMINHA I

*Alô! Alô!
 Departamento de Invenção
 Inventem
 com urgência
 Cotonete de orelhão.*

POEMINHA II

*Alô! 221 6782?
 Não? Desculpe!
 (Como sou azarado!*

*Quando disco o
 número errado
 nunca está ocupado!)*

POEMINHA III

*Alô! Alô!
 Alô queridinha!!!
 (Ah! logo vi!
 Que era uma bicha
 do outro lado da linha!)*

POEMINHA IV

*Alô! Alô!
 Alô! Informações?
 Por favor,
 que número disco
 pra falar
 com meus botões?*

DÚVIDA I

*O triângulo
 na parede
 é um símbolo
 obscuro.
 (Minha dúvida):
 como faço
 para achar-lhe o coseno?*

PARÓDIA À

DRUMMOND

*Mundo, mundo
 vasto mundo...
 Se eu me chamasse
 João.
 Não seria uma rima,
 mas quem sabe
 uma solução?*

DÚVIDA II

*Um anão passeando
 na chuva
 bem fininha...!
 Qual dos dois
 deve usar:
 guarda chuva ou sombrinha?*

DÚVIDA III

*Que fazer
 quando o ladrão,
 depois de lhe roubar
 outra vez,
 se despede com a frase:
 "Até logo freguês...?"*

ENFRENTANDO A MARÉ

• JOSÉ BRENDAN MACDONALD

Pois era preciso que ele João também se metesse a trabalhar como homem feito. Ele tinha apenas oito anos de idade, era verdade, mas quantas outras crianças ainda mais novas estavam na luta pra ganhar uns trocados pr'assim encher mais a panela lá em casa? Com o custo de vida do jeito que tava, ninguém podia mais. O preço do feijão e da farinha subindo que nem foguete de São João - não, que nem avião daqueles que não tinham aquele negócio pontudo e afiado na frente que parecia com lança. Quanto à carne, ela nunca fora vista desde ninguém sabia quando. Só se fosse umas gramas de bofe uma vez por mês. E ele João, o menino mais novo de lá de casa, era o único que ainda não trabalhava.

Julião jamais teria imaginado há dois dias que o caçula trabalhasse. Nem ele nem Sebastião nem Damião, nem mamãe nem papai. Este sempre dizia:

- Eu quero que um de meus filhos estude e suba na vida. Quem sabe se será este pirralhinho aqui, ó.

E ao dizer *aqui, ó*, o velho dava um casudo e pegava e abraçava e por vezes até dava cócegas em Joãozinho. Ele lhe tinha um amor sem medidas. E ninguém - nem Sebastião nem Damião nem Julião ele próprio - ficava sentido com isso. O velho realmente tinha seu preferido.

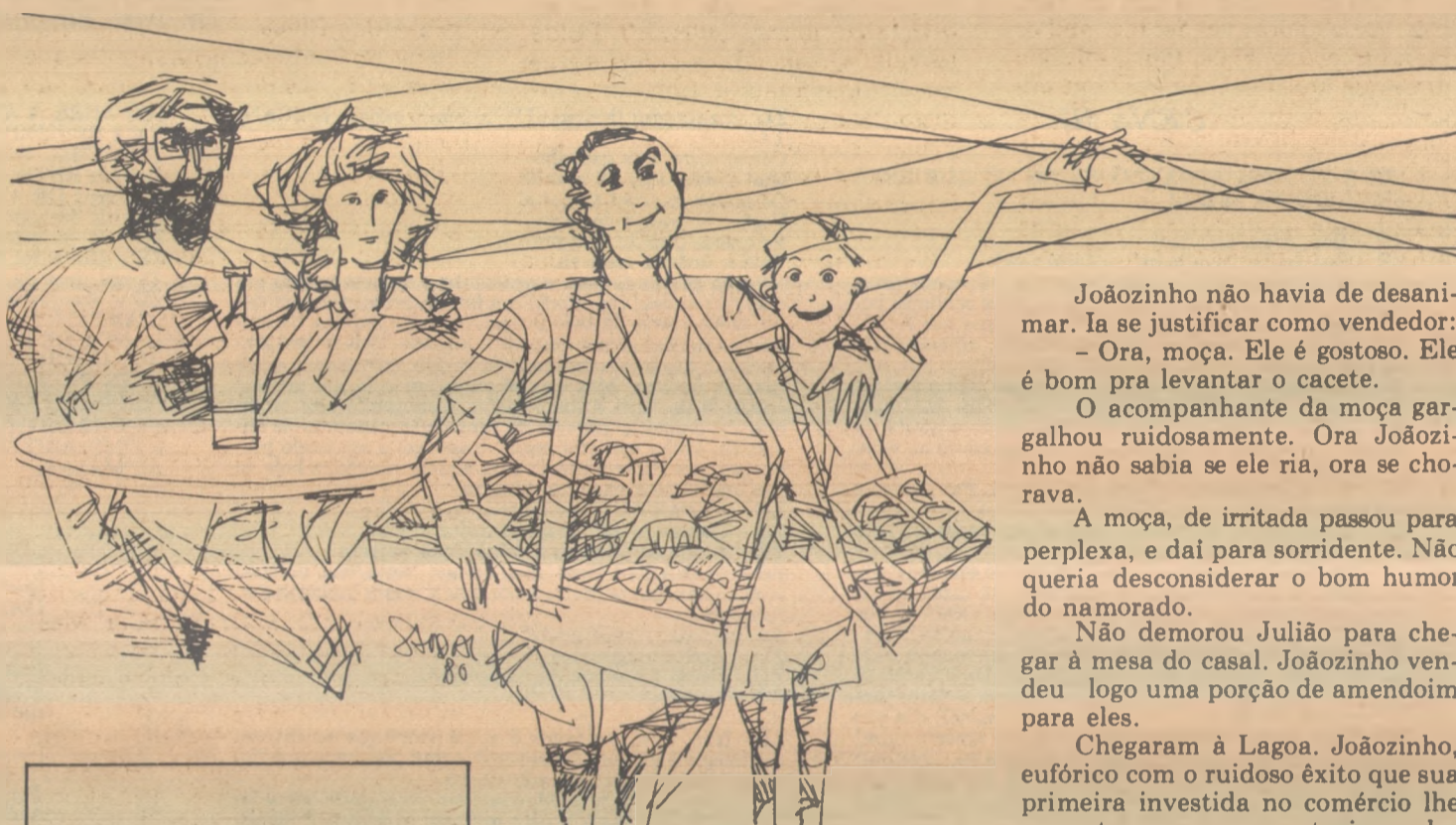
O velho era bom demais. Aliás, fora bom demais.

Nem Julião nem ninguém jamais teria imaginado há dois dias que o caçula trabalhasse. Mas foi então que ocorreu aquilo. Papai, um velho franzino de trinta e quatro anos que trabalhara anos a fio em um estacionamento de lá do centro, foi atropelado feito um cão nos confins da cidade na estrada que dá para o Recife.

E agora seria de se perguntar se papai admitiria que Joãozinho, o filho preferido, chegasse ainda tão criança a trabalhar. Logo o velho que tinha no maior apreço do mundo o pequeno do João.

Pensando bem, papai não ia se aborrecer não. Parecia que até lá do alto do céu o velho sorria para Julião. Este se lembrava que as coisas podiam ser piores ainda, que se todo menino lá em casa ainda era novo, ainda bem que não havia menina, pois era menos difícil arranjar um biscoite para um menino do que para uma moça. Um rapaz podia tentar dar um jeito lavando ou pastoreando carros, ou talvez engraxando sapatos ou vendendo doce de coco, amendoim, ou qualquer negócio. Mas para moça era mais difícil arranjar qualquer coisa. E se uma irmã se pusesse a trabalhar como empregada doméstica e depois se perdesse...

Era sexta-feira de tardinha. O sol logo se poria. Os dois meninos tinham subido no ônibus perto da favela após uma longa espera. O cobrador, que já conhecia Julião de



*Igualito que outros tantos,
de niño aprendi a sudar,
No conocí las escuelas
ni supe lo que es jugar.
Me sacaban de la cama
por la mañana temprano.
y al ladito de mi papa
fui creciendo en el trabajo.
Victor Jara, El hombre es
un creador.*

vista, deixou que Joãozinho se inclinasse para passar pela borboleta sem movimentá-la e, com um sorriso para Julião, observou: Um pobre ajuda outro como pode.

Desceram no Comércio. Subiram uma rua íngreme de paralelepípedos. Já perto de seu paradeiro, Julião disse a João que olhasse atrás. O caçula obedeceu e testemunhou uma vista de beleza invulgar, não obstante sua volta diária: o poente pessoense.

- Lá pra esquerda fica Bayeux, onde eu nasci, lembrou Julião. E pensou nessa cidade suburbana cheia de ruas e ruelas poeirentas, com montes de casas de alvenaria, de cal, de taipa. Ele ia lá de vez em quando para visitar amigos e parentes.

Voltaram a vista para o paradeiro e viram-no logo. Era um bar ao ar livre, privilegiado com a vista do poente. O movimento estava fraco apesar da sexta-feira, mas ainda era cedo. Antes de entrar lá, Julião lembrou ao bisonho que era preciso se esforçar com certo afinco para vender seu amendoim. Se muitos fregueses o recusassem, baixasse então o preço, apesar de ele já estar barato. Julião pegaria o lado esquerdo e João o direito.

Assim foi feito. João se aproximou da mesa de um casal. Estava entusiasmado com a nova tarefa.

Até que vender não seria tão difícil não. Julião dissera que não era fácil vender, que tinha dias que desanimava mas que de qualquer maneira era preciso tentar. Joãozinho estava animado. Ele venderia. Estava alegre. Já se esqueceu totalmente de papai.

- Amendoim, moça. Tá bem torrado. Amendoim, seu moço.

- Está quente ainda? indagou a jovem.

Ela tinha uma fala esquisita.

- Oxente, foi feito ainda agora.

Joãozinho se impressionou com sua mentira súbita e espontânea. Saira-lhe como um espirro.

A moça tirou uma amostra. Avaliou:

- Que nada, minino. Esse amendoim não é de hoje não.

- E sim, dona. Minha mãe torrou ele lá em casa. Ele não tá quentinho não, mas foi feito hoje à tarde, mamãe fez ele.

- Pode ser. Mas você me deu a entender que ele estava quente.

- Tava sim, mas não tá mais.

O acompanhante da interlocutora de João soltou um riso estridente. Mas ela, como querendo desconhecer a reação do namorado, retomou, agora ainda mais irritada, seu próprio tom:

- Que negócio é esse, garoto? Não queremos seu amendoim não!

O volume do último não teria podido perfeitamente competir com o do riso do namorado se este não tivesse parado de rir. Joãozinho começou a perder o ânimo. Como vender sequer dois ou três mil-réis de amendoim?

Mas aí lhe veio uma idéia tão repentina quanto a mentira que havia pouco contara. Que se fizesse qualquer coisa para vender o torrado, lhe dissera Julião mais de uma vez.

Joãozinho não havia de desanimar. Ia se justificar como vendedor:

- Ora, moça. Ele é gostoso. Ele é bom pra levantar o cacete.

O acompanhante da moça gargalhou ruidosamente. Ora Joãozinho não sabia se ele ria, ora se chorava.

A moça, de irritada passou para perplexa, e daí para sorridente. Não queria desconsiderar o bom humor do namorado.

Não demorou Julião para chegar à mesa do casal. Joãozinho vendeu logo uma porção de amendoim para eles.

Chegaram à Lagoa. Joãozinho, eufórico com o ruidoso êxito que sua primeira investida no comércio lhe acarretara e com os entusiasmados risos e elogios do mano, sensibilizou-se com o espetáculo na sua frente. Era a segunda vez que via a Lagoa. A primeira fora quando das festas juninas do ano passado. Ficara maravilhado. E agora era como se fosse a primeira vez. As águas límpidas recebiam as luzes jogadas contra o fundo de pretidão do céu cintilado de estrelas. Olhava-se o céu para baixo ou para cima?

Julião acordou-o: do sonho, explicando-lhe que agora estavam na frente do Pietro's. Aqui os garçons eram bons, nunca soubera de qualquer um deles criar caso com camelô, mas mesmo assim fosse bem comportadinho. Por exemplo, não repetisse aquela de "levantar o cacete", quanto mais se estivesse presente uma senhora. Joãozinho estranhou um pouco o tom do irmão. Havia minutos o mano o elogiara por seu êxito e agora lhe vinha pregar sermão! Mas, por outro lado, se lembrava também que Julião era mais velho e sabichão e só queria seu bem. Só que não entendeu o veto da fórmula do cacete. Que história era essa do "quanto mais se tiver presente uma senhora"? Ora, como, se não dera certo antes! Ora!

A bem da verdade, Joãozinho nada entendia desse negócio de cacetes e senhoras. Qual era? Nem por um triz entendia.

O importante porém era confiar no irmão de catorze anos. Com isto se conformou. Era antes um conformismo alegre que triste.

Puseram-se ambos a vender novamente. Demorava tanto para vender qualquer coisa desta vez. Finalmente Joãozinho conseguiu vender cinco cruzeiros. Novamente os fregueses eram um casal. Mas depois disso custou a vender. Foi para a calçada com o irmão. Lá fora havia muitos outros vendedores de amen-

doim. Mês só João e Julião o vendiam descascado. Julião comentou que antes costumava vendê-lo com casca. Mas notou que o descascado se venderia mais. E acertou. Só que hoje custava vender. Havia dias assim.

Voltaram para dentro do bar. Em meia hora venderam ambos mais um pouco. Foi então que Julião disse que fossem ao Blitz. O que era isso? Um outro bar por aí. Ficava longe? Não, ficava do outro lado da Lagoa. Que bom! Joãozinho adorava a Lagoa. Parecia-lhe a coisa mais bonita que já vira. Mais linda até do que as praias e o mar. Talvez mesmo mais bonita que o poente que vira hoje. Se fosse rico, mandaria construir um casarão à beira da Lagoa com um lindo jardim. Ai convidaria todos seus amigos mais estimados - Paulinho, Maneco, Patas-de-Pato, Luisinho e Amarelo - a brincar com ele o dia inteiro. E mamãe não teria que trabalhar.

Julião sorri.

- Que nada, maninho. Se você fosse rico! Se nós fosse rico... Ora, maninho, nós nunca vai ser rico, ouviu. Só tem duas espécies de gente: os ricos e nós outros. Pobres nascemo e pobres morreremo.

Finda a terceira frase destas observações, o sorriso de Julião fenecia. Finda a quarta, quase embargou a voz. O rosto do primogênito estava velado numa resignação triste e amarga. O caçula nunca o vira tão pungido. Nem sequer anteontem quando da notícia da morte do pai. Aquele de dois dias atrás fora um semblante estupefato mas não dolorido. Estupefato e perplexo. Julião envelhecia. Parecia mais velho do que pai. Parecia carregar a metade das dores do mando na sua grave face de catorze anos.

Chegaram ao Blitz. Estava lotado. Ouvia-se um samba alegre e gos-

toso por um alto-falante. Era rádio ou disco? Joãozinho sorria. Esqueceu-se do ar sombrio do mano instantes atrás. Até este já estava com outra cara. Mais uma vez o trabalho os chamava. Mãos à obra!

- Eu adoro Recife, João Carlos. Se não faço compras lá de mês em mês, fico louca, entende? Doida, varrida. Quem falava assim a uma mesa fumava muito, tinha uma brilhosa trança encaracolada e usava meias de cetim cor-de-rosa. E não cortava os esses e erres, o que muito impressionava Joãozinho. Ela tinha a pele um pouquinho mais clara que a de mamãe. Mas era muito mais alta do que mamãe. Mulher bonita, que falava esquisito e bonito e fumava muito, Joãozinho sorri para ela:

- Torradinho, moça.

- Eu não, filhinho. Você quer, João Carlos?

- Não, po'deixar, obrigado.

Joãozinho ganha outras recusas em outras mesas. Mas vez por outra consegue vender um pouco.

Lá fora na calçada Julião faz as contas com ele:

- Eu vendi dezoito mil-réis e você vinte. Cê tá de parabéns, mano. No seu primeiro dia, vendeu mais do que eu.

Risonho e orgulhoso, Joãozinho olha para o primogênito. Mas Julião nem lhe retribui um sorriso. Está gesticulando os lábios. E finalmente evoca:

- Você vendeu vinte e eu dezoito. Trinta e oito. Precisamo três e oitenta pra uma só passagem de ônibus. pois você mais uma vez vai se inclinar quando passar pela borboleta. Então, nós fica com trinta e quatro, mais ou meno. Não é muita coisa não, mas a vida de pobre muitas vezes é assim mesmo.

Foram aguardar o ônibus na Avenida dos Tabajaras, ao lado do

Liceu. Mas como demorava seu ônibus! Passava tanto ônibus, mas o seu parecia que não chegava mais. Enquanto isso Julião pensava em Joãozinho. Lembrava-se do sonho de seu pai de que o caçula um dia terminasse todo o ciclo primário, pois ele era o mais educado e inteligente dos filhos. Sim, senhor, não havia mais ninguém na família que visse as coisas de uma maneira tão diferente como João. Fazia cada pergunta que nem filho de doutor: "Papai, por que chamam o pessoal escuro de gente de cor se é só os galego que têm as faces corada?", "Papai, se o mundo é redondo, como é que nós não cai?", "Papai, qual é a terra que fica do outro lado do mar?". Era papai para cá e papai para lá. O pobre do velho, antes que humilhado por causa de seus poucos conhecimentos, ficava maravilhado. E a pensar que Joãozinho só tinha oito anos! Caramba, que filhinho da moléstia!

Papai quisera então que Joãozinho não trabalhasse e sim progredisse nos estudos. Mas, que nada! Mesmo que estudasse tanto, como teria dinheiro pra comprar livros, cadernos e lápis? Mesmo que papai não tivesse morrido, Joãozinho um dia teria que trabalhar também, quem sabe? Afinal, ele Julião começou a trabalhar aos nove anos. Sebastião começou aos onze e Damião aos nove. O que ganhava papai no estacionamento e mamãe lavando roupa e fazendo faxinas aqui e ali nunca deu para a gente enfrentar a maré. Pois é, enfrentar a maré. A expressão era de seu Ciço, pelo menos foi pela boca dele que Julião a ouvira pela primeira vez. Mas sem entendê-la. No dia seguinte pediu uma explicação a seu Ciço. Foi logo atendido, após uma breve pausa meditativa do velho rogado:

- Vida de pobre, meu filho, é como um homem que pra viver, todo dia tem que atravessar um vau de rio perto do mar. Mas vam'supor que pelo menos um ou dois dia na semana o mar tá brabo. "E" então que a maré sobe tanto, mas tanto, que o nego pode até morrer. Pois bem, com tudo isso, o nego se assujeita a essas água todo dia. Todo dia pode se afogar. Mas se não atravessar o vau, então morre na certa.

Julião entendeu. E chegou a entender melhor ainda quando começou a trabalhar.

E agora todos seus irmãos, trabalhavam: ele e João vendiam amendoim, Sebastião lavava carros e Damião atualmente era balaieiro de feira e tinha outros biscaites menos seguros por aí.

Pois o sonho de papai era bonito, mas era um sonho apenas. Joãozinho de fato era educado e fino e "metido a filosofias", como dizia seu Ciço.

Mas era pobre também.

"Vida de pobre, meu filho..."

No entanto era bonito o sonho de papai. Se se pudesse dar um jeito pra Joãozinho, se pelo menos...

- Julião, tá chegando nosso ônibus..

Subiram os degraus. Julião mandou Joãozinho se inclinar debaixo da borboleta. O cobrador (que era o mesmo de horas antes) lhe perguntou:

- Como é, companheiro, o novato vendeu muito hoje?

Fosse por uma momentânea vaidade de quem não quer reconhecer-se superado por seu próprio discípulo ou fosse pelo heróico otimismo de quem mal teria motivos para tanto, Julião replicou com um sorriso leve e estreito:

- Vendeu o suficiente pra enfrentar a maré.

2 PROEMAS

DE HILDEBERTO BARBOSA FILHO



ORAÇÃO AGRÁRIA

O pão nosso de cada dia
nunca nos vem à guisa de pão.
O santo não santificado
já descobre seus olhos,
fulmina nossa presença rude,
nossa esperança agrícola.
O pai nosso
que não está no céu
aluga nossa força
e rouba nosso pão!

OS CACTOS

Cactos de aço,
monarcas telúricos do zênite
num cariri em sangue
e arame farpado.

Fitologicamente esquecíveis
para o mundo,
meus cactos não,
ardentes qual beijos de amor
em sol de fuga.

Um espetáculo de brabeza,
elegantemente finos,
apunhalantes...

Cactos de aço,
bolcheviques da virtude vegetal
num cariri em poeira
e bolotas de fogo.



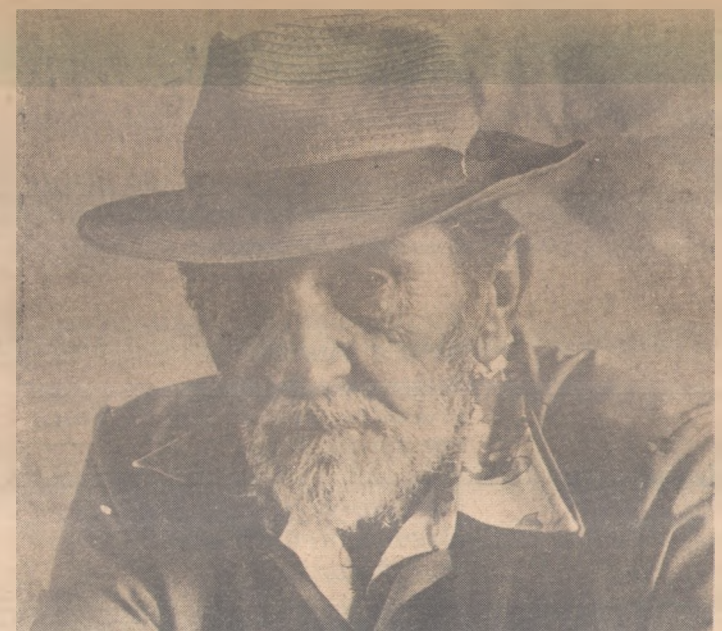
Campina Grande(1978)



Carpina-Pernambuco(1980)



Esperança-PB(1980)



Solânea-PB(1979)

VIVENDO

"Sim, aí está a pergunta
pra quem não me entende ainda
e que se esforça pra esquecer
toda a vida destas palavras
que aprendi nas ruas
e que canto com todos vocês
no decorrer dos dias desta morte"
(PEDRO OSMAR - Quem é palhaço aqui?)

Apresentar o trabalho fotográfico de ROBERTO COURA é fazer as vezes de Mestre Sala dos homens, é abarcar o homem em toda sua dimensão, do lírico ao trágico, do patético ao burlesco; posto que sua arte têm na abrangência do humano os seus limites. O "click" de sua máquina capta um mundo genérico e ao mesmo tempo, particular, genérico ao atingir em toda sua amplitude, a condição humana; particular ao não dissociar esta condição humana dos determinantes locais a ela imanentes. Assim as fotos de um grupo de prostitutas lembram as telas de Toulouse-Lautrec ao retratar um cabaré de Paris no fim do século passado, nas fotos como nas telas despontam a melancolia e o patético da condição de prostitutas; melancólica da palhaço Cha-u Kao e de Yvette Goilbert, melancólica das Zefinhas, Sebastianas e Marias de cada esquina, de cada ponta de rua. Entretanto em lugar dos divãs do Moulin Rouga temos a calçada de um bregaem Campina Grande, substituindo as casacas e cartolas parisienses temos os meninos buchudos com a pinta de fora nas periferias do Brasil.

A produção artística do fotógrafo Roberto Coura, é universal na sua nordestinidade, está preso no seu *habitat* e no seu tempo sem perder a noção do cosmo, seu universo é o homem, sua matéria o homem nordestino, por conseguinte é impossível desligar sua arte da realidade que o cerca, ela é seu ponto de partida e de chegada, causa e efeito da sua estética.

A fotografia de um boi morto não ressalta somente a universalidade da miséria, mas nos traz à memória Graciliano Ramos com seus Fabiano, Baleia e Sinhá Vitória.

Assim como o oleiro necessita do barro para suas cerâmicas, Roberto necessita da vida para as suas fotos, a vida marginal, escanteada, posta ao largo, á deriva, é sua matéria prima, a pobreza apátrida é o barro com que irá coser sua arte; o resto do banquete é o trigo com que saciará sua fome estética. O artista alimenta-se da miséria que é rejeitada pelos produtores e administradores desta mesma miséria.

- ENSAIO FOTOGRÁFICO
- COM APRESENTAÇÃO



Ingá-PB(1980)



São Bento-PB(1980)

VI VENDENDO

AFÍCO DE ROBERTO COURA
AÇÃO DE HUGO ANÍBAL MOURA



A fotografia de Roberto Coura é como a música de Pedro Osmar, a filhografia de Vladimir de Carvalho, a poesia de Marcos Tavares, todas refletem uma nítida preocupação social, longe dos apêlos fáceis de uma arte populista e popularesca. Denunciam os dramas do cotidiano sem cair no planfetério lirice e sem ser plegas, esteticamente bem feitas sem cair no vazio de arte pela arte, suas obras trazem a dimensão exata do homem e toda sua grandeza e fragilidade inerentes ao próprio ato de viver.

O pensador e esteta húngaro Georg Lukács ao definir a função do artista e os componentes intrínsecos de uma obra de arte nos ensinou que: "o papel do artista é o de esclarecer os problemas através dos modos de expressão propriamente artísticos". Deste modo a câmara de Roberto Coura ao fotografar uma casa de taipa em São José de Piranhas não se preocupa unicamente em registrar e/ou denunciar uma realidade social, ou documentar um fato concreto; busca antes de tudo dar um tratamento estético ao objeto da sua arte unindo pois forma e conteúdo, uma vez que uma casa de taipa nada mais é do que uma casa de taipa e o artista jamais deve prescindir na apreensão dos fatos de critérios eminentemente artísticos. Portanto ao fotografar um menino deitado num galpão de um grupo escolar em Cabedelo, o artista buscou captar o lado estético de cena, do mesmo modo que a grafar uma procissão em São Bento no Sertão da Paraíba. O artista assumiu a postura do artista e não a do cientista social, do padre, do jornalista ou do beato, esta postura é o que faz o realidade transformar-se em arte.

As lentes da máquina fotográfica de Roberto buscam a vida e a captam no instante exata em que ela está acontecendo, fluindo, no momento em que a vida está vivendo, vivendo intensa em toda sua dramaticidade, explodindo em todo seu fulgor. Sua arte está nas ruas, nos botequins, nas praças, nos campos, nos cabarés, nas feiras, sua arte está em todos nós, na cara enrugada de um velho, no rosto de duas crianças à espera das rugas. Em ambas sente-se latejar a vida, fluir o sangue, viver o homem. Sua estética perambula por aí, impregnando o negativo de coisas e seres; no bar capta dois sujeitos talvez até sem prediçados, na feira registra uma família, uma sagrada família, e vai assim revelando a vida em papel especial.

A arte de Roberto Coura, fotógrafo por gosto e profissão, é assim como o retrato de "Pirada", uma prostituta da zona do meretrício de Esperança-Pb.: Crua, densa, lírica, patética, faminta, mas encarando as coisas, vendo o mundo de frente, como a nos gritar: "NO PARSARON!".



Campina Grande-PB(1980)



Campina Grande-PB(1980)



São José de Piranhas-PB(1979)



Cabedelo-PB(1980)

Na luta pela compreensão do pensamento marcuseano, sob a égide de seu "A Ideologia da Sociedade Industrial", boa contribuição parece oferecer o intercâmbio de conceitos e categorias com referencial teórico de estudos sobre sua obra anterior, de outros estudos dele, Marcuse, ou do grupo a que pertenceu - a chamada escola neohegeliana de Frankfurt.

Como importante ponto de partida devemos entender a síntese unificadora dessa escola. A referência "pensamento negativo", que não aparece somente nessa obra de Marcuse como em todos os membros da escola de Frankfurt. Tomemos, por esclarecedora, a citação tirada ao profundo estudo (1) crítico de José Guilherme Merquior, a quem, frequente, recorremos:

"A chamada escola neohegeliana de Frankfurt (originariamente composta de Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Siegfried Kracauer) é uma das mais sugestivas formações ideológicas do nosso tempo. O nazismo e a guerra, que lhe dispersaram o grupo inicial, não lhe destruíram a unidade de espírito. Ela pode ser definida nos termos do que Marcuse em sua obra sobre Hegel designa como pensamento negativo. No impulso dialético que nega continuamente o dado e o existente, no passo rebelde e crítico da destruição criadora".

Com essa referência inicial, compreendemos o fundamento teórico do estudo de Marcuse que, a partir de Hegel, com incursões em Marx e Freud, com mais frequência neste último, chega a erigir uma séria crítica à civilização tecnológica e, além disso, propor com seus pares de Frankfurt, uma crítica da cultura.

A negatividade que caracteriza essa 'kulturkritik', à parte sua contribuição científica, responsabiliza-se pelo pessimismo que dá forma às especulações marcuseanas. Indica-se para situá-lo o exame das raízes e limites desse pensamento negativo. Mas antes dessa possibilidade, que examinamos mais adiante, cabe descobrir a natureza dessa crítica à sociedade tecnológica.

EROS E CIVILIZAÇÃO

A crítica à civilização levada a efeito por Marcuse tem origem no seu "Eros e Civilização", onde se encontra a sua interpretação filosófica do pensamento de Freud.

A origem das considerações nessa obra repousa na dicotomia freudiana de 'princípio de prazer/princípio de realidade' que situam a ação da civilização disciplinando o homem para o todo social.

O princípio de prazer orienta e processa os instintos vitais (Eros), em oposição ao princípio de realidade, pelo qual se processa a ação civilizatória, através da modificação repressiva dos instintos.

A civilização tecnológica que prefigura a sociedade sem pai, mais repressiva que sua origem, não basta a "organização repressiva dos instintos", mas um alto grau de sofisticação nas formas de controle desses instintos. Através dessas formas de controle são mascaradas as verdadeiras necessidades individuais e as reais e efetivas contradições de classes.

A sofisticação das formas de controle se processa de tal forma que a categoria "princípio de desempenho" - considerada em "Eros e Civilização" como capaz de explicar a estratificação social, agora encontra-se superada.

NOTAS A UMA LEITURA DE MARCUSE

• ADALBERTO DE QUEIROZ



Agora "as formas prevalescentes de controle social são tecnológicas num novo sentido" - pg. 30. A ação dessas formas muito mais sofisticadas de controle social escondem as antigas conquistas libertárias e as reveste de irracionalidade, impossibilitando a mudança.

Essa ação, que nega, inclusive, a via revolucionária, é fruto da "ideologia do mundo manipulado", como bem nomeou o estudioso brasileiro Carlos Nelson Coutinho (2), ao tratar das formas de controle de que se ocupa Marcuse no 1º capítulo de "One Dimensional Man".

IMPOTÊNCIA MARCUSEANA

Esse caminho de análise bem explicita a falência de Marcuse, ao mesmo tempo que dá o tom sóbrio de sua desesperança. Conforme Merquior, as causas imediatas desse pessimismo não são difíceis de apontar. Por não encontrar, na sociedade atual, nenhuma força capaz de propor sua reestruturação essa crítica deriva ao pessimismo, para a explicação de que a ordenação repressiva a que chegou a sociedade tecnológica conduz ao caótico beco sem saída.

Essa impressão de falência domina o leitor ao final de "One Dimensional Man" porque:

"Permanecendo preso a um ideal utópico, o pensamento negativo se transforma em revolucionarismo nostálgico, repassado da amargura da impotência" (3)

Essa impotência está demonstrada no final do livro na frase de Walter Benjamin que expressa a "combatividade amarga" da escola neohegeliana de Frankfurt, no li-

miar da era fascista, quando diz: "somente em nome dos desesperançados nos é dada esperança" - pg. 235.

Por outro lado, no entanto, o pessimismo marcuseano não invalida a objetividade e a contribuição filosófica. Boa prova dessa contribuição são os escritos sobre "mais-repressão" do final de "Eros e Civilização", "evolução do proletariado, em face da tecnologia avançada", "agressividade tecnológica" e "dessublimação repressiva" de "One-Dimensional Man". (4)

Adicionalmente, podemos dizer que boa parte desse livro contribui com a compreensão do processo de reconstrução capitalista, levado a efeito a partir de 1930, sobretudo na Alemanha nazista e nos Estados Unidos, dominante e universal no pós-guerra, pelo avanço tecnológico, centro das preocupações de Marcuse.

Em especial no capítulo 2 - "O Fechamento do Universo Político" - onde o Autor compreende e explica bem o que Coutinho denomina "ideologia do mundo manipulado" (cf. nota 2), ao erigir o conceito de "Estado do bem-estar social" que em si expressa as perspectivas negras da contenção de transformação revolucionária, feita em nome de "racionalidade tecnológica".

DESSUBLIMAÇÃO REPRESSIVA

Já o capítulo "Conquista da Consciência Feliz", embora trazendo a contribuição da idéia de "dessublimação repressiva, não consegue esconder a situação do "intelectual europeu da primeira metade do século, traumatizado pelo ocaso político da Europa, pelo desaparecimento de quadros culturais tradicionais e pela intensificação da caça aos objetivos da sociedade de massa". (5)

O autor aqui torna-se protagonista da crise da cultura moderna, ele a vive passivamente, não assumindo a contradição de novos tempos e propondo análises estéticas fragmentárias, às vezes, até mesmo confusas - do que pode ser exemplo o uso da categoria "alienação". E, diga-se, análises semelhantes às de seus pares de escola de Frankfurt.

Do quadro geral do capítulo 3, que poderíamos, à semelhança dos capítulos 2 e 4, chamar "fechamento do universo artístico", salva-se o aprofundamento do conceito freudiano. As considerações sobre arte e literatura estão distantes de traduzir a função repressiva da arte alienada na crise da cultura.

Marcuse questiona justamente o que na arte resulta como revolucionário - "a arte como reflexo da realidade, evolução de sentimentos, emoções, paixões, etc". Negando à literatura no mundo tecnológico - salvo a dimensão do mundo sub-desenvolvido - a mimese artística com "poder social de meio para que o homem chegue à consciência de si mesmo, à auto-consciência" (6) fugindo à alienação.

Essa contradição pode indicar uma das oposições básicas à compreensão dos rumos da 'kulturkritik' frankfurtiana.

NEGATIVIDADE E PRÁXIS

E por que recorremos à Lukács entendemos oportuna a colocação de Merquior que pode introduzir a oposição acima:

"A dialética da desilusão marcuseana termina em sentido oposto ao otimismo revivificado do Lukács de História e Consciência de Classe" (7)

Essa oposição pode ser nomeada, acertadamente, como "divórcio entre negatividade e práxis".

Ainda se detendo no capítulo em que trata da questão artística, constitui vigorosa crítica à cultura de massa o conceito de dessublimação repressiva, mas não avança mais porque Marcuse só credita às massas contemporâneas a promoção da "coesão e contentamento sociais", caindo até no psicologismo da análise do "jogo tecnológico dos planejadores militares" feito à pg. 90.

Retomando o divórcio entre negatividade e práxis, poderíamos anotar que, mesmo obrigado a reconhecer a diversos acertos no texto, à medida que nele penetramos, parece que a "lógica da dominação" sempre vence. No campo científico - cap. 6; no campo filosófico - cap. 7, até desembocar na "catástrofe da libertação", de maneira, inegavelmente, pessimista.

Negando às massas o poder de mudança, o pensamento negativo padece de grave imaturidade política porque "sua origem filosófica é a concepção monístico-reducionista da repressão como mediação universal" (8)

Sem deixar lugar à práxis revolucionária e recriadora da realidade e com obstinada fidelidade à "grande recusa" o mestre de "Eros e Civilização" paga n' "A Ideologia da Sociedade Industrial" o ônus da prova de sua descrença e desesperança.

NOTAS

(1) MERQUIOR, J. Guilherme. Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin: Ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1.969. Pág. 21.

(2) COUTINHO, Carlos Nelson. O Estruturalismo e a Miséria da Razão. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972. Pág. 54/62.

(3) MERQUIOR, J. G. ob. cit., pág. 290.

(4) MERQUIOR, J. G. ob. cit., pág. 153.

(5) MERQUIOR, J. G. ob. cit., pág. 302/03.

(6) CLAVELLE, & DE ALVA. História y Consciencia de Clase y Estética de Gyorgy Lukács. Madrid, Magisterio Español, 1.975. P. Pág. 131.

(7) MERQUIOR, J. G. ob. cit., pág. 47.

(8) MERQUIOR, J. G. ob. cit., pág. 298.

(9) MARCUSE, Herbert. A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional. Rio de Janeiro, Zahar, 5ª ed. 1979.

A HISTÓRIA DO CIRCO

Panem et circenses. Nestas palavras, dirigidas ao seu imperador, os romanos da decadência sintetizaram as suas necessidades básicas: alimento para o corpo, distração para o espírito. O alimento vinha-lhes das ricas colônias do Império, e a distração lhes era proporcionada no Circo Máximo.

Edifício destinado a corridas de carros, caçadas de feras e lutas de gladiadores, o Circo Máximo de Roma - que era de forma aproximadamente elíptica (medindo um eixo 600 metros e o outro 200) e comportava 385.000 espectadores - parece ter sido o remoto e quase irreconhecível antepassado dos circos atuais. Para que os espetáculos de então, estimulantes de emoções e de sentimentos menos nobres, se transmutassem nos espetáculos de hoje - de pura diversão e até de arte, que alegrem e enlevam, fazendo-nos olvidar por momentos as durezas da vida e dando-nos o ânimo para lhes enfrentar as vicissitudes - teve o circo de sofrer inúmeras metamorfoses por curso dos séculos.

tas, em que é justamente célebre o Circo de Moscou, de fama mundial. Outros subsistem porque se apresentam em cidades pequenas onde a civilização não penetrou ou não conseguiu grande influência.

O circo possui, todavia, enorme capacidade acrobática: submetido à cerrada concorrência do cinema e da televisão, transportou-se para... o cinema e a televisão! E, assim, pode-se hoje rir das brincadeiras dos palhaços, extasiar-se com a pericia dos acrobatas, empolgar-se pelas façanhas dos contorcionistas, assustar-se com os urros das feras, desfalecer com o vôo dos trapezistas, em suma, vibrar ante a beleza, a variedade o brilho do espetáculo e ante a graça, a destreza e o arrojo dos artistas - não somente debaixo do toldo, mas também, e mais comodamente, através das telas do cinema e dos vídeos de televisão.

ANDREJUS KOROLKOVAS



COMO NASCEU

Por estranho que pareça, o circo que hoje conhecemos tem apenas dois séculos de vida. Nasceu em 1770, por iniciativa de um cavaleiro inglês, Astley, chefe de uma "troupe" equestre, que teve a idéia de enriquecer seu repertório com a apresentação de funâmbulos e de números acrobáticos executados por macacos e cães. O espetáculo circense baseava-se na demonstração de força e de agilidade; como complemento exibiam-se animais amestrados. Será por isso mesmo que ainda hoje se guarda a denominação de "circo de cavalinhos".

Depois de Astley, que obteve enorme êxito, de início, em sua pátria e depois em Paris, outros diretores tornaram-se famosos: Antonio Franconi, na Itália; Christophe de Bach e seu rival, Jean Porte, na Áustria; Brillot e Wollschlaeger, que introduziram o circo na Alemanha; o italiano Alessandro Guerra; Batty e Cooke, compatriotas de Astley; os franceses Tournaire, Foyreaux, Gautier, Bastie, Gillet, Cuzent, Bonthors, Blondin, Loyal; o norte-americano Bill Ricketts, que em 1785 montou um circo em Filadélfia.

As características do circo instituído por Astley mantiveram-se mais ou menos inalteradas até 1850. Desde então foram-se introduzindo, paulatinamente, inovações várias. Declina a pantonima. Caem no gosto do público sobretudo a exibição equestre e o volteio; surgem os grandes cavaleiros, as grandes amazonas, bailarinas equestres. Multiplicando-se, os circos chegam a fazer concorrência aos teatros e, para atrair ainda mais o público ansioso de novidades, incluem-se na "troupe" outros animais, como elefantes, camelos, zebras. Pela mesma época, os circos começam a deslocar-se de uma cidade para outra.

Aí por 1845 aparecia já outra modalidade de circo, o Hipódromo, criado por Laurent e Victor Franconi, e destinado a ressuscitar, com menos grandiosidade e fusão de sangue, os espetáculos do Circo Máximo de Roma. Suas dimensões eram bem maiores que as do circo comum, uma arena de 60 a 80 metros de diâmetro. Em torno da arena ficava a pista e, ao centro, uma área circular para o exercício de volteios. O Hipódromo fez muito sucesso em Paris, Berlim, Londres, Nova Iorque e outras cidades, tanto na Europa como na América.

"O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA"

Nos Estados Unidos, Barnum criou, em 1871, aquele que serviria de modelo a todos os grandes circos norte-americanos: o hipódromo cercado e recoberto de pau. Este novo circo sobressaiu-se pelos prodígios que exibiu - o homem-cão, a mulher barbada, as irmãs siamesas, a mulher magnética, a mulher sem braços, crianças de pele de leopardo, o homem de cabeça inquebrável, o homem tronco, o homem-esqueleto, o comedor de pregos e bebedor de petróleo - fenômenos estes que a natureza havia gerado, brincando de madastra. Com seus três pica-

deiros, o circo Barnum possuía enormes arquibancadas, de onde o público podia ver três espetáculos simultâneos. Além dos fenômenos apresentavam-se animais raros e seus domadores, palhaços e acrobatas, que enchiam de perplexidade e assombro os olhos dos espectadores.

Apesar do estrondoso êxito que alcançou nos Estados Unidos, a modalidade de espetáculo oferecido por Barnum - batizado como "O Maior Espetáculo da Terra" - não encontrou grande receptividade na Europa, embora numerosas tentativas de implantá-lo no Velho Mundo se tivessem feito entre 1897 e 1902. Deslumbrado diante daquela profusão de maravilhas, o espectador europeu buscava os pormenores, perdendo assim a visão do conjunto.

Mais tarde, Barnum associou-se a outro empresário - Bailey. Foi a grande "tournée" européia do circo Barnum-Bailey que marcou o fim do circo de cavalinhos, se bem que duas grandes organizações berlinenses (a de Paul Busch e a de Albert Schumann) tivessem continuado suas atividades ainda por alguns anos.

INOVAÇÕES NO CIRCO

O circo recoberto, que compreendia uma multidão de atrações, desenvolveu-se assim à custa do circo de cavalinhos, que foi desaparecendo das grandes cidades; por outro lado, o espetáculo criado por Astley, na sua forma primitiva, ficou restrito aos pequenos circos ambulantes.

A partir de 1920, dão-se outras inovações curiosas. Os cavaleiros e seus animais, que até então constituíam a atração máxima, passaram a ocupar um lugar muito modesto no programa. As feras amestradas é que tomam conta do picadeiro: o circo ambulante conduz um verdadeiro jardim zoológico. Estimulada pelo interesse do público, evoluiu rapidamente a parte acrobática, ao mesmo tempo que se introduzem esportes mecânicos, como números de ciclismo, automobilismo, motociclismo. A assistência é mais seduzida pelo perigo que corre o artista do que pela beleza plástica do espetáculo.

Ante a solicitação das platéias sequiosas de novidades, organizam-se, ao lado dos circos estáveis fixados em grandes cidades europeias, circos móveis, que se montam e desmontam a cada dia para uma única apresentação em cada cidade.

GLÓRIAS E MISÉRIAS

A história do circo registra milhares de episódios pitorescos, casos assombrosos, façanhas memoráveis, acidentes fatais. Nem por isso ela se interrompeu. A comoção passa, enxugam-se as lágrimas, volta-se ao picadeiro: "o espetáculo tem de continuar"! Em seu leito de morte, o inesquecível Barnum, que fizera do circo a razão de sua vida, perguntava: "Quantos ingressos foram vendidos hoje?" E foram estas as suas últimas palavras.

Espantoso foi o que aconteceu com Henri-Toch, o homem-bala. Suportava, habitualmente, nas espáduas, a descarga de um tiro de 365 quilos. Um dia, por engano do "artilheiro", o canhão recebeu uma carga dupla e o disparo abriu um rombo no toldo do circo - mas Henri-Toch não sofreu um arranhão!

Proeza notável era a que executava Anne Porté: mesmo depois de completar 70 anos, continuava a dançar na corda. Não menos espetacular a façanha de Blondin e de Maria Speltarini; embora habituados a trabalhar dentro do circo, atravessaram as cataratas do Niágara sobre uma corda, com pesos de 14 quilos nos tornozelos.

A OUTRA FACE

Mas o circo não é apenas o que ao público é dado ver. Por trás dos bastidores correm tragédias e comédias, tristezas e alegrias, lágrimas e risos; um mundo maravilhoso, ora trágico, ora alegre, sempre fantástico. Dos que nele trabalham, alguns alcançaram fama e fortuna: empresários tornam-se milionários, amazonas tornam-se princesas e chegam a decidir a sorte de impérios - como aconteceu a Lola Montés. Acrobatatas vislumbram a morte a cada segundo, e muitas vezes levam a pior. Domadores têm perdido a vida entre as garras das feras. Mas não só pequenos acidentes: o incêndio do circo Barnum, ocorrido a 6 de junho de 1942, custou a vida de 169 pessoas! Maior ainda foi a tragédia que se abateu sobre o Brasil, em 17 de dezembro de 1961: o incêndio que destruiu um circo em Niterói causou concomitantemente 323 mortes! Quantas vezes alimenta o palhaço o riso da platéia, vivendo o seu drama: "e enquanto o lábio trêmulo gargalha, dentro do peito o coração soluça"?!

Mundo fantástico! No circo, vemos a concretização dos nossos sonhos e das nossas fantasias de crianças. Quem não invejaria a agilidade dos acrobatas, a destreza dos equilibristas, a comicidade dos palhaços, a coragem dos saltadores, a bravura dos domadores, a serenidade dos trapezistas?

O circo não impressiona e atrai somente o público ávido de entretenimento. Sua força é mais poderosa, seu alcance mais profundo. Tem inspirado a literatura, as artes, o cinema. Quer seja superado por outras diversões, quer tome novo impulso e reconquiste o esplendor e a glória do passado, uma coisa é certa: os homens de hoje são menos exigentes que os romanos da decadência. E se estes ainda antepunham o pão ao espetáculo circense, aqueles converteriam de bom grado a máxima: *primo circenses et deinde panem*. Isto é, primeiro a diversão (que, no Brasil, é proporcionada principalmente pelo futebol e carnaval) e depois o alimento.

Na Europa, os circos Sarrasani e Krone conquistam maior fama que outros. Os irmãos Ringling, sucessores da dupla Barnum-Bailey, absorvem os demais concorrentes norte-americanos, de maneira que, em 1955, o único circo ambulante nos Estados Unidos foi o deles. Noutros países há circos importantes, mas todos muito aquém daquele, seja pela magnitude, seja pelo prestígio.

CAPACIDADE ACROBÁTICA

Outras formas de divertimento popular faziam, umas havia anos, outras havia séculos, forte concorrência ao circo: o esporte, o cinema e a televisão. Numerosos fatores extrínsecos aos espetáculos (alto custo de manutenção dos artistas, exigências sindicais, problemas de transporte e de localização) criaram tais empecilhos às atividades circenses que o maior circo do mundo, o "Ringling Brothers & Barnum-Bailey", foi levado, em meados de 1956, a dobrar a lona e a interromper suas exibições por tempo indeterminado - quiçá para sempre.

Não obstante, os circos menores têm conseguido sobreviver, ou porque os gastos são muito limitados ou porque descuidem dos partidos grandiosos. Alguns recebem apoio oficial, como acontece nos países comu-

LEGIÃO ESTRANGEIRA OU O ROMANCEIRO DO COLONIALISMO

• JOSÉ OCTÁVIO

Beau-Geste!!!...

Assisto emocionado, pela televisão, à nova edição dessa velha película que fala da Legião Estrangeira e das coisas heróicas de um passado não muito distante.

É possível que o filme original, em preto e branco, e apresentando, em primeiríssimo plano, a excepcional caracterização de Brian Donlevy como o sargento que coloca seus comandados mortos nas ameias do fortim - "Atirem canalhas e agora riam! Riam!!!" -, seja um pouco mais intenso, mas a inquietação do espectador amadurecido de hoje é a mesma do dispersivo adolescente de vinte e quatro anos atrás.

Então, o sol do deserto queima como brasa, as areias infinitas fatigam e o sopro quente do siroco açoita os homens extenuados, mas a Legião é uma coluna de heróis em luta contra o incerto destino de cada um!...

Beau Geste!: súbito, o clarim desperta aqueles homens sem passado, enrijecendo-os para a luta pela vida e a Legião não é mais uma coluna, mas quadrados, falanges, formações inteiras prontas para o combate mortal!...

Beau Geste!: por trás da alvura de seus longos albornozes, os beduínos atacam, os legionários crivam as baionetas nos fuzis e o sangue de atacantes e atacados recobre generoso o deserto, confundido no abraço lúgubre da morte!...

Beau Geste!: repellido o ataque, a coluna retoma sua marcha, agora o forte está à vista e urge recuperar os feridos, impaciência maior só existe na retaguarda e nas metrópoles distantes onde, ávidos de cobiça, governantes e industriais se reúnem para calcular, em dinheiro, o custo das vidas tombadas!...

Beau Geste!: o número de legionários sacrificados, porém, não importa, o que vale é intimidar os nativos, cuja técnica inferior e impotência militar haverá de ceder para o largo festim da expansão do colonialismo... É mesmo assim, sem a devida consciência dos fins a que servem, aqueles rebutalhos humanos embrutecidos pelo deserto e pela ausência de um passado que lhes tolhe o futuro, voltarão a marchar para novas arremetidas, novas façanhas guerreiras: é impossível a deserção, e fóra dela só a sustentação do tênue fiapo de vida que liga os legionários uns aos outros e todos a seus superiores, poderá oferecer algum sentido àquelas vidas em decomposição, mitificadas pela proximidade da morte em que se encontram...

Beau Geste!: fóra dessas evocações um tanto líricas com que firmo minha admiração pelo *espírito de ferro* e de aventuras que guiou os componentes da Legião Estrangeira - e é à luz dêle que entendo o poeta Celso Novaes quando se recusou, certa vez, a falar sobre a vida, alegando que nem havia servido nas Brigadas Internacionais da Guerra Civil Espa-

nhola, nem na Legião... - creio que há no filme recentemente reexibido pela hoje extinta Televisão Tupi dois lados, sendo um, o cinematográfico, de essência técnica, e o outro, humano, de conteúdo histórico, se é que se torna possível decompô-los, ainda que para simples efeito de exercício de análise.

O primeiro, obviamente, pertence a Jurandy Moura e Antônio Barreto Neto, que são pela consciência e dedicação, os melhores continuadores da grande obra de afirmação cinematográfica da Paraíba, iniciada por Linduarte Noronha. Mas o outro lado de Beau-Geste, seu aspecto histórico-social, como eu gostaria de alçar-se além de minhas limitações para recolhê-lo nestas páginas já impregnadas de tantas emoções juvenis...

Na medida em que apresenta como personagem principal, não como julgaria um espectador apressado, Brian Donlevy, ontem, ou Guy Stockwell, hoje, mas a própria Legião Estrangeira, como expressão daquele ideal de *viver perigosamente*, com que, inutilmente, Mussolini tentou assinalar o fascismo italiano -, Beau Geste é filme que merece ser considerado no quadro geral dos acontecimentos que marcam a emersão da Revolução Industrial, na Europa, como o fenômeno do qual adviria o colonialismo, com o domínio geo-político da África, pelos países europeus, e o imperialismo, com a abundante exportação de capitais para essas áreas submissas.

Realmente, desde que a industrialização se impôs como a realidade dos países do Ocidente Europeu que, através de revoluções nacionais e liberais, haviam liquidado o feudalismo e assegurado a unificação de seus mercados internos, o estabelecimento de colônias tornou-se uma norma como resolução para o problema criado pelas necessidades que a nova tecnologia suscitava, em relação a uma exigência cada vez maior de matérias primas.

A segunda metade do século XIX acha-se, pois, tôda ela pontilhada, da parte dos países que formam na vanguarda do processo de industrialização, daquele espírito de colonialismo rapinante que, no plano ético, equivale a uma quebra de barreiras, já classificado de *impulso fáustico*. É o expansionismo colonial que então alcançará seu ponto culminante: a Inglaterra dominará o Egito e a África do Sul, sendo que, enquanto o Brasil tremerá ante a ameaça dos canhões daquela, a França seguirá os passos da Rainha dos Mares, apossando-se do norte da África, onde também a Espanha e a Itália fixarão suas bandeiras; a Bélgica tocará o Congo que pertencerá, aliás, *ao rei da Bélgica*, enquanto os Estados Unidos e o Japão, de expansionismos mais recentes, esperarão o final do século para lançarem-se em direção ao Caribe e às Filipinas, um, e rumo à Manchúria chinesa, outro.

A atuação da Legião Estrangeira, que o filme Beau-Geste tão bem focalizou, tornar-se-á peça relevante dêsse contexto. Desde que os Exércitos nacionais, cada vez mais neces-

sários nas metrópoles, onde a ordem burguesa vacilava ao impacto das primeiras rebeliões proletárias, não podiam ser empregadas n'além mar, fazia-se mister a organização de uma força que, dotada de rígida disciplina e maleabilidade, assegurasse implacável dominação, não apenas política, mas também militar sobre os nativos indóceis.

A grande oportunidade histórica da Legião Estrangeira data daí. Embora organizada quase um século antes, quando Luis XIV regularizou o emprêgo de estrangeiros nos regimentos franceses, é o colonialismo do aperfeiçoamento do capitalismo no século XIX, que lhe definirá a feição. Ela se converterá então em instrumento do imperialismo e agente daquele genocídio cultural que, para o filósofo Jean-Paul-Sartre, tornou-se apêndice da dominação empreendida pela burguesia dos países industrializados sobre as áreas subdesenvolvidas.

Isso, todavia, não impediu a projeção do espírito de heroísmo e coragem pessoal da Legião, organizada inicialmente na França, logo seguida pela Espanha, contentando-se a Inglaterra com uma força correlata, cuja missão de polícia do imperialismo se situará na Índia - o famoso regimento dos lanceiros! É que a Legião Estrangeira não podia fugir a sua época e esta era de transição: assim, ela traduzirá o estágio *histórico-dialético* de um capitalismo que se vai desfazendo da herança romântica dos primeiros tempos rumo ao tecnicismo de sua fase superior. O espírito de aventura põe em realce o individualismo guerreiro e é de antes, mas a implacável organização da Legião antecipará um pouco os Exércitos imperialistas que virão depois.

Dessa íntima identificação ao colonialismo decorrerá o espírito visceralmente reacionário da Legião Estrangeira. Na Espanha de 1936, ela estará ao lado de Franco na arremetida que a reação empreenderá contra a jovem República da Frente Popular. Na França, anos depois, caber-lhe-á desafiar De Gaulle, quando êste se decidir pela descolonização da Argélia, comportamento que, em seguida, acarretará sua própria dissolução e extinção.

Mesmo assim, é inegável o fascínio que a ação dêsse *romanceiro do colonialismo*, que era a Legião Estrangeira, exerce ainda hoje sobre nossos espíritos. Há, decerto, uma razão para isso: a Legião estava a serviço dos poderosos contra os humildes, mas, na medida em que valorizava o espírito de sacrifício aventureiro de seus integrantes, ela se faria bem mais *humana* que os sucessores - os fornos crematórios de Hitler, a intervenção dos tanques russos na Hungria e na Tchecoslováquia, o napalm, atirado pelos Estados Unidos sobre os míseros nativos do Vietnam, e, afinal, em trágico desenlace, a sofisticação das técnicas de tortura utilizadas, na América Latina, pelos Estados autoritários, servidos por uma falsa concepção de segurança nacional.

André Carvalho é hoje, sem favor algum, um dos nomes de maior vulto no quadro editorial brasileiro. Sua Editora Comunicação cresce aceleradamente, num trabalho dinâmico, contínuo, seguro, profissional. Além disso, é, como o itabirano Drummond, um "menino antigo", que conhece os gostos e anseios do público infante-juvenil, mesmo o destes tempos cibernéticos, airoláticos e siderais. Há anos os meninos de mais de uma geração lêem o caderno infantil Gurilândia, que sai aos domingos no "Estado de Minas", com as estórias e brincadeiras do Tio André. E mais: além de editor e jornalista profissional, André Carvalho é escritor de reconhecidos cabedais de fabulação e estilo, que agora solta no mundo seu 7º livro, "Menino Preso na Gaiola", excelente título para uma excelente narrativa auto-biográfica. Já com muito sucesso de público e crítica.

Editor dos dois volumes deste nosso "Escritores Brasileiros ao Vivo" e nosso velho amigo e companheiro no "Estado de Minas", de Belo Horizonte, nada mais natural que com ele encerrássemos este trabalho. Fomos, assim, entrevistá-lo durante uma de suas vindas a Brasília, para contatos no Instituto Nacional do Livro. E eis o resultado de nossa conversa, entre um cafezinho e outro, ao cair de uma tarde seca, ainda sem as cigarras que poetizam setembro e preludiam a verde primavera.

AUTENTICIDADE

DG - André Carvalho, desde quando você escreve?

AC - Para dizer a verdade, eu sempre escrevi. Como jornalista com muitos anos de exercício da profissão, acumulei um bom instrumental, que, aliado à vocação, fez de mim um escritor. Creio estar fazendo uma literatura limpa, correta, consequência da minha autenticidade e da minha sinceridade. Fazer uma literatura para ficar, meu caro, isso já é outra coisa. Faço o que acho que devo fazer. Só ficará mesmo aquela literatura que não é circunstancial, epidérmica, e sim uterina, aquela que deve vir o mais de dentro possível, sofrida e suada, bem sincera e despojada de artificialismos e superfluidades. Essa ficará. E eu tento chegar lá.

DG - Quanto livros de sua autoria?

AC - Quando eu tinha 15 anos escrevi "Conte-me uma Estória, Mãe!" Depois vieram três da série "Tusuca e Laurinha", personagens que criei no Gurilândia do "Estado de Minas". Em seguida veio "O Menino e a Nuvem", que já está na 4ª edição e me tem dado muitas alegrias. Publiquei depois "O Brasil Brasileiro", didático, mas com uma ótica bem jornalística. E agora acabo de lançar "Menino Preso na Gaiola", que inclui na Coleção do Pinto.

DG - Fale um pouco desse último livro.

AC - Trata-se de uma literatura doída, que vivenciei, que é resultado de minha experiência existencial e que, por isso, reputo universal. Sofri essa estória por 20 anos, sem coragem de transpô-la para o papel, por muito íntima, pois é a dor de um menino preso na cadeira de rodas, tendo de suportar os olhares de piedade, as angústias da família, o medo de nunca mais andar as palavras de consolo. Muito sofrimento e recalque. A análise me encorajou e um dia, chorando, escrevi o primeiro capítulo, vindo os outros com o ímpeto de um dique que de repente arrebentasse. Depois podei o texto e des-

EDITOR BUSCA ORIGINAIS PARA COLEÇÃO DO PINTO

• ENTREVISTA DE ANDRÉ CARVALHO
E DANILO GOMES



André de Carvalho

casquei a ferida até que se tornasse carne viva, sem auto-piedade e tudo fazendo para não transmitir a ninguém esse sentimento. E aí está o livro, correndo o país. A crítica o tem sentido como eu queria, isto é, enxuto, sem pieguismo, um testemunho.

A COLEÇÃO DO PINTO

DG - Fale agora da sua já famosa Coleção do Pinto. Como está ela?

AC - Muito tenho falado sobre essa série infante-juvenil, mas é sempre com prazer e até orgulho que repito ser ela uma proposta inovadora, buscando os temas na própria realidade. Encontrou e ainda tem encontrado muitas resistências, mas vai aos poucos ganhando espaço. Começou com o notável livro do Wander Piroli, "O Menino e o Pinto do Menino" e hoje conta com 20 volumes. A Coleção pretende alcançar isto: que a realidade que as obras abordam possa ser menos pesada ao público infante-juvenil. Assim, por exemplo, "Menino Preso na Gaiola", enfocando problemas vividos por um adolescente metido numa cadeira de rodas, pretende estabelecer um processo empático, pelo menos mostra a um jovem leitor com os mesmos problemas, que ele não é o único a sofrer aquilo, o que me parece muito conveniente.

DG - O realismo na literatura infan-

til não prejudicaria o desenvolvimento natural da criança, como pensam alguns?

AC - De forma alguma. O meu pensamento está expresso na resposta anterior. E note uma coisa: nunca afirmei, aliás, nunca afirmamos, os autores que compomos a Coleção, que somos contra a literatura convencional, repleta de lances fantásticos, que sempre foi dada às crianças. A criança é fantasiosa e precisa de fantasia, vive muitas vezes num mundo mágico. O que quisemos e temos alcançado foi ocupar uma faixa não ocupada de leitores. Era necessário criar uma literatura de vanguarda, que contasse com escritores de garra, fortes, não dedicados antes à literatura infante-juvenil. E mais: uma literatura que tivesse a coragem de tocar em assuntos antes proibidos. É de se notar que "O Menino e o Pinto do Menino", rechaçado quando de seu surgimento, por alguns colégios, consta hoje do currículo desses mesmos colégios. A idéia deu certo.

DG - Que outros autores, além de Wander Piroli, que tem ali 3 livros, compõem a Coleção do Pinto?

AC - Além do Piroli, padrinho da Coleção, temos Henry Corrêa de Araújo, Vivina de Assis Viana, Luiz Fernando Emediato, Ignácio de Loyola Brandão, José J. Veiga, Elias José, Graziella Lídia Montei-

ro, Drummond Amorim, Terezinha Alvarenga, Domingos Pellegrini, Ildeu Brandão, Lucília de Almeida Prado, Dirceu Quintanilha, Ary Quintella, Mirna Pinsky, Margarida Otoni e este seu amigo. Todos os autores, felizmente, têm tido grande aceitação do público, da crítica, de professores. A Coleção do Pinto tem balançado os arraias demasiado tradicionalistas da literatura infante-juvenil.

A LUTA DE SEMPRE

DG - André, e como vai a Editora Comunicação, de modo geral?

AC - Vai bem, apesar dos problemas, que não são poucos. Temos mais de 160 títulos publicados. É muito duro, porém, ser editor no Brasil. Crédito para editores? Não há. Livro não constitui lastro para empréstimo, como, por exemplo, um estoque de soja ou seda. O brasileiro, geralmente, não lê. A TV o absorve demais. Tiragem segura, mesmo só de 3.000 exemplares, para levar 2 anos vendendo.

DG - Por outro lado, é gratificante contribuir para a difusão da cultura.

AC - Sem dúvida. Há compensações, naturalmente. Uma delas, no meu caso, foi ter feito dos livros de um escritor da garra e do talento do Wander um sucesso editorial. E sucesso editorial têm sido outros editados por mim. Gratificante também é ver a obra nascer, graficamente, ou seja, curtir a produção, do texto à capa cuidar dos detalhes, escolher ilustrações, filmes, corpos de letras, etc., até ver o livro ser entregue para o consumo. A editora vai indo bem, não posso negar, apesar, é claro, das dificuldades e dissabores. Devo dizer-lhe que em 8 encontros internacionais, nos últimos 3 anos, nossos livros foram representar o Brasil, por critérios de qualidade. A Feira de Bolonha, por exemplo, no começo deste ano de 80... As maiores editoras brasileiras estavam lá representadas com 8, 10, 12 livros. Da Comunicação, o Itamarati escolheu nada menos que 25. Não é motivo de grande satisfação para quem começou com tanta dificuldade e luta?

DG - André, para encerrar nossa conversa, senão você perde o avião para a nossa BH: quais os planos para o futuro?

AC - Ampliar a Coleção do Pinto. Eu preciso que mais autores de peso se interessem pela Literatura Infantil, antes coisa quase só de senhoras que, um dia qualquer, resolviam escrever para seus netos. A Coleção já tem duas séries, com dez livros cada. Preciso, para editar até março de 81, de pelo menos 10 títulos. Tenho três: um do Wander, um do Luiz Fernando Emediato e um do Elias José. Assim, preciso mesmo, e muito, que autores que escrevam dentro de nossa proposta nos enviem originais o mais rápido possível. Logo, tenho sete chances de aproveitamento.

DG - Resuma os critérios que deve ter o texto, pois é claro que há milhares de escritores brasileiros esperando chances de publicação.

AC - O livro deve ser realista, ter uma criança como heroína e problemas vivenciais dessa criança, na sua relação família-pais-mundo, como enfoque principal. Por exemplo, já publicamos um livro sobre a masturbação, a masculina, tendo como herói um menino de 11 anos; sobre menstruação, a primeira; sobre morte; sobre o sufoco da ecologia; sobre a dificuldade operária; é isto: o texto tem de ter o calor de uma verdade. Quem tiver um texto assim, que me envie, para Belo Horizonte, rua Tobias Barreto 255.

As portas da Cidade Ameaçada, de Maria José Limeira, Editora de *O Momento* - Maria José Limeira escreve como se estivesse depurando uma vontade estranha nas entranhas. (Aqui faço uma apropriação de graffiti exposto em um dos muros do bairro de Ponte d'Uchoa, Recife: POR UMA VONTADE ESTRANHA NAS ENTRANHAS.) Para os que ainda não pressentiram que a mais nova filosofia vem sendo pintada e desautorizada pelos muros citadinos.

Uma escritora visceral, por mais que um desejado preciosismo de escrita ameace traí-la. Como se o próprio ato de escrever não indicasse uma traição perene, um roubo de recriação, uma dupla infidelidade permanente: em face da linguagem cotidiana, convencional, codificada rotineiramente, e diante da imaginação em estado bruto, de selva selvagem (Dante via Arnaldo Saraiva), cujas marcas flutuam no inconsciente de rara decifração.

Precisão e preciosismo, no entanto, que não se devem confundir com maneirismo ou manhas semânticas. Nem frios refinamentos. Nem cavilações esteticistas. Escrevendo com suas vísceras, seu toque precioso é o de quem busca e atinge a palavra necessária, também em sua duplicidade. Necessária por carência e rigor, por ausência e exigência, por falta e fluência, por falha e resistência. Palavra necessária, desde que necessitada pela atmosfera densa e tensa de suas narrativas. (Aqui novo roubo, desta vez de Lukács: Maria José Limeira não apenas descreve ou detalha fatos e personagens, mas fundamentalmente narra acontecimentos, longe dos naturalismos e, sobretudo, identificada com o realismo crítico).

Portanto, MJL conjuga o gosto precioso com o sabor de rudeza, pois o gesto que alisa é o mesmo que apunhala. Escrita de sabedoria com pedradas preciosas. Uma porcelana não de finos anti-quários, mas de lua de São Jorge. Um alumbramento - para gozo de todos e não apenas como fruição de elites bem pensantes. Um realce luminoso para o corpo inteiro.

Em suas vísceras, Maria José Limeira carrega os traumas de uma geração dilacerada, com "um vento de opressão soprando em todas as direções". Dilacerada, mas não gozada. E que só não sucumbiu ao saber contrário a uma violência generalizada, uma "covardia necessária". Mais uma vez: pedradas preciosas contra uma estagnação ameaçadora. Maria José Limeira, quase por se afogar no "inferno dos condenados", pratica a literatura como uma luta pela des-repressão pelo grito no lugar do sufoco.

Seus contos, crônicas, poemas em prosa, escrituras desafiando as catalogações, delineiam e retraçam o universo dos marginalizados: entre as crianças, envoltas e arrebatadas pelo mistério dos anéis, e os operários emparedados e coisificados pelas opressões cotidianas. - "Nem nome, nem rumo, nem identidade: Uma pedra que se joga para frente, na coincidência do espaço". (81) Circulando visceralmente, entre a infância de suaves crueldades insuspeitas e o ferido anonimato do operariado, a mulher como escritora marginal se abre em círculos concêntricos, onde a dor mínima pode se alastrar como sofrimento conscientizado.

Sofrimento visceral, embora não viscoso. Sofrimento extensivo, mas não excedente. Sofrimento traído e recuperado pela linguagem das cosmovisões trágicas, no itinerário do greco-paganismo às teologias da negação. Sofrimento que se cultiva e simultaneamente se autossupera, no transe de todas as "catarses", ao mesmo tempo, punitivas e autopurificadoras. Da punição que se transforma em purificação, como se fosse uma purgação totalizante desta imensa e grotesca tragédia da sociedade brasileira.

Dai se enganarem de boa fé ou se mentiram por ingênuo egoísmo aqueles que não lêem nos textos de Maria José Limeira a distorção fiel e especulativa - como espelho transfigurador - no grau zero de uma fatalidade que se abate sobre todos nós. Mas que tragédia - seria uma tragicomédia? - é essa que sobre nós desaba?

O sentimento trágico dos que retornam do exílio e se defrontam com os que ficaram muito mais exilados em seu próprio chão. Tragédia da província que se descaracteriza, não apenas em sua fisionomia arquitetônica, mas visceralmente, pela crueza da coisificação gerada entre seus habitantes. - "Lá, perdida, entre edifícios, lojas, burburinho, ergue-se a torre da igreja principal, que deu origem a tudo. Bela, incrivelmente bela, é de se imaginar, no entanto, que sua figura não cabe mais na cidade pequenina, que se criou ali no seu redor e explodiu, ao longo dos anos, na onda de progresso, engolindo, finalmente, o resto de sentimento e lágrimas que ela sempre provocou nos cidadãos de gestos simples". (61)

Para esses exilados viscerais, em seu território desabado pelas ilusões desenvolvimentistas e pela miséria desfiguradora só nos resta, sem autoconsolação, a consciência de mais uma pedrada preciosa: - "A diferença é somente essa, de noite, o solitário brilho da lua; de dia, o sol explodindo em brasas." (71) O punhal de todos os impasses. A foice de todas as marcas inexoráveis. Uma escritura visceral como "um fantasma tresloucado - e

LIVROS NOVOS



sempre-sempre para sempre, a lembrança amargurada pairando acima de tudo". (155).

Para Maria José Limeira - **AS PORTAS DA CIDADE AMEAÇADA** - escrever é uma forma de resistir. (Jomard Muniz de Brito).

o o o

Maracanã, Adeus (11 Histórias de Futebol), de Edilberto Coutinho, Editora Civilização Brasileira. Quando publicou seu livro de estréia - *Onda boiadeira e outros contos* - sobre Edilberto Coutinho dizíamos em nota de jornal: "Com este livro vem este escritor, ainda quase adolescente, situar-se de logo como um dos nossos grandes contistas, que cedo descobriu o seu caminho e o vem percorrendo com a segura determinação de quem deseja ir muito longe". E Edilberto Coutinho evoluiu na sua prosa e nos assuntos de que se serve, esmerou-se na construção de sua obra de arte duradoura.

São essas qualidades que se vêm revelando em vários livros que tem escrito, tal aquele *Um negro vai à forra* e, sobretudo, em *Sangue na praça*. Com este último, a sua linguagem se foi apurando e, do muito que conservou da agilidade da reportagem, saiu para o estilo preciso do contista. E esta constante também surpreendemos. Os seus leitores, nos novos livros de Edilberto Coutinho: *Criaturas de papel* e *Maracanã, adeus*. No primeiro, *Criaturas de papel* - coletânea de artigos de crítica e crônicas literárias - já ocorre um ensaio sobre a poesia e o futebol, que revela a intimidade do escritor com os homens e o mundo do outrora chamado nobre esporte bretão. Aliás, admira que sendo o futebol tão vivido e curtido em todo o Brasil, vindo a ser mesmo o esporte nacional brasileiro - evidente em cada lugarejo, ou fazenda do interior do País, na forma de um campo em que alguns jovens exercitam o talento de luta e dança - admira que não se faça mais presente na literatura nacional.

O autor de *Maracanã, adeus* conhece o seu assunto de profundidade, desde a ação dos homens no exercício do seu balé, o significado dos gestos, as regras do jogo, até a psicologia do atleta - no gramado ou fora dele, também - está à vontade entre a gente do futebol, tanto a real como a de sua criação artística) penetrou a psicologia do jogador no gramado ou fora dele; as preocupações do torcedor do time fraco, os sonhos do apostador da Loteria Esportiva, o sofrimento do "vidiético", o contraponto da escassez do feijão cotidiano na panela e os ensaios delirantes do apaixonado pelo seu clube particular ou pelo seu ídolo criado às vezes pela pura imaginati-

va.

Mergulha o escritor na vida íntima dos seus personagens, quase sempre dramáticos e trágicos, até o desespero, constituindo o povão dos estádios - estes multiplicando-se nas metrópoles, nas pequenas cidades e mesmo nas vilas - e o de casa, os vedores de televisão, os leitores das páginas esportivas, antes das segundas-feiras e hoje cada vez mais diárias.

Edilberto Coutinho conduz o leitor pelos desvios desse mundo mágico do futebol, onde imperam a volúpia do êxito e a frustração da assuada ouvida das arquibancadas ou da própria vida vazia, amargurada após a derrota.

O contista, no seu estilo despido de arrebiques, mas vivo e ágil tal o próprio malabarismo do exercício lúdico, vai sugerindo antes que relatando, o que de angústia e ao mesmo tempo de alienação existe nessa atmosfera fantástica sob a sombra do cartola de variada espécie a cobrir os estádios, os recintos dos clubes, assenhoreando-se dos homens que realizam a vida na prática que disputam. E sente-se que, dos vinte e dois em campo, cada um está sozinho, no misterioso conluio do jogador com a bola. (Laurênio Lima)

o o o

MEU FILHO, MEU FILHO, de Howard Spring, Editora Record. É gratificante e realmente maravilhoso quando nos cai nas mãos um romance como este *Meu Filho, Meu Filho*, do escritor galês Howard Spring, filho de mãe inglesa e pai irlandês, fato que influenciou bastante no desenvolvimento desta história emocionante abrangendo um período de 50 anos e contando a história de dois pais e dois filhos.

William Essex, famoso, romancista, deseja para os filhos tudo o que lhe foi negado como menino pobre.

Dermot O'Riordan, patriota irlandês, também vitorioso como grande comerciante em Londres, deseja que o filho realize na Irlanda os planos com os quais sempre sonhara e não pudera realizar.

O romance mostra os jovens crescendo como amigos e afastando-se inexoravelmente com o correr dos anos, à medida que os projetos visionários dos pais vão sendo realizados. Uma tragédia se abate sobre eles dando um rumo surpreendente a esta história que toca fundo a sensibilidade dos leitores.

o o o

O menino Maluquinho, de Ziraldo, Melhoramentos - Neste livro, Ziraldo poderia muito bem utilizar, como epígrafe, os seguintes versos de Antônio Carlos de Brito: "Minha pátria é minha infância/Por isso vivo no exílio".

Na verdade, todo o qualquer retorno à infância talvez implique uma espécie de resistência à realidade objetiva. E Ziraldo, chargista de "O Pasquim" e de "O Jornal do Brasil", além de quase sempre captar essa realidade através de traços e de textos corrosivos, também se propõe a negar esse mundo caricatural em que vivemos a cada vez que se desloca à infância.

Em suma, aliando o texto à ilustração ou a ilustração ao texto, Ziraldo - neste livro - articula um discurso cujo *tonus* maior é a incorporação de um vocabulário que "desenhe" as idéias que a criança faz de cada frase que, nem por chegar a ela em sua forma denotativa, deixa de se revestir de um significado pleno de poeticidade. (Sérgio Castro de Pinto).

o o o

As Muitas Mãos de Ariel, de Mirna Pinsky e com ilustrações de Maria José Boaventura, Melhoramentos - Com lirismo e através de uma narrativa que flui simples sem ser simplista, Mirna Pinsky vai descortinando e mostrando ao leitor o pequeno-grande mundo de Ariel, a sua mãe, os seus amigos, o seu itinerário de casa à escola, e, finalmente, os fragmentos que integram o todo de uma vida ainda em estado de descoberta diante das coisas que pulsam ao seu redor. (SCP).

o o o

Pollyana, de Eleanor H. Porter, Companhia Editora Nacional - Traduzido por Monteiro Lobato e já na sua 19ª edição, este é um livro cuja personagem - Pollyana, - já nasceu talhada para ter êxito junto ao público adolescente. A Autora de *Pollyana*, Eleanor H. Porter, já havia publicado vários romances com o intuito de tornar a vida menos árdua, menos asfíxia, mas somente através dessa personagem foi que ela conseguiu objetivar a que sempre se propôs: levar ao público uma impressionante onda de boa vontade e, sobretudo, de esperança.

Além de *Pollyana*, a Companhia Editora Nacional também lançou *Pollyana Moça*, traduzido por Monteiro Lobato e na sua 16ª edição.

o o o

Os Três Capetinhas, de Martha Azevedo Pannunzio (ilustrações de Flávia Savary) - Livraria José Olympio Editora. Enquanto continua o sucesso de *Veludinho*, Martha de Freitas Azevedo Pannunzio nos surpreende agora com *Os Três Capetinhas*, que a Editora José Olympio publicou ao ensejo da realização da 6ª Bienal do Livro.

É uma história calcada em fatos reais e tem apenas uma intenção: a de captar o momento fugidio dos primeiros anos de vida de três crianças de apartamento e as consequências que isto acarreta no íntimo de cada uma.

Cristiano, o caçula, que não se adapta ao espaço limitado de seu mundo familiar, tenta desesperadamente evadir-se. Para ele a felicidade reside no convívio concreto com dois amigos invisíveis, Bong e Corvaquem, e na expectativa de vir a ter uma casa bem grandona, com um quintal enorme, cheio de pé de goiaba vermelha, onde ele possa criar cachorro, gato, tartaruga, etc.

Cristiano é Cristeco, uma pessoinha maravilhosa por quem o leitor certamente se apaixonará.

Marti e Neneca, os irmãos maiores; perfeitamente adaptados à realidade, estabelecem contrastes com Cristiano e complementam a pesquisa psicológica que a autora vem fazendo a respeito da alma infantil.

Marti é o menino de seis anos que já vai à escola, tem muitos amigos e está vivendo o tempo mágico da fantasia, onde a imaginação, se sobrepõe à realidade e faz dele o herói da Pracinha.

Neneca, tem quatro anos, nenhum conflito, é a companheira de Cristiano e quando crescer quer ser a Nádia Comaneti ou ser trapezista de circo.

O tema atualíssimo toca a sensibilidade do leitor e o leva a refletir a respeito dos sacrifícios a que a vida moderna os obriga. E nos leva a tomar posição ao lado de Cristiano.

Este livro de rara ternura e profunda humanidade, pode ser útil a jovens de todas as idades e a todos os pais.

A autora continua fiel a sua proposta de seguir trabalhando temas estuantes de vida, dentro de uma linha literária de defesa e valorização da criança através de textos nos quais ela possa se sentir retratada com justiça e justiça.

A proposta é desenvolver o espírito crítico do leitor, colocada num mundo que está sendo questionado inteiramente.

o o o

Os Enterrados Vivos, de Péron-Autret, Editora Record. Em fins do século XIX uma estatística revelava serem mais de 2.700 por ano os "enterrados vivos" na Inglaterra... 3% dos esquifes de soldados norte-americanos mortos no Vietnã, abertos ao chegarem aos Estados Unidos, apresentavam estranhas marcas interiores: madeira arranhada, força, cadáveres fora do lugar, mãos mordidas...

Esses números assustam. Os "enterrados vivos" não fazem parte de um imaginário fantástico, são uma realidade. E muitas vezes difícil definir o limite exato entre a morte e a vida; o encefalograma e o eletrocardiograma

não seriam, em certos casos, senão controles insuficientes.

Este livro do D. Jean-Yves Péron-Autret, causou tamanha celeuma no mundo ocidental que acabou resultando numa sensacional entrevista concedida pelo autor a uma cadeia de televisão brasileira.

Dom Camilo e Seu Pequeno Mundo, de Giovannino Guareschi, Difel (Difusão Editorial S. A.). A primeira obra editada pela DIFEL foi DOM CAMILO E SEU PEQUENO MUNDO definido, pela crítica, como "um apólogo irônico e brilhante da relação entre o Estado e Igreja, entre o diabo e a água benta

e, sobretudo, da bondade e da corrupção dos homens".

Depois de cinquenta e quatro edições em italiano e de centenas de outras em línguas estrangeiras, inclusive esquimó, DOM CAMILO E SEU PEQUENO MUNDO tornou-se um pequeno clássico, uma irônica e maliciosa antevisão de certo aspecto do panorama sócio-político da Itália, se pensarmos que a data da sua primeira publicação é 1948.

Dom Camilo, o pároco, maravilhosamente interpretado no cinema pelo inesquecível Fernandel, e seu não menos famoso opositor Peppone, um administrador comunista tão briguento e sanguineo como aquele, são hoje personagens-símbolo que transcenderam a

obra em que Guareschi (também um excelente caricaturista, como os desenhos deste livro comprovam) os retratou.

Ao celebrar o seu 30º aniversário, a DIFEL se propõe a seguir o conselho dado um dia pelo Nuncio Apostólico em Paris, monsenhor Roncalli - mais tarde Papa João XXIII - ao ver o Presidente Aurélien mal-humorado: "Leia DOM CAMILO! Terá de presente a serenidade".

A tradução deste livro é de Francisco Costa e Rolando Roque da Silva.

Memórias de Um Pastor de Abelhas, de Marcel Scipion (DIFEL). Com otimismo e

humor, MEMÓRIAS DE UM PASTOR DE ABELHAS respira os ares límpidos dos Alpes e transporta-nos a um mundo simultaneamente próximo e distante: o da vida simples, rimada pela natureza.

Revelação excepcional de escritor, Marcel Scipion recorda episódios da sua infância aos quais empresta o calor de um coração pródigo capaz de derreter a neve que cobre as montanhas circunvizinhas ou tingir de fogo o azul translúcido do céu.

É preciso ler cenas como a caça ao javali ou da espreita à lebre, ao luar, para sentir na pele o prazer da descoberta deste novo talento das letras francesas que, em páginas plenas de amor profundo, concreto e inteligente pela vida, parece não escrever mas pintar.

De MEMÓRIAS DE UM PASTOR DE ABELHAS, no original "LE CLOS DU ROI", disse Maurice Genevoix, membro da Academia Francesa de Letras: "LE CLOS DU ROI é um belo livro mediterrâneo, saboroso, virgiliano, constantemente animado por uma presença calorosa que não cessa de unir o homem às realidades temporais". E concluindo: "ele é de natureza a encontrar, nos tempos em que vivemos, uma grande aceitação na medida em que responde a uma espera e a uma nostalgia".



O Amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos, Livraria José Olympio Editora. Saiu a 11ª edição de *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos. Diz Oscar Mendes sobre a obra: "Acredite que a limpidez de estilo, por vezes ágil e vivo, a justeza de certas observações psicológicas, os tons de ironia e de poesia misturados em sábias doses, o aspecto bem humano de muitos tipos e situações, tornam a leitura dessa história dos amores cerebrinos de um rond-de-cuir, e de suas idéias e sentimentos, algo agradável e repousante, ao mesmo tempo que dá pretexto para meditações sobre o destino de certas vidas e sobre a natureza de certos problemas a quem um dos personagens chama, com justeza, "problemas eternos".

INÉDITOS

Nesta edição, inéditos são dois estudantes paraibanos: Ricardo Anísio e Jorge Ramalho que acreditam na poesia como a linguagem ideal para expressar a visão crítica que eles têm. São versos de quem procura a melhor palavra, a forma ideal, o ritmo necessário. Iniciam na senda de transmitir muitas imagens num pequeno espaço, economia de tempo para despejar um sentimento abragente. Tanto em Ricardo como em Jorge, o leitor pode identificar, à primeira vista, a necessidade de ganhar novos espaços, de falar de uma angústia que parece fazer parte de toda uma geração. Dizem perdas, desencontros, são caminhantes com uma interrogação nas mãos. Eles começam. Se expõem à crítica e à auto-crítica. São bons?

VIDAPOETA

Ricardo Anísio de Carvalho

O poeta esquece que chegou à noite
Com sua mortalha de trevas
E que a cerveja esquentou a mingua
Numa solidão sem benefícios

Joga a gaita de boca na gaveta
Faz um chá forte, tantas ervas
Nem percebe que queimou a língua
Em ferros perdidos pelos edifícios

O poeta corta a fila
Nem notou que foi torturado
Até renega a clorofila
E o seu dente obturado

Já morou em parda vila
De homens fortes exilados
Não há ódio da força que exila
Só remorso porque foram perdoados

O poeta já não tem como sentir
Não é mais carne, osso, espáduas
Agora é máquina, papel e leitura
É um homem que doou a vida, para
os poemas de vocês

CABARET

(estação das flores)

Às três da manhã
a luz fraca de neon
dá um adeus derradeiro
à todos bêbados transbordantes
de esperança.

É o cabaret que se fecha
para as últimas operárias noturnas.
Desculpe mulher, meu coração é da noite,
o meu amor é bom e fresco
feito chuvas de verão.
Por favor não me deixe
sem esperança e sem noite,
por favor não me ache
anarquista e vadio;
nasci assim.

FESTIM

Os leões estão na arena
e com seus dentes ferozes de palavras
vomitam juras de amor eterno.
Gladiadores e suas espadas
sedentas de sangue, se opõem
num combate de vampiros.

Seus olhos se cruzam em fogo
e suas bocas se tocam
num beijo novelesco.
Um cheiro de ódio
despenca no ar.
Um grito de dor
entrecorta o silêncio.
O velho leão está de pé,
vitorioso e sozinho.
Não há mais tempo pra sorrir
pois, os cristãos já se evadiram
no morraço da tarde.

CANTO LATINO

Jorge Ramalho

Seu canto sangrento
se perdeu nas fronteiras.
Seu corpo cansado
divaga em leitos de açougues municipais.
Sua boca aplaudida em noites guerrilheiras,
hoje não passa de um órgão maldito.
Mas, chora canto latino
e diz ao teu povo
que tua carne não foi feita
prá aves de rapina
mas, estala língua perdida
e diz ao teu povo
que tens um coração
em lugar de uma bandeira.

As colaborações para esta seção devem ser enviadas à Travessa das Trincheiras - 40, João Pessoa - 58.000 - Paraíba

A LITERATURA PARAIBANA E OS CINEASTAS DO SUL MARAVILHA



● ANTÔNIO BARRETO NETO *Chola Henriques & Sívio Kotim: Menino de Engenho*

Com a honrosa exceção de *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, filmado por Walter Lima Júnior, a literatura paraibana sempre se deu mal nas mãos dos cineastas do Sul Maravilha. Três romances paraibanos já foram levados à tela, com locações aqui mesmo no Estado, e não ganhamos nada com isso. Pelo contrário: além da descaracterização de duas dessas obras, nenhum *know-how* deixaram as equipes que vieram filmar na Paraíba, apesar de terem, todas elas, conseguido facilidades e favores oficiais com os quais os cineastas da terra nunca ousaram sequer sonhar.

Mas, isso é outra história. Por enquanto, interessa apenas a descaracterização das obras filmadas. A exceção, como já foi dito, é *Menino de Engenho*, estréia de Walter Lima Júnior como diretor. Apesar de estrante, Walter soube recriar, numa linguagem cinematográfica de muita sensibilidade e clareza, a rude beleza literária do primeiro romance de José Lins do Rego. Mantendo no filme a mesma estrutura do livro - quase sem enredo, praticamente uma montagem de impressões de infância de um menino criado num grande engenho de cana-de-açúcar da várzea do Paraíba - o cineasta, inteligentemente, ampliou o contexto de sua narrativa, incorporando elementos de outros romances do ciclo em que o autor evocou o esplendor e a decadência da aristocracia rural que floresceu em torno de toda a vastidão dos canaviais nordestinos até às primeiras décadas deste século.

Fiel universo literário de Zé Lins, Walter Lima Júnior soube manter a autonomia de sua forma cinematográfica. E conseguiu aquilo que o desvairado Paulo Thiago pretendia no seu ridículo *Soledade*, adaptado de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida: a fusão da realidade do texto, enquanto criação literária, com a realidade do mundo exterior que serviu de fonte para o texto. Antes de *Soledade*, porém, outro romance de José Lins do Rego - o clássico *Fogo Morto* - foi filmado, com resultados bem inferiores aos de *Menino de Engenho*.

Nos primeiros dez ou vinte minutos, *Fogo Morto* é um excelente filme. O perfeito senso de colocação da câmera e movimentação dos atores, a geométrica composição dos planos, com sugestivos efeitos de profundidade de foco, e a exata noção do tempo de duração de cada imagem na tela foram uma desconcertante surpresa para quem, como eu, tinha pelo menos duas boas razões para não esperar tanto do diretor Marcos Farias: *A Vingança dos 12*, equívoca aventura de cangaço inspirada na legenda de Carlos Magno, e *A Cartomante*, esqualida adaptação de um texto de Machado de Assis. Mas, se foi desconcertante a surpresa, a impressão que ela deixou não durou muito. Apresentados os personagens, definida a paisagem social do drama, esboçados os conflitos, o filme começa a perder o vigor narrativo das sequências iniciais. A câmera, antes tão criativa, passa a buscar angulações pretenciosas. Os atores passam a assumir posturas *dramáticas* e a fotografia artificializa a expressividade dos cenários naturais, impondo-lhe um sentido adjetivo que às vezes descamba inapelavelmente para a fotogenia gratuita dos comerciais de televisão, como na sequência de quadros bucólicos em que o coronel Lula contempla embevecido a filha adolescente no pomar do engenho.

Tempos mortos, emoções vagas... o filme flutua longamente nessa atmosfera de inércia, arrastando-se monotonamente da casa grande do engenho à tenda do celeiro Zé Amaro, na beira da estrada por onde transitam o cego Torquato, leva-e-traz do cangaceiro Antônio Silvino, a volante do sinistro tenente Maurício, o tilintante cabriolé do decadente coronel Lula e o quixotesco Vitorino Paparabo, com suas ameaças inofensivas e suas descomposturas cômicas. E chega ao final sem adquirir mais o equilíbrio cênico e a segurança rítmica do início. Dessa forma, reduz-se a um fastioso drama de ressonâncias psicológicas a trágica meditação crítica de Zé Lins sobre a morte da aristocracia rural nordestina, decretada pela decadência dos banguês, engolidos pelas usinas.

A despeito de tudo isso, Zé Lins teve mais sorte no cinema do que José Américo de Almeida, cujo *A Bagaceira* foi literalmente "esbagaçado" pelo cineasta Paulo Thiago. Este, em declarações à imprensa, antes da realização de *Soledade*, disse que a adaptação do romance foi feita em função não só do texto de José Américo, mas também, e principalmente, em função do momento histórico que o determinou. Escrito "sob o influxo da consciência social e política que maturava no Brasil antes da Revolução de 30", uma leitura crítica do texto revelara, a ele e ao seu parceiro de *script*, Ivan Cavalcanti Proença, os compromissos do romance com os ideais liberais que originaram o movimento. O filme seria, portanto, "uma reflexão sobre a realidade da qual o texto fala" e "sobre as origens do próprio texto". As ambições dessa proposta, porém fi-



Rafael de Carvalho, Angela Leal & Othon Bastos: Fogo Morto

caram muito acima dos resultados obtidos. Se o romance foi escrito "sob o influxo da consciência social e política que maturava no Brasil antes da Revolução de 30", a realidade da qual o texto fala não seria, logicamente, a dos anos 30. Transferir-lhe a ação (que se localiza entre 1898 e 1915) para essa época, alterando-lhe toda estrutura original, foi, antes de tudo, arbitrário.

Transferindo a ação do romance para a década de 30, o filme centraliza o enfoque nas transformações políticas (a queda da República Velha), econômicas (a substituição dos engenhos pelas usinas, a implantação do capitalismo industrial no campo) e sociais (a abolição do regime feudal dos senhores de engenho) que se operaram no ambiente rural nordestino após a revolução liberal. Este enfoque foge totalmente ao do texto de José Américo, cujo núcleo é a seca, as migrações internas, o choque entre duas estruturas sociais distintas (o sertão e o brejo) e a deterioração dos valores sociais e humanos que esse choque acarretou. *Soledade* toca em todos esses problemas, mas sem se aprofundar em nenhum deles. Os elementos aproveitados do romance ficaram reduzidos no filme à sua expressão mais tosca. Além disso, não foram "costurados" organicamente dentro do contexto narrativo, mas aplicadamente "folclorizados" em caracteres chapados da arte popular mais ingênua. Buscou-se o popular ao preço da superficialidade deslumbrante, resultando inútil a tentativa de transmitir a miséria social e humana da bagaceira opondo-a a um contexto de agitação política que nunca alcança a pretendida dimensão dramática pelo tratamento pueril que recebeu do roteiro e da direção.

O roteiro de Thiago & Proença não conseguiu reorganizar significativamente o universo ficcional do romance. Ficou difícil, mesmo para quem conhece o texto, acompanhar no filme as flutuações da história no tempo (o filme começa em 1938, recua para 1930 e retrocede até a década de 20) e a evolução dos acontecimentos narrados. Dos personagens, todos reduzido a estereótipos, só Lúcio evolui: o liberal idealista que conspirava pela Revolução de 30 torna-se o empresário realista de 1938, que apoia o Estado Novo e toda a estrutura autoritária contra a qual se revoltara antes. Há a evolução de Pirunga, que toma consciência da opressão em que vive e se transforma no cangaceiro vingador do final do filme. Mas essa evolução é arbitrária na medida em que confere ao cangaceiro uma consciência ideológica e uma motivação social que ele historicamente não teve. Colocar Pirunga como vingador da "revolução traída" é tirar do cangaceirismo (um fenômeno, aliás, já quase extinto em 1938, ano da morte de Lampião) e da própria Revolução o seu significado real, a sua especificidade histórica.

Por cima de tudo isso, *Soledade* resultou num filme de organização dramática confusa, com situações mal esboçadas ou canhestamente desenvolvidas, que não chegou a empolgar as platéias nem como simples fita de aventura. Enquanto isso, a adaptação feita por um cineasta local (Linduarte Noronha, realizador do célebre *Aruanda*, tido unanimemente como precursor do cinema novo brasileiro), que ganhou o prêmio Roquete Pinto, morreu anos e anos na gaveta do autor, à espera de um financiamento, que, na época em que foi feita, não representava sequer um terço do que o Governo do Estado deu de ajuda a Paulo Thiago e sua equipe. E isso aí...



Roberto Bonfim, Rejane Medeiros & Ney Santana: Soledade